

Fiodor Gladkov CIMENTO



Fiodor Gladkov

CIMENTO

Romance



Edições Raduga

Tradução de *Filipe António Guerra*
Capa e arranjo gráfico de *Piotre Ivachenko*

Ficaremos muito gratos aos Leitores que nos enviem a sua opinião sobre os diferentes aspectos do presente livro.

Esperamos que as obras dos clássicos russos e dos autores modernos editadas em português permitam aos Leitores estrangeiros um melhor conhecimento da cultura do nosso povo.

Edições Raduga,
Zubovski bulvar, 17,
Moscovo, 119859, URSS

© Tradução para português, Edições Raduga, 1988

Ф. Гладков

ЦЕМЕНТ

роман

на португальском языке

ISBN 5-05-001966-4

Impresso na URSS

I. A FÁBRICA DESERTA

1. À Porta do Lar

Naquela manhã de princípios de Março, tudo parecia como há três anos: por detrás dos telhados dos barracões e das arcadas da fábrica, o mesmo mar reservia o seu marulho debaixo de um manto de sol refulgente; entre o mar e a montanha o ar, como que incendiado, era cor de vinho. E as chaminés azuis, as construções de ferro e betão da fábrica, as pequenas casas operárias do Bairro do Sossego, o esqueleto das montanhas de escórias de cobre, tudo o sol fundia numa transparência de gelo.

Nada mudara nesses três anos. Gleb via, como em menino, o amontoado de detritos, avalanchas de terras, pedreiras, rochas — as fumegantes montanhas. Ao longe, nas encostas, divisavam-se antigas explorações, no meio de pedras e mato jaziam os funiculares e, nas apertadas ravinas, pontes e elevadores. Mesmo ao fundo, a fábrica. Também a mesma: como uma pequena cidade toda em cúpulas, torres, telhados cilíndricos; e dominando a fábrica, na vertente da montanha, o Bairro do Sossego com as suas acácias definhadas e os minúsculos jardinzinhos em frente de cada casa.

Transposta a abertura na parede de betão que separa a zona fabril do bairro (dantes havia uma cancela, agora passa-se por esta brecha), fica, muito perto, a casa de Gleb, no segundo barracão.

Não tarda que venha Dacha, sua mulher, e a filhinha Niurka, para o receberem. Dacha vai soltar um grito e, des-norteadada de alegria, cair-lhe-á nos braços. Não está a contar com a sua chegada. E como terá ela vivido sem ele estes três anos? É que já não há na república estrada, caminho algum onde não tenha sido vertido o sangue dos homens: a morte, rondando estes casebres, terá por aqui passado só na rua? Ou terão também varrido este lar o furacão e as chamas?

Passado o muro, viam-se os miúdos, sujos, a brincar no baldio, e cabras pançudas, olhos de cobra, a mordiscarem nos arbustos.

Galos espantados erguiam para o intruso as cristas vermelhas. Perguntavam nos seus coléricos gritos:

— Mas quem é este, agora?

E a pequena aglomeração operária sentia-a Gleb a vibrar em surdas palpações no seu coração ofegante, por de-

baixo da terra, das montanhas, das ruínas das pedreiras, das chaminés. A fábrica. Os Diesel. Os Bremsberg *. Os cilindros giratórios dos fornos.

Da montanha descem para o mar, em direcção dos cais, por entre as construções cinzentas da fábrica, os suportes de betão dos cabos do teleférico, quais gigantescos agás maiúsculos ou arcos-de-triunfo ali postados. Os cabos vão de um a outro desses suportes, tensos como cordas vibratórias, e as vagonetas suspendem-se neles como que petrificadas em pleno voo. Por baixo, o tapete de ferrugem da rede de protecção. Ao longe, na ponta do cais, dominando uma torre esburacada, as asas abertas da grua eléctrica.

Tudo bem. Cá estão de novo as máquinas e o trabalho. Um trabalho novo, livre, arrancado a ferros, forjado pelo fogo e sangue. Tudo bem.

As cabras juntam aos gritos dos miúdos os seus berros. Pestilência das pocilgas, ervas daninhas, ruelas emporcalhadas pelas galinhas.

Cabras, porcos, galos? Dantes isto era formalmente proibido pela direcção.

Três mulheres, com carregos debaixo dos braços, vinham do Bairro do Sossego em fila indiana. À frente, uma velha com cara de bruxa; a seguir duas jovens. Uma era rechonchuda, grandes peitos; a outra tinha os olhos vermelhos, inchados, lenço às cores, talvez doente, ou chorosa.

Reconheceu-as logo: a velha era mulher do serralheiro Lochak; a de grandes peitos, mulher do serralheiro Gromada; a terceira é que nunca a tinha visto.

Chegou ao pé delas e vá de lhes bater uma pala militar.

— Viva, camaradas!

As mulheres lançaram-lhe aquele olhar pesado que se destina aos vagabundos meliantes e meteram pelos arbus-tos. A de trás, a prazenteira, gargalhando como uma galinha assustada, respondeu:

— Vá, vá, segue o teu caminho. Há muitos cães vadios como tu por essas estradas fora, nem tempo temos de dar os bons-dias a todos...

— Mas que é isso, minhas lindas! Será que já não me conhecem?

A velha Lochak envolveu-o num olhar morno (o olhar das velhas bruxas) e disse em voz de baixo, como a responder a si própria:

— Ora, é Gleb. Meu Deus! Agora que não fazia cá falta nenhuma é que cai do céu aos trambolhões.

E seguiu, regressada que foi à sua calma desolada.

A mulher de Gromada desatou a rir, mas não disse nada. Só mais adiante, ao chegar ao muro, é que parou, se virou para trás e palrou como uma gralha:

— Depressa, Gleb. Vai ter com a tua mulher, joga com ela ao esconde-esconde. E se a encontrares, olha, façam outra boda...

Gleb considerou estas mulheres sem reconhecer nelas as amáveis vizinhas de outrora. Como a vida devia ter maltratado as mulheres da fábrica!

Mas cá está a velha cerca à volta do jardim — duas braças quadradas — e, dando para a rua, a retrete em forma de guarita. A paliçada ostenta as marcas do tempo e dos ventos de noroeste que sopram no Inverno. A madeira azulada e carunchosa abre em lascas.

Mais um segundo e surgirá Dacha, soltando o seu grito enorme. Como o receberá ela, depois de três anos de ausência, a ele que atravessou o fogo e a morte? Será que o julga perdido? Ou talvez o tenha esperado, dia após dia, desde o momento em que a deixou sozinha com Niurka, no quartinho, e despercebido se embrenhou na noite inimiga...

O homem põe na cerca o capote, depois alivia-se da carga que traz às costas. Fica imóvel por momentos, depois ensaia uns exercícios de braços para descontraír (tem de se acalmar) e enxuga a cara com a manga da blusa.

Já ia a subir para o alpendre quando a porta se escancarou...

Era ela, Dachka *, ou não era ela?

Uma mulher de lenço vermelho a apertar-lhe a cabeça, blusa masculina, apareceu no enquadramento negro da porta, o olhar fixo nele, um direito olhar por sob o nó cerrado das sobrancelhas. Nas pupilas tremia-lhe o grito de um imenso espanto. E quando encontrou o sorriso de Gleb, parecia que as sobrancelhas lhe iam saltar, fragmentar-se, rasaram-se-lhe de lágrimas os olhos.

Era ela, Dachka, ou não era ela?

Era bem a sua cara (a covinha no queixo, o nariz como uma maçã pequenina) e aquele o seu jeito de pôr a cabeça a três quartos quando fixava o olhar intensamente. Dachka! Mas era alheio o resto (o que nem uma hora dá para contar), nada feminil. O resto, nunca ele o tinha visto antes.

— Dachka, minha mulherzinha! Cá estás tu, meu bor-rachinho! Ah! Bom...

Deu um passo para ela. Abriu os braços para a estreitar.

* Diminutivo de Dacha. (N. do T.)

* Funicular. Empregaremos as duas palavras. (N. do T.)

Já não podia conter o coração. A cara latejava-lhe num tique.

Mas, imóvel na soleira, no primeiro degrau, ela estremeceu num movimento de recuo, petrificou-se no impulso que a impelia para ele, lutando contra a sua fraqueza de mulher. O sangue subia-lhe ao rosto. Só pôde balbuciar, docemente:

— És tu?... Oh! Gleb...

E do mais fundo dos seus olhos, da sua negra profundidade, soltou-se, como uma fagulha, um medo inconsciente.

Gleb estreitava-a já nos seus poderosos braços de macho, apertava-a a ponto de lhe fazer estalar os ossos. Nos lábios dela roçavam as cerdas rijas do queixo do homem, ela abandonava-se à sua vontade, a memória abolida por um filtro.

— Então querida, estás boa de saúde? Esperaste por mim, ou já pensavas que eras viúva? Ah! tu, meu amor!

E ela, sem poder desprender-se, continuava a murmurar em voz cantante, infantil:

— Oh! Gleb... Como é possível? E eu que não sabia... Oh, Gleb...

Mas o que do seu coração jorrava não durou mais que um relâmpago. E o instante que durou bastou a Dacha para pressentir que de novo soçobrara ao poder de Gleb.

Três anos atrás, ele era para ela, sorridente dona de casa, a doçura, quando era para ele que floria como florescem os gerânios no peitoril das janelas, era-lhe doce fruir do desejado poder do marido. Uma grande calma a invadia, então, ao sentir-se desprovida de vontade, no abandono dos seus braços.

Mas agora, mal Gleb a agarrara com todas as fibras do seu ser para a levar ao colo, como a uma criança, para o quarto, como fazia nos primeiros dias de casado, já Dacha, arredando-lhe as mãos com um gesto firme e prudente, lhe lançava por debaixo dos sobrolhos um olhar oblíquo, olhar de súbita estranheza em que luzia um espanto trocista.

— Que é que te deu, camarada Gleb? Não te excites, calma...

Desceu um degrau, desatou a rir:

— Excitas-te demais, meu guerreiro. Estamos em tempo de paz. A chave está na fechadura. Só tens que aquecer água no fogão. Chá não há, nem açúcar... nem pão. Passa pelo Comité de Fábrica e inscreve-te para o racionamento.

Desceu mais um degrau. Olhava-o de soslaio, sorrindo. No rosto da mulher via uma preocupação desconhecida para ele.

Aquilo não era uma ferida no amor-próprio, mas um violento choque. Ia ele ao encontro de alguém e era numa parede que batia com a cabeça! E tinha vergonha e isso doía-lhe. Ali estava, ainda de braços abertos, a tremer-lhe ainda na cara o sorriso.

— Vai pró diabo, o caminho é por ali! Desde quando sou eu “camarada”?... Estou bem arranjado, diabo de mulher!

Dacha, descidos todos os degraus, parava agora junto à cancela da cerca. Continuava, com o mesmo ar de troça, olhando-o por debaixo das sobranceiras.

Seria mesmo Dacha, aquela?

— Almoço na cidade, no refeitório público. A ração de pão recebo-a no partido. Passa pelo C de F*, Gleb, e inscreve-te para um cartão de racionamento. Vou estar fora dois dias, mandaram-me ao campo... Na minha ausência, descansa.

— Espera aí, mas que é isso... Não percebo nada... Desde quando, para mim, tu és “camarada”? Diz-me ao menos onde é que eu vim parar.

— Estou na Secção das Mulheres, não percebeste?

— E Niurka... a garota?

— No Lar da Criança. Vá lá, descansa... Não tenho tempo agora, Gleb. Depois falamos... Descansa!

Chegada à brecha, virou-se Dacha para trás e fez com a mão um sinal amistoso.

Gleb, postado na soleira da porta, desorientado, via-a partir sem conseguir perceber.

Regressava, encontrava a mulher, Dacha. Três anos sem se verem. Três anos vividos no meio dos furacões da guerra. Esses três anos, Dacha também os vivera. Que caminhos teriam sido os dela? Não sabia, ele.

Ei-lo de regresso ao lar que outrora deixou por uma noite deserta. Aqui está a fábrica onde, tenro menino, se impregnou de óleos, de fuligem e de poeiras metálicas. Mas o ninho está vazio. E Dacha, a mulher, que nas antigas despedidas a ele se agarrava com desespero, não o recebeu como esposa; passou por ele como os espectros hostis e frios que aparecem nos sonhos maus.

Gleb sentou-se nos degraus do patamar e de súbito um grande cansaço o invadiu. Não o dos quatro quilómetros percorridos desde a gare, mas o cansaço de três anos, o deste reencontro incompreensível e doloroso como uma ferida.

Porquê este silêncio pesado e desabitual? Porquê estas

* Abreviatura de Comité de Fábrica. Também Cêdefe. (N. do T.)

vibrações de asas no ar e este espanejar de galinhas no Bairro do Sossego?

Isto nem parecem pavilhões da fábrica, antes glaciares que desabam, e as chaminés vão-se arroxando, semelhantes a cilindros de vidro. Nada de fuligens nos seus cumes: varreu-as o vento das montanhas. Uma ficou sem pára-raios. Levado pela tempestade? Arrancado por mãos humanas?

Nunca até aqui chegara o cheiro do estrume; mas agora, na erva que desceu sorradeira pelas montanhas abaixo, ele exala um fedor activo.

Aquele pavilhão ali junto à encosta é a oficina de serralharia; essas grandes vidraças reverberavam dantes, a esta hora, nos seus inúmeros quadrados, o deslumbrante sol; agora trevas interiores poisam fundo nos buracos escancarados deixados pelos vidros partidos.

E a cidade que se divisa do outro lado da baía, na colina, também ela mudou. É mais cinzenta. Cobriu-se de bafio e poeira, abateu-se sobre as vertentes, a tal ponto que se diria não uma cidade mas uma pedreira abandonada.

A porta que Dacha deixou aberta dá para o quarto vazio. A fábrica está apagada, esquecida...

Um galo aproximou-se da cancela, levantou a crista, encarou o homem com olhar estranho e mau.

— Mas quem é este, agora?

2. Trevas

Em frente, do outro lado do beco, estilhaços de vozes ébrias vinham em lufadas esbaforidas das janelas do barracão. A voz de baixo do tanoeiro Savtchuk ribombava, misturada com os gritos histéricos de Motia, a mulher. Gleb deixou ficar a trouxa no sítio e dirigiu-se para o casebre de Savtchuk.

Um quarto de paredes forradas a fuligem. Mochos e trapos pelo chão. Uma chaleira de lata derrubada. Por todo o lado os clarões brancos de manchas de farinha.

Ofuscado ainda pelo sol da rua, Gleb procurou por momentos a gente da casa. Viu então uns corpos convulsos a espernearem.

O seu olhar atento distinguiu o casal Savtchuk: ele, a camisa em farrapos, as costas, da nuca aos calções, em arco pronunciado, as costelas salientes, como aduelas; Motia, deitada num saco de batatas, defendia-se da chuva de socos do marido.

Gleb pegou em Savtchuk pelos sovacos, fez força sobre as costelas do homem fazendo-lhe estalar os ossos.

— Eh!, grande cão, olha que ficas maluco do esforço! Toma fôlego! De pé!

Savtchuk, músculos frementes, esbracejava. Estalavam-lhe as articulações.

Motia, esquecida das pernas à mostra até ao alto das coxas, apoiada no soalho com uma mão e com a outra gesticulando, queria gritar, a boca escancarada, e não podia.

— De pé, Savtchuk, seu patife! Vê lá se te portas como um homem!

A tenaz de Gleb de novo fez estalar os ossos de Savtchuk a quem ele punha já os calcanhares calosos assentes no chão.

— Cuidadinho, velho diabo... Estás chalupa ou quê? Levanta-te, Motia... Levaste uma boa ensaboadura, mas vê lá se ficas bem disposta. E não te atrapalhes, podes ficar na figura em que estás.

E Gleb desatou a rir, familiar.

Motia soltou uma exclamação de rapariguinha envergonhada. Meteu-se debaixo da saia, enrolou-se sobre si mesma, fez-se pequena e, assustada, aterrorizada, acabou por desatar aos soluços enfiada a um canto.

Savtchuk, sem o reconhecer, lançou a Gleb um olhar sanguíneo. Depois desviou-se e falou por entre soluços, a voz surda, estafada:

— Chegas em má ocasião, pá. Vai pró diabo que te carregue... Raspa-te enquanto não te parto o focinho... Ala!

E outra vez rebentou, familiar, a risada de Gleb.

— Savtchuk, velho compincha, arrebatado como sempre! Venho-te ver, recebe-me, camarada.

Os olhos bovinos de Savtchuk de novo examinaram Gleb. Então bateu com o pé sujo no soalho e levantou as mãos. Os trapos que trazia em cima do corpo agitavam-se como num manequim. Não vestia uma camisa, mas farrapos. Os músculos vibravam por sob a pele em nós e cordas tensas.

— Porra! Gleb, Tchumalov, meu velho! Qual foi o demónio que te conseguiu trazer do outro mundo?... Meu grande sacana! Gleb! Olha pra mim, olha prá minha tromba feia, olha bem para mim e atira pra cá esses ossos, anda...

E apertou Gleb num abraço viscoso.

— De pé, Motia! Acalma-te, que já estou no meu juízo e estou fraco. Depois lá voltaremos ao nosso assunto. Vou conversar com este velho sacana do Gleb, chorar um boca-

dinho, puxar pelo sentimento... Levanta-te, Motia. Chega aqui... Haja paz! Abraça lá o Gleb, amigo e camarada, o nosso caso fica para outra ocasião...

O cabelo e a barba tinham a mesma forma ondulada das aparas de tanoeiro, em tufo rizados ou acamados.

Motia chorava dobrada sobre si própria, sem parar de repuxar a saia para os pés num gesto convulsivo.

Diz-lhe Gleb por entre um riso forte e amigável:

— Motia, Savtchuk não levou a melhor, és uma mulher livre e sabes defender muito bem os teus direitos. Volta tudo à primeira forma e começais de novo.

Estas palavras como que flagelaram o coração nu de Motia. Lançou-se a Gleb, de joelhos, como fazem os lagartos entre as rochas, e os seus olhos subiram para ele em espirais inflamadas.

— Desaparece, não me toques. Estamos fartos de tipos do teu género até à ponta dos cabelos. Como me fazeis sofrer!...

— Não me vou embora, Motia: gosto de ficar em vossa casa, como visita. Por que não me ofereces couvinhas, assado, chá com açúcar? É com isso que fazes candonga, não?

Gleb continuava a rir, e brincava, agarrando os braços de Motia, deixando complacente que ela lhe batesse.

— Lembra-te, Motia, que galdéria tu eras, e das fortes!... Eu bem tinha gostado de casar contigo, mas quem te sacou foi Savtchuk, este maldito tanoeiro!...

— Isto não é uma mulher — gritou Savtchuk — é um sapo. Se és meu amigo manda-lhe uma rajada para cima com a tua metralhadora... Estás a ver, isto não é vida. E a vida dela está dentro de um saco, e porquê?... Isto não é vida, Gleb... Eu não sou eu, camarada, já não há fábrica nenhuma, ah! santo Deus!

Motia, já de pé, transformara-se, era outra, muito diferente, estafada, vencida, doente.

— As minhas forças chegaram ao fim, Savtchuk... Estou cansada, Savtchuk... Eu tinha filhos, lindos rapazes, era rica, era uma mãe ciosa... E onde estão eles, os meus garotos, Gleb? Por que é que já não sou uma mãe?

Tinha as bochechas e os lábios trementes e fixava em Gleb uns olhos embaciados de lágrimas. Com a mão continuava a repuxar a saia para os joelhos e a blusa para os seios, quase rasgando o tecido.

Sim, era uma outra Motia, má e atormentada... Gleb recordou-a rodeada pelo berreiro dos bambinos que nela se penduravam, não lhe largavam as saias, envolvendo-a no afã dos seus gestos, fazendo dela uma mãe galinha atarefa-

da e tagarela. Então, luzia nos seus olhos a doce alegria das mães, radiosas só porque exibem o dom de si mesmas.

Savtchuk pegou brusco num mocho e atirou-o para junto da mesa. Deixou-se cair, mais do que se sentou, para cima dele como um animal esventrado e deu um murro na mesa.

— Estamos feitos, santo Deus, estamos lindos! Eu dou o berro, meu velho irmão Gleb! Isto é um deserto, um túmulo... Eu não tenho medo da morte. Estou como um cego em frente dela, para mim é como se não existisse. Tenho medo das trevas e da selva. Que raio posso fazer da minha força se tudo são trevas e cemitério?... Mas olha, olha bem... Uma fábrica, isto? É antes uma lixeira, um ninho de cabras... Já não há fábrica... E se já não há fábrica, eu, Gleb, que é que eu faço aqui?

Motia fixava em Gleb o doloroso olhar sombrio e molhado da sua dor. Gleb leu no seu rosto o torturado amor que a prendia ao marido.

— Anda lá, veste-te, grande bruto... Não tens vergonha do teu ar de vagabundo?

Na voz estafada de Motia perpassava só uma fingida cólera quebrada pela ternura.

Gleb desatou a rir.

— Mas que grandes pontos me saístes, meus filhos!

— Anda cá, Motia.

Savtchuk pegou nela em braços e levou-a para ao pé dele como a uma rapariguinha.

— Eis a minha mulher. Beijai-vos, diabos vos carreguem... E a fábrica... Quem a viu e quem a vê, Gleb, meu amigo! Recordas-te como cantavam as serras nas tanoarias? Ah, velho camarada!... Também foi aqui que eu saí da casca... Fora deste inferno, não conheci outra vida.

Savtchuk curti as saudades de uma fábrica que fora barulhenta, Savtchuk chorava debruçado sobre a campa do findado trabalho de outrora, os seus olhos embaciavam-se e parecia, no seu luto pela obra ardente das máquinas, que Savtchuk era cego: a cabeça levantada e o sorriso lacrimante.

Motia, de pé a seu lado, estava como ele, cega e lacrimante. Mãe amantíssima grudada ao ninho; mãe destroçada, extraviadas as crias.

— Ouve-me, Savtchuk... Só tenho préstimo para a casa, Savtchuk... Já que vivemos num covil, faz o teu papel...

— Com que então, Motia, queres que eu faça como os outros? Que fabrique isqueiros? Ou, à socapa, pipos para os camponeses? Não andaste por esses lugarejos e aldeias, es-

farrapada e de trouxa às costas, como uma cadela vadia, como uma cadela batida?

Crispavam-se-lhe os punhos. Cerrou os dentes.

E Motia, de pé, falava como que num sonho:

— Tínhamos um belo ninho, Savtchuk... Os nossos garotos eram uma maravilha... Sangue do meu e do teu sangue... Vamos refazer um lar, Savtchuk... Já não aguento mais, Savtchuk, já não aguento mais!... Antes quero ir por essas estradas fora, recolher as crianças abandonadas.

De um lado, Motia; do outro, Gleb.

Gleb pousou, comovido, a mão no ombro de Savtchuk.

— És o meu camarada de sempre, Savtchuk. Éramos ainda muito garotos quando fomos juntos trabalhar. E Motia era nossa amiga. Pois tu ficaste práqui metido como uma coruja a entoar desgraças todas as noites, enquanto eu me batia, coberto de sangue. Agora regresso... Já não tenho lar e fábrica também já não há... Motia é uma boa mulher. Temos de arranjar forças, Savtchuk... Levámos pancada mas aprendemos a lutar... Ah, Deus do céu, isso foi uma coisa que aprendemos muito bem, Savtchuk!

Savtchuk, meneando a cabeça, olhava-o com olhos desmentes. Não compreendia. Uma sangrenta bebedeira morava nesses olhos.

Motia encostava-se a Gleb e passava-lhe o braço em redor do pescoço, sem vergonha.

— Gleb, meu velho, Savtchuk é um bom tipo... Perdeu as estribeiras porque tem forças a mais... É um bom tipo... Ah, Gleb, se eu tivesse filhos não precisava de mais nada! Que vida esta, Gleb!

— Não vale a pena estares-lhe a fazer festinhas, Motia, ele por enquanto ainda não te arrasta a asa.

Gleb brincava com a mão de Motia num gesto acariciador.

— Mas que grandes pontos me saístes, meus filhos!

3. As Máquinas

Para ir do Bairro do Sossego para o Comité de Fábrica havia dois caminhos: pela calçada, ao longo dos edifícios da fábrica, ou pelos confusos carreiros das encostas através dos silvados, montes de pedras e largas plataformas das antigas obras.

Daqui podia a vista abranger a complexa massa das superestruturas da fábrica: tectos, arcos, viadutos, grandes construções de pedra ou cimento armado, tanto da ligeireza

aérea de enormes globos, como rectangulares, de pesada arquitectura simples e severa. Os edifícios amontoavam-se, colados uns aos outros, ou então emergiam do monte em blocos monolíticos, a alturas variadas. E nos desfiladeiros, ao longo dos arrasados funiculares, com pedregulhos por todo o lado e vagonetas ao abandono invadidas pela vegetação que a poeira arroxava, sob as rochas, nas vertentes de elevações de terrenos, recortavam-se, súbito, casotas de cimento azul, isoladas, perdidas. As pedreiras sobrepuñham-se em terraços claros, descendo para os desfiladeiros e sumiam-se na vegetação vivaz de um bosque novo. Ao longe, para lá da fábrica, o mar e seus longínquos cabos que parecia se alongavam em fumo, o mar, transbordante taça, e o horizonte, o azuláceo espelho do horizonte, mirífico recorte de cabo a cabo, mais acima que os tectos e as torres, mais alto que os telhados da fábrica entre esbeltas chaminés, elásticas como caules percorridos de viva seiva; e partindo da cidade estendiam-se, na outra vertente da baía e desde a fábrica à baía, dois molhes com faróis na ponta. Os semicírculos de espuma, atirados contra a costa em resacas de neve, sempre iam dar à fábrica e aos cais, incansavelmente.

Era a mesma coisa, três anos antes. Mas então, um fogo interior agitava a fábrica e a montanha. O ruído subterrâneo das máquinas, o clamor eléctrico da montanha davam vida às espaçosas divisões da fábrica, às chaminés e às pedras, na tensão de uma força vulcânica.

Gleb, tomando pelo carreiro, considerava a fábrica, lá em baixo, apurava o ouvido no meio daquele estagnado silêncio só quebrado pelo rumorejar dos regatos, e sentia a fábrica amodorrada, prostrada, recoberta de um pó de pedra.

Seria aquela a fábrica que ele conhecia desde a infância, onde crescera tocado pelo fogo e o barulho das máquinas, onde se acostumara a sempre sentir debaixo dos pés a vibração dos atalhos e caminhos? E ele, seria ele quem por ali caminhava, Gleb Tchumalov, operário da oficina de serralharia, trabalhador de ganga, seria mesmo ele aquele que tomava por um carreiro invadido pelo mato, com um jeito de andar diferente e uma já outra silhueta, nos olhos um grande espanto misturado a uma morna interrogação insólita?

Dantes ele não fazia a barba (e a bigodaça era frisada), fuligem e pó de ferro impregnavam-lhe o rosto (um rosto sempre a atirar para o fusco); e agora ali ia ele, de cara rapada, curtida pelo vento das planícies. Seria mesmo ele,

o Tchumalov, não cheirando já a óleo e ferrugem, ele a quem o trabalho já não vergava a espinha? Mas seria possível que ele fosse o serralheiro Tchumalov, assim metido dentro de uma farda, boné verde com estrela rubra, ao peito a ordem da Bandeira Vermelha?

Ali ia ele, examinando a fábrica, os trabalhos da montanha, as montanhas por cima das quais o que planava era o silêncio; ia parando, pensando, e murmurava numa voz entrecortada de suspiros:

— Mas que malandros vadios, francamente!... O que eles fizeram disto, os sacanas!... Encostá-los todos a uma parede ainda era pouco. Fazer duma fábrica destas uma lixeira, cambada de malandros!

Desceu para os lados da fábrica, parando numa plataforma vazia, negra de carvão, de que o mato ia tomando conta, qual mancha de bolor. Dantes erguiam-se aqui pirâmides de antracite, de cristais florindo em corolas de diamantes negros de alcatrão. A plataforma era dominada por uma falésia de rochas em camadas amarelas e castanhas que se iam esmigalhando, roendo aqui os últimos resquícios de trabalho humano. À sua beira, em semicírculo, as ramificações dos carris. Depois, para lá do parapeito, lançada de chofre para o céu, a oitenta metros de altura, uma chaminé, obelisco azul e, por detrás dela, impondo-se como uma montanha, o enorme edifício das oficinas de electromecânica.

Nestes tempos de ociosidade subia da fábrica o sopro de um mundo extinto. Os ventos de noroeste tinham carcomido até o vidro das janelas; as torrentes da montanha tinham desnudado o esqueleto de ferro das construções de cimento armado; a poeira dos trabalhos de outrora ficara petrificada nas cornijas.

Vinha a passar o guarda Kliopka. Vestia uma blusa comprida de serapilheira que lhe chegava aos joelhos, sem cinto, os pés sem meias enfiados nuns chanatos. Eram uns chinelos da cor do cimento, como se no próprio cimento ele tivesse estado metido. Já não envelhecia mais, parecia que desde sempre assim ali estivera.

— Olha lá, tu, velha múmia, aonde é que vais, alma penada? Não soubeste guardar a fábrica, velho diabo!

Só o costume há muito adquirido levou o velho a responder, indiferente:

— A entrada é rigorosamente proibida a pessoas estranhas.

— Imbecil! Por certo já perdeste as chaves da fábrica!

— As chaves não servem para nada, já não há fechadu-

ras... Foram comidas pela ferrugem. Podes passear por aí como o vento em liberdade... Na fábrica agora há cabras... e ratos... Só roedores... Homens não há, já não há...

— Tu próprio me saíste um velho rato! Metidos no buraco, saís do buraco e andais por aí. Vadios!

O olhar asselvajado de Kliopka recaiu sobre Gleb e o matagal hirsuto dos seus cabelos agitou-se em torrões de cimento.

— Vai passear... grande patife... Já aqui não há ninguém com quem lidar.

E foi-se, arrastando os chanatos.

Um alto viaduto assente em pilares de pedra ligava a plataforma ao corpo principal da fábrica. Nestas paredes de betão tinham sido abertas brechas para se lá meterem os canos das metralhadoras. A fábrica tinha servido de reduto aos brancos. Mais tarde fizeram dela cavalariças e masmorras para os prisioneiros, masmorras que se tornaram, nos dias da intervenção, terríveis túmulos.

Nada de portas, tinham-nas arrancado. Teias de aranha tecidas em pó de cimento pendiam em farrapos cor de cinza. Um cheiro a bafio e pó antigo emanava das profundezas tenebrosas deste ventre enorme.

O tombar da tarde vibrava, turvado pelo sonoro eco destes lugares de abandono e olvido. Os passadiços, escadas, galerias, transmissões, alavancas, tubos, condutas formavam amontoados confusos como estrumeiras de detritos. O embriagante, ácido cheiro do cimento. O maciço enorme da chaminé das tinas, a que arrancaram a porta. O ar engolfa-se uivando no bocal, chicoteado pelas poeiras, depois redemoinha, desenfreada-se, empurrando, atirando com Gleb para esta goela escancarada. Dantes uma portinhola de ferro fundido opunha a sólida força a esta garganta cheia de clamores; o trovejante, ribombante tubo aspirava as escórias incandescentes trazidas pelos ventrudos cilindros dos fornos giratórios.

Gleb desceu por uma escada rangente e foi ao longo das janelas poeirentas em passadas ruidosas. As formidáveis cisternas dos fornos giratórios esmagavam-no, aniquilavam-no, parecia que o reduziam a uma sombra irrisória. Outrora moviam elas os seus troncos incandescentes, num ruído cósmico cortado de assobios e num arquejo de forja, enquanto magotes de homens, dominados pelo fogo, se agitavam, ínfimos formigueiros, por debaixo delas. Também à sua volta se entrecruzavam espessas tubagens laterais e superiores, como arcos e cactos de ferro.

— Canalias! Malandros! O que eles fizeram duma força destas, os miseráveis!

Longos túneis nocturnos levaram Gleb até à secção das máquinas, à sua colorida tijoleira. Os motores Diesel semelham ídolos de mármore negro ornados de ouro e prata. Erguidos, pesados e nítidos, em longas filas separadas em quarteirões, ei-los prontos para o trabalho: parece que bastava um empurrão para que se pusessem em movimento, numa cintilação e reflexos de metais. Os volantes parecem vivos, lançados em pleno voo: de súbito julgou-se Gleb como que saudado pelo antigo sopro de óleo e enxofre. Aqui, tal como dantes, tudo estava limpo e bem arranjado. Cada peça das máquinas ostentava as marcas de atentos e afectuosos cuidados por parte do homem. A tijoleira do chão limpa e reluzente como outrora, o pó não embaciava os vidros (muitos ainda) das janelas onde a luz se refractava ambarina e azul. Ali vivia um homem, obstinadamente, e era graças a esse homem que também as máquinas viviam na tensão da espera.

Ei-lo que surge de chofre de entre os Diesel, fatomacaco azul e boné, limpando as mãos a um desperdício. Luzia-lhe na cara o branco dos olhos e dentes. O boné derubado para o nariz, um nariz tão chato como o boné, o ericado bigode ruivo. Tenaz, agudo, acutilante.

— Olá, olá, cá estás tu, meu grande amigo! E vestido de general, mas que grande comandante! Pois bem, sê benvindo! Palavra de honra que é um grande prazer!

Era Brinza, o mecânico, velho companheiro.

Filho de mecânico, aqui nasceu, crescendo no meio das máquinas, seu único universo. Aqui cresceram, ele e Gleb. Eram ainda muito garotos quando entraram para a fábrica.

— Então, meu general! Deixa-me olhar bem para ti... Pois bem, estás na mesma, arranjaste um barrete da tropa, parece que te cresceu o nariz e te nasceu aí uma estrela vermelha...

A alegria de Gleb explodiu num grito. Abriu os braços ao velho companheiro.

— Brinza! Meu amigo! Ainda cá estás? Não te deixaste albardar como fizeram os outros todos aqui na fábrica, hein?! Agora a sério, até parece que aqui nos teus domínios basta bater as palmas para toda esta mecânica diabólica começar a funcionar.

Brinza pegou com brusquidão na mão de Gleb e levou-o para o fundo de uma estreita passagem entre os Diesel.

— Olha para elas, irmão, olha-me estas gajas lindas. Estão frescas, bem arranjadas, como raparigas bonitas.

Basta dizer: “Começa, Brinza!” para que toda esta alegre mecânica se ponha a bailar e sapatear a dança do ferro... As máquinas são como a tropa onde estiveste, exigem disciplina e que se lhe deite a mão, uma mão viva...

— Brinza! Conheço as tuas mãos, são mãos de prata. Isto sim, são umas mãos de valor! Quanto às cabras, o raio que as parta! Que lhes façam bom proveito, aos parvajolas e aos parasitas... E os isqueiros bem sei que nem para eles olhas... Mas vejamos, velho casmurro! Enfiaste-te aqui com as tuas máquinas e não compreendes nada dos nossos problemas... Aqui nem um canhão te acordava...

Brinza estacou de súbito os movimentos que fazia, arregalou os olhos.

— Alto aí! Vens pra mim armado em agitador, vieste cá fazer-me um comício? Isso comigo não pega, irmão! Não estás numa reunião, estás ao pé das máquinas, tu bem o sabes, e uma vez que o sabes o melhor é calares a caixa. Que é que eu tenho a ver com todas essas histórias? Só sei que havia trabalho e agora os vadios crescem por todo o lado como cogumelos. Quando algum desses moinantes passa por aqui corro com ele... O sítio melhor para esses tagarelas é o Comité de Fábrica. Que grandes borracheiras as pessoas apanham só a berrar! Embebedam-se de gritaria só porque não têm nada que fazer: não fazer nenhum e trinta e um de boca, é tudo igual ao litro. Aqui, as palavras que soam como o rufar de tambores não prestam para nada. Aqui, meu velho, há máquinas, e as máquinas não são palavras, são mãos e olhos.

A mão de Gleb acariciava as peças luzidias das máquinas; o seu húmido e um pouco excitado olhar acutilou Brinza.

— Tens aqui a coisa tão bem organizada, com tanta vida, meu amigo, que nem temos vontade de ir embora! E depois a fábrica mete-me nojo a um ponto tal... E as pessoas também! Mas tu, Brinza, que diabo fazes tu aqui e para que estás a gastar as mãos nas máquinas se a fábrica já não passa de um depósito de escombros, se os operários não passam de um bando de farsolas, moinantes e oportunistas?

Brinza entrou a agitar-se da cabeça aos pés. Os músculos da cara palpitaram-lhe de caretas. Foi como se o coração lhe tivesse rebentado e o sangue de súbito lhe enchesse de loucura o corpo todo. Um murro do seu punho desfreado embateu na couraça luzidia do Diesel. Atafegava quando disse:

— A fábrica deve voltar a ser posta em funcionamento. Gleb... A fábrica não pode morrer... Não sabes como as

máquinas também vivem? Não, não sabes... Podemos dar em malucos quando o vemos, quando o sentimos. Mas quem é que sabe isso? Eu, só eu!

Quando os Diesel se calaram e os homens se foram para a revolução, para a guerra civil, para a fome, o sofrimento, passando em massa por cima do seu alinhado silêncio, Brinza ficou no meio desse silêncio da casa das máquinas. E vivia como viviam as máquinas, tão sozinho como estes cintilantes mecanismos.

— A fábrica tem de funcionar. Uma vez que existem máquinas, amigo, as máquinas não podem deixar de trabalhar: aliás elas trabalham sempre, meu velho, mesmo quando estão paradas. Se pudesses perceber isso!... Mas não interessa, quer percebas, quer não, deves fazer o impossível por acender o rasilho... Podes contar sempre comigo.

Uma onda de alegria invadiu Gleb. Apertou a mão de Brinza.

— É justo, amigo! A fábrica tem de funcionar, visto que é uma fábrica. Aperta aqui: vamos pôr a fábrica em marcha! Nem que me mate, nem que fique aleijado para toda a vida, mas a fábrica é que havemos de pô-la em funcionamento... Está dito. Os Diesel que esperem um pouco... Vamos a isso, amigo, com a força toda de que formos capazes...

4. Os Companheiros

No rés-do-chão da direcção da fábrica, num apertado corredor mal iluminado, aglomeravam-se os operários. Todo o recinto era invadido pela pesada mistura de cheiros a banhos públicos e mau tabaco negro. Envoltos nesta suja névoa, os homens eram também sujos, impregnados do surro de poeira gris de pedreiras e caminhos, sujos como suja era a vegetação e os edifícios da fábrica, os rostos turvos, apagados, todos parecidos como as sombras da noite. Campeava um rumor de feira, cortado de risos bovinos que faziam tremer as paredes, pragas e palavrões a propósito do racionamento, do refeitório, do petróleo, das casas da aldeia, de isqueiros, cabras, a propósito do desgraçado do pessoal operário às custas do qual viviam todos os cana-lhas...

A porta do Comité de Fábrica abria para a mesma opacidade nebulosa e imunda, o mesmo ajuntamento, o mesmo suor rançoso de uma estagnante passividade.

Não reconheceram Gleb quando ele abriu caminho através desta multidão incoerente; mas por sobre o boné de

estrela vermelha e a condecoração que trazia ao peito deslizaram olhares turvos, hostis, roçando o ódio. Porém, ninguém se voltava à sua passagem, caía num esquecimento indiferente mal lhes saía do campo de visão.

Um pândego de touca enfiada na cabeça, colete de mulher por cima do casaco e bigode postiço dançava frente à porta. Empurravam-no mas ele ia dando aos cotovelos e gritando com voz de mulher e ademanes de travesti:

— Queiram ter o obséquio de permitir que faça a apresentação de mim própria... Zés-ninguéns e senhores membros do PCR*!

E descantava:

*Ó ai ó linda, põe as patas
No Cêdefe e já vais ver
Que saís de lá de chanatas
E a barriguinha a doer.*

A algazarra, as pragas e gargalhadas de aprovação abafavam-lhe o paleio e o descante.

Um pequenitades enfezado, cara fusca, todo olhos em brasa entre os ossos da testa e das maçãs-do-rosto, andava em pulgas à entrada. Era o serralheiro Gromada... E Gleb considerou boquiaberto como era possível que três anos tenham podido fazer deste homem aquilo que ali estava.

— Basta de brincadeiras, camaradas! Devíeis ter vergonha! Não está nada bem da vossa parte dar este espectáculo de vós próprios e tal e coisa...

Não pôde acabar, porque Mitka cortou:

— Apresento humildes desculpas, camaradas do Cêdefe, mil perdões, queiram ter a bondade de dar um nó nos vossos nervos e prendê-los ao umbigo com um alfinetezinho... Rojo-me por terra! Estou banzado, comovido e desorientado! Vou deitar fora o colete, esta toucazinha vai já parar ali ao quelho e vou prender uma rédea ao meu focinho... E se ela me levar para esses lados, garanto que me apresento vestido de gala na manifestação... Vivóoo!...

E, recomeçando as palhaçadas, dirigiu-se para a saída às cotoveladas, sob os olhares interessados das pessoas.

Gleb entrou na sala e encostou-se à parede por detrás dos operários. Negro como sempre, o corcunda Lochak, velho serralheiro ferrugento, fazia parte da mesa do Cêdefe, sentado ao lado do pequenino Gromada. Permanecia imóvel como estátua de pedra.

* Partido Comunista da Rússia. Assim, em 1918-1925, chamava-se PCUS. (N. do T.)

Uma matrona gorda, de ancas imensas, toda agitada em balofos movimentos como massa de geleia, esganiçava-se em gritos roucos.

— Instalaram-vos aí, cambada de madraços, só pra nos porem a pata em cima... E o desgraçado do pobre que se lixe, quereis é só encher o odre! O estoira-vergas do meu homem passa a vida a malhar na cabra, e sou eu que tenho de vir falar convosco, corja de barrigudos!

Havia operários que lhe davam palmadas nas costas e riam à gargalhada por entre um tumulto de pragas.

— Dá-lhes ainda mais forte, tia Avdótia! Vai-te a eles com a barriga e vais ver como caem todos de cu...

— Calai-vos, larápios! Vós, os do Cêdefe, porque é que vos puseram no poleiro? Isto é que são calcantes?

Num amplo movimento atirou com o pé para a frente e a botifarra foi cair em cima da mesa; a saia levantada deixou ver a barriga da perna, grossa e azulada.

Lochak permanecia numa imobilidade de estátua de olhos brancos. Gromada todo se agitava, de mão no ar, uma mão descarnada, roída pela tísica.

— Cidadã, camarada! Mas vejamos, apesar de tudo tu és mulher de operário... O Cêdefe cumpre a sua tarefa e tal e coisa... De uma maneira ou de outra... No entanto deves compreender...

— Anda lá, tia Avdótia! Responde por nós todos!

— Calai o bico, cambada de maricas! Que é feito das botas que me destes, vós os do Cêdefe, quando foi da distribuição?... Bastou-me ir à aldeia cossaca, e não mais de três vezes à cantina buscar as papas para os porcos... E pronto, que é feito da costura da sola e do fio da gáspea?

Arrancou a bota do pé e, ao mesmo tempo que assapava pesadamente o pé no chão, a bota de goelas abertas rodando sobre si própria foi parar junto ao peito de Lochak.

Mas Lochak manteve-se na sua postura de bloco de antracite. Pegou calmamente na bota e pô-la à frente dele.

— Anda lá, mulher, a partir de agora podes fiar-te na Virgem. Somos todos ouvidos.

Gromada não pôde conter-se; saltou como uma mola, de mão em riste.

— Não posso tolerar isto, camarada Lochak. Esta cidadã raciocina sem a menor consciência, e tal e coisa... É vergonhoso da parte dela, devia corar de vergonha.

— Calma, Gromada! Uma boa ensaboada não faz mal a ninguém... Mas vamos então ao caso. Diz lá, minha órfãzita ultrajada, explica lá à gente: por que género de trabalho recebeste umas botas destas?

— Não me deites areia prós olhos, sacana de marreco! Trabalhasse ou não trabalhasse, também posso receber, não?

— Fecha a boca! Pergunto-te: em troca de que trabalho obrigatório queres tu receber torradinhas e coisinhas doces? Pois bem! Dá cá a outra bota. Foram-te entregues em troca de nada, por engano... E os porcos vamos requisitá-los porque as papas que recebes são para tu própria encheres a tua barriguinha vazia...

A gorda Avdótia investiu com o seu peso contra os operários, fazendo mover todo o pessoal até à última fila.

— Devagar, mais devagarinho, mulher do diabo! Malta, aguentem firme! Cuidado com os estragos!

Sem abandonar a sua calma plácida, Lochak pegou na bota (a sola pendente como língua de uma vaca) e estendeu-a por cima da mesa.

— Anda, toma lá, mulherzinha! Manda-a consertar ao teu homem, calça-a e volta cá outra vez para a gente se divertir um bocado.

A rotunda Avdótia pegou na bota, sentou-se no chão e pôs-se a calçar um pé gordo e de varizes inchadas. Continuava desnorteada a debitar o seu injurioso aranzel. E Lochak de continuar:

— Ouvi bem, cabeças de alho chocho, ouvi bem o que o Poder dos Sovietes se propõe fazer... Tirámos o trigo ao camponês para dar guerra aos burgueses, tomámos as fábricas aos burgueses, fábricas como a nossa... E não há trabalho. O Poder dos Sovietes sacou aos burgueses os tarecos todos e disse: é para vós, operários, para que nada se perca. Por enquanto, fazei o que quiserdes... E, quando a fábrica estiver em laboração, as coisas vão passar-se de modo diferente.

Gleb, tendo chegado junto à mesa, levou a mão ao boné e pôs-se a rir.

— Olá, companheiros! Há muito tempo que não nos víamos. Volto para a bancada de trabalho, mas isto já não é uma fábrica, é um matadouro.

A cadeira em que se sentava Gromada vibrou como um tambor e de súbito se virou de patas ao ar.

— Gleb! Querido camarada! Não estás a ver quem ele é, ó corcunda, Lochak amigo?! É Gleb Tchumalov, o nosso Gleb! Morto e ressuscitado... Mas olha para ele, Lochak!

Lochak permanecia sentado como um ídolo negro, fixando em Gleb uns olhos tão plácidos como quando olhava os operários, a gorda Avdótia, todo o corropio de pessoas que todos os dias passava, de manhã à noite, pelo Comité de Fábrica.

— Estou a ver. És um bom trunfo para nós. A oficina de serralharia está abandonada, Gleb: fabricam lá isqueiros. É um covil maldito.

Extraiu com esforço de debaixo da mesa uma mão desmesuradamente comprida e estendeu-a com lentidão a Gleb.

Foram-se aproximando operários de diversas oficinas. Olhavam para Gleb estupefactos, desorientados, como se de um ressuscitado se tratasse. Olhavam uns para os outros, como se não acreditassem no que estavam a ver e depois, empurrando-se, numa balbúrdia de mãos, procuravam chegar às de Gleb.

— Aí tens, camarada Tchumalov... Vê e aprecia, é esse o teu papel. Tomámos a fábrica nas nossas próprias mãos, dizem... Pois bem, agora vê o que é que se está a passar. Corremos com todos os patrões... E o que acontece, mete isto bem na cabeça, é que tudo vai desaparecendo! Vem um e surripia a tampa de uma caldeira, vem outro que arranca o cobre das máquinas, vem um terceiro que corta uma correia de transmissão... Somos os patrões, sacamos o nosso!

Mas Gleb, de boné na cabeça, olhava para a assistência e abanava divertido a cabeça.

— Olha... o tanoeiro... o ferreiro... os electricistas... os serralheiros... a malta toda, enfim!

Gromada abriu vigorosamente caminho por entre a assembleia, de cadeira na mão e, enfezado, uma carga de ossos, pousou com brusquidão a cadeira.

— Dêem aí lugar, camaradas! Um lugar para o camarada Tchumalov! É o nosso combatente do Exército Vermelho... E, como é um operário da nossa bela fábrica, devemos em todas as circunstâncias tratá-lo como é devido. Se o camarada Tchumalov não se tivesse juntado ao Exército Vermelho passando através das zonas dos bandidos e tal e coisa, talvez que muitos não tivessem mexido uma palha para entrarem para o PCR. Aí tendes, camaradas, o que para nós representa o camarada Tchumalov...

De novo se fez ouvir um burburinho de comentários no meio da assistência.

— Muito folgamos que estejas vivo, meu velho! Isso é muito bom... Dá umas voltas por aí. Logo verás como está a fábrica... olha, está toda lixada... morta e enterrada... um autêntico defunto.

Mas já Gromada com as mãos ossudas gesticulava contra todos e esganiçava a voz perfurante, sufocado:

— Camaradas, nós, a classe operária, lutamos todos pela conquista da produção, mas é uma vergonha que seja-

mos tão atreitos ao pânico... Na frente de batalha ganhámos, levámos tudo de vencida, será então possível que quando se trata de trabalhar é como se não tivéssemos nada cá dentro?

Gleb calava-se. Olhava as caras tíficas dos operários: esse enfezado Gromada, Lochak como que enterrado debaixo da mesa, abatido pelo peso da cabeçorra talhada em pedra de carvão. E, mal se sentou, sentiu dolorosamente, eivado de silêncio e cansaço, como aliás o sentira já ao vir aqui, que acabava de acontecer na sua vida uma miragem, que a partir de agora a sua vida seguiria outros rumos. Tudo era claro e simples, tudo se passava de modo costumeiro, mas, algures no fundo de si mesmo, sentia andar à roda, como uma náusea, uma confusa tristeza.

A mulher, Dacha, raspava por ele como uma estranha, golpeando-o em pleno coração... A casa vazia... A fábrica vazia por sob teias de aranha poeirentas... O exército... O seu exército...

— Sim, amigos... A vossa vida é uma tristeza de vida. Como é, santo Deus!, que vos deixastes rebaixar a esse ponto? Andávamos nós a bater-nos, a ser mortos, a verter o nosso sangue... E vós, companheiros, que andáveis vós a fazer? Que raio de luta era a vossa?

Só um, na última fila e que ninguém via, rebentou em gargalhadas que o engasgavam.

— Se tivéssemos ficado na fábrica a armar-nos em parvos, tínhamos morrido todos como moscas... Ou julgas que se vive do ar?

Gleb cerrou os maxilares, deu um murro no joelho.

— Pois bem, morriéis todos, qual era o problema?! Rebentáveis mas guardáveis a fábrica... Nem que morressem todos, mas a fábrica é que devia continuar a viver...

— Chega, chega, já muitos outros antes de ti nos venderam essa banha da cobra!

A voz de baixo de Lochak parecia provir-lhe do fundo da corcunda.

— Muito bem, Gleb, como voltas para a fábrica vamos dar-te trabalho. Tudo será feito como deve ser. Tudo bem.

Gromada comia Gleb com uns olhos enormes, esbraseados, faiscantes de entusiasmo; quis dizer grandes palavras, palavras cujo peso era demasiado para ele.

Gleb pôs o boné em cima da mesa em frente de Lochak.

— Regressei a casa, a minha mulher passou por mim como cão em vinha vindimada. À primeira vista nem reconhecemos já a nossa própria mulher. A casa está nas lonas, não há pão. Passa-me uma senha, amigo Lochak, preciso de comer.

Mal Gleb disse isto, as gargalhadas dos operários rasgaram o silêncio e a calma da sala.

— Ora bem! Tu falas, falas, mas a barriga não perdoa... É o que se passa também connosco... Mais valia teres começado por aí! Bastou chegares para saberes que sofremos todos do mesmo mal. A barriguinha não perdoa...

— Mas o camarada Tchumalov é dos nossos, camaradas, trabalhou para todos nós. Combateu e coisa e tal...

— Então, não é verdade o que dizíamos? A barriga não perdoa.

Gleb levantou-se e com um gesto brusco pôs o boné na cabeça.

— Mas que é isso, companheiros?

Gritara estas palavras com toda a força do peito, como não se gritava nesta salinha, mas como no exército por vezes acontecia. Os operários quedaram-se e de novo formaram um grupo imóvel.

— Mas que é isso, camaradas?! Está bem, é verdade... A barriga não perdoa... Bati-me na frente, vou bater-me aqui. Lutaremos pela fábrica. Posso dar o berro, rebentar, ficar maluco, mas a fábrica é que a havemos de pôr em funcionamento. Nem que me queime vivo, as chaminés vão voltar a deitar fumo, as máquinas vão voltar a trabalhar. Juro pela minha cabeça!

Os operários, surpresos, desorientados, olhos atónitos, batiam com os pés sem saírem do sítio.

— Tudo vai ser feito como deve ser, Gleb. É esta a minha opinião... O que disseste é justo! Prá frente, amigo! Tens todo o meu apoio. É justo!

Gromada, ardendo em febre, girava à volta da mesa. Ria.

Gleb estremeceu, na garganta uma brusca convulsão. Estava a ver passar, pela janela, um velhote curvado, caminhando pelo beco de betão, apoiando-se pesadamente a uma bengala, grave como um senhor. Mas não, não era um velho, era um homem de grande estatura e barba grisalha, o engenheiro Kleist... Esse homem metia-se, como dantes, no caminho de Gleb.

II. O LENÇO VERMELHO

1. O Lar Desfeito

Gleb não descansava em casa: a habitação ao abandono, de janela poeirenta (onde já nem as moscas voltejavam

contra os vidros), o soalho sujo e roupa velha espalhada pelo chão, tudo isso lhe era hostil, alheio, sufocante; as paredes oprimiam-no, faltava-lhe espaço. À noite parecia que as paredes tocavam uma na outra; o ar ganhava uma opacidade material.

Gleb dcambulava pela fábrica parada, pelas pedreiras invadidas por silvados e ervas daninhas. Passeava por ali, sonhava, pensava...

Voltava à noite e não encontrava Dacha. Já não o esperava na soleira da porta como há três anos atrás, quando ele regressava da oficina. Nessa altura o quarto era íntimo e acariciante. Navia uma cortina de musselina.

No parapeito da janela, como luzinhas, sorriam-lhe flores. O soalho pintado reflectia a luz eléctrica, a cama branca e a toalha prateada tinham reflexos de geada. O samovar ronronava, a louça tilintava... A sua Dacha vivia, toda ela, aqui, nas coisas todas, cantando, suspirando, rindo, falando do dia de amanhã, brincava com uma boneca viva, a filhinha Niurka.

E era doloroso pensar que tudo isso fazia parte de um tempo que se fora. Do lar abandonado entregue aos bolores do tempo emanava uma náusea.

Dacha entrou finalmente, já depois da meia-noite.

A chama fumarenta do candeeiro enfiado num vidro arredondado, marcado da gordura dos dedos, projectava uma luz desmaiada; e a lâmpada eléctrica pendia do tecto na ponta de um fio enegrecido, qual rosa de vidro e gelo, fanada.

Gleb estava estendido na cama. Olhava Dacha por entre a fenda dos olhos quase fechados, esmaecidos.

Não, aquela não era a Dacha de antigamente, a sua Dacha. Essa estava morta. A que ali estava agora era uma outra mulher, de cara tisonada e curtida, queixo voluntarioso. O lenço vermelho parecia tornar maior a sua cabeça e cingí-la de fogo.

Estava a despir-se à beira da mesa, mastigava sem olhar para ele uma côdea de pão negro e era um rosto cansado, mas tenso e severo, que parecia de dentes cerrados, que ele estava a ver.

Resolveu pô-la à prova.

— Explica-me este problema, Dacha. Estive no exército. Este é o primeiro ponto. Combati, não tinha um canto onde encostar a cabeça, não tinha uma hora a que pudesse chamar livre, e este é o segundo ponto. Pois bem, regresso, entro em casa e, de ti, é como se nada encontrasse. Fico à espera, passo noites em claro como um cão vadio. Porque,

francamente, há três anos que não nos víamos.

Dacha não mostrou qualquer reacção, como tinha entrado assim ficou. E quando falou, fê-lo sem sequer o olhar.

— Sim, há três anos.

— É isso, e tu não tens ar de quem ficou contente. Que se passa contigo?... Lembras-te da noite da nossa separação? Tinha levado tanta pancada que nem tive tempo de recuperar. Lembras-te como trataste de mim no sótão, como se eu fosse uma criança? E quando nos deixámos, choravas. Por que é que agora te fechaste assim?

— É verdade, fechei-me. E já não estou de alma e coração em casa. Tornei-me outra pessoa.

— É o que eu digo...

— E a nossa antiga casa já me esqueci dela. E não tenho pena. Nessa altura eu era uma parvinha.

— Sim, sim, conta-me dessas! Mas então o que é feito do nosso lar? É este buraco de ratos?

Dacha penetrou-o com o olhar e por cima dos olhos arquearam-se-lhe as sobrancelhas. Com os dedos amarfanhou o lenço vermelho.

— Querias florinhas nas janelas e uma cama de cobertores fofinhos, Gleb? Não, meu querido: passo o Inverno metida num buraco gelado (bem sabes que há crise de combustíveis), e almoço na cantina pública. Como vês, sou uma livre cidadã dos Sovietes.

Gleb sentou-se na cama. Pelos seus olhos que haviam visto sangue e morte passou uma sombra de medo.

— E Niurka? Se calhar também a deitaste aos porcos juntamente com as florinhas? Que linda coisa...

— Como tu és parvo, Gleb!

Voltou-lhe as costas, afastou-se da mesa, pareceu esquecer-se dele.

Assobiava nas trevas um vento nocturno, para lá das janelas, nos desfiladeiros, e era como se um suspiro de criança abandonada se estivesse a fazer ouvir. Por debaixo do soalho ratos esfaimados revolviam a terra.

— Pois bem, Niurka está no Lar da Criança. Mas amanhã vou buscá-la e trago-a para casa.

— Muito bem, Gleb. Não tenho nada contra: o pai és tu. Mas eu estou carregada de trabalho. Por isso trata tu da garota.

— E tu, nem um carinho terás para ela? Que mãe és tu? Deitaste a criança ao abandono e não fazes senão correr de cá para lá com a língua de fora!

— Não esqueças que sou militante do partido.

Gleb levantou-se da cama e foi até à porta. De novo o invadiu a sensação de que sufocava. As paredes oprimiam-no, o soalho tremia e estalava-lhe debaixo dos pés.

Observou Dacha. Sem olhar para ele, improvisou no chão um canto para dormir, arredio de toda a intimidade. E a Gleb até pareceu que, ao deixar cair a saia, ela lhe lançara um sorriso sardónico.

Seria que ela o amava como dantes, com todo o seu corpo de mulher, ou estaria já morto esse amor? Tinha de resolver este problema.

O que ali estava era a mulher, uma mulher que abandonara o lar, que saltara do ninho, e o aroma quente do seu corpo evaporara-se juntamente com a intimidade e a cozinha. A quem teria ela aquecido e acarinhado com aquele corpo nesses três últimos anos? Sim, porque uma mulher saudável e bem feita, metida entre os homens dia e noite, não pode viver como uma flor estéril. Com certeza que ela não tinha guardado para ele a sua tristeza amorosa de mulher e esposa. Não, ela deve tê-la esbanjado em encontros fortuitos. Não seria porventura essa a causa do seu afastamento e frieza?

— Sim, cidadã, a coisa é esta... Separámo-nos a chorar, agora voltamos a encontrar-nos e não temos nada a dizer-nos. Durante três anos, só pensava: "A minha mulher Dacha... que está aqui... que me espera..." Chego e deparo com um lugar maldito. Como se só em sonhos é que estivesse casado. Sim, maridos teve-os ela, outros que não eu. Não é verdade, isto?

Dacha voltou-se para ele, estupefacta, e de novo lhe afloraram aos olhos lágrimas brilhantes, frias.

— E tu, será que não tiveste mulheres quando estavas sem mim? Confessa-o, Gleb. Nem sequer sei se regressas são ou com o sangue todo podre. Confessa-o!

Dissera estas últimas palavras entre dentes, distraidamente, como quem fala de coisas aborrecidas. Sabia mais dele do que ele dela. E porque, sem sequer o ter tocado, ela o via até ao fundo do seu ser. Gleb fraquejou, ele, o soldado, e vacilou humilhado.

— Bom, admito isso, digamos que o confesso: tive algumas ocasiões: na frente um homem anda como se trouxesse a morte ao colo... Mas o papel da mulher é outro. Uma esposa tem outra maneira de ser, outras preocupações.

Dacha despira-se mas não se deitou, estava encostada à parede, sem vergonha. E por sobre toda a silhueta de Gleb fez cair um olhar de soslaio, um olhar agudo, doloroso.

so, de quem está a compreender tudo, e de novo respondeu entre dentes, como quem não se rala:

— Linda coisa, sim senhor: a mulher tem outras preocupações; que belo destino o dela: ser escrava, não ter vontade própria, não passar de um acessório. Qual foi o manual de comunismo por que estudaste, camarada Gleb?

Mal acabara de pronunciar estas palavras e já subia num repente o sangue à cabeça do homem. Com que então tinham razão de ser as suas suspeitas! Era verdade que ela, Dacha, a sua mulher...

Aproximou-se dela, pesado, impositivo. Mediu-a com os olhos — um olhar negro, animal — bem de frente.

— Com que então isto não é só conversa, é verdade?! Sim ou não?

Lá fora, para lá das janelas, reinava o silêncio, um silêncio atafegante, estrelado, povoado da cegarrega dos grilos, de um difuso concerto nocturno. Para lá da fábrica, para o lado dos molhes, era o mar com seus vapores fosforescentes.

— Não te pergunto nada sobre as tuas mulheres da frente, Gleb. Portanto, que é que tens a ver com as minhas paixões? Afasta-te e acalma-te.

— Toma bem atenção, Dacha: hei-de conseguir... Hei-de chegar ao fundo dos teus segredos... Mete bem isto na cabeça.

Ela afastou-se da parede, um brilho nos olhos.

— É escusado estares a olhar para mim com esses olhos, Gleb. Sei jogar ao sério tão bem como tu.

Serão bem de Dacha aqueles olhos maldosos de fêmea indomável, ou será que dantes ele não conhecia a sua verdadeira alma, que a si própria se revelou nestes três últimos anos, uma alma que se tornou teimosa, que se tornou indomesticável?

Onde poderá Dacha ter-se penetrado desta força?

Não foi na guerra, de saco às costas, não foi nos costumes afazeres domésticos das mulheres: aquela mulher deve ter despertado e ter-se tornado tensa como uma corda na equipa de trabalho, nos dolorosos anos de chama, de duras provações, por debaixo do pesado fardo da liberdade feminina. Ali estava a impor-se-lhe a insolência dessa vontade, e ele, comissário do Exército Vermelho, desorientava-se, confuso, no meio dela.

A coisa aconteceu por si mesma: Gleb tomou-a nos braços e apertou-a a ponto de lhe fazer estalar as vértebras.

— Tira as mãos de cima de mim, Gleb. Não admito que me agarres assim.

Pegou nela, perdido, desvairado pelo próprio sangue, e levou-a para a cama onde caiu com ela rasgando-lhe a camisa, estreitando com todo o corpo, como uma aranha, esse outro corpo que lhe fugia. Ela torcia-se e debatia-se sem um grito, dentes cerrados, brilhantes, e a sua carne nua, pisada e mortificada, retesava-se sem vergonha. Acabou por atirá-lo ao chão com um empurrão elástico dos pés e deu em direcção à porta um salto de gata. Já não olhava para ele, a sua respiração ofegava. Compunha a camisa.

— Não me toques mais, Gleb, tem cuidado senão isto acaba mal. Aprendi a defender-me. Essas maneiras comigo não pegam, Gleb. Tu combatestes, mas parece que massa cinzenta não ganhaste nenhuma.

Sentado no chão de costas contra a cama, domado, aquela farpa que se lhe plantara no cérebro fazia-lhe ranger os dentes.

— Apaga a luz, Gleb, e deita-te, estás com precisão de respirar, é o cansaço que te põe maluco.

— Mas, Dacha, minha querida, que é do nosso amor? Será que as preocupações, o trabalho te endureceram a um ponto tal que até deixaste de ser mulher?

— Deita-te, Gleb, e acalma-te. Cansei-me muito no trabalho. Amanhã vão outra vez mandar-me para o campo para a organização das mulheres, e a zona está infestada de bandidos...

Veio até à mesa, apagou a lâmpada, depois deitou-se, remexeu as roupas e calou-se. Gleb nem a ouvia respirar.

Esperava, sentado no escuro.

Dor e ultraje... Uma ponta de fogo na alma... Aquela Dacha, estranha e, ao mesmo tempo, tão íntima...

A ânsia de esperar a sua voz e o seu coração. Estava à espera que ela viesse até ele, levasse, como dantes, a cabeça dele de encontro ao seu peito num doce murmúrio de mãe ou companheira.

Mas ela estava no seu canto, alheia e de alma fechada. E ele sozinho na sua dor e tristeza.

Foi-se aproximando devagarinho dela e pôs-lhe a mão no ombro.

— Vejamos, Dacha, por que não és meiga, como dantes?... Porque me torturas assim?

Ela pegou-lhe então nas mãos e levou-as de encontro ao peito.

— Acalma-te, Gleb, querido, domina-te. Há-de chegar a nossa hora, minha e tua... Temos que esperar para nos compreendermos. Tudo isto dá cabo de mim... Estes três anos não pensei senão em ti...

Pôs-se sozinho a olhar pelo azul da janela. No céu cintilavam as estrelas, chegava de longe um ribombar, talvez o prolongado eco das montanhas e das profundezas da terra. Era o canto das florestas nas gargantas escarpadas, por obra do soprar dos ventos de nordeste.

2. O Lar da Criança

De manhã Gleb sentiu, enlevado ainda no sono, que uma brisa de Primavera cirandava por ali, agitando teias invisíveis, da janela à porta, da porta à janela. Gleb abriu os olhos. O sol resplandecia na janela. Dacha, de pé junto à mesa, atava o lenço encarniçado à cabeça.

Olhava para ele e o riso dos seus olhos tinha brilhos ambarinos.

— Em nossa casa não se dorme até tão tarde, Gleb. Já tive tempo de preparar o relatório para a secção feminina sobre as creches e o orçamento da roupa e mobiliário. Fiz o programa de compras, mas não temos um tostão. Temos de apertar com o Comité do Partido para ele se haver com a burguesia. Uma coisa, tu ainda não viste a Niurka, e se fôssemos juntos ao Lar da Criança? É mesmo aqui ao lado.

— Anda cá só um bocadinho, minha Dachazinha.

Ela sorriu de novo e aproximou-se, nos olhos uma maternal interrogação.

— Cá estou... e agora?

— Dá-me a mão. É pronto, é tudo. Agora já nem o diabo entende se és a mesma, de antigamente, ou se mudaste por completo. Mas se calhar eu é que não sou o mesmo seralheiro que era antes? Bom, temos de aprender a ser outra coisa. Até o sol se pôs a brilhar de outra maneira.

— Sim, Gleb, até o sol e o trigo são diferentes. Mas anda lá, estou à tua espera, despacha-te.

E até ao Lar da Criança, Dacha colocou-se à frente dele ao longo do carreiro, por entre as moitas, fugindo-lhe por momentos da vista, para logo a seguir o lenço vermelho resurgir como uma chama. Gleb pensava que ela o evitava de propósito. Por brincadeira? Por medo?

O Lar da Criança, baptizado com o nome de Krupskaja*, fica numa escarpa da montanha, entre tufos de árvores. É todo em vermelho, cortado de chaminés. Paredes de pedras brutas, solidamente colocadas, solidamente ci-

mentadas. Amplas janelas abertas rasgadas como portas. De dentro vem o dissonante vozear infantil. Nos recreios impera, no meio do verde da vegetação, a algazarra, os chilreios dos pequeninos. Dois andares, com sacadas, escadarias maciças cavadas na própria rocha, varandas, vasos áticos. Ao sol da varanda amadurecem, como abóboras, as cabeças dos miúdos; mas os rostos — que se distinguem de longe — são cavados, só ossos. São rapazes ou raparigas? É que todos usam as mesmas batas cinzentas e compridas. As educadoras, também de cinzento, lenços brancos, tostem ao sol.

À direita, por detrás das casas, dominando-as, reflete o mar de um intenso azul celeste, semeado de chispas ofuscantes. Uma canoa a motor desliza entre o paredão e a costa como um besouro nadador e vêm-se os fios de um triângulo a estenderem-se entre ela e a costa. A cidade e os horizontes da montanha têm contornos nitidos, muito próximos.

E, apanhando a desprevenida imaginação de Gleb, de súbito se abriram nele umas amplas asas. Estas montanhas, este mar, esta fábrica, esta cidade, essas longínquas paragens para lá do horizonte; toda a Rússia, tudo isto faz parte de nós... Estas prodigiosas coisas, montanhas, fábrica, os páramos longínquos são o profundo cântico da grandiosidade do trabalho... É impossível que nos não tremam as mãos diante do presságio de uma obra tenaz, de uma tarefa de gigantes! E os nossos corações, não é verdade que se inundam de um sangue prestes a explodir?... Esta é a Rússia operária, somos nós, é o planeta novo com que durante séculos a humanidade sonhou.

Na escada, junto aos vasos, esperava-o Dacha, respirando profundamente.

— Que ares tão puros, Gleb, parece à beira-mar... Niurka está no segundo andar.

De novo se pôs à frente dele alguns degraus. Aqui sentia-se como se estivesse em casa.

Da varanda Gleb ainda viu crianças, em baixo, entre as moitas, metidas nos tufos de fanadas árvores. Cachos de miúdos escarvavam a terra com afinco, com avidez, os olhares de soslaio, dissimulados como larápios. Cavavam, esgaravavam e de súbito se lançavam uns por cima dos outros batendo-se pelo achado. Mais para lá, à beira de uma cerca, garotinhos mais pequenos chafurdavam no estrume.

Gleb, de maxilares cerrados, golpeava o corrimão:

— Todos esses putos, Dacha, acabarão por morrer de

* A mulher e companheira de luta de Lênine (1869-1939). (N. do T.)

fome. Mereciéis ser todos fuzilados pelo lindo trabalho que fizestes!...

Dacha olhou-o com espanto, deu uma olhadela para baixo e sorriu.

— O quê, a horta?... Não é tão terrível como isso, há pior. Se não lhes valêssemos morriam todos como moscas. Abrimos o Lar da Criança e não há nada para comer! O pessoal, se nos descuidássemos, era capaz de torcer o pescoço às crianças. Apesar de tudo há aqui pessoas de bons sentimentos, corações de ouro... Fomos nós que as formámos...

— E Niurka? Também anda ali?... A nossa Niurka está metida no meio disto?

Dacha enfrentou com calma o olhar e o queixo duro de Gleb:

— E que é que Niurka é mais que os outros? Também passou muito. Não fossem as mulheres do nosso Comité, os piolhos e as epidemias tinham devorado as crianças, a fome já as tinha dizimado a todas.

Quando vinham do lado do monte, tinham avistado as crianças na varanda; mas quando chegaram à varanda não viram nem crianças nem educadoras. Com certeza que toda a gente se tinha apressado a ir anunciar as visitas.

A sala era cheia de sol e ar, um ar espesso, quente. Os catres estavam alinhados em duas filas, tapados com remendados cobertores brancos e cor-de-rosa. As crianças vestiam roupõezinhos cinzentos ou, pura e simplesmente, exibiam os farrapos que tinham. Nas paredes, os desenhos infantis: trabalhos que as crianças tinham feito nos clubes.

Ao passarem, as educadoras paravam, deferentes:

— Bom dia, camarada Tchumalova! A directora não tarda aí.

Dacha estava à vontade, sentia-se em casa.

— Niurka, estou aqui!...

A rapariguinha, metida dentro de uma pequena bata (era uma miúda franzina, a mais pequenina de todas), lançou-se em corrida, tropeçando nos outros, a rir muito e soltando um grito estridente. As crianças acotovelavam-se à volta dela, desinquietas e tagarelas, os pezitos descalços, os olhos ágeis e luminosos a brilharem.

— A tia Dacha está cá!

Niurka! Então aquele diabrete irreconhecível é que era Niurka! E era também como uma estranha, e no entanto com algo de tão chegado...

A garota atirou-se de um jacto para cima da mãe, como

um passarinho a bater as asas, e grita, ri, dança, tudo ao mesmo tempo.

— Mamã! Mamã!... A minha mamã!

Dacha ri também, pega na miúda, anda com ela à roda, beija-a e grita, tal como ela:

— Minha Niurotchka! Minha menininha!

De novo ali estava a Dacha de outrora, que à noite esperava Gleb em casa com Niurka, quando ele regressava da oficina. A mesma ternura e carinho, os mesmos olhos húmidos, a mesma voz cantante e um pouco trémula...

— E este é o teu papá, Niurotchka... Aqui está ele... Lembras-te do papá?

A miúda pestaneja assombrada, empalidece. Mede Gleb com uma curiosidade assustada.

Ele desata a rir e estende a mão para ela. Mas parecia que a garganta se lhe torcia como uma corda.

— Então! Niurotchka, dá-me um beijo. Como crescestes! Estás tão grande como a mamã!

Mas já a pequena se afastava e se agarrava à mãe com um grave olhar contundente.

— É o papá, Niurka.

— Não, não é o papá, é um soldado vermelho.

— Mas eu sou o teu pai e sou um soldado vermelho.

— Não, este papá não se parece com o meu.

Via uma lágrima nos olhos de Dacha.

— Pois bem. Admitamos que eu não sou teu pai. Mas tu, de qualquer modo, és minha filha. Vamos ser camaradas, valeu? Da próxima vez vou trazer-te açúcar. Nem que tenha de remover montanhas, mas hei-de trazer-to. Mas então a mamã vale mais que eu? Tu estás sempre aqui e a mamã anda sempre por fora.

— Não, a mamã está aqui, está aqui de dia e está aqui quando já não é dia. E o papá nunca cá está. Anda na guerra contra os burgueses...

— Boa resposta! Vem cá, quero dar-te um beijo.

Crianças de pernas esgalgadas faziam uma dança de roda, olhavam Gleb com olhos mornos, estavam ávidas na expectativa da voz e da mão de Dacha. As raparigas, de cabelos rapados como os rapazes, estendiam para Dacha as mãozinhas carregadas de violetas e cada uma delas forcejava por ser a primeira a oferecer-lhe as flores.

— Tia Dacha! Tia Dacha!

Algures, nas salas mais afastadas, ouvia-se o martelar ruidoso de um piano. E vozes infantis, desafinadas, esganiçavam-se a cantar:

*De pé, crianças do futuro,
Livre praveiramente do mundo inteiro!*

Dacha ria, dava pancadinhas nas cabeças dos garotos acostumados a esta carícia, que eles aliás aguardavam como quem espera pela habitual guloseima.

— Vamos lá a ver, miúdos, que é que vocês comeram, que é que beberam? Quem é que tem a barriga vazia, quem é que tem a barriga cheia, quem é que tem a barriga a dar burras?... Falai, vá!

As respostas vieram em conjunto, num grito unânime. Copavam a cabeça e as mãos. Um rapazinho escuro fungava o nariz e engolia o ranho, e, de olhos fora das órbitas, churramingão, arranhava por debaixo da camisa o corpo suado. Gleb foi à beira dele e levantou-lhe a camisa. Mas o garoto desatou aos berros, aterrorizado, e fugiu para um canto por detrás dos catres. Só se lhe via a cabeça e os desorbitados olhos.

— Sim senhor, mas que grande valentão! Para herói, não está nada mal, esse miúdo. Já tomou posição por trás da barricada!

Gleb, Dacha e os miúdos desataram à gargalhada. Também o sol ria nas janelas abertas, largas como portas.

Dacha partiu à frente, levando Niurka pela mão, sem conceder a Gleb um único olhar. E isso fazia sofrer Gleb. Dacha, segurando a mão da filha, era bem uma mãe, e era-o ainda mais aqui que em casa. E, tal como em casa, ele sentiu-se solitário, sem filha.

Sim, também neste ponto havia para ele toda uma vida a conquistar.

Visitaram todos os andares: passaram ao refeitório onde havia louça e crianças; à cozinha, também cheia de crianças, onde pairavam vapores e cheiro a má comida; foram ao clube deserto, de paredes cobertas de manchas de bolor e garatujas dos miúdos. Era aqui que, à volta de uma rapariga de cabelo rapado e de grande sinal na bochecha, as crianças cantavam a plenos pulmões, desafinadamente:

*De pé, crianças do futuro,
Construtores de um mundo novo!*

Domakha e Lisaveta, duas vizinhas, também lá estavam. E Gleb viu, nelas também, algo de novo que dantes não lhes notara. Ambas estavam tão à vontade como em suas próprias casas. Domakha ajudava na cozinha. De mangus arregaçadas, cara vermelhusca, trabalhava como se

estivesse na sua cozinha. Beijou Dacha.

— Então, cá está finalmente a nossa atamã* Não te esqueças de dizer duas a esses malfadados que estão nos gabinetes da Instrução Pública: o que é preciso é trabalhar e não andar praí com fosquinhas. E ao Comité de Reabastecimento vê lá se o encostas bem à parede. Onde é que já se viu alimentar crianças com bichos e caganitas de rato?... Mas agora é que reparo que o teu mais-que-tudo está de regresso?! Olha, manda-o bugiar, que necessidade tens tu dele? O meu não voltou e assim é que está bem: que vá para o diabo que o carregue. Anda lá, não me estejas praí com esses olhos arregalados, que não me metes medo... Não julgues que por teres um barrate desses me vou pôr em sentido à tua frente... Quanto ao Comité de Reabastecimento, eu própria vou lá, quando passar pelo Gabinete da Instrução e meto-lhes as botas pelas goelas abaixo...

Dacha assentou-lhe uma taponna nos ombros largos e desatou a rir.

— A falar ninguém te bate... Aí és uma mulher de armas, Domakha.

— É preciso dar-lhes pra baixo a todos... Não fazem outra coisa que porem-se a olhar para o umbigo. Vais ver como lhes chego a roupa ao pêlo.

Gleb sentia que o riso lhe queria fugir pela garganta fora.

No economato encontraram Lisaveta, ao pé da ecónoma. Eram ambas mulheres de boa estatura, vestidas com asseio, pareciam duas irmãs de caridade. A ecónoma, escura, de tipo arménio e com uma sombra de bigode; Lisaveta de um louro deslavado, um ar balofo, traços entumecidos (apesar da fome e ruína). Pesavam produtos, verificavam, assentavam.

Lisaveta recebeu Dacha de modo um tanto altaneiro. Só nos olhos se lhe vislumbrou a sombra de um sorriso.

— Passa pela encarregada da rouparia, Dacha. Basta uma lavagem para a roupa ficar em tiras e assim as crianças não se podem mudar. As crianças vão ao bosque buscar lenha, mas entretanto já os operários limpam tudo, não temos nem com que server uma sopa. Mas a quem é que temos de abanar os colarinhos?

Dacha tomava nota dos reparos de Domakha e de Lisaveta. Pequenas rugas se lhe cavavam na junção das sobrançelas.

* Atamã era na Ucrânia, entre os cossacos, o mesmo que chefe. (N. do T.)

— Ficas encarregada, camarada Lisaveta, de inspecionar todos os lares. Depois voltas à secção feminina. É preciso remover céu e terra, lá isso é verdade. E também é verdade que temos que abanar os colarinhos a alguém.

O olhar de Lisaveta só por uma vez aflorou Gleb; depois não reparou mais nele.

Ainda viram mais mulheres, com lenços brancos ou sem lenços, e todas tinham para Dacha sorrisos lisonjeiros. A Gleb lançavam rápidos e temerosos olhares de soslaio. Quem seria ele? Talvez um desses chatos inspectores que era preciso observar muito bem, para se lhe conhecerem os pontos fracos.

Gleb tentava pegar na mãozinha de Niurka. Não parava de murmurar:

— Vá lá, Niurotchka, dá-me a mão... Se vais de mão dada com a mamã, por que é que não me dás a mão a mim?

A garota virava-se, escondia as mãos. Mas quando ele de surpresa pegou nela e a beijou, ela aninhou-se de súbito e, pela primeira vez, o encarou com olhos perscrutadores, pensativos.

— A sua Niurotchka é uma boa rapariguinha...

Isto foi dito pela directora, uma remexida e colorida mulherzinha, de dentes de ouro, e escorregadia como uma enguia.

Dacha estava ao lado dela olhando as janelas e as paredes, o rosto endurecia-se-lhe, para de novo logo ficar inexpressivo.

— Com certeza que sim, a Niurotchka... Mas aqui todas as crianças são iguais. E todas devem ser boas crianças...

— Claro, claro! Nós tudo fazemos pelos filhos dos proletários... Agora toda a nossa atenção deve estar virada para os filhos dos proletários. O poder dos Sovietes está tão atento ao...

Uma surda irritação começava a invadir Gleb.

Estava a mentir, claro. Era preciso ver quais os elementos sociais que aqui se tinham instalado.

Depois vieram as queixas, as recriminações sem fim.

Dacha a tudo respondia de maneira frontal com um tom de voz que ele ainda lhe não conhecia.

— Não se lamente, camarada directora, por favor! Mostre o que se pode fazer e não se queixe. Lamentar-nos não resolve nada...

— Com certeza, com certeza, camarada Tchumalova! Aliás, consigo trabalha-se tão bem e com tanta alegria!

Dacha entrava em todo o lado, tudo coscuvilhava, fazia

perguntas. Por fim, não aguentou mais e penetrou nos quartos do pessoal.

— Mas olha-me isto! Com que então é aqui que estão as cadeiras, as poltronas, os divãs?! E jarros de flores, quadros, mármore, montes de coisas... E no entanto eu tinha-vos dito: “Não se deve faltar com nada às crianças”; é uma vergonha... Será que vocês pensam que faz mal aos miúdos espantarem-se um bocado por cima dos divãs e dos tapetes? Isto não pode continuar assim!

— Mas, Tchumalova, a camarada bem vê... Você tem razão, claro... Contudo a prática dos educadores... a pedagogia... em suma, isso é pouco saudável, leva à preguiça e, você compreende, o pó, os contágios...

Nos olhos da directora como que bailavam alfinetes, enquanto Dacha, maçãs-do-rostro um pouco coradas, continuava a falar no mesmo tom de voz sem olhar para ela.

— Quero lá saber da vossa prática! As nossas crianças vivem em pocilgas. Dêem-lhes quadros, luz, móveis bonitos... Devemos dar-lhes tudo o que pudermos... É preciso arranjar, beneficiar e decorar o clube... É preciso que elas comam, que brinquem, que aprendam a amar a natureza. Tudo para elas, nem que não haja nada para nós! Apertemos o cinto, privemo-nos de tudo, mas demo-lhes o que houver... E o pessoal, para não cair na preguiça, é que deve ser metido nos sótãos... Por favor, camarada directora, não me atire com areia para os olhos. Eu já percebi tudo muito bem, para além da sua prática há outras coisas mais...

Mas a remexida mulherzinha, toda colorida, dentes de ouro, exibiu um sorriso de admiração. E sempre aqueles alfinetes a bailarem-lhe nos olhos.

— Mas qual é a dúvida, camarada Tchumalova? Quanto a intuição e atenção, a camarada não tem quem se lhe compare. Sob a sua direcção tudo correrá bem, tudo correrá pelo melhor...

Quando se foram embora, Dacha mimava ainda Niurka, e a miudagem agarrava-se a ela como bando de passarinhos lançando os seus desafinados gorjeios no meio de um prado.

Niurka fitava no pai uns olhos pensativos.

— Queres voltar para casa, Niurotchka? Brincas lá, como dantes... Ficas ao pé do pai e da mãe.

— Qual casa? A minha caminha é ali ao fundo. Esta manhã bebemos leite. E vamos marchar com música.

E pela primeira vez envolveu com os bracinhos, tímida e doce, o pescoço do pai; e havia nos seus olhinhos (como os

da mãe) uma brasa, escondida debaixo da cinza, o clarão de uma indecisa questão.

No caminho entre o Lar e a calçada Dacha manteve-se silenciosa. Iluminava-lhe o rosto uma ternura que persistia, teimosa. Quando chegaram à calçada, ela disse, como se falasse consigo própria:

— Temos muito que trabalhar na secção feminina. O difícil não é educar as crianças... é educar o raio das nossas mulheres... Se não tivéssemos olho e mão nelas roubavam tudo, tudo, até à última migalha. Têm mentalidade de escravos! O inimigo está por todo o lado... E que inimigos, que inimigos! Para essa gente de dentes de ouro a coisa compreende-se... Mas as nossas... as nossas, Gleb! Continuam a ser escravas... Que dizes aos métodos de força, Gleb?

III. O COMITÉ

1. O Camarada Juk, Forte em Contestação

Palácio do Trabalho: uma pesada construção de tijolo de dois andares, postada sobre o cais, não longe do comprido viaduto assente em pilares que se estende até à baía. Dos dois lados da fachada, separando o cais da estação do caminho-de-ferro, alonga-se um muro de betão. Nos buracos e rachas do muro estendiam-se, enrolavam-se, ramificavam-se os nervos metálicos dos carris, uns enferrujados e polidos outros. Os barracões do depósito espalhavam-se até à gare. Semelhantes a torres antigas, erguiam-se as cimeiras do elevador, o qual, ao longe, no sopé da montanha dourada, fazia lembrar um vasto templo.

Na calçada ouvia-se o ruído das atrelagens aos solavancos, ao longo do muro, como petardos de explosões; a mole cinzenta dos cais, pontuados de ciclóticos anéis para a atracagem de transatlânticos, recortavam a baía, tal como o sonoro brilho dos carris esticados entre destroços de carruagens, em quarteirões de pedra separados por cabos desertos e molhes. Ao longe, no meio da primavera bruma, ondulavam os mantos de água do porto brincando com a luz, e as embarcações de pesca espanejavam-se refulgentes pela água fora misturadas às gaivotas. Os dorsos bovinos dos golfinhos cabriolavam nas vagas; luziam ao sol as prateadas escamas dos cardumes.

Cais deserto, mar faminto... Por que águas, por que paí-

ses vagueiam, cativos, os teus batéis?...

Existe um jardim, que outrora foi florido, perto do Palácio do Trabalho, mesmo em frente do portão a que conduz uma monumental escadaria, jardim esse pejado de castanheiros. Mas flores, já se lá não vêem nenhuma, os castanheiros foram derrubados para lenha, a cerca está destruída.

Mas lá muito no alto, por cima do telhado, vê-se bem, nas dobras vermelhas da bandeira, a intermitência branca das maiúsculas: RSFSR *.

Há dois corredores cruzados: um conduz em linha recta à sala de sessões (de portas abertas inundadas do vermelho das bandeiras), o outro leva, tanto à direita como à esquerda, a dois buracos negros. O da direita ao Comité do Partido, o da esquerda ao Conselho dos Sindicatos.

Ar saturado de tabaco, muros sujos de borradelas de lama, lambris partidos e esburacados, era o que por todo o lado se via. Homens de pele branca e homens de pele castanha, alguns com pastas, e homens, simplesmente homens, esfarrapados, de pé descalço ou de botas (o mês de Março ainda mal acabara de descer dos montes e já fazia calor). Por toda a parte, nos corredores, nas salas, vozes cantadas, o calcar pesado das botas ou o patinhar dos pés descalços e o estalido metálico das culatras das espingardas do estado-maior do batalhão especial.

Gleb tomou pelo corredor da direita.

Estavam dois homens de pé diante das portas vidradas do Comité do Partido, ambos de silhuetas em contornos nítidos e lisos no enquadramento das portas. Um era careca e de nariz turco, o lábio superior curto, a boca entreaberta num sorriso; o outro tinha um nariz arrebitado, a testa baixa, o queixo grosso.

— Isto é vergonhoso, caro camarada! É uma vergonha, é abominável!

Falava o homem do nariz chato, ou antes, latia furioso.

— A burocracia está a roer-vos como lepra...

— Você está enganado, camarada Juk, não é nada disso. O importante não reside aí. Nós temos muitos inimigos, camarada Juk... O que precisamos é de uma implacável mão de ferro, de outro modo a República fica colocada entre a espada e a parede... É nisso que é preciso pensar. Eu até o compreendo, camarada Juk, mas os Soviéticos devem possuir administrações fortes e bem delineadas, com um

* Sigla da República Socialista Federativa Soviética da Rússia. (N. do T.)

funcionamento a toda a prova, mesmo burocráticas... que trabalhem sem incidentes.

— Ah, tu também, também enveredaste por esse caminho... Como toda a gente... E a classe operária?... Serguei, meu caro camarada, isto dói...

— Só uma coisa é agora importante, camarada Juk: o trabalho entre as massas... O importante é o trabalho, e ainda o trabalho, sempre o trabalho... As massas devem penetrar de uma vez por todas nas administrações da República até aos mais altos cargos. A frase do camarada Lénine sobre as cozinheiras deve entrar nos nossos hábitos como facto assente... É aí que bate o ponto... E você labora em erro...

— Tu és exactamente aquilo que se chama um comunista devotado, mas ceguinho de todo. O que a classe operária precisa é de um pouco mais de ardor e, quanto aos inimigos, que vão pró raio que os parta! Já lhes torcemos o pescoço e podemos continuar...

Gleb reconheceu no ladrar desse queixume, naquele perfil ferido, o seu velho amigo, o torneiro Juk das Aciarias Marítimas. Aí estava um que não tinha mudado. Refilava e acusava hoje tal como o fazia três anos atrás.

Gleb aproximou-se dele e apertou-lhe o ombro com força.

— Bom dia, amigo! Ainda continuas a gritar? A denunciar? Quando será que te deixas disso? O que é preciso é ir prá frente e vergar a mola. Mas tu é só bocas, nariz de milhafre.

Juk, espantado, arregalou os olhos e a sua cara de assombro parecia que se ia partir toda aos bocadinhos. Bebeu uma golada de ar e expeliu-a num assobio.

— Gleb! Querido camarada! Meu velho! Meu grande combatente! Ó minha mãe!

Abraçou-o, soprando-lhe para a cara o seu calor suado.

— És mesmo tu? Meu grande amigo! Agora é que vamos metê-los na ordem, eu e tu e já de seguida... vamos passar-lhes um chá tremendo a todos. Que te parece? Olha bem, Serguei, este é o meu melhor amigo... Na desgraça e no sangue.

Gleb e Serguei deram um aperto de mão, os dedos só por um instante se afloraram com prudência, alheios. Gleb sentiu nesses dedos uma moleza, uma timidez de rapariga.

Um intelectual... cheio de maneirismos... um delicado...

Encarou nele. Caracóis ruivos, tons de coral, olhos de um castanho ruço sorridentes e nos cantos da boca o mes-

mo sorriso que parecia trocista, mas com uma indefinível ponta de carinho e interrogação.

— Já o conheço, camarada Tchumalov. Vi-o quando cá se veio registar. Falaram de si no Gabinete do Comité. Chega mesmo em boa altura. Passe pelo secretário, camarada Tchumalov. Ele está em reunião mas telefonou a dar ordem para o convocar. Pode ir... Ele chama-se Jidki.

— Não, Serguei, leva-o lá tu, para ti é mais fácil. E eu vou atrás de vós, só para ver se eles o conseguem apanhar à mão.

— Estou ocupadíssimo, camarada Juk. Vou ter já de imediato uma conferência na secção de agitação, depois uma reunião do colégio da secção do Gabinete Regional da Instrução Pública, depois tenho de fazer uma intervenção na...

— Serguei, meu velho! És um homem instruído, mas tens tanto préstimo como uma freira: és só obediência e contrição...

A camarada Miekhova, directora da secção feminina do partido, estava instalada à mesa junto à janela, de blusa azul, um lápis na mão. O sol brincava nas fateixas luminosas do seu cabelo que fugiam de dentro do lenço vermelho. Tinha um buço ligeiro, tal um adolescente; por cima dos sobrolhos perpassava-lhe como que uma poeira de centelhas; os sobrolhos estavam tremelicanos como as asas de um grilo cantador. E como uma adolescente tinha as faces coloridas, as bochechas ombreadas de covinhas.

Dacha estava de pé ao lado da mesa e falava com uma voz forte, puxada do fundo da garganta. A Gleb apenas o aflorou com a fugaça de um rápido olhar, rosto fechado, ocupando-se de outra coisa, inacessível e alheia a ele. Ao longo da parede estavam ao pé dela outras mulheres. Todas de lenços vermelhos. Todas ouvidos.

Juk pôs-se a rir e Gleb puxou-lhe a manga do casaco.

— Zona perigosa, meu amigo, a frente feminina. Elas arranham, picam, berram. Olho alerta.

Serguei arvorava um confuso sorriso.

Dacha, de cabeça erguida, braços cruzados, calou-se, à espera que os intrusos saíssem.

A camarada Miekhova bateu com a mão na mesa.

— Passem, camaradas, não nos perturbem. Continua, Dacha.

Mas mal Dacha recomeçara a falar e já ela a interrompia.

— À volta, camarada Tchumalov, passe por aqui. Quero falar consigo.

Gleb levou a mão ao boné.
— Está bem.
Dacha falava das creches da cidade.

2. Uma Proposta Concreta

Mal abriram a porta da sala de Jidki, escapou dela uma lufada de ar quente, sufocante, viciado de fumo.

Também aqui o sol entrava, mas não em poalhas de ouro como na sala de Miekhova, da janela por cima da mesa eram projectados raios esverdeados. Incendiavam-se espirais de fogo, no ar vogava suspensa a poalha de fumo, poeira e luz.

Junto à mesa, os dois homens estavam como que envolvidos por um vapor de fumo e sol. Vestiam blusões de couro desabotoados. Eram eles Jidki e o presidente da Tcheka *, Tchibiss. Ambos de cara rapada. Tchibiss, face poeirenta, brancas sobrancelhas, chispava por debaixo delas um olhar de gume de aço. Sentado à frente dele, Jidki parecia em repouso. Tinha o rosto cortado por rugas verticais e um nariz asiático de narinas moventes.

O presidente do Conselho dos Sindicatos, Likhava, muito jovem, silhueta ossuda espatulada em tons de negro (pretos os cabelos, muito escuro o rosto, camisa negra), nos olhos uma febre dominada, estava acorocado no peitoril da janela e de pés na ombreira. Escutava em silêncio, o queixo apoiado nos joelhos.

Gleb saudou com o amplo gesto de levar a mão ao boné. Mas Jidki não lhe prestou atenção: entravam ali tantos camaradas do partido que ele nem sequer tinha tempo de responder aos cumprimentos.

— Vejamos, há os serradores. Há a Secção do Serviço Florestal. Há os *stocks*.

Pontuava as frases batendo com o lápis na mesa.

— E depois?... A finalidade é levar a lenha para a cidade. Mas a lenha está na outra vertente, do lado da costa. Os esforços dos lenhadores foram inúteis. É preciso achar um meio seguro e rápido de transportá-la antes do Inverno. Para o diabo as meias-medidas: é preciso ir para a cabeça do touro. Ora isso implica um enorme redobrar de forças, uma concentração de todas as energias. A Secção do Serviço Florestal não cumpriu a sua tarefa: instalou-se lá toda uma corja de oportunistas e mercadores de carcaças, mesmo boa

* Abreviatura de Comissão Extraordinária de Toda a Rússia para a Luta contra a Sabotagem e a Contra-Revolução. (N. do T.)

para ser encostada à parede. Em breve os lenhadores se revoltarão, já estão a morrer de fome. É necessária a madeira, de outro modo vamos ser obrigados a empilhar como toros os cadáveres dos filhos de operários. A sessão do Conselho da Economia vai ser daqui a uma semana, é preciso que estejamos preparados para ela. Dá lá a tua opinião, Likhava.

Tchibiss não olhava para ninguém e no seu poeirento rosto não era possível vislumbrar se ele pensava ou se, aborrecido, descansava.

Likhava apertou mais com as mãos ossudas os joelhos contra o peito e esse convulso gesto fê-lo torcer todo sobre si próprio. Desatou numa gargalhada infantil, sacudida, soluçante.

— Por que perdes a cabeça, Jidki? Aqui não há nem pode haver becos sem saída: o que há são problemas.

As narinas de Jidki fremiavam sugando o ar, o que dava ao seu rosto uma expressão de riso de uma admiração impossível de conter.

— Há que tirar partido da potencialidade mecânica da fábrica...

Serguei estendeu a mão e pediu a palavra:

— Eu queria justamente... ainda sobre a proposta de Likhava...

Um sorriso fragmentou as rugas de Jidki, e Gleb leu nesse sorriso um gozo indulgente e meigo.

— Serguei tem uma proposta concreta a formular, camaradas. Diz lá qual é...

— Gostaria, a respeito da proposta do camarada Likhava, chamar a vossa atenção para o camarada Tchumalov. Podemos abreviar a discussão deste problema se o camarada Tchumalov, que é um operário da fábrica, der a sua opinião... Mas agora, neste preciso momento, tenho de...

Jidki interrompeu-o com um gesto.

— Alto aí! Serguei, como sempre, declama com sentimento e fica com a careca vermelha...

— Neste preciso momento tenho de me dirigir à conferência da secção de agitação, depois ao colégio do Gabinete Regional da Instrução Pública, e depois...

Tchibiss fez um sorriso gozão e debitou com voz preguiçosa, fitando em Serguei os olhos acutilantes:

— És um intelectual, pá! Quando pronuncias esse “e depois” parece que estás a rezar uma oração. E depois os malditos dos problemas nem deixam dormir estes tipos à noite... Dentro do partido os intelectuais são sempre uns burros: sentem-se com um peso enorme em cima do lombo e com sentimentos de culpa.

Serguei corou, confuso, e lágrimas afluíram-lhe à humidade ruiva dos olhos.

— Mas você também é um intelectual, camarada Tchibiss...

— Sim, também sou um intelectual.

Jidki conservava o sorriso irónico e acariciante.

— Muito bem, camarada Tchumalov... Aproxima-te. Tens de ficar de pé porque não há mais cadeiras...

Gleb aproximou-se da mesa e pôs-se em sentido.

— Desmobilizado na qualidade de operário qualificado. Posto à disposição do Comité do Partido.

Sem deixar de o fixar, Jidki estendeu-lhe a mão.

— Camarada Tchumalov, nomeámo-te secretário da célula comunista da fábrica, que está completamente desorganizada. Quem se instalou lá foram os candongueiros. Esse pessoal ficou maluco pelas cabras e pelos isqueiros. A fábrica está a saque. Tu já estás ao corrente disso, portanto organiza uma célula forte, activa, dirigida com métodos militares.

— Muito bem, camarada Jidki.

Lukhava, sempre de queixo encostado aos joelhos, ia mascando um cigarro metido ao canto da boca e olhava Gleb com os olhos franzidos, de um brilho febril, cuja aguda interrogação se diria penetrar até ao fundo da alma, como o rasgão de uma garra. Quando Gleb acabou de falar, disse em tom frio, negligente, voltado para Jidki:

— Manda-o para a Secção de Organização e Instrução... Não podemos interromper a reunião por causa dessas bagatelas.

Gleb ergueu a cabeça, enfrentou o olhar de Lukhava, mas não disse nada.

Tchibiss olhou-o por entre a cerrada cortina das pestanas.

— Você é um operário qualificado... um comissário no exército... Por que é que deixou a tropa, uma vez que a fábrica está parada por vários anos?

Gleb virou-se para Tchibiss, mas respondeu a todos.

— Parada, a fábrica, dizem vocês? Vamos lá! Aquilo cheira mal, é um lugar de abominável desolação, uma corte de gado. Vocês queriam pôr a pata em cima do cachaço dos operários e correr com as cabras. Mas que é da produção?... É preciso arrancar o mal pela raiz, reactivar a fábrica... Ou então os operários deixarão de ser operários para se tornarem porquinhos.

De novo tropeçou no olhar de Lukhava, de novo encon-

trou nos seus olhos franzidos uma indefinível alusão a desafio.

— Os heróis condecorados com a ordem da Bandeira Vermelha ainda têm muito que aprender para verem as coisas tais como elas são.

Tchibiss estava sentado, apoiado às costas da cadeira e também desta vez não se via se estava a seguir a discussão ou se estava a descansar, aborrecido.

Jidki fungava, um sorriso a repuxar-lhe as faces.

— Vamos continuar com a discussão do problema dos combustíveis.

As palavras de Lukhava, tão provocantes como o seu sorriso e a indistinta alusão dos seus olhos franzidos, ainda fazia tremer Gleb cujo sangue lhe fervia nas veias.

— Nem uma bucha nos resta, camarada Tchumalov. Rebentamos de fome. Os petizes morrem como moscas nos Lares da Criança. Os operários estão desorganizados. Para que raio precisamos da fábrica? Que balelas nos vens tu para aqui contar? A questão não é essa. Que nos podes tu adiantar sobre o transporte para a cidade da lenha que se corta nas florestas? Como pode a fábrica contribuir para esse transporte?

— Pois bem. Sem combustível, sem máquinas, nada feito. É claro como água.

— Diz-nos como se pode fazer a coisa na prática, sem grandes frases.

Gleb fez uma pausa e olhou distraidamente pela janela.

— A coisa pode ser feita do seguinte modo: até à crista do monte, no funicular; nas vagonetas até ao molhe; em vãos até à cidade e à gare. Há que fazer uma campanha de trabalho voluntário ao domingo em todos os sindicatos.

Juk abafava, inundado de suor, de alma e coração com Gleb, rangendo alegremente os dentes.

— Aí estão vocês todos, a deliberar... como odres cheios... E olhem para ele, como é que ele resolve as coisas... com toda a fibra...

Ninguém o ouvia e, sempre absorvido pelos pequenos nada do quotidiano, neles se sumia acompanhado dos seus costumeiros gestos, como se de um insignificante pormenor se tratasse. Estava ali mas ninguém o via, e os gritos que brotavam do mais profundo da sua alma ninguém os escutava.

Jidki, faces sulcadas de rugas, traçava no papel rectas e curvas que depois seccionava com riscos sucessivos. E como o seu rosto se tinha volvido calmo e banal, parecia de súbito abatido e velho.

— Parece-me que tu querias falar a este propósito, Lukhava.

Lukhava saltou da janela, passou por diante de Gleb e depois voltou à janela.

— Penso mais ou menos como o camarada Tchumalov. Ele exprimiu o meu pensamento melhor do que eu o teria feito. Acho que se deve aceitar a sua proposta sem discussão e convidá-lo para a reunião do Conselho da Economia na qualidade de relator.

Jidki atirou para cima da mesa o lápis que, por ricochete, foi parar aos pés de Gleb.

— Utopia, camarada Tchumalov. Não passes o teu tempo a tagarelar sobre a fábrica. A fábrica é um túmulo de pedras. Não estamos a tratar da fábrica mas de combustível. Já não há fábrica, há uma pedreira deserta. A fábrica é para nós do domínio do passado ou do futuro. Cinjamo-nos ao presente, ao transporte da madeira.

— Não sei o que na sua opinião é utópico, camarada Jidki. Se não for você a avançar primeiro com a palavra “fábrica”, os operários encarregam-se disso. Mas que é que você me está praí a dizer? Que a fábrica pertence ao passado ou ao futuro... Já estiveram na fábrica? Já viram os Diesel e os operários? Por que é que os operários põem a fábrica a saque? Por que é que as chuvas e ventos roem o ferro e o betão? Por que é que a destruição não pára? Por que é que se acumulam os escombros? Por que é que os operários são obrigados a fazer biscates e, de barriga vazia e sem rei nem roque, se estão marimbando para tudo? E vêm-lhes agora contar a história de que a fábrica já não é uma fábrica mas uma pedreira abandonada! O operário tem razão em pôr a fábrica a saque e em levar tudo para casa, porque tudo leva sumiço, se perde... Fazeis-lhe uma lavagem ao cérebro, mas de concreto que é que fazeis para que ele seja um proletário consciente e não um oportunista?

Jidki estremeceu, arregalaram-se-lhe os olhos.

— Estás a fazer da fábrica um ídolo, camarada Tchumalov. Que necessidade temos da fábrica quando campeia por aí o banditismo, a fome, e quando as nossas instituições soviéticas estão a abarrotar de traidores e conspiradores? Quem tem necessidade do vosso cimento e das vossas milhares oficinas? Para quê? Para construir valas comuns? Pregais a conquista da produção quando os camponeses descem às cidades em hordas tártaras...

— Eu sei, camarada Jidki, e tão bem como você. Mas não podemos pôr ombros ao trabalho feitos vagabundos e lançarmo-nos na construção assim como uns desgraça-

dos. Raios que os partam, aos seus métodos de usurário! É começando pela edificação que devemos lançar mãos à obra, começando pelo restabelecimento da produção. É assim que deve ser colocada a questão... Ou então só temos que baixar os braços e ficar à espera que os camponeses nos venham linchar...

Tchibiss levantou-se e dirigiu-se para a porta. Parou na soleira e disse com voz monótona, acentuando as pausas:

— O nosso destacamento especial é mau. Se se fala da fábrica, por que não falar também da vida de caserna e dos métodos de força?

E saiu sem se voltar.

Jidki ficou a olhar para a porta. Um sorriso de compreensão bailava-lhe nos olhos.

— Não discutamos, camarada Tchumalov. Não se trata de pôr a fábrica em marcha mas sim de organizar as massas. É isso que é justo.

Jidki ria, as narinas frementes, apertando com força a mão de Gleb.

— Já agora, camarada Tchumalov, vê lá se tomas conta deste velho Juk que começa a parecer-se com um rato esfaimado.

Gleb pegou em Juk e arrastou-o para a porta.

— Gleb, meu camarada! Removeremos montanhas, meu amigo... Taparemos todos os buracos...

A voz de Jidki alcançou-os:

— Seria uma boa ideia, camarada Tchumalov, falares a sério com o presidente do Executivo do Soviete, Badine.

Na ombreira da porta, Lukhava apertou o braço a Gleb. Havia um ar febril nos seus olhos e nas suas palavras.

— Dacha falou-me de si. Vamos examinar em conjunto o seu plano a fazer dele o principal objectivo do nosso trabalho. É preciso agir com factos e não com palavras. O futuro está nos cérebros. Mas quando se torna realidade, transforma-se em músculos.

Os dois homens olharam-se fixamente. Gleb de novo sentiu que as palavras e os olhares de Lukhava lhe penetravam — como uma picadela — até à alma.

Dacha... Lukhava... Não seria Lukhava a chave do enigma?

3. A Mulher dos Caracóis Louros

Gleb foi ao gabinete de Miekhova. Ao entrar, tombou uma cadeira que se lhe emaranhou nos pés. Miekhova, con-

tendo uma risada, encarou-o com ironia.

— Não seja tão voluntarioso, camarada Tchumalov. Estamos em tempo de paz e é assim que trabalhamos aqui.

— Desculpe, estou acostumado a ter liberdade de acção.

— Vá-se habituando a portar de outra maneira. Aqui não tarda que o ponham a uma secretária, e em breve terá uma ocupação administrativa como toda a gente. E depressa se vai esquecer do cheiro a pólvora e do romantismo dos combates. Você vai amolecer, camarada, e perder esse bom aspecto. Parece que o nomearam secretário da célula da fábrica, não? Vamos lá a ver como se desenrasca no meio desse pessoal. As mulheres, é impossível abordá-las, só querem saber de porcos e cabras. Cada casa é uma loja e um armazém de objectos roubados. Mais seis meses e a fábrica fica feita em cacos. Uma fábrica destas!

— E nós que estamos a pensar em pô-la de pé, veja lá!, que estamos a afinar os Diesel e os dinamos, que construímos planos inclinados no alto do monte para trazermos combustível para cá...

— Vocês dizem todos a mesma coisa. Quem vos ouça há-de dizer que sois todos uns heróis, mas na realidade o que todos querem é instalar-se um bocado mais comodamente na vida e tornar-se burgueses soviéticos. O ramerrão quotidiano é muito chato. No exército está-se muito melhor. Até eu quis ir para lá mas não me deixaram. Parece que só a sua mulher é que não é afectada por essa rotina do dia-a-dia e consegue ver grandes coisas nos mais pequenos pormenores.

Dacha, de pé junto à parede, sorria trocista. E os seus gestos traíam impaciência.

— Agora, a única ocupação deste valentão é dar à língua. Desanda, guerreiro, estás-nos a incomodar... Vai-te embora enquanto é tempo...

— Está a ver? Que mulher séria e prática ela é!

— É verdade. Dacha é formidável na sabotagem do casal.

Miekhova pôs-se a rir fazendo abanar os caracóis.

— Quer dizer que ela não cumpre as suas obrigações conjugais? Que pena! É o exemplo da mulher estragada pela Revolução...

Dacha também ria, mas nesse riso Gleb não distinguia o tom encantatório do seu antigo riso.

Todas as mulheres, aliás, estavam numa risada pegada. Tinham posto Juk na rua aos empurrões e gritavam-lhe no corredor:

— Acabou o vosso reinado, bodes sem barba! Desde que vos raparam a barba ficastes com uma carinha de mulher.

Miekhova fitava de novo Gleb com um olhar penetrante; pareceu a Gleb que ela o farejava com avidez.

— Você ainda não se deu bem conta do clima que aqui se vive, ainda está de alma e coração na guerra, no exército. Parece que está de abalada para a frente de combate. Ora conte-me lá as suas proezas. Quando é que recebeu a ordem da Bandeira Vermelha? Se soubesse como eu gosto da vida da frente... Até já houve uma altura em que combati nas trincheiras... na zona de Manitch...

Sorria, com um sorriso que não se dirigia bem a Gleb, embora ela o fitasse bem nos olhos com uma cintilação de alegria contida.

— Era bom! Foram dias inesquecíveis... Como os de Moscovo em Outubro... É uma coisa que fica para toda a vida... Foram dias de heroísmo.

— De acordo, camarada Miekhova... Mas também aqui, nas posições conquistadas pela classe operária, é necessário heroísmo. A situação é difícil: ruína, desperdício, confusão, fome... Bom! Desabou a montanha, esmagando o homem como se fosse um sapo. Pois bem, é preciso levantarmo-nos, pôr a montanha no lugar. Impossível? Mas é isso, justamente, o heroísmo... fazer o impossível.

— Sim, sim... Gostava de falar disso consigo, camarada Tchumalov. O heroísmo é justamente isso, o esforço concentrado, unânime... E a partir daí, já nada existe de impossível.

Riu de novo e mais se avivaram as chispas dos seus olhos.

— É isso! É a palavra certa... Fazer o impossível. Gostava de falar nisto consigo, camarada Tchumalov. Moro na Casa dos Sovietes.

Dacha, trocista, envolvia Miekhova e Gleb num olhar perscrutador. Aproximou-se de Gleb, agarrou-o pelos ombros e fê-lo girar sobre si mesmo empurrando-o para a porta.

— Fora daqui, meu soldadinho! Não tens nada a fazer aqui.

Gleb voltou-se, agarrou-a pela cintura e arrebatou-a. Foi como se uma mola desatasse uma gargalhada geral entre as mulheres. E esta carícia, diante de toda a gente, arrancou um grito a Dacha que estreitou Gleb com os braços. E neste fulgurante segundo Gleb reencontrou o coração de Dacha e o seu querido, feminino riso.

— Você sabe, camarada Tchumalov, quem é a sua Dacha? Ela não lhe contou as suas aventuras? Aconteceram aqui montes de coisas que talvez nem você próprio tenha vivido outras assim...

Dacha estremeceu e soltou-se das mãos de Gleb.

— Eu não quero, camarada Miekhova, que fales de mim, nem a propósito nem a despropósito. Pára com as tuas brincadeiras, camarada Miekhova. E deixa-me em paz.

Miekhova corou, confundida.

— Isto é assim? Não sabia que para ti isto era matéria proibida.

Por que tinha ela estremecido? Por que tinha ela calado a boca de Miekhova? Por que não falava ela dos seus anos de viuvez conhecidos de toda a gente?

No corredor, Miekhova alcançou Gleb.

— Um momento, camarada Tchumalov. Você não disse o que é que resolveram lá em baixo, com Jidki. Eu quero ficar já ao corrente. Estamos a apodrecer metidas neste buraco e a rotina quotidiana faz de nós uma espécie de toupeiras. A Revolução exige algo mais. Se você decidir perturbar o caminho rotineiro do Soviete e do Partido, faça-o com unhas e dentes. Quanto a mim, estarei sempre consigo, camarada Tchumalov. Estarei consigo faça você o que fizer. Sinto que não se vai deixar afundar: você esteve no exército. Mais uma coisa, camarada, de momento deixe Dacha em paz... Eu há bocado fui parva... Ela própria irá ter consigo, vai ver... Que quer fazer?

— Tudo, até pôr a fábrica a andar, se daqui até lá não ficarmos com os ossos todos partidos.

— Bom, vá lá, não preciso de mais nada.

Sorriu-lhe com o movediço fulgurar dos olhos e dos caracóis ondulantes e voltou precipitadamente para trás.

Juk recebeu na rua Gleb com espalhafatosos, alegres gestos.

— Então, quais são os nossos trunfos? Que dizes a isto? Eu vou desmascarar as manigâncias deles todos, meu irmão. Irei por todo o lado, irei esconjurar o mal aos lugares mais perdidos que houver. Eles já sabem quem eu sou, todos os dias lhes prego partidas, a esses empatas, não lhes dou um segundo de descanso, garanto-te... Mas contigo, vamos remover montanhas... Vamos dar a volta à burocracia, varrê-la como escumilha!

IV. CLUBE OPERÁRIO “A COMINTERN”

1. A Célula do PCR

O Clube Operário da Internacional Comunista ocupava o antigo edifício da direcção, solidamente construído em pedra bruta de três cores: amarelo, azul e verde. Os dois andares do edifício erguiam-se em bloco, mesmo na rocha invadida pelas moitas e arbustos. Era uma construção severa, de sóbria arquitectura puritana, como uma igreja protestante, mas rica, pródiga em varandas rasgadas, balcões esculpidos, em dependências (também elegantes e sólidas), canteiros e terrenos de jogos. Um labirinto de obscuros corredores, cortados de escadarias de obeliscos de carvalho e com lâmpadas em mosaico dava no seu interior para uma infinidade de salas, todas elas atapetadas de belos panos, ornamentadas de painéis, quadros de mestres, amplos espelhos e móveis de estilo.

Um jardim, dantes reservado às flores e frutos, agora ao abandono e devorado pelas cabras, de áleas invadidas pelo mato, seguia na fachada os declives da montanha. Era cercado por um gradeamento de ferro fundido. À direita e à esquerda viam-se, para lá das montanhas, as chaminés gigantes da fábrica e, muito ao longe, nas fendas da rocha, pedreiras e funiculares devastados.

Aqui vivia em tempos idos um misterioso ancião, que os operários só de longe divisavam e cuja voz todo-poderosa nunca ouviam. E era estranho que ele tenha podido viver, esse tão velho e importante director, sem ser presa do terror na solidão dos trinta quartos vazios do seu palácio, sem ser agora mortificado de pesadelos diante da porcária, do fedor, da existência animal das multidões operárias enlatadas nos tugúrios e camaratas. Viera a guerra, depois a revolução, o cataclismo... O director, impotente e miserável, fugira do velho mundo que ruía. Os engenheiros, os técnicos, os químicos fugiram com ele. Só ficou um, o engenheiro Kleist, o mais velho dos construtores da fábrica. Fechou-se no seu gabinete de trabalho, no grande edifício da administração, do outro lado da calçada, em baixo, frente ao palácio, a sua última criação...

Até que veio um dia de Primavera, de ardentes clarões por cima das nuvens, do mar e das montanhas, um dia em que o ar parecia trespassar os olhos de incontáveis espinhos de sol. Os operários da fábrica tinham-se reunido na oficina de serralharia. O serralheiro Gromada propôs então, no

meio de empurrões, clamores e fumo de tabaco:

— Vamos fazer do palácio do director, esse vampiro, um clube operário e baptizá-lo de *A Internacional Comunista*.

O rés-do-chão foi atribuído ao clube e às células do Partido e da Juventude Comunista, o primeiro andar à biblioteca e à brigada especial.

E nestes lugares onde outrora reinava o silêncio, as áleas alcatroadas, dantes rigorosamente proibidas aos operários, ecoavam à tardinha, quando as janelas se incendiavam dos reflexos do Sol poente, com os bramidos da orquestra, a voz dos cobres, a explosão dos tambores. Para a biblioteca do director foram levados os livros dos engenheiros em fuga. Eram belos livros, bem encadernados, de lombadas douradas, misteriosamente estranhos nos seus belos armários: eram livros alemães.

Os operários continuavam a viver nos seus tugúrios e camaratas. As casas dos engenheiros continuavam desertas, assustadoras na sua enfiada de quartos vazios.

Os operários faziam isqueiros na oficina de serralharia. Ao tombar do dia, iam buscar as cabras ao monte. As mulheres iam à povoação cossaca e à aldeia próxima arranjar víveres para depois venderem a preços especulativos.

E o primeiro andar do palácio repercutia bramidos de cobres e explosões de tambores.

Gleb abriu no clube a reunião extraordinária da célula.

Era uma ampla sala com altos madeiramentos de bétula da Carélia e móveis simples e artesanais da mesma madeira. Os raios do fim da tarde douravam móveis e madeiramentos. Do salão de festas foram trazidos bancos de madeira rústica.

Gleb, na mesa, olhava para todos aqueles rostos ao mesmo tempo e todos lhe pareciam iguais. Ou antes, eram diferentes mas fundiam-se num todo, unidos como um rosto único por não se sabe bem o quê de comum. Não se sabe? E no entanto essa marca comum ardia brumosa, irritava a retina, irritava o cérebro que procurava defini-la e se chocava com a sua inexplicabilidade. De súbito Gleb compreendeu: era a fome.

Eram numerosos os que só agora viam Gleb. Mas saudavam-no preguiçosamente, com indiferença, como se nunca tivesse saído de ao pé deles. Muitos tinham-no visto pela primeira vez naquele fim de tarde crepuscular em que os oficiais o tinham feito sair, com alguns outros, das fileiras

de operários alinhados às portas da fábrica e o tinham so-vado.

Havia quem lhe apertasse a mão com força e de sorriso tenso, e, não sabendo o que dizer, exclamava banalidades:

— Então... meu velho, tudo bem?... Com que então, de volta?

Depois iam ocupar o seu lugar sem se voltarem. Mas, uma vez sentados, não paravam de olhar para ele com um sorriso que não podiam conter.

Eis que chega Gromada desatando a rir e elevando a sua rouca voz de tísico.

— Isto agora vai correr de outra maneira, camarada Tchumalov, sou eu que o digo! Vá lá, avança! Não admitas discussões. Somos comunistas mas deixámo-nos desorganizar pelas cabras e pelos isqueiros... Põe-nos perante os factos e nada de explicações!

Virou-se para os operários. O entusiasmo agarrava-o pela garganta, abafava-o.

— Cãmbada de vadios! Aqui está um homem que atravessou a morte e coisa e tal... Não tomo a palavra porque esteja na ordem de trabalhos, digo eu, mas como ponto prévio: foi ele, Tchumalov, que me fez dar a volta a tudo o que eu tinha cá dentro... Foi ele que me levou para o PCR.

Ouviam Gromada em ar de gozo, pelo despropósito da sua intervenção. E não era por acaso que o próprio Tchumalov lhe sorria como a uma criança. O pessoal divertia-se no meio da nuvem de fumo do tabaco e por entre um tossicar trocista.

Lochak estava sentado ao fundo, num canto, negro e corcunda. Estava calado, era o mais pequeno de todos, mas impunha-se, esmagador, com uma morna interrogação inexpressiva no branco dos olhos.

As mulheres não sossegavam, dificilmente se conservavam nos seus lugares, agitavam os farrapos que traziam vestidos, palravam como gralhas. Um tanto de lado estava Dacha, mas bem à vista das mulheres, como se fosse a chefe de fila. Às vezes aproximava-se das mulheres e estas juntavam-se num cacho cochichando e rindo todas ao mesmo tempo.

Estava-se à espera de Lukhava que iria usar da palavra sobre os meios de combater a ruína e a crise de combustível. Mas quando a porta se abriu foi Savtchuk quem entrou, a juba do cabelo emaranhada, descalço, olhos sanguíneos.

Inchado, músculos pesados de força inútil, atirou-se de costas contra a parede e deixou-se escorregar até ficar agachado pesadamente perto da porta fazendo estalar os joe-

lhos cobertos de equimoses e arranhadelas. A tristeza, turvo veneno, enchia-lhe no fundo das órbitas as trevas ébrias dos olhos vencidos.

Dacha abriu a pesada janela de par em par.

...Dispersos nos seus tugúrios, esquecidos da fábrica — dos seus ruídos, fumos, cheiros e poeiras das máquinas — cobertos agora de um pó diferente, o dos ventos da montanha, o pessoal da fábrica, das equipas de oficinas vive um tempo em que erra pela montanha, de saco às costas. Vão pelos carreiros e sendas da estepe em direcção aos povoados e aldeias cossacas, como nas épocas das trocas primitivas, acossados pela fome e por uma fruste cupidez.

As pessoas da fábrica, outrora acordadas, não pelo cantar dos galos, mas pelo grito estridente e metálico das sereias, tinham sucumbido, no correr destes anos, ao encanto das pocilgas, do acre odor da bosta e da quentura boa dos galinheiros. O pessoal das máquinas e oficinas tinha aprendido com os gritos dos porcos e das galinhas, a gritar também pelos porcos, pelas galinhas, pelas cabras, pela pitança da comida pública devorada por descuido pelo bácoro do vizinho.

A electricidade estava cortada e, nas camaratas operárias, o pó abafava o som das sereias, o silêncio e a ociosidade povoavam-se de murmúrios e grunhidos de animais do idílio rústico. O homem aplicado e a mulher poupada fechavam-se, plácidos, no seu acanhado barraco.

Mas no clube *A Internacional Comunista*, na célula da fábrica, os comunistas abriam os olhos; e as suas mãos surradas, os seus andrajos tresandavam à porcaria dos galinheiros e ao fedor amoniacal das pocilgas e currais. Sentavam-se em grupos, cerrados uns contra os outros, e os berros das trompetas e as desusadas palavras que escutavam, evocavam-lhes uma vida passada, esquecida. Também Gleb lhes surgia do passado (como se ali estivesse apenas desde a véspera), dir-se-ia que rodeado de um gordo cheiro a óleo, de ferro aquecido ao rubro e de vapores sulfurosos, como os que emanam das lavas quando arrefecem. E de novo lhes vinham à memória... a fábrica... a produção... os Bremsberg... as oficinas...

Entrou Serguei, atrapalhado, o alto do crânio calvo, mas a cabeça rodeada de caracóis. Aproximou-se de Gleb e falou-lhe baixo e com um tom premente.

Gleb levantou-se e atirou com o boné para cima do parapeito da janela.

— Camaradas, o camarada Ivaguine substitui Lukhava, que está com os estivadores do porto: esses porcos estão

a revoltar-se por causa do racionamento... Vamos começar a reunião... Mas calai-vos lá, tagarelas! Quero ainda dizer-vos uma coisa que ouvi por aí contar, e que a rádio aliás também anuncia... O estrangeiro, a Entente vai recomendar o comércio connosco e até já mandou os barcos para cá. Não vamos ficar chateados por causa disso, penso eu. Pois que o façam! Nós, encantados da vida! Quer dizer que também prestamos para alguma coisa...

Sublinhou com uma risada as suas próprias palavras.

Gromada, de olhos febris, agitava os braços.

— Camaradas, nós somos operários de uma fábrica magnífica. Mas deixámo-nos enredar pelos porcos, pelas cabras e coisa e tal... Saí dos vossos buracos, camaradas! Proponho que sejam requisitados para o Lar da Criança todos os excedentes... E como nós somos a classe operária...

Grande burburinho, até o pó e o fumo da sala se agitam.

— ...Os nossos porcos... É muito fácil fazer figura com as coisas dos outros... Quem é que foi por essas aldeias e povoados cossacos... E tu também não tens as mãos limpas... não julgues que podes berrar connosco, que não tens culpas no cartório... Então a tua mulher não gastou muitas solas a calcorrear essas aldeias?...

— Requisição! Proponho que se requirite... e o resto é conversa! Põe à votação Tchumalov, a célula é que decide.

— Mas que é isso, companheiros! Não há nem com que encher a cova de um dente... Por que é que se hão-de criar mais problemas?

Gleb abanou a campainha para impor silêncio.

— Vamos lá, camaradas, calai-vos! Por enquanto ainda ninguém se vai meter com as cabras e os porcos. Se isso vos dá assim tanto prazer podeis continuar. Quando chegar a altura lá faremos as contas com esses animais, como as fizemos com a burguesia... Proponho, camaradas, que se eleja um presidente.

Estas palavras despoletaram enorme agitação entre as mulheres.

— Dacha! Dacha Tchumalova! Dacha!

Os homens também gritavam, mas não conseguiam suplantar a perfurante vozeria das mulheres:

— Gromada! Tchumalov! Savtchuk!

Gromada saltou para a mesa, de novo a esbracejar. E este gesto era às mulheres que o destinava, enquanto gritava com voz de falsete:

— Camaradas! As mulheres que não venham chatear...

A igualdade dos sexos e coisa e tal, está tudo muito bem... E com os jovens à cabeça! Mas primeiro é preciso que elas ganhem experiência... Na presidência temos necessidade de uma barba.

— E Tchumalov, é barbudo? E tu próprio, com essa barbicha, que até parece emaranhada pelo diabo?

As mulheres esganiçavam-se, enraivecidas.

— Dacha Tchumalova! Dacha!

— Savtchuk! Tchumalov! Lochak!

Gleb badalou mais uma vez a campainha.

— Vou pôr isto à votação, camaradas. Dacha Tchumalova é a primeira inscrita. Embora ela seja minha mulher, não faço objecções a que seja uma mulher a presidir. Quem vota a favor?...

Logo quando ele mencionara o nome de Dacha as mulheres se tinham posto a gritar:

— Dacha! Por que quereis afastar as mulheres, malandros?

Gleb foi o primeiro a levantar a mão, seguiram-se as mulheres e também Serguei. Os operários foram levantando a mão um após outro, como à sobreposse, tossicando e fungando, e parecia que votavam com uma mão que não era a deles.

Savtchuk gritou lá do seu canto, sem levantar a mão:

— Ponham as mulheres na rua, o lugar delas é na cozinha! Fora daqui! Nem as posso ver!

Novas campainhadas de Gleb acalmaram outra vez a algazarra.

— Posso pôr Gromada à votação... É pouco. Lochak também já não teria votos que cheguem para ser eleito. Toma conta do lugar, camarada Tchumalova.

As mulheres aplaudiram, batendo palmas como galinhas batendo asas.

— Mostra-lhes agora como é, Dacha, a esses bodes barbudos e também aos rapados.

Dacha postou-se com firmeza ao pé da mesa, ao lado de Gleb.

— Exijo silêncio, camaradas, e um espírito proletário. Passa-me a ordem de trabalhos, camarada Tchumalov. Tem a palavra o camarada Ivaguine, relator. Tens meia hora para o teu discurso, camarada.

Serguei, espantado, só pôde sorrir resignado.

— Demasiada severidade, camarada Tchumalova.

— Não se lamente, camarada Ivaguine. Se tem alguma coisa a dizer, avance, senão passamos aos assuntos práticos.

— Grande lata a dela! Eu não dizia que não se devia escolher uma mulher.

— Camarada Savtchuk, cala o bico. Ponho-te lá fora por anarquia... Que diabo, vós sois comunistas, camaradas!

Dacha tem razão. Não é preciso muito tempo. Que se pode dizer, num relatório aos operários? Serguei tem palavras de mais na cabeça. O operário sabe melhor do que ele o que, neste momento, há a fazer. E as frases livrescas, sem vida, são estranhas, ininteligíveis, longínquas, abstractas, tal como ele próprio, Serguei, é alheio e ininteligível para o seu auditório, tanto na alma como nas palavras.

— Camaradas! Uma assustadora derrocada económica... As grandes provas da classe operária... Uma crise gigantesca... A liquidação das frentes da guerra... Todas as nossas forças na frente económica... O X Congresso do Partido aponta para uma nova orientação na política económica... O proletariado é a única força... A renovação da indústria da república... As concessões e o mercado mundial... Estai vigilantes sobre o país proletário... Decuplicai as nossas forças e segui cerrando fileiras... Rompemos o bloqueio... A classe operária e o Partido Comunista... O reabastecimento de combustíveis... Utilizai a força mecânica da fábrica... Mas sobre este ponto o camarada Tchumalov irá informá-los melhor que eu...

— Camaradas, ouvido o relatório, passemos à ordem de trabalhos. Está sossegado, camarada Gromada!

— É a propósito do camarada relator. Só quero dizer a esse senhor que o pai dele ainda hoje é um elemento social alheio ao trabalho... O camarada Lukhava é mais claro a falar. Em suma, é um camarada muito simpático. Mas este fala e não diz nada. Lavaram de tal forma o crânio aos operários que eles já não aguentam... Em que pensa o PCR?

— Camarada, não estás a respeitar a ordem. É o camarada Tchumalov a falar.

A célula ficou silenciosa. Que iria dizer Gleb Tchumalov? O essencial da força estava nele. O dia de amanhã dependeria das suas palavras.

— Camaradas, não abusemos das palavras. Já bem nos bastou abusarmos dos porcos e dos isqueiros. Já chega, já temos a nossa conta. A fábrica já não é uma fábrica mas um curral de gado. Somos uns imbecis. Será que isto serve os nossos interesses, camaradas? Sabeis que há duas coisas que o homem pode fazer: comer o pão que o diabo amassou, ou então assentar-lhe um bom murro nas ventas. E até que ponto somos imbecis, isso depende só de nós. As nossas mãos não foram feitas para as cabras e os porcos. As nossas

mãos são muito diferentes. Nós bem o sabemos, e como forem as mãos assim é a alma, o cérebro. Como disse o camarada Ivaguine: nova política económica... O que é a nova política económica? Significa o tal murro nas trombas do diabo. E como? Por meio de um grande esforço de construção. O cimento cimenta bem. O nosso cimento dará à república uma grande construção. O cimento somos nós, camaradas, a classe operária. Já armámos em imbecis tempo demais. É altura de metermos seriamente mãos à obra.

O tumulto das interrupções não dava azo a que se compreendesse o que queria a célula da fábrica dizer. O sangue dos rostos congestionados subia aos olhos. Gromada estava em pulgas, gesticulando. Savtchuk arrancou-se do seu canto, urrando, furioso e hílare. Dacha voltou a pegar na campainha.

— Pois bem, camaradas. Agora o mais importante é arranjar combustível. Não há combustível! Os operários não o têm! Vai chegar o Inverno e apertar-nos o gasganete. Temos que nos desenrascar nós próprios. Instalemos mais um Bremsberg na crista do monte... E assim traremos a lenha para a cidade. Temos senhas que nos dão direito a petróleo e benzina. A primeira coisa a fazer é montar o funicular. O Conselho dos Sindicatos deve organizar domingos de trabalho. Os engenheiros vamos pô-los a elaborar os planos e a dirigir os trabalhos; e as malditas cabras que vão para o diabo!

Savtchuk, abrindo caminho até à mesa, deixou pesadamente cair a mão em cima dos papéis espalhados.

— Encaixai lá esta, porqueiros, cambada de canalhas!

— Haja ordem, Savtchuk.

— Por que é que me mandas calar o bico, mulherzinha? Se há aqui porqueiros e fabricantes de isqueiros por que é que não posso berrar?

— Pela última vez, camarada Savtchuk...

— Gleb, meu camarada, vê lá se metes a tua mulher na linha... Se fosse a minha... E vós, montes de esterco... Cabreiros! Para que quereis essas mãos e essa farronca? Gleb, estás a fazer conta, não?, com o engenheiro Kleist que te entregou para te limparem o sebo?... Não posso com ele! Ele que venha aqui, o engenheiro Kleist!

— Bem dito! O engenheiro Kleist... Prendam-no e mandem-no para a Tcheka... Lá está sossegadinho metido no buraco como um rato... Só o vemos a passar, pianinho como um ladrão...

...O engenheiro Kleist. Tivera nas mãos a vida de Gleb e entregou-a aos carrascos como quem deita fora um des-

perdício usado. O engenheiro Kleist... Não tinha a vida de Gleb o mesmo valor que a do engenheiro Kleist?

Lochak levantou silenciosamente a mão.

— Tem a palavra o camarada Lochak.

Todas as cabeças se viraram para o canto onde estava o serralheiro marreco.

— Chama-se a isto pôr as cartas na mesa e falar tanto quanto se possa. Também tenho duas coisas a dizer. Ponham o homem no lugar que lhe compete, e então o homem removerá montanhas. É assim que as coisas se passam, seus idiotas... O engenheiro Kleist não é nenhum santo e uma árvore não faz a floresta. O que eu quero dizer é o seguinte. O engenheiro Kleist fez espancar Tchumalov, é um facto. E a Dacha, como a tratou ele? Como é que ele a tratou, a ela, a quem foi salva a vida por...

Dacha deu um impulso para a frente e assestou uma palmada na corcunda do orador.

— Camarada Lochak, eu não faço parte da ordem de trabalhos... Cala a boca, ou então fala daquilo que está em discussão.

Lochak olhou-a com o seu branco olhar, fez um gesto de desencorajamento e foi-se, atarracado como um bloco de antracite.

...De novo Dacha... e outra vez este mistério...

Gleb teve de fazer um esforço brutal para se conter. Pensava com força, em luta consigo próprio.

— Camaradas, se é assim, deixai ser eu próprio a ajustar as contas com o engenheiro, de homem para homem. E passemos adiante...

Os operários, fatigados, limpavam o suor da testa com as mangas das camisas.

Dacha levou aos olhos um papelito. Depois circunvagou por toda a célula um demorado olhar.

— Camaradas, a questão do Comité do Partido deve ser encarada a sério. Pedem-nos que enviemos uma delegação de determinado número de membros da célula para as comunas agrícolas.

Foi como se uma bomba tivesse explodido.

— Não, já chega de enviar delegações! Basta de ordens como essa! Carne de canhão para os bandidos. Isso não são delegações, são envios para o matadouro... Nós não somos gado, não alinhamos mais nisso.

— Mas, camaradas, vós sois uma célula do partido e não um bando de especuladores! Eu não passo de uma mulher, mas quero dizer-vos que nunca, em ocasião alguma, tremi com medo de perder a vida, e vós bem o sabeis.

— Se isso te dá tanto prazer, vai tu própria...

Gleb foi até ao meio da sala. O seu passo era calmo, sólido, e o rosto ossudo, cheio de arestas, expressava sempre uma ameaça.

— Designem-me a mim, camaradas comunistas, e também à minha mulher. Ela chamou-vos especuladores... e andou bem... Estou habituado a ver outras coisas além dos vossos buracos de ratos. Durante três anos andei a olhar a morte de frente todos os dias.

— Pois sim, de qualquer modo não te mataram, não é verdade? Quem é que não viu sangue nestes anos que passaram?

— É isso. E por que é que não me mataram? É porque não sou como vós, lidei com a morte de igual para igual. E se vistes sangue, deveis saber que a morte tem bons dentes. Dentes melhores que uma britadeira. Aqui está! Quem quiser pode ver e admirar!

Arrancou com violentos gestos o blusão e a camisa, mais parecendo que os estava a rasgar; também com violência os atirou para o chão e viu-se, à luz baça do candeeiro a petróleo, os seus músculos a estremecerem da cintura ao pescoço, elásticos, marcados de sombras negras.

— Quem quer tocar? Anda! Aproxima-te e apalpa.

Batia com o dedo no peito, no pescoço, nas ancas, e onde quer que os dedos tocassem o corpo, viam-se embranquecer as marcas de antigas cicatrizes.

— Será preciso que me dispa mais? Digam lá, é preciso? Eu não me envergonho, mais abaixo tenho outras condecorações iguais a estas. O que vós quereis é que outros se matem por vós enquanto estais descansadinhos nas vossas camas de cabras?... Pois bem, se é isso que quereis, eu vou! Designai-me para esse trabalho de toupeira.

Ninguém se aproximou de Gleb. Viu olhos húmidos, viu pessoas que se encostavam umas às outras. Olhavam para o seu peito nu, cheio de lanhos e equimoses e, perturbados, aturdidos, suando em bica, os homens silenciavam, colados aos seus lugares.

— Camaradas... Mas isto é uma abominável desolação! Até que ponto, camaradas, não estamos nós devastados no fundo de nós próprios?!

Gromada abafava, gesticulando, todo em movimentos convulsos e a sua tempestade interior não achava palavras para se exprimir.

Então um dos operários barbudos levantou-se do banco batendo com força no peito. A cabeça tremia-lhe, os olhos extravasavam-lhe das órbitas.

— Inscreve-me! Anda lá! Eu vou! Não sou nenhum crápula, eu... Tenho três cabras, é verdade, e porcos e leitões... Também andei de saco às costas pelos campos... Não há nada a dizer: emporcalhámo-nos bem, metidos nos nossos buracos, meus meninos...

Mãos pesadas estendiam-se em silêncio por trás dele.

Dacha (estava a olhar para Gleb de olhos emocionados) levantou a mão.

— A nossa célula é tão boa como as outras, camaradas, não é verdade? Temos bons operários... e bons comunistas. Foi a primeira a bater palmas.

2. Augusto Bebel e Motia Savtchuk

As lonjuras para lá da fábrica — o mar e a cidadezinha — caíam num negrume inquietante e desértico, raiadas de clarões fantasmáticos e percorridas de sombras, grandes como nuvens. Uma corda inflamada lançava-se em súbita sinuosidade do farol à fábrica, depois rasgava-se, quebrava-se em nós e era como se assistíssemos à queda de estrelas lá longe, no mar. Por cima dos longínquos cumes, o céu tinha matizes de penas de pavão.

Luzes misteriosas acendiam e apagavam nas montanhas por detrás da cidade, nos cumes por cima do mar. Acendiam, voltejavam e voltavam a acender.

Dacha tocou a mão de Gleb.

— Vês aquelas luzes? São os sinais dos brancos-verdes*. Ainda nos vão dar muito que fazer. Ainda nos vão fazer passar por muitas, vão fazer correr ainda muito sangue...

...Que vida tivera então Dacha na sua ausência? Que força foi aquela que temperou a sua alma e a afastou dele? Essa força esmagou a antiga Dacha, fê-la maior. Essa força era impenetrável e, entre ela e ele, tinha a marca do insuperável.

— Diz lá, Dacha, que história tiveste com o engenheiro Kleist?

Dacha calou-se por um momento. Os seus olhos procuraram na noite o rosto de Gleb.

— Será que não sabes? Acaso me contaste alguma coisa da tua vida? Qualquer um está ao corrente. E no entanto eu sou teu marido.

* Os restos do exército branco, que passaram a actuar como bandidos armados. (N. do T.)

Gleb não viu o sorriso trocista que iluminou o rosto de Dacha.

— Pois bem! Fui presa pelos brancos e Motia conseguiu que o engenheiro Kleist respondesse por mim... Fui presa no caso dos verdes...

— O caso dos verdes! Mas não vês que podias lá ter deixado a pele como... E conseguiste sair sã e salva das garras desses bandidos... Conta lá.

— É uma história comprida. Um dia hei-de contar-ta toda. Mas neste momento temos mais que fazer, Gleb. De qualquer modo não posso, assim de repente...

Afastou-se bruscamente dele e estugou o passo. E Gleb pressentiu nos seus agitados movimentos uma certa inquietação. Lembrou-se que ela também assim se tinha comportado quando iam para o Lar da Criança.

— Minha Dachazinha, há algo que te atormenta, bem o estou a ver... Não te terão dado volta à cabeça? Se não, por que é que andas inquieta?

— Se não acreditas em mim, Gleb, mereces outra atitude? Será que és capaz de me compreender?

Naquela falta de intimidade do quarto bafiento, Dacha sentou-se e desembrulhou de um jornal alguns livros pequenos. Escolheu um, aproximou o candeeiro e apoiou a cabeça entre as mãos.

— E isso, que livralhada é essa?

Ela respondeu entredentes, sem tirar os olhos do livro:

— Augusto Bebel: *A Mulher e o Socialismo*.

— Espantoso. E os outros livros?

— Se queres podes lê-los. Nós, os comunistas, temos necessidade de aprender, aprender sempre...

Os mosquitos entravam pela janela aberta, voltejavam, teciam teias vivas em volta do candeeiro, queimavam-se no vidro e caíam na mesa como sementes. Pela janela aberta entravam de mistura com os mosquitos as estrelas. Inquietantes gritos de pássaros ecoavam na vegetação da montanha. Uma luz mortiça, brumosa, provinha também, como um apelo, da janela de Savtchuk.

Gleb levantou-se e saiu, em cabelo.

Os Savtchuk preparavam-se para se deitar. Na mesa espalhavam-se ainda os restos de uma refeição. Motia, só em *soutien*, andava atarefada à volta da mesa. Savtchuk, descalço e desgrenhado, já estava na cama.

Motia, envergonhada, repuxava a camisa tentando cobrir o peito. Era larga, carnuda.

— Tu és dos nossos, Gleb... Contigo não faço cerimónias...

— Motia, não te atrapalhes. Não preciso de olhar-te para as tetas para saber que és uma valentona. Diz-me lá antes: como consegues domar o bruto do teu homem?

— Savtchuk? É um bom tipo... Estás a ver, mete-se-me aí debaixo das saias...

— Não digas disparates, sua burra! A quem é que eu ontem cheguei a roupa ao pêlo, já te esqueceste?

Motia saltou como uma gata, os olhos a brilharem.

— Não digas disparates tu, cara de esfregão... Ou já te esqueceste da murraça que levaste no focinho?

Gleb ria-se. Sempre os mesmos, estes Savtchuk!

— Pois bem, camarada Savtchuk! A partir deste dia ficas expressamente proibido de levantar nem que seja a ponta de um dedo para a Motia. Guarda as forças para outras tarefas...

Motia soltou um grito de alegria e correu para Gleb.

— Sim, sim, Gleb... Uma vida sem trabalho é só lágrimas e desgraças. Tinha ele trabalho, tinha eu família, filhos. Agora, tudo acabou...

Virou-se, vinham-lhe as lágrimas aos olhos.

Savtchuk sentou-se na borda da cama com ar ameaçador.

— Escuta, Gleb, grande pulha! Se estas mãos se querem agarrar a qualquer coisa e só abarcarem ar, tens de te haver comigo! Amanhã vou à tanoaria a ver em que param as modas... A tua mulher é uma mulher dos diabos: viste como ela teve unhas para aquela célula?

Um novo brilho nos olhos de Motia. O seu olhar trespassou Gleb até ao fundo da alma (só as mulheres têm a arte deste olhar).

— Não sei o que se passa com ela, Dacha... Como foi possível ela ter abandonado Niurka, como a um cachorro, tê-la deixado em mãos estranhas? Uma mulher sem lar e sem filhos é uma selvagem. A mim ela bem me chamou para o lado dela, mas eu não sou tão estúpida que sáisse de minha casa, preferia morrer.

Savtchuk deu um murro no joelho.

— É uma mulher das arábias, a tua mulher! Como ela dominou aquela célula! Uma coisa em grande!

Gleb estava mesmo à espera que a conversa tomasse este rumo. Será que Motia o percebeu? Estaria ela ao corrente do que era a sua vida com Dacha nestes últimos dias? Uma fugaz centelha de entendimento perpassou pelos olhos de Motia. Gleb fingiu não ter ouvido as suas últimas palavras e respondeu a Savtchuk:

— É verdade. Dacha tornou-se, na minha ausência, uma mulher de peso. Como isso aconteceu é que já não sei nada. Ela é muito orgulhosa, não gosta de se gabar da maneira como viveu.

Nas pupilas de Motia acendeu-se um clarão maldoso. Depois o seu rosto fechou-se.

— Não venhas para cá com as tuas habilidades, Gleb. Conheço muito bem as tuas manigâncias. Abandonaste Dacha ao sofrimento e à morte. Se ela agora é assim, não é graças a ti. Puseste-a à prova, porque vós, os homens, sois todos assim — e agora pagas as favas, não é verdade?... Quanto a mim, não te direi nada, uma vez que ela própria não se abriu contigo...

Gleb, confuso, disfarçou a atrapalhão com uma risada.

— Tens bom faro, Motia, lá isso é verdade! E se é verdade, não há nada a fazer. Não vim encontrar a mesma Dacha e não sei o que se passou com ela durante estes anos. Mas sei que, haver qualquer coisa, lá isso há. Se calhar deixou-se cair na tentação, como mulher que é? Mas então que o diga, eu não sou nenhum papão...

Motia de novo mergulhou até ao mais fundo dos seus olhos, e também desta vez Gleb sentiu que ela topara o seu jogo.

— Oh! Gleb! Como é possível não teres vergonha de queres tirar de mim essas coisas? Volta para casa, Gleb, e deita-te. Não levas nada daqui... Mas por que é que ela, a tua Dacha — nem imaginas como eu gosto dela! — entregou Niurka ao asilo? Niurka estava em minha casa... Pois bem, porque não podia ficar mais? Como podia uma mulher viver sem filhos e sem marido?... Afinal, a culpa não é só dela, tu também tens culpas no cartório.

E no acanhado corredor, quando veio acompanhar Gleb à porta, apertou-lhe o ombro com um riso envergonhado de rapariguinha.

— Gleb... Tu és-nos tão chegado... Nem imaginas a minha alegria... Não, não podes perceber. Serei uma boa mãe, vais ver, uma boa mãe, Gleb!

E na soleira da porta, uma imensa pena de Gleb a invadiu.

— Oh! Gleb... triste sorte a nossa! Tu não poderás viver com Dacha... E é bem feito para vós: não se deve largar as mulheres...

Gleb foi encontrar Dacha como a tinha deixado, a ler, a cabeça enterrada nos braços, rosto severo. Mas quando ele entrou, lançou-lhe um olhar interrogativo.

— Então? Que é que soubeste de novo em casa dos camaradas Savtchuk?

Gleb foi para muito junto dela, e um ricto doloroso arrepiou-lhe a cara. Abraçou-se a ela e não falou como costumava. Naquele transe já não era ele, o que atravessara os furacões da guerra, quem ali estava, mas um homem acalorado de amor e cisma.

— Dacha, minha querida, vamos lá, conta-me tudo... Sê carinhosa como dantes... Isto é muito duro para um homem, Dacha... És uma estranha para mim...

Dacha não disse nada, mas Gleb sentiu que ela, no fundo de si própria, começava a ceder. Sentiu contra ele o seu ombro e a sua cabeça, abandonava-se-lhe nos braços a doce, querida mulher de outrora. Até o cheiro a leite e suave suor ele parecia aspirar.

— Se houve qualquer coisa, sabes, isso não é o essencial! Pode acontecer a qualquer uma, nos momentos difíceis...

Ela descolou-se dele com um profundo suspiro. Depois fitou-o nos olhos, como Motia, e disse baixinho com voz dorida, despedaçada:

— Sim, Gleb, houve qualquer coisa...

Foi como se uma mão enorme os arredasse um do outro. Como se rebentasse dentro do peito de Gleb um abcesso. Um assomo de brutalidade tomou-lhe os punhos e o rosto.

— Com que então, sempre é verdade?! Verdade, hen?... Que andaste por aí a arrastar a asa aos machos como uma cabra? Ah! sua cadela!

Ela levantou-se num repente brusco e, as pernas bem assentes no chão, parecia mais alta e mais sólida. E não foi com voz de mulher, mas antes com um impulso de toda a sua vitalidade, que falou, baixo, de um só fôlego, varrendo-lhe toda a cólera animal.

— Tem mão em ti, Gleb! Acalma-te! O que é isso, agora?

Depois calou-se, voltando a calma aos seus olhos negros. E quando ele, de lábios trementes, travou os ímpetos a um passo de Dacha, ela disse tranquilamente, com voz grave, seca, um tanto rouca:

— Quis-te experimentar. Ainda não sabes ser um homem, ainda não és capaz de me ouvir como é preciso... Pois bem, fica sabendo: só falei assim para te experimentar. Sei como tu és por dentro... És um bruto que tem necessidade de uma mulher submissa como uma fêmea... És um bom soldado mas, na vida, és um mau comunista.

V. O EMIGRADO QUE NÃO EMIGROU

1. No Esconso de Um Quarto

Nunca a janela de batentes de carvalho se abria. O pó das pedreiras, infiltrando-se pelas fendas, espalhava-se pelos caixilhos. Quando, de manhãzinha, as montanhas se coloriam de tons de malva e o sol atravessava as janelas em raios oblíquos, cintilavam alegremente nos vidros cristais de luz. Kleist ficava largo tempo diante da janela a elucubrar, nestes mundos impetuosos, sobre a refração das passadas épocas geológicas. Um opaco, tangível silêncio o envolvia.

E, embora este quarto esteja perdido no fundo de um corredor onde a claridade se estira indolente, de manhã como de tarde, onde a noite se torna prenhe de um vazio negro e de sombra hirsuta, o gabinete de trabalho do engenheiro Kleist conserva algo de luminoso e inacessível, algo de longínquo, como essa pedreira além, na montanha invadida de roseiras-bravas.

A fábrica está destruída, as rochas desmoronam-se sobre as plataformas das pedreiras com os seus Bremsbergs demolidos e enferrujados. A vida parou e desagrega-se nos seus elementos primitivos, que são a calma e o caos. Porquê não ser um técnico da fábrica morta, se isso não compromete a nada?

O essencial é não abrir os batentes de carvalho da janela e penetrar o sentido profundo do grande trabalho empreendido pelas aranhas entre os vidros. Nos confins indefinidos do presente e do passado, o engenheiro Kleist apercebia a profunda beleza, o alto significado das complicadas, aéreas arquiteturas, tecidas entre os vidros pelas aranhas.

Ficava muito tempo frente à janela, curvado, pernilongo, uma fateixa de pêlos espetada na testa, considerando os fios cor de pérola das teias de aranha, a infinidade dos seus planos abertos, inclinados e cruzados em sentidos diversos, a múltipla irradiação de escadarias, junções, encavalitamentos, atestando um potencial prodigiosamente expandido.

Ninguém entrava no seu gabinete de trabalho. Ninguém precisava do técnico porque a fábrica estava vazia como um cemitério, porque o cimento há muito petrificara nos armazéns húmidos em blocos duros como ferro, porque os Bremsbergs estavam em ruínas, os cabos rotos, as vagoneiras galgaram pelas encostas abaixo, enferrujadas pelas chuvas e jaziam entre os silvados e calhaus. Ninguém precisava

do técnico porque os operários qualificados erravam, desocupados, ao longo da calçada, iam pelos carreiros, por entre os pavilhões e os pátios desertos, roubando as aduelas para se aquecerem, roubando as peças de cobre das máquinas para fazerem isqueiros, roubando as correias de transmissão.

De lá de baixo, da meia claridade das subcaves, das desabitadas divisões, sobe o rumor surdo do Comité de Fábrica, e parece ao engenheiro Kleist que aquilo é o barulho de uma taberna, de uma mal frequentada hospedaria de arrua-ceiros e corrécios. Vê da sua janela, através dos vidros foscos de pó, operários que descem ou sobem os degraus de cimento. Vê os seus inexpressivos rostos que a fome e o sofrimento cobrem de cinzento polvorento e que uma implacável obstinação sulca de rugas. É um horroroso e ininteligível jogo, o que estes homens vão prosseguindo sem com ele se preocuparem.

Mas a força da sua circumspecta ciência tudo explica, a sua perícia em tudo resumir a um mero problema matemático. O que contempla, de longe, os operários é o seu ódio inquieto e o seu trocista desdém. Foram estes homens esgotados que, com a sua revolta, a revolução, trouxeram a grande tragédia, este desmoronar de tudo. Esmigalharam o próprio futuro, queimaram o mundo como quem queima um morrão de estopa; e foi aqui, neste quarto, que ficaram esquecidos os estilhaços do passado.

Por debaixo da janela flamejam o patamar e a escada. Parecem aquecidos ao rubro e a ponto de se abrirem em chamas. Os operários patinham no cimento acidentado do patamar, que gemia sob as botas. Os operários vão passando em direcção aos fundos como um formigueiro, vão de porta em porta por todo o Comité de Fábrica.

Por que é agora necessário um Comité de Fábrica, quando dantes não havia nada disso e o trabalho da fábrica abalava o universo? Que raio de assuntos terão os operários a discutir, agora que estão condenados à ociosidade, metidos no meio das ruínas de um labor outrora grandiosa e poderosamente organizado? Porquê tantas preocupações e tanta pressa se o dia de amanhã é igual ao de hoje e se todos os dias não mais serão do que uma insensata sequência, tão iguais como os infinitos reflexos de dois espelhos?

O contínuo Jacob vem todos os dias a uma hora com uma bandeja de latão. Entra em silêncio, severo, grave, curvado. Das pontas do bigode comprido e da escova azulada

do crânio emana uma transparência de vidro. Põe em cima da mesa um copo de chá e minúsculos comprimidos de sacarina embrulhados em papel, depois recua dois passos e com pequenos gestos atentos apanha do chão as migalhas que deita no cesto dos papéis. A brancura das paredes mantém-se e nos seus caixilhos de madeira de carvalho as teias de aranha têm a mesma nitidez de outrora.

— Já é uma hora, Jacob?

— É uma hora em ponto, Herman Hermanovitch.

— Muito bem. Podes retirar-te. Não deixes entrar ninguém.

— Com certeza.

— Limpa o pó das janelas, Jacob, mas sem as abrires.

— Muito bem.

O engenheiro Kleist, de pé em frente da janela, vira as costas a Jacob. A madeixa grisalha, erguida como uma crista, dá-lhe um arzinho de zangado, a velha jaqueta dança-lhe no corpo e cai em pregas direitas parecendo terminar numa cauda.

Alguns muito ao longe, no fundo dos corredores, erguiam-se vozes perdidas nos quartos vazios e ouvia-se o barulho dos ábacos. Era gente enviada pelo Conselho de Economia. Quem eram? Que faziam ali? O engenheiro Kleist não sabia nem queria saber. Bastava-lhe um gabinete de trabalho, guardado pelo velho Jacob, onde só o passado morava, sobreposto ao presente sem o tocar. O presente rolava pelas estradas com os automóveis, as atrelagens e os peões, o presente agrupava-se em equipas de operários, prenhes de clamores e injúrias (noutros tempos a Direcção exigia uma linguagem mais cuidada).

O engenheiro olhava a massa arredondada da montanha raiada de pedras, coberta de mato e zimbrais. Mesmo no cume, o castelo, construído de pedras em bruto, emergia, bloco maciço abrasado de sol, coroado de torres e arcos como uma sóbria igreja puritana, elegante, severa e dominadora.

— Que se passa agora lá em baixo, Jacob?

— O clube operário e a célula comunista, Herman Hermanovitch.

— Trouxeram uma linguagem nova, incompreensível. A linguagem deles tem algo de mortífero como a revolução... Peço-te para não deixares entrar ninguém e para em caso algum abrires as janelas. Podes ir.

O engenheiro olha a habitação do director ("célula comunista") e contempla a poderosa elegância dessa arquitectura. Esta casa foi ele quem a construiu.

Vê-se à esquerda, depois da crista do monte, entre as manchas de verdura e pedras, lançarem-se para o alto as chaminés de ferro e betão da fábrica (vistas da janela parecem mais altas que a montanha), os cabos e, por debaixo das chaminés, as arcadas e cúpulas dos edifícios da fábrica. Foi o engenheiro Kleist quem as construiu. Ele não poderia emigrar sem primeiro ter destruído a sua obra. A obra que das suas mãos saiu era mais inacessível que as montanhas, mais inexorável que o tempo: ele era dela prisioneiro.

Esta divisão de soalho encerado conservava a sua antiga simplicidade de laboratório. Projectos na parede, projectos na maciça secretária de carvalho, a nobre gravidade do mobiliário gótico trabalhado... Aqui parara o curso do tempo, o passado aqui se concentrara a ponto de se tornar tangível.

2. Inimigos

Mas um erro se infiltrara nas construções lógicas do engenheiro Kleist, ou seria que a vida cessara, a partir de determinado momento, de obedecer às leis da razão humana? Fosse o que fosse, o círculo fechado que era o universo do engenheiro Kleist acabava de se romper, acabava de se desmoronar como uma grade roída de ferrugem.

Uma hora antes, quando a habitual vinda de Jacob confirmava a invariável passagem do tempo, a noção da vida do engenheiro Kleist exprimia-se ainda por um esquema gráfico de severa nitidez: círculo e tangente. Nos seus momentos de calma feliz, protegido por uma quantidade de muros, o engenheiro sentava-se à secretária, diante dos antigos projectos das construções da fábrica, e, respeitoso da tradicional gravidade do seu gabinete, traçava com gesto inconsciente, no bloco-notas, sempre a mesma figura: círculo e tangente, axioma verdadeiro em todas as combinações.

Pois bem, tudo fora pelos ares, tudo. O axioma revelou-se de súbito absurdo. A tangente, metamorfoseada em pedra, despedaçou a concha do mundo dele. E porque estas coisas se produziram com simplicidade, sem barulho, um horror de morte reinava agora na alma do engenheiro Kleist.

Foi à casa de banho e demorou-se lá um pouco mais que o costume: por vezes a qualidade deficiente das refeições fazia-o sofrer dos intestinos. E, ao voltar pelo corredor, vira a porta do seu gabinete aberta. Nem ele nem Jacob admitiam que isso acontecesse.

Alguns momentos depois da partida de Jacob tinha vis-

to os operários no patamar a olharem para as pedreiras; os seus olhares passavam pela sua janela. Sentira então no seu foro íntimo a comoção leve de uma fraca descarga eléctrica. Não passou de uma fugaz inquietação, logo esquecida. E agora a porta estava escancarada. De novo foi como uma descarga eléctrica. Sentiu uma queimadura na garganta. Subiu nele a inquietude como uma náusea.

Contudo, o engenheiro Kleist entrou na saleta com a passada calma e grave do costume. Parou à entrada da porta e não compreendeu de imediato o que se tinha passado. A janela estava aberta, levantava-se o pó no peitoril e na mesa. Apercebiam-se nitidamente no rectângulo aéreo da janela as montanhas formidáveis, manchadas de verdura e pedras das avalanchas. Lá longe, na plataforma superior das pedreiras, os miúdos ângulos e as finas cornijas de uma casa de duas janelas. Num voo único, misturavam-se volutas de fumo de tabaco e farrapos transparentes de teias de aranha.

Um homem barbeado, com o dólman da farda e grebas azuis, estava tranquilamente sentado diante da janela, fumando cachimbo. Eram duros os seus maxilares e cavadas, musculosas, as maçãs-do-rostos.

— Olá, camarada técnico! Há séculos que não nos víamos! Aliás, você barricou-se aqui bem.

O homem afastava com o boné as teias, batia com elas nas espantadas aranhas.

— Por que é que vive metido neste buraco, camarada técnico? Olhe que está mesmo isolado, encafuado no fundo deste beco.

O engenheiro Kleist deu alguns passos hesitantes em direcção à mesa. Houve um tempo em que este homem quebrado, torturado, condenado à morte, virava para ele a careta sangrenta do seu rosto. E agora, subitamente, ali estava esse homem, na sua calma terrível e estranha.

— Sim... Nunca abro as janelas.

— E faz bem, camarada técnico, nestes tempos as correntes de ar são terríveis... podem fazer-lhe mal. Esses bolcheviques revolveram a terra até às entranhas. Raio de bolcheviques!

— Mas por que não me avisou Jacob da sua visita?

— O seu Jacob vamos mandá-lo cortar madeira para a tanoaria. Os lacaios não fazem parte dos nossos usos e costumes. Você deve lembrar-se de mim, camarada técnico...

— Sim, lembro-me... E daí?

— Daí que a coisa se apresenta mais ou menos assim: ando a inspeccionar a fábrica, e o que vejo? A ruína económica. Não há combustível para os operários, para a fábrica, para os transportes, os Bremsbergs estão em ruínas, a fábrica é um terreno baldio e os técnicos encafuaram-se nos buracos como ratos. Porquê estas teias de aranha à sua volta e à volta da fábrica? É assim que a questão deve ser posta, camarada técnico.

— Suponhamos que já pus essa questão a mim mesmo e que já a resolvi. Que espera de mim?

— Pois bem... Ia partindo o nariz de encontro às vossas barricadas, no fundo deste beco... Vamos deitar isto tudo abaixo, disse cá para mim... É este raio deste hábito que eu tenho, camarada técnico...

— Não costumo manter conversas ociosas. Não compreendo o que está para aí a dizer, nem quero compreendê-lo. Queira ter a bondade de me deixar em paz.

Gleb deu um passo até à mesa com um bizarro sorriso de troça vincado na cara. Tirou o cachimbo da boca e fitou o engenheiro Kleist.

Ou porque as aranhas se lhe reflectiam nos olhos, ou porque inquietantes fantasmas dançavam em volta de Gleb, o rosto do engenheiro Kleist ficou lívido.

— Camarada técnico, lembra-se com certeza do belo dia em que acirrou contra mim os cães da contra-espionagem. Como sova, foi uma bela sova... Mas essas coisas, quando nos safamos delas, também têm a sua utilidade... Pois bem, eu vim vê-lo para falarmos um bocado dos bons velhos tempos... Gosto de me encontrar com os velhos amigos, camarada técnico.

Gleb voltou a meter o cachimbo entre os dentes e pôs-se a rir.

— Agora, camarada técnico, permita-me que lhe apresente um problema. Um problemazito bastante interessante. Num dia de Primavera havia quatro imbecis. Os brancos apanharam-nos e trouxeram-nos para este compartimento. As caras deles eram como velhos sapatos rotos. Por que é que trouxeram para aqui esses quatro de focinhos partidos e como é que quatro mortos imbecis se transformaram num vivo? Por que não ri? É um problema muito engraçado.

Gleb continuava a rir, como palhaço divertindo o público.

— Digo-lhe isto tudo por brincadeira, camarada técnico; há muito que não nos víamos... e você recebe-me com tanta frieza.

Voltou à janela, debruçou-se para fora e gritou com voz estentórea:

— Ei, companheiros ! Aguentem um bocado que eu já vou, acabo de dar ao camarada técnico um problema para ele resolver... Um sacana de um problema. Uma autêntica ratoeira.

A sua voz forte fazia-lhe tremer poderosamente o corpo todo, parecia vir de longe, ao passo que as dos operários pareciam estar mais perto, indistintas, no meio de um tossicar confuso. Gleb voltou até junto da mesa e, trocista, olhou de novo, fixamente, o engenheiro Kleist, como se estivesse à espera de uma resposta. Mas não esperou muito por essa resposta, deu meia volta e, em passo militar, saiu do quarto sem se voltar.

O engenheiro Kleist ficou muito tempo sentado, destroçado por este encontro. A janela escancarava-se por sobre as crateras que desciam das montanhas. A porta escancarava-se para as trevas do corredor. O engenheiro sofria de uma náusea dolorosa, acompanhada de comoções. Jacob voltou, grave, e ficou respeitosa e parado no meio da saleta. Desamparado, a cara aterrorizada semelhava um papel amarrotado. O engenheiro Kleist volveu para ele os olhos febris e perguntou muito baixo, severo:

— És tu, Jacob? És capaz de me dizer como é que isso aconteceu, Jacob?

— Não foi culpa minha, Herman Hermanovitch... Não há proibição a que eles obedeçam, não há fechaduras que lhes travem o passo... Nunca, em parte nenhuma... A força, Herman Hermanovitch, é a lei deles...

A presença ali de Jacob era uma boa coisa. O seu frio devotamento continha algo que infundia segurança.

— Trata-se com certeza da célula da fábrica, Jacob?

— É Tchumalov, o serralheiro... regressado da frente... Agora é um cabecilha. Leva toda a gente atrás dele, Herman Hermanovitch, toma conta de tudo. Será que se pode resistir-lhes?

— E tu também, Jacob, tu não foste capaz de haver-te com eles?

— Não fui capaz, Herman Hermanovitch... É muito lamentável que eles se tenham vindo meter consigo...

O engenheiro Kleist fez uma pausa, fingindo não ter ouvido as últimas palavras de Jacob. E calmamente, com uma negligência preocupada, acendeu um cigarro.

— Deves estar recordado, Jacob. Eram quatro... Foi difícil e cruel... Tu lembras-te: foram todos fuzilados na mesma noite... Sei muito bem que eles estão mortos.

— Espancaram-nos, Herman Hermanovitch, foram espancados até à morte.

— Sim, Jacob, é uma coisa terrível que não se esquece nunca mais. Mas devo dizer uma coisa: agi em plena consciência, sem ser influenciado por nada nem ninguém. Dentro de mim não havia nem medo nem desejo de vingança, porque só há uma força, que é o tempo, e o tempo são acontecimentos... Mais tarde fiz o impossível, também conscientemente, para salvar a mulher desse operário.

O cigarro dançava-lhe entre o indicador e o anular.

— Fica um pouco ao pé de mim, Jacob, não me sinto bem...

— Devia ir-se embora, Herman Hermanovitch: tem necessidade de calma...

— Ir embora para onde, Jacob? Para o estrangeiro? Mas não te dás conta, meu velho, que estamos ambos a viver os nossos derradeiros momentos?

— Como pode acreditar nisso, Herman Hermanovitch? Sem dúvida que os nossos operários são refilões. Mas não são maus, são incapazes de matar seja quem for. Fique tranquilo, Herman Hermanovitch...

Mas um convulso tremor agitava a cabeça de Jacob.

Mal Jacob pronunciou estas palavras, encostou-se Kleist no espaldar da poltrona, o rosto lívido.

— Lembras-te, Jacob? Esse homem fui eu quem o mandou para a morte; e agora a morte é que vem ter comigo por ricochete. Anda comigo, Jacob.

Levantou-se e, curvado, o horror nos olhos, saiu primeiro. Jacob pegou com gestos senis no chapéu e na bengala do engenheiro, e foi atrás dele pelas trevas do corredor.

3. O Castigo

O engenheiro Kleist, seguindo por um carreiro cortado por agudas saliências de rochas, atravancado de escombros, invadido por mato, trepara pela montanha acima. Nos vales acumulavam-se as trevas nocturnas, trevas que parecia terem deslizado das gargantas e desfiladeiros. Os freixos e as cárpeas, ainda sem folhas, ainda transparentes, tinham contornos de bruma violeta; os choupos erguiam-se por cima deles como enormes tochas fumegantes.

Os amontoados de maciços da fábrica eram mesmo em baixo, no sopé da montanha. O mar estendia para longe, por cima dos tectos e das torres, as suas imensidões de cristal mate.

Tudo era estranho e longínquo. Para o engenheiro Kleist, tirando as gigantescas construções de ferro e betão por ele outrora concebidas, nada havia de intimamente chegado. Nesta hora terrível em que a fábrica apagada se engolfava nas trevas das suas escancaradas goelas num terrível silêncio, e se petrificava, qual cemitério de máquinas comidas de ferrugem, o engenheiro Kleist deambulava como uma sombra ao longo dos carris e escadarias, ao longo dos muros, à beira das torres, e o seu silêncio comungava do silêncio da fábrica.

Pela primeira vez ele via, nessa noite, nas brechas enormes da fábrica, a morte grandiosa do passado. A sua fórmula gráfica era afinal correcta: a roda dos acontecimentos seguia inexoravelmente a via traçada.

O seu estranho encontro com o operário Gleb Tchumalov revelava ao engenheiro Kleist o termo da viagem e que a sua vida chegara ao fim.

...Teria sido preciso, quando isso era ainda possível, fazer a fábrica ir pelos ares, e perecer com ela. Teria sido uma excelente riposta em conformidade com as leis da reacção.

Se agora o encontrassem neste caminho, ele estava preparado, completamente pronto. Em suma, só faltava fazer o mais insignificante de tudo: furar-lhe a têmpora.

Que universo novo trazia com ele o operário Gleb Tchumalov? Ressuscitado do seu próprio sangue, ei-lo que ressurgia intrépido, invencível, os olhos prenhes de força e angústia.

Rosto duro, angustiado e tenaz, como duro, angustiado e tenaz era o boné.

Esse boné impunha um presente temível. Nesse presente não havia nada além do rosto e do boné daquele homem.

Seria melhor que o abatessem aqui, no meio destas construções, do que em casa. Ele e estes gigantes são inseparáveis. Matá-lo é destruir com ele todos os santuários da sua vida.

O céu extinguia-se, por cima da cidade, por cima das longínquas montanhas, como o ferro em brasa a arrefecer. Os telhados da fábrica confundiam-se com os cumes da serra. O límpido silêncio era também um silêncio tenso. Mãos fatigadas faziam silvar e estalar, algures na vizinhança, uma roldana. Do lado da estação vinham os apitos assustados das locomotivas a vapor. Ouvia-se retinir, na mesma direcção e em confusos ecos, a sonoridade argentina do remexer de ferralha.

...Gleb estava de pé num passadiço que encimava um emaranhado de traves de aço. Outrora era para aqui que as

vagonetas traziam o carvão destinado à secção das máquinas. Um elevador descia-os para a goela negra do poço. Eram puxadas por cabos ao longo dos carris, até às salas das máquinas. Agora o passadiço estava vazio, furado no centro, por detrás de um parapeito, uma goela escancarada sobre as trevas...

Gleb apertava, até lhe doerem os dedos, os cabos metálicos da balaustrada. Olhava para as cúpulas atarracadas, de ferro e cimento, dos pavilhões; para as altas chaminés erguidas para as estrelas; para os tensos cabos, portadores de vagonetas imóveis.

...A fábrica infernal, esbraseada, era só um trovejar constante. Nos molhes estavam ancorados transatlânticos cujas formidáveis entranhas se enchiam de cimento fresco aos milhões de toneladas. Da fábrica aos cais e dos cais à fábrica deslizavam as vagonetas numa contínua sarabanda, num silvar de sereias, como tartarugas aladas de rigoroso voo. Milhares de operários — dir-se-ia uma legião de demónios — ardiam nestas chamas, demoliam a montanha, reduziam-na a brita e poeira, enchiam os dias de ferrugem, de pó das pedreiras e de enxofre, enchiam as noites do jorrar de chamas e de janelas incendiadas.

Era o passado. E o presente era este cemitério, este silêncio. Os funiculares enfeitavam-se de ervas como os caminhos onde jaziam carris de ferro e as estradas da fábrica. A ferrugem envolvia os metais, os muros de ferro e betão crivavam-se de brechas e roíam-nos as torrentes da montanha.

O engenheiro Kleist caminhava com lentidão, parando muitas vezes para contemplar os altos edificios rectangulares, sarcófagos de uma época passada. Contemplava, pensativo. Caminhava, parava, contemplava.

E Gleb, debruçado sobre as trevas, seguia com agudo olhar a sombra confusa do engenheiro Kleist.

Esse homem que ali ia, com prazer o podia estrangular Gleb, em qualquer momento da sua vida, e esse momento seria dos mais felizes da sua existência. Esse homem tinha-o um dia entregue, por espírito de vingança, a um bando de oficiais que deveriam torturá-lo e matá-lo. Esse dia não podia Gleb esquecê-lo nunca, nunca mais...

...Alinharam-nos na calçada, diante dos escritórios. Havia poucos operários: muitos tinham-se escondido, outros tinham ido juntar-se ao Exército Vermelho. Gleb e três camaradas, como se tivessem atrasado a combater nas ruas, não tinham conseguido fugir. Um dos oficiais, de chicote na mão, chamava pelos nomes escritos numa folha de papel.

Era o primeiro a chicotear o homem que saía da fila e depois passava-o para o grupo que estava atrás dele. A vítima era recebida pelos outros oficiais à chicotada e à coronhada. Gleb notou confusamente, num clarão de lucidez, os gritos aflitivos e viu através de lágrimas sangrentas os operários a fugirem em todas as direcções, perseguidos pelos oficiais de chicote e revólver em punho. E quando os levaram, os quatro, de caras tumefactas e a sangrarem, para o gabinete de trabalho do engenheiro Kleist, este olhou-os por muito tempo, pálido e de queixo tremente. Os oficiais perguntavam-lhe qualquer coisa. Sob forte emoção, mas fingendo-se calmo, o engenheiro calava-se. Fitava Gleb em silêncio, e Gleb lia nos seus olhos uma compaixão eivada de nojo. Por fim o engenheiro disse, muito baixo, com voz rouca:

— Sim, é ele... E os outros também... Sim, sim, são eles...

— Não tem mais nada a dizer, senhor Kleist?

— O resto, senhores, não depende de mim. É assunto vosso.

Atiraram-nos para um entreposto vazio, continuando a espancá-los até altas horas da noite. Gleb sentia, nos momentos em que retomava a consciência, a chuva de golpes. Havia-os leves, longínquos, que mal sentia, e outros enormes que o transtornavam, o rasgavam. Mas eram pancadas de estranha inutilidade, indolores, como se o tivessem medido num tonel e começassem aos pontapés no casco a torto e a direito.

Recuperou a consciência num negro silêncio. Rastejou, apavorado mas salvo, pelo chão. Chocou nos corpos viscosos dos camaradas. Eram corpos gelados, rígidos e moles ao mesmo tempo. Gleb, rastejando ao longo das paredes, acabou por encontrar uma abertura bastante grande para sair, a muito custo. Rastejou ainda até casa dele, a coberto da noite e dos arbustos, e nunca mais ninguém o viu.

Nunca por nunca, pelos séculos dos séculos, ele esqueceria tudo isso.

Foi de dia, quando estava no gabinete do engenheiro Kleist, que lhe vieram à lembrança todas estas coisas. Ainda agora as lembrava, ao ver o engenheiro errar, qual sombra condenada, pela vasta plataforma.

— Boa noite, camarada técnico!

O engenheiro Kleist parou, gelado, mas recompôs-se de imediato e lançou um olhar atento, não a Gleb, mas abrangendo o buraco negro das janelas do pavilhão das máquinas.

Este homem estava em todo o lado. Não perseguia o engenheiro Kleist, mas erguia-se no seu caminho e perturbava-o como um espectro. Não podia escapar do boné e da força deste homem. Em tempos que já lá vão este operário fundia-se na massa anónima dos oleosos fatos-macacos. Não tinha nem voz nem rosto; cumpria, desapercibido, como todos os outros, a tarefa que lhe fora destinada: não era mais do que um ínfimo elemento do formidável e complexo processo da produção. Por que é que o engenheiro Kleist, dantes poderoso e dominador, já nada podia opor ao poder brutal e bárbaro deste homem? Qual o ponto de partida do rumo que as coisas tomaram? Teria esse rumo começado no dia em que o engenheiro Kleist o entregou aos braços da morte ou datará ele apenas do dia de hoje, do momento em que ele o apercebera, ressuscitado, no seu gabinete de trabalho?

— Mas suba, camarada técnico. Visto de cima, o tumulto é mais profundo... Anda a passear? Eu também... todos os dias... Mas para quê?

...A lógica dos acontecimentos resume-se a um fim implacável e a um princípio inexorável. Não existe o acaso: o acaso não passa de uma ilusão. Obedecendo àquela voz imperiosa, o engenheiro subiu lentamente os degraus da escada metálica; mas conservava na sua marcha rumo à fatalidade a costumeira postura grave e a sua calma silenciosa.

— Tenha cuidado, camarada técnico: há aqui um buraco sem fundo... Se lá caísse ficava feito em fanicos... Que raio de buracos você construiu...

O engenheiro Kleist respondeu, frio e severo:

— Nós construíamos as coisas sólida e racionalmente, para durarem séculos.

— Está redondamente enganado, camarada técnico: vocês construíam, construíam, bloco a bloco, mas tudo para vocês... Que inexpugnável fortaleza... Mas não se aguentou, desmoronou-se. Os vossos cálculos racionais afinal não valiam grande coisa... Que é feito dos vossos inabaláveis séculos?

Gleb, de cachimbo nos dentes, parecia enorme, moldado em ferro no meio das trevas. E porque era tão calmo e simples, porque havia nas suas palavras um tão profundo e primitivo significado, o engenheiro Kleist sentiu que não escaparia a este homem e que os minutos que se seguiriam cabiam todos num breve gesto da sua mão. O engenheiro Kleist, paralisado, encostou-se ao parapeito, e a sua cabeça fazia com que, numa suave convulsão, o chapéu tremelhasse.

— E no entanto olhe bem para esta fábrica, camarada técnico: que potência e que beleza! Trazer nova vida a este cemitério... Acender outra vez os fogos, de novo fazer funcionar todos os cabos, todas as transmissões... Que grande milagre é a edificação!

Marcial, o peito em arco, postas as duas mãos na barreira metálica, Gleb demoradamente apreciou os negros blocos dos edifícios cujo maciço tamanho e abissal silêncio o esmagavam.

Foram os seus ossos que por debaixo da blusa estalarão? Foram os seus dentes que rangeram? O engenheiro Kleist ouviu-o murmurar num sopro profundo, semelhante a um estertor:

— Fossa! Fossa comum três vezes maldita!

Que fazia aqui este engenheiro, grande e curvado, de chapéu a tremelicar? Por que se calava ele, tão fechado, com esse ar de condenado à morte?

Algo de comum com a fábrica, algo de opressivo e perturbante calava fundo nele. E o passado, o passado era sofrimento, tortura, a morte de camaradas. O inolvidável! Ah!, empurrar este homem para o abismo! Dois cabos esticados lançam-se por sob os tectos para os motores eléctricos. Como línguas de serpente. Esta faminta goela reclama a presa.

O olhar de Gleb deslizou pelo engenheiro, mas Gleb não sentiu qualquer doloroso desejo de vingança.

— É assim, camarada técnico! Você foi um grande campeão a construir os seus monumentos. A sua fossa está pronta para o dia em que morrer. Está ver esse buraco? Vamos descê-lo para lá, dentro de uma vagoneta, e vamos enterrá-lo debaixo da chaminé mais alta...

O engenheiro Kleist, de cabeça à roda, endireitou-se e afastou-se do parapeito. As mandíbulas soldaram-se-lhe numa massa óssea a ponto de o seu cérebro gritar de dor.

— Por amor de Deus... Tchumalov... Acabe com isto de uma vez!

Aproximou-se do engenheiro Kleist até quase o tocar. Uma tensa, febril concentração se apoderou de Gleb.

— Já basta de nos armarmos em parvos, camarada técnico! Temos necessidade de cabeças... necessidade de braços... É preciso pôr tudo em marcha! É preciso hulha e petróleo... calor e pão para os operários... O desenvolvimento da República... Há lenha na montanha... Os cavalos não a podem trazer, mas as máquinas da fábrica sim. Milhares, milhões de esteres... Vagões na zona... Domingos de trabalho voluntário... Milhares de braços e troncos musculosos...

Sacudiu alegremente o engenheiro pelos ombros. Nas suas mãos, Kleist não passava de um boneco desarticulado. Caiu-lhe da cabeça o chapéu e, rodopiando como uma ave nocturna, desceu para as trevas.

— Acabou, camarada técnico! Vamos tratar bem de si. Já provámos solidamente a nossa força. Os vossos cérebros e as vossas mãos são ouro. Um construtor como você... enfim, você é um dos grandes técnicos da República...

E o engenheiro Kleist compreendeu, na sua derradeira, na sua esgotante luta pela vida, compreendeu no mais profundo do seu ser que estas mãos terríveis, portadoras da morte, o tinham severamente, com força, agarrado à vida. Não pôde, no seu espanto enorme, conceber o sentido deste assombroso acontecimento, e ali ficou, de pé, a cabeça estranhamente vazia, o coração a saltar-lhe no peito...

VI. OS PRESIDENTES

1. O Primeiro Elo

Um contínuo barbudo, de dólman, na cabeça um barrete cinzento do tempo da guerra imperialista, estava sentado à porta do gabinete do presidente do Executivo do Soviete. Recebeu Gleb com um olhar de lobo, lançado por debaixo do matagal cerrado das sobranceiras. Os seus dedos peludos repousavam, como de costume, na maçaneta de latão da porta. Era assim que ele montava guarda à entrada do gabinete do presidente do Executivo, todos os dias, das dez às cinco, sem deixar a cadeira, mesmo quando o presidente saía para tratar de assuntos. Pessoas providas de volumosas pastas a abarrotar de papéis, ou anónimos reclamantes, de pescoço alerta, chocavam sem excepção neste olhar de lobo e toda a gente se resignava a esperar pela sua vez ou se dirigia, para não esperar mais, ao secretário do Executivo.

Pessoas fardadas, com pasta ou sem pasta, munidas de papelada ou sem qualquer papel, resignadas ou furiosas, faziam bicha, sabendo já que não poderiam ultrapassar a consigna deste velho diabo.

O batimento mecânico das Remington ouvia-se algures ao lado, por detrás das portas. Uma voz forte gritava:

— É uma desolação abominável, camaradas! Estamos enterrados na papelada e na burocracia até ao pescoço... O que era preciso era pôr-vos a todos no olho da rua... Encostar-vos a uma parede como...

— Vamos lá ver, macaco peludo, e se tirasses daí a mão?!

As pessoas que estavam à espera insurgiram-se. Mas que era aquilo? Ele era mais que os outros? Por que queria passar à frente de todos? Estavam todos ali à espera que chegasse a sua vez, não?

Do gabinete não vinha qualquer barulho. A porta estava devidamente fechada e tinha um papel pregado: "Não entrar sem se fazer anunciar". E mais abaixo: "O presidente do Executivo do Soviete só recebe para questões de serviço". E mais abaixo ainda: "Em casos excepcionais, as audiências extra-serviço são concedidas só pelo secretário do Executivo".

Máquina maldita! Para a fazer funcionar era preciso parti-la toda.

Gleb dirigiu-se ao secretariado. Abafava-se lá dentro. Amontoavam-se as pessoas numa comprida fila. Empregadas instaladas em frente de velhas mesas debicavam por cima da papelada o pão negro do racionamento. Acostumadas a esta algazarra sufocante, já nem ligavam.

Por que tem o secretário Peplo — rosto de adolescente enquadrado por caracóis grisalhos — um tão rasgado sorriso ao olhar para todas estas caras congestionadas? Sorri rasgadamente, com um brilhaço nos olhos. Tem os dentes bem implantados, branquíssimos. Brinca-lhe no teclado da dentadura uma miríade de bolinhas de saliva.

O secretário Peplo conhece toda a gente. Sabe tudo, o secretário Peplo, e fuma sem pressas. Os assuntos parecem-se todos uns com os outros, para ele os assuntos não fogem.

Ora num canto, ora noutro, sobrepunha-se a este burburinho uma voz forte, zangada, uma voz sozinha por cima de toda a barulheira desta embrutecida e apressada multidão.

— O que era preciso, cambada de calaceiros, era abanar-vos os colarinhos a todos! Que rica coleira arranjastes agora para os operários... É preciso ter muita estaleca para nos havermos com a vossa burocracia... Mas não esperem pela demora, que já vos ensino a não perseguir a classe operária...

O secretário Peplo continuava a sorrir rasgadamente. Com certeza que toda a gente estava já acostumada a cenas destas. A máquina funcionava às mil maravilhas, e a revolta, a cólera dos cidadãos servia só para olear o mecanismo.

Juk, a suar em bica, de olhos húmidos, deambulava através dos gabinetes. Crispado de cólera.

Gleb pegou-lhe na mão e com um piparote repuxou-lhe o boné para a nuca.

— Vê lá se te pões um bocadinho mais bem disposto, Juk!

— Grande Gleb, meu velho camarada! Se soubesses como me despedaça o coração ver o que fizeram da nossa classe operária... Mas enquanto tiver a infelicidade de estar vivo, não vou deixá-los em paz, eu... Passei pelo Conselho de Economia, só merda... Merda por todo o lado... Chego aqui e é esta trampa! Então que é que eu faço? Vou por aí e mando as minhas bocas...

— Juk! Tu és parvo, camarada! É preciso agir, a língua não é arma nenhuma.

— Quem, eu? Calar-me, eu?... Não, com mil demónios... Vou desmascará-los a todos... encostá-los todos a uma parede...

— É preciso arranjar-te um trabalho, Juk, de outro modo estás a desperdiçar as tuas forças em vão...

— Não, meu velho, não, Gleb, eles ainda não me conhecem. Mas vou-lhes mostrar, eu, o ano de 1918...

Levantou o punho para o tecto e foi-se, a cambalear.

Gleb, ultrapassando toda a bicha, abriu caminho até à secretária de Peplo.

— Camarada secretário, peço-lhe que transmita ao presidente do Executivo que...

O secretário Peplo, sorriso colorido, olhou para Gleb.

— Ponha-se aí nessa bicha.

— Vá para o raio que o parta, camarada secretário! Venho tratar de um assunto urgente. Queira informar imediatamente...

Peplo, com fingido espanto, sacudiu os caracóis.

— Um assunto excepcional? Que assunto? Diz respeito a quê?

Ergueram-se na bicha os comentários:

— Eu também, também vim por causa de um assunto excepcional... Assunto excepcional... Conta-me dessas!

O secretário já não o estava a ouvir, ouvia os outros. Gleb endireitou-se, os seus olhos ficaram iguais aos de Juk. Dirigiu-se em largas passadas para a porta, atropelando as pessoas. No corredor chocou com o cabeludo e grandalhão que fazia de contínuo e entrou no gabinete do presidente. Ofuscou-o a faiscante cortina de sol. Grandes quadros vermelhos, como girândolas de fogo, emergiam neste quase doloroso deslumbramento. Também divisava as brancuras longínquas e transparentes das paredes.

— Que se passa, camarada? Estou ocupado.

Gleb não estava a ver quem assim lhe falava por detrás da cortina de sol, mas apercebeu-se de imediato que se tra-

tava de alguém importante, e que esse alguém possuía uma estentórea voz. Gleb atravessou a cortina de poalha brilhante e as coisas surgiram-lhe de repente próximas e costeiras: a secretária semelhante a um armário derrubado, o homem muito fosco, de casaco de couro, crânio rapado e sobrolho carregado. Um outro sujeito de sobretudo circassiano, revólver e punhal à cinta, estava de pé junto à mesa, de mão apoiada no espaldar de uma cadeira. Tipos como esse eram os que na guerra faziam milagres: nunca secava o sangue dos seus sabres.

Gleb fez a continência e sentou-se em frente do presidente do Executivo. Houve entre eles uma troca de olhares marcada de recíproca, silenciosa pertinácia. Não olhava para o seu interlocutor de sobretudo circassiano. Falava para a mesa, para as suas mãos morenas cobertas de pêlos.

— Toma bem nota do que eu digo, Borchti: se dentro de um mês não tiveres conseguido o fornecimento das normas suplementares de trigo e se por tua causa falhar, em Setembro, a devolução das sementes emprestadas, mando-te fuzilar. Estou a falar a sério. Tu bem o sabes. Perante mim como presidente do Distrito, responderás por todos os teus homens. Toma bem nota disto.

Borchti ripostou com um sorriso descarado, o branco dos olhos a brilhar-lhe na cara.

— Camarada Badine... Eu também sou comunista... Protesto...

O presidente do Executivo cortou-lhe a palavra. Uma ameaça surda, fria transparecia na voz dele:

— É precisamente na tua qualidade de comunista que te mando fuzilar, se a tarefa não for cumprida. Andais todos às turras no vosso distrito, que está cheio de sabotadores e cedéis à influência dos camponeses abastados.

— Tens de me ouvir, camarada Badine... Trata-se apenas de adiar para o próximo ano o reembolso dos empréstimos... Deves estar a par da situação. Já é a quarta vez, desde o Outono, que se fazem requisições de víveres. Os agricultores vão rebentar de fome... É com medidas como estas que damos azo à criação dos bandos de brancos-verdes... Vão degolar-nos a todos... Vão-nos fazer em picado...

— Muito bem. Que vos façam em picado, mas que a tarefa seja cumprida nos prazos determinados.

— Camarada Badine... Peço que isto seja agendado na ordem de trabalhos do... Vou provar ao Executivo...

Badine endireitou-se, as dobras do seu casaco de couro luziram.

— Borchti!

Levantou-se e virou lentamente a cabeça para o cossaco.

— Presidente do Executivo de Distrito Borchti!

Sorria um sorriso que ocultava uma ameaça maior que todos os gritos.

Borchti recuou um passo e também ele se endireitou. Como pérolas de fogo e humidade toldaram-lhe os olhos. Enrouqueceu-lhe a voz.

— Camarada Badine!... Assim será... Vou fazer tudo isso... Mas vai ser uma carnificina, camarada Badine...

— Não chores mais, vamos dar-te como reforço o chefe da milícia da zona, Saltanov.

Badine sentou-se sem mais nada acrescentar. Já se tinha esquecido do presidente do Executivo de Distrito Borchti. Este, tarimbeiro do "Esquadrão Infernal", dominado, domado, lançou-lhe um último olhar onde toda a resistência se esvaía e saiu rapidamente da sala, vencido. Badine, de novo rendido ao peso da sua própria cabeça, amparou-a pesadamente com as mãos peludas.

— De que se trata, camarada? Seja breve.

— Camarada presidente do Executivo, é mais difícil um operário chegar até si do que tomar Perekop.

— A que vem? Fale em termos precisos.

Outra vez se cruzaram os olhares dos dois homens, hostis, pressentindo mutuamente a sua força. A fria imobilidade de pedra do presidente do Executivo oprimia Gleb; e Gleb, pertinaz, indignado, martelava o silêncio e a ordem administrativa do gabinete com palavras que lhe saíam como pedras.

— Da próxima vez agarro no seu laçao pelo cu das calças e atiro-o pela janela. Entre nós já não se usam esses maneirismos de generais.

Badine, muito calmo, mas com uma irresistível ameaça autoritária nos olhos, disse, não para Gleb, mas para o fundo de si mesmo:

— Camarada, não tarda que o mande prender por ameaças e violências. Quem é você?

E levantou-se. Apoiou-se na mesa com as duas mãos e esta rangeu, vergou sob o peso dos seus punhos. Porém, mal o presidente proferira estas palavras, já Gleb, rosto de súbito alterado, afastava com brusquidão a cadeira e se inclinava todo sobre Badine, fazendo tremer as paredes com a sua voz gritada:

— Camarada presidente do Executivo do Soviete, é um operário da fábrica quem está a falar consigo. Queira ter

a bondade de se sentar! Não tem o direito de correr com os operários do seu gabinete!

A Badine estremeceu-lhe uma bochecha, um sorriso descobriu-lhe os dentes brancos. Sentou-se, tirou do bolso um maço de cigarros, acendeu um e passou o maço a Gleb.

— Estou a ouvi-lo. Fale com precisão, diga de uma vez o que é que quer. Qual é o seu nome?

Gleb sentou-se também. Recusou os cigarros mas tirou o cachimbo da algibeira.

— A célula da assembleia de operários decidiu transportar a madeira dos abates pela crista do monte por meio de tracção mecânica, através dos funiculares. O técnico da fábrica vai desenhar o plano dos trabalhos. Mobilizando todos os sindicatos para dois ou três domingos de trabalho voluntário, desceremos até aos vagões lenha em quantidade suficiente. Acarretar a lenha à mão não dá nada: os camponeses fogem e dão em bandidos. As bateiras da costa também não servem para o transporte, porque estão podres a mais não poder ser. É tudo. Chamo-me Tchumalov, seringueiro na fábrica, comandante de um regimento.

Badine estendeu-lhe a mão. A bochecha voltou a tremer-lhe, o sorriso a revelar-lhe os dentes brancos.

— Assunto sério — disse ele —, há que reflectir nele. Mas diga-me uma coisa, Dacha Tchumalova não é sua mulher?

Gleb, entretido com o cachimbo, não atentou nas últimas palavras de Badine. E com um amplo gesto estendeu-lhe por sua vez a mão.

— Não se trata disso, camarada presidente. Tenho outra coisa em vista. Que pensa da reactivação da fábrica, se a questão for posta na ordem do dia?

Badine olhava Gleb, os olhos parados numas pálpebras que não pestanejavam mas onde se acendiam chispas douradas. Reclinara-se na poltrona. Um leve estremecimento também nas pálpebras.

...Gleb Tchumalov, o marido desaparecido. Dacha, tão diferente das outras mulheres. Dacha para a qual ele um dia estendera a mão. Não havia mulher que lhe resistisse, dócil e curvada; mas com essa ele deparara com uma mola de aço. E como essa mulher, pondo-se à frente das operárias da cidade, todos os dias recrutava e formava contingentes combativos de mulheres, ela própria conquistando o seu lugar entre os homens, o presidente do Executivo do Soviete, Badine, não sabia abordá-la como abordava as outras. E todos os dias pensava na maneira de se aproximar de Dacha, de quebrar a sua resistência.

— De momento, vamos pôr a fábrica de parte, camara-

da Tchumalov. Não depende de nós pô-la a funcionar. Quanto à questão da instalação de um funicular, vou levantá-la na próxima sessão da Conferência Económica.

Gleb, estupefacto, baixou o cachimbo. Depois voltou a metê-lo nos dentes e voltou a encontrar o olhar do presidente do Executivo. Que havia no fundo desses olhos? Não pôde descortiná-lo: inundara-os uma onda turva e negra.

— Como? Não depende de nós? Mas isto é uma vergonha: a fábrica, longe de alumiar as casas dos operários, nem mesmo ilumina as suas próprias ruelas. Tudo desaparece. Não há nem portas, nem janelas e, se restam ainda algumas portas, em vez de fechaduras vêem-se arames ou barbantes. E queriam vocês que a fábrica não fosse posta a saque, desmontada peça a peça! Mas quem é culpado deste descabro: vocês ou os operários? A fábrica recebe senhas de petróleo. Onde é que ele está? Os operários querem saber para onde vai parar o petróleo deles! Que história... que riqueza, o antigo trabalho das matérias-primas... Mas os armazéns estão vazios... Vocês queixam-se dos ociosos e dos mirones mas estão a alimentar no meio de vocês, parasitas e tagarelas. O Tribunal Revolucionário não serve para nada, pois ainda não vos encostou todos à parede. É assim, camarada presidente, que deve ser colocada a questão.

— Camarada Tchumalov, todos sabemos tão bem como você como é que deve ser posta a questão. O arranque das coisas depende da situação real. As questões de importância geral não podem ser resolvidas sem o acordo da Comissão do Plano de Estado.

— Compreendo muito bem o que é uma questão de importância geral, camarada presidente.

— Fá-lo-emos, camarada Tchumalov, quando chegar a hora. Tudo depende das perspectivas da nova política económica. E essa hora não vem longe.

— Acho que nós, os comunistas, não devemos limitar-nos a cumprir as orientações dos chefes. Mais importante é a iniciativa criadora das massas.

Badine deu à manivela do telefone.

— Camarada Schramm? Passe por aqui...

Com um sorriso frio fitou o cachimbo na mão de Gleb. Este sentiu uma onda de hostilidade invadi-lo. Nunca na vida se tornariam amigos, nunca!

— Qualquer administrador, camarada Tchumalov, vale tanto mais quanto melhor centrar os seus esforços naquilo que o preocupa. A regra é, pois, esta: não há conjunto, há só partes; não há contos de fadas, há só migalhas de pão. Com certeza que sabe como somos ameaçados pelos bandi-

dos? Os seus antros cercam-nos por todos os lados. A luta contra o banditismo exige-nos forças que seriam indispensáveis para o relançamento económico. É a altura de se conceberem novos métodos de luta, novas directrizes. O seu projecto de reactivação da fábrica é absurdo: você não está a ter em conta a conjuntura económica. E quanto ao abastecimento da cidade em madeira, se você o conseguisse pôr de pé; então sim, isso seria uma bela façanha.

Gleb tirou o cachimbo da boca e considerou fixamente o seu interlocutor. Por que era que esse gajo não compreendia as coisas mais simples?

— Você anda a ser mordido pelas pulgas, camarada presidente, e pega num martelo para dar cabo delas. É preciso remontar às causas do mal. O Exército Vermelho levou de vencida quantas Ententes apareceram, ao passo que as suas partes de não sei que mais não fazem do que multiplicar os desocupados. O que foi feito de concreto para relançar a produção? Nada. É essa a questão que é preciso pôr sem rodeios, amplamente, de imediato, sem o mínimo prazo...

— Sei-o tão bem como você, camarada Tchumalov! Não falamos de outra coisa em todos os congressos dos soviets e dos sindicatos, em todas as conferências do partido: forças produtivas, relançamento económico da República, electrificação, melhoramento do solo, etc. Mas onde estão as possibilidades reais?

— Existem, sim. O que faz, actualmente, o operário, você sabe? E de que vive o camponês, também o sabe? Já espezinhámos demais os campos dos camponeses, chegou o momento de os cultivarmos. Enquanto as chaminés não começarem outra vez a fumar, o camponês continuará bandido.

O presidente do Executivo sorriu, extinguiu-se-lhe nos olhos a curiosidade.

— Isso também não é novo, camarada Tchumalov. Veremos o que decide o X Congresso do Partido.

Como era tenaz e ingénuo, e míope, este operário! Um desses demagogos que entravam o normal funcionamento da tão difícil e complicada administração da região. Mais um desses sonhadores a quem as miragens do futuro fazem romantizar o presente, que é só ruína e descalabro...

O presidente do Conselho da Economia entrou, vestido de couro amarelo da cabeça aos pés. Tinha uma flácida cara de eunuco, uma luneta de aro de ouro no nariz efeminado. Sobrava uma volumosa pasta. Entrou sem cumprimentar e sentou-se à mesa em frente de Gleb, imóvel, numa

expectativa tensa que parecia nada ter de humano. Inteiramente imóvel, os olhos vítreos — como os das figuras de cera — parecia um manequim que imitasse, na perfeição, a vida.

— Ouve, Schramm: que pode fazer o Conselho da Economia se se puser com instância a questão de pôr parcialmente em actividade a fábrica de cimento?

Nem um músculo se mexeu no rosto de Schramm, e quando falou fê-lo quase sem mover os lábios.

— O Conselho da Economia tomou a cargo um enorme trabalho. Inventariou e conservou os bens do Estado desde as máquinas mais complexas até às velhas ferraduras. Não permitiremos que se pegue no mais insignificante prego dos *stocks* nem que se toque nas máquinas, a despeito dos inumeráveis projectos e propostas emanando das empresas e de particulares.

— Está muito bem. Mas o teu Conselho da Economia deve abandonar esse papel de somítico e tornar-se um patrão empreendedor. A tua administração vai ter de se lançar ao trabalho, e com unhas e dentes.

O rosto do presidente do Conselho da Economia continuava plácido, tenso e mole ao mesmo tempo.

— O Conselho da Economia só recebe ordens para tarefas e planos do Gabinete da Indústria.

O presidente do Executivo teve um olhar carregado e duro. Debruçou-se pesadamente para a mesa.

— Tu escondes-te por trás do Gabinete da Indústria para ilibar o Conselho da Economia. Mas sabes o que se passa nos teus dois andares? Os teus relatórios por escrito mostram que te ocupas a inventariar e a verificar os inventários. Tens secções e subsecções de sobra, um pessoal de duzentas pessoas, e tudo isso não produz o mínimo trabalho criador. Que pensa o Conselho da Economia fazer das oficinas, das fábricas e das empresas?

— O Conselho da Economia acha que importa antes de mais conservar o património da nação sem tolerar qualquer iniciativa duvidosa.

— Como trabalha o Serviço Regional das Madeiras?

— Isso não me diz respeito, ou antes, só me concerne em muito pequeno grau. Esse serviço possui o seu próprio mecanismo sobre o qual eu apenas exerço um controlo.

— Que sabes tu do seu trabalho?

— Os abates processam-se nas florestas em conformidade com os planos aprovados.

— E como será transportada essa madeira?

— Esse assunto não é do âmbito do Conselho da Eco-

nomia. É da responsabilidade do Serviço Regional dos Combustíveis.

— Pois bem, Schramm, escuta. A cidade, os subúrbios e os transportes têm de receber combustível antes do Inverno. É necessário repor sem falta em funcionamento a secção eléctrica da fábrica e instalar um Bremsberg a partir da crista da montanha. O Conselho da Economia deve ocupar-se sem tardança dessa tarefa pondo em funcionamento a tracção mecânica da fábrica.

— Não é do meu pelouro, é da responsabilidade do Gabinete da Indústria. Se o Gabinete nos der ordem, agimos.

— Não é da responsabilidade do Gabinete da Indústria e dispensamos a sua autorização.

Pela primeira vez perpassou, como sombra ligeira, um leve tremor pelo rosto de Schramm. Mas os olhos continuaram imóveis e vítreos.

— Quantas senhas de gasóleo recebe a fábrica?

— O gasóleo está a chegar mal. Segundo os relatórios, há até 30% de perdas. Somos obrigados a descontar nos fornecimentos reservados à fábrica para aumentar a quota das moagens a vapor, o que fazemos com a autorização do Gabinete da Indústria. No que toca à electrificação da fábrica e à montagem de um Bremsberg, essas iniciativas não estão previstas pelo Plano de Trabalho do corrente ano aprovado pelo Gabinete da Indústria. Esta questão deve primeiro ser enviada para estudo ao Serviço de Construções do Estado e à Secção Industrial que a examinarão em pormenor e fixarão os orçamentos.

Lá muito no fundo dos olhos do presidente do Executivo algo se alumiou.

— Não nos farás objecção. Fica sabendo que sabemos obrigar-te a isso. Vais apresentar um relatório na próxima sessão da Conferência Económica.

Uma viva vermelhidão subiu ao rosto de Schramm; enevoaram-se-lhe os olhos.

— Tenho que, primeiro, pedir a autorização do Gabinete da Indústria.

O sorriso de Badine foi igual ao que tinha arvorado na presença do presidente do Distrito Borchti.

— Não precisas para nada da autorização do Gabinete da Indústria. Nós cá temos os meios para te fazer correr mais depressa.

Schramm, aterrorizado, olhava para Badine sem chegar a compreender o que acabara de ouvir. Gleb esvaziou no cinzeiro a cinza do cachimbo. Um primeiro elo, uma pequena malha da corrente estava já, portanto, assegurado? Fal-

tavam os outros. Gleb levantou-se e estendeu a mão a Badine. Nos olhos deste descortinou um sorriso, um sorriso que não se alargava ao rosto.

— Camarada presidente do Executivo, nem que deixemos nisso pele e osso, o trabalho será feito.

— Ponha-se em acção, camarada Tchumalov. A reactivação da fábrica será discutida em tempo oportuno.

Gleb parou diante de Schramm.

— O seu Gabinete da Indústria mando-o para o diabo com um pontapé no traseiro. Sabemos como havemos de fazer as coisas. O Conselho da Economia inteirinho, e você com ele, vamos destacá-lo para limpar as folhas. A papela-da e o bafio prosperam nos pântanos, mas nós também sabemos secar os pântanos.

O presidente do Conselho da Economia considerou-o com espanto. Já não estava corado, desvanecera-se-lhe dos olhos a sombra que os toldava. O seu rosto volveu à normalidade mole, calma e tensa. Será que este militar tem provas irrefutáveis contra ele, Schramm?

— Nada de ameaças, camarada, por favor. E não se meta, sem ser chamado, nos assuntos do Conselho que tenho a honra de encabeçar.

Gleb desatou a rir. De cachimbo nos dentes, olhou para Badine em cujos olhos, lá no fundo, voltou a descortinar o escondido sorriso.

— Você é comunista e não tem uma política operária. Nunca lhe passou pelas narinas nem o cheiro a pólvora nem o cheiro a suor do operário. Estou-me marimbando para a sua máquina... Tem ao seu serviço regimentos de mangas-de-alpaca que se habituaram demais a comer, os parasitas, o pão dos Sovietes. Para vocês é tudo muito certinho com orçamentos e outros unguentos, numa camuflagem perfeita. Mas nós temos faro de perdigueiro e dentes de lobo.

De novo se toldaram os olhos de Schramm e fez menção de se erguer da cadeira.

— Camarada Badine, exijo que chame o camarada à ordem.

Mas Gleb, não esperando pela resposta, já atravessava as ondas de luz em direcção à porta.

Ia ter com Tchibiss! Neste momento ninguém mais necessário que Tchibiss.

2. Olhos que Enxergam de Noite

Tchibiss e Gleb estavam sentados num gabinete exíguo diante de uma pesada secretária. A janela estava aberta.

O rosto de Tchibiss, jovem e risonho, parecia um tanto pálido.

— Podes falar, camarada Tchumalov, se for um assunto urgente, mas também podes esperar um momento. Tenho agora justamente uns minutos livres. Diz lá ao que vens. Essa fábrica dá-te cabo da cabeça, não é?

— Para já, só penso nisso, ainda estou longe das coisas concretas. Vou fazendo barulho.

Tchibiss franzia os olhos à luz quente do sol.

— Eu olho para o mar. Visto daqui parece uma bola de sabão: arredonda-se em cores e mais cores. Olha só. Não é sonho nem realidade. Dá vontade de tomar um banho e de nos estendermos na praia. Na floresta também é agradável. Mas olha só para o mar: como vibra, como floresce. Eu estou aqui e o mar além. E será sempre assim. Podes imaginar o que é isso: sempre assim... Até tem um bocado a ver com a psicologia. Que pensas tu da psicologia?

— A psicologia que vá para o diabo... Reserva uma hora e vai tomar banho, qual é o problema?

Tchibiss franzia os olhos sorrindo. Foi como se, muito próximo, olhos nos olhos, fitasse Gleb com um claro olhar infantil, vindo do fundo da alma. Brilhou-lhe uma lágrima nos olhos, uma lágrima infantil, por detrás da qual se sentia um imperceptível ponto negro. Esse ponto negro movia-se, saltava, escondia-se, desaparecia como que sugado, e voltava a aparecer. Gotículas de lágrimas infantis e, por detrás delas, esse demónio frenético. Aqueles olhos não deviam dormir de noite, aqueles olhos deviam ver através das paredes.

— Camarada Tchibiss, não sei o que pensas disto, mas essa canalha do Conselho da Economia não merece mais que uma bala. Ainda há pouco lhe pesguei na cara o que pensava dele, no gabinete do presidente do Executivo e de caminho ataquei também o Gabinete da Indústria.

Tchibiss olhou demoradamente o mar, as montanhas, as nuvens suspensas no azul do céu, e o mesmo sorriso pueril lhe alastrou pelo rosto.

— Viste fuzilar pessoas, Tchumalov?

— Sim, na guerra. E impressionou-me: ainda estou a ver os seus olhares enlouquecidos, ainda os ouço a uivar como cães esmagados...

— É isso. Os olhos enlouquecidos e a carne... a carne morta é sórdida. Há os que morrem em silêncio, ainda em vida. Quem propões para a caça ao Conselho da Economia e ao Serviço das Madeiras? Lembra-te que são os imbecis quem fornece os melhores e mais pontuais empregados.

Gleb tinha a respiração dificultada pelo aperto da blusa. Levantou-se, o riso abafava-o. Voltou a sentar-se e assentou um murro na mesa.

— Schramm é um comunista firme capaz de dar a vida pela sua administração. É um comunista esvaziado do qual fizeram um espantálho que já não mete medo aos pardais. Os imbecis valem mais, porque sabem turvar a água clara. Sabes o que é a necessidade, Tchumalov? Senti-la é uma coisa, conhecê-la é outra. Sabe fazer da necessidade o teu pensamento mais chegado e os fantasmas da noite já não te assustarão.

Gleb, vagamente inquieto, olhava Tchibiss, cuja cabeça parecia crescer, cujas mãos já não se aguentavam em cima da mesa, torcendo-se como cobras.

— Tens alguma objecção em relação a Juk, camarada Tchibiss? Achas que ele é capaz de se encarregar da coisa?

— É isso, compreendemo-nos bem, a fundo. Manda-me cá amanhã o homem. É ele que irá ao Conselho da Economia e ao Serviço das Madeiras tratar de tudo. E pronto! Podes ir... Pede um passe permanente.

Ao chegar à porta Gleb virou-se e de novo deparou com um olhar alheado.

— Viste o Lénine, camarada Tchibiss?

— Quer o tenha visto ou não, isso não tem importância...

Gleb sorriu e, desconfiado, ajeitou o boné.

— Estás a brincar, camarada Tchibiss, tu viste-o, ao Lénine...

VII. A CASA PATERNA

1. Um Rato de Biblioteca

O entablamento cinzento ostentava por cima de três colunas vetustas, em grandes letras de pedra: CASA DO POVO. Passadas as colunas, ao fundo do edifício, destacava-se um pequeno rectângulo de papel pregado numa porta grande e toda rachada de carvalho. Serguei subiu as escadas esbotenadas e, míope, aproximou a cara do pedaço de papel. Era a letra do pai. Algo de senil e ao mesmo tempo de muito jovem transparecia naquela caligrafia emaranhada e apressada. Uma recordação de infância lhe atravessou o coração, nostálgica e profunda como um triste refrão. Amendoeiras em flor nos jardins, por debaixo da janela, a mãe

pálida e silenciosa que lhe prova uma blusa e depois o beija... Tão longe tudo isso! Como as confusas imagens dos sonhos. Há muito que não voltara a ver o pai, desde que para sempre abandonara a família.

A bibliotecária Verotchka *, sua antiga aluna, sempre espantada, o ar sempre de desamparo, encontrara-o na cidade (só ela tinha artes de o encontrar). Nunca soube falar com ele, mas os seus olhos e aquele seu tremor nervoso davam sempre a ideia de que estava à espera que ele falasse. Só conseguiu, como de costume, murmurar:

— Serguei Ivanitch... Andava à procura... Estou muito contente...

Mãos trementes estenderam-lhe um bilhete.

— Como está o pai?

— Ivan Arsenitch? Se soubesse!...

Sorria. Os seus olhos arredondados, deslumbrados por um alegre espanto, não o desfitavam.

— Continua na biblioteca, Verotchka? Ainda não está farta das secas do meu pai sobre um ror de coisas ocas e profundas?

Enquanto ele decifrava a letra infantil do pai, Verotchka desapareceu.

“Quando se pensa, meu filho, que a consciência é determinada pelas condições de existência, apercebemo-nos da grande vitória do pensamento imortal sobre os caprichos do devir. Mas quando nos damos conta da primazia da existência sobre a consciência, vemos que o homem é ínfimo, seja qual for o seu orgulho. Saberás tudo isto quando tiveres a coragem de penetrar no meu santuário do livro. Tenho necessidade de te ver por razões fúteis e por conseguinte inquietantes (o fútil é sempre inquietante). Encontrar-me-ás no meu templo no meio dos meus livros (que formigam como baratas) sorrindo e lendo Marco Aurélio. Rato de biblioteca e teu pai, por puro acaso.”

E Serguei, lendo o bilhete, sorria.

Inquieto por um confuso pressentimento, dirigiu-se para a biblioteca. Via mentalmente a cabeça do pai, calva como a dele mas cercada de cabelo grisalho, rebelde, em auréola, e a barba afilada, lançada para a frente em ângulo recto com o queixo. Era uma cabeça com algo de senil e jovem a um tempo.

Da frescura de um vestíbulo cinzento e a cheirar a ratos, Serguei passou a uma ampla sala banhada por uma poeirenta semiluminosidade onde ao longe se alinhavam livros

nas prateleiras e onde redemoinhavam enigmáticos sussurros.

Esta sala fora dantes um cinema. O chão era ligeiramente inclinado e só tinha duas janelas estreitas e compridas. Por isso a luz aí era cinzenta, incerta como numa igreja ou num depósito. Também o silêncio era o de uma igreja, um silêncio antigo, estagnado. Paredes não se viam, só livros, do tecto ao chão, em filas paralelas. Porquê tantos livros? Poderia um homem lê-los todos no decurso da sua vida? Não seria por isso que eles estavam tão cerradamente comprimidos nas suas estantes, para que o homem, aterrorizado com o seu número, sentindo que eles ameaçavam a sua vida sedenta de sol, fugisse deles?

Verotchka, radiante e espantada, sorria por detrás de uma pilha de livros.

— Serguei Ivanitch... Será possível?... Ivan Arsenitch... Um momento...

O centro da sala era ocupado por um grande ficheiro de gavetas sobrepostas, imponente como uma iconóstase; e seu pai ali estava, aureolado de cabelos grisalhos, de bata de pano cru. Examinava o filho sem parar de mexer os sobrolhos e Serguei, aproximando-se dele com passos medidos, cautelosos, por causa do chão inclinado, viu que o pai estava descalço, os pés cobertos de pó, estragados, cheios de negras e esfoladelas.

— Tu gostas de mim, estou a ver... Anda para o pé de mim, aproxima-te do altar e senta-te. Desde pequeno que tens esses olhos, olhos de mancebo ensimesmado.

Ria, confuso, enquanto ia falando.

— Sabes o que é estoicismo? Inesgotável curiosidade perante a vida; os homens que a possuem sofrem porque no mundo existe uma triste necessidade: dormir.

Esta amistosa linguagem fazia sorrir Serguei que, como sempre, na presença do pai se sentia arrebatado por um alegre entusiasmo. O pai era para ele um gigante misteriosamente próximo.

O pai ria baixinho e o seu inquiridor olhar avivado de inquietude continuava fixo em Serguei com a curiosidade de um espírito que verifica a solução de um problema. Repuxava a barbicha com dedos nervosos. Todo o seu rosto irradiava ternura e ironia. Serguei pressentiu que ele tinha algo de grave e doloroso a dizer-lhe.

— Não te sentes oprimido neste buraco, pai?

— O destino de todos os livros, Serioja *, é o de serem

* Diminutivo de Vera. (N. do T.)

* Diminutivo de Serguei. (N. do T.)

prisões para o pensamento. Cada livro é uma corda ao pescoço da liberdade humana. Não se parecem com grades de ferro todas estas prateleiras? O espírito humano que aspira à imortalidade cria o livro, laje do seu túmulo. É a inexorabilidade, Serioja: o homem é uma permanente rebelião e a rebelião é apenas uma passagem de uma prisão para outra. Passa-se do ventre materno para os arcanos da sociedade, para os grilhões das regras obrigatórias, e daí para o túmulo. Marco Aurélio não era estúpido: sabia sentir-se livre a arrastar os grilhões e possuía a sabedoria de olhar para lá dos muros da sua prisão.

— Pai, penso que a verdadeira liberdade só existe na adesão criadora da nossa vontade à dialéctica da necessidade. O homem é imortal no dinamismo da acção criativa.

O pai olhava-o com fixidez, com o severo sorriso de velho céptico.

— Por que não me perguntas pela tua mãe? Que sentirás tu se ela morrer hoje?

Serguei, rosto crispado, olhou o pai nos olhos.

— Ela está assim tão mal? Gostava de a ver, nem que fosse só por um minuto.

— Ela morre por doloroso amor aos seus filhos... Ela está a morrer, Serioja...

O sorriso do pai estava agora eivado de enorme tristeza.

— Quanto a mim, não vou morrer, está tranquilo. A verdadeira vida está na liberdade, na independência em relação aos primatas. Porque o mundo não passa de pura relatividade, ao passo que a felicidade está no aniquilamento instantâneo. Marco Aurélio e também Lucrécio teriam feito de mim amigo deles.

Serguei sentiu-se bem, apaziguada e tranquila a alma. Como seria bom, nos intervalos do seu viver quotidiano, tenso e fatigante, de noites envenenadas pela insónia, como seria bom abandonar-se ao silêncio destes livros, dispersar a alma sem pensar mais, ou ficar, nem que fosse só uma hora, inacessivelmente só com o seu pensamento. As suas noites, na saleta exígua da Casa dos Sovietes, eram torturantes, assombradas de pesadelos e dores de cabeça, porque o sono não existia na Casa dos Sovietes em que as vinte e quatro horas do dia eram impregnadas de fumo de tabaco e rasgadas pelo toque dos telefones. Não havia dia nem noite na Casa dos Sovietes, apenas existia uma exígua divisão onde o excesso de trabalho, a austeridade, o sacrifício se tornavam dolorosos.

— Serguei, meu filho, a tua mãe está muito doente. Sim, sim, vai vê-la... Se não tens nada a dizer-lhe, olha só

para ela como a olhavas quando eras pequeno e já lhe darás uma grande felicidade.

Nem na infância nem na adolescência Serguei conseguira penetrar na alma de seu pai que sempre fora como uma criança, transportando com ele para a luz cinzenta da biblioteca os seus dias, considerando confuso, de ar pasmado, o dinheiro que recebia pelo seu trabalho, que coisa estranha isso era para ele; sempre apressado, sempre a rir-se, um riso atrapalhado quando a mãe falava com ele. Era ela, a mãe, quem enchia a casa, da cozinha ao quarto de dormir, e até em sonhos se via o seu rosto a passar, cavado de preocupações, de pálpebras pesadas e húmidas.

— Vamos, pai. Quero vê-la agora.

— Sim, sim, Serioja... Deste-me uma grande alegria... muito grande... Mas como é que vais reagir se encarares com o teu irmão Dimitri? Não me faças perguntas, tenho mais medo dele que tu... Aliás eu não tenho medo de nada, nem de ninguém, porque estou agarrado à curiosidade e a curiosidade, meu filho, tu bem o sabes, é a sabedoria. O assustador, Serioja, não está na profundidade das coisas mas nos simples elementos do movimento, num olhar, num gesto, num grito... E é aí, meu amigo, que reside a cruz do homem... a maldição que sobre ele pesa...

2. À Cabeceira da Mãe

O pomarzinho cercado por uma grade estava envolto numa bruma castanha. Os ramos nus erguiam-se formando novelos transparentes e rígidos. Só as amendoeiras flamejavam numa miríade de flores brancas. Este pomar tinha sido plantado por Serguei e pelo pai, era ele ainda menino. Serguei ia agora ao longo da cerca lançando olhares através das aberturas e reconhecia as árvores familiares, os carreiros ao abandono, o caramanchão de ripas avermelhadas das videiras selvagens, feito por ele mesmo quando ainda era colegial. E a casa de pedra, de um só andar, mostrava-se-lhe ao mesmo tempo familiar e distante como uma recordação de infância.

— Terá sido assim há tanto tempo, Serioja, que aqui viveste e te criaste?... Estás a reconhecer o teu só-tão?...

O velhote ria-se. Os seus pés gretados multiplicavam-se em passinhos miúdos. Serguei bem via que o pai estava contente, que a sua presença o tocava, que estava confuso com a própria alegria que sentia. E de súbito Serguei deu-se con-

ta pela primeira vez de que o pai tinha um ar de abandono e que um claro e profundo vazio se lhe instalara nos olhos.

— A vossa revolução é uma das mais alegres revoluções da história, meu Serioja... É, ao mesmo tempo, uma das mais trágicas, sendo precisamente por isso que é alegre...

O pomar cintilava ao sol como uma teia de aranha; os relentos suaves da terra primaveril prenhe de rebentos, explodindo na alegria das amendoeiras em flor, eram embriagantes. Aquela janela além era a de Serguei, onde ele passara a infância e os anos de escola...

Alto, bem barbeado, estava um homem, maneta, à espera no fundo de um carroiro ainda coberto de folhas mortas do ano passado em cima das quais caía a doce neve das amendoeiras (de longe parecia irisada). O homem vestia uma camisa branca e calças de cossaco. As órbitas cavavam-se-lhe em largas manchas ossudas; tinha um nariz muito comprido, cravado em bico de águia por cima de um pequeno lábio superior.

— Pai, sinto que o nosso encontro com Dimitri não vai trazer-nos nada de bom. Em tempos separámo-nos como amigos, agora receio bem que nos vamos reencontrar como inimigos.

O maneta olhava-os de longe com o olhar agudo de pássaro e a sua face ossuda e comprida sorria. À laia de cumprimento levantou a única mão e berrou com voz forte de oficial.

— É de alma e coração que desejo as boas-vindas ao tecto paterno do cavaleiro da estrela vermelha!... Hã, Serioja, meu velho amigo!

Serguei cumprimentou-o com a mão livre e subiu com um tremor nervoso, de olhar turvado, os degraus do pátio.

O quartozinho que a mãe ocupava estava como dantes envolto em penumbra, com os estores corridos, pejado de roupas, cómodas, arcas, e estava como outrora impregnado do abafado cheiro de longos anos de intimidade. E cada vez que Serguei pensava na mãe, envolvia-o esse cheiro, numa náusea de força alucinante.

Esse odor tornara-se necessário ao silêncio condensado que dormitava entre estas velhas muralhas penetradas pela história da sua vida. Acumulavam-se pelos cantos móveis e um ror de objectos: há pouco tempo tinham obrigado os locatários a apertarem-se todos só em algumas divisões da habitação.

Um rosto como pergaminho, tranças negras coladas às faces cavadas, olhava Serguei do meio da mole brancura das travesseiras. Serguei aproximou-se da cama em bicos de pés e fixou longamente, nestas meias trevas mortuárias, o rosto da mãe, tão estranho, tão desconhecido. Pegou na mão da doente; uma espécie de vibração percorreu-lhe os músculos e os ossos.

Essa mão que ele apertava com palpitante ternura, essa cabeça aureolada de finas tranças negras eram-lhe ao mesmo tempo alheios e próximos, tão próximos que lhe apertavam na garganta um nó de choro. Serguei, ao aspirar o odor do antigo lar, não sabia o que fazer de si mesmo, perdido no meio de todas estas velhas coisas acumuladas e não sabia também o que fazer da mão que ele apertava e se ia extinguindo.

A mãe estava calada, fixando nele a perturbante profundidade dos seus moribundos olhos.

Serguei também nada dizia, aguardando com um estremeamento interior que a mãe lhe murmurasse algumas palavras. Não esperava que ela falasse, que gritasse, mas uns murmúrios, era só o que ele esperava. Mas nem isso, naquele rosto apenas se viram as pálpebras a fechar-se.

...Dimitri estava de pé junto a Serguei. Nas pupilas luzia-lhe uma chamazinha trocista. Cheio de vida, ossudo, largo de ombros, parecia que a sua pele era demasiado estreita para lhe cobrir os ossos, o nariz em bico de águia e a linha das sobrancelhas salientavam-lhe ainda mais o ar selvagem.

Cessou então a íntima vibração e a mão de sua mãe pendeu para o leito.

O pai sorria sem que se lhe extinguísse a claridade do olhar.

— Como é estranho que sejais ambos meus filhos. E como é estranho que sejais como dois desconhecidos... um para o outro e para mim...

Dimitri, irónico e distante, continuava com a mesma chama zombeteira no olhar.

— É como vês, meu Serioja. O nosso pai continua a imitar Diógenes no seu tonel. Alimenta-se de moscas e das suas próprias palavras. É inocente como os passarinhos. Gosto muito dele...

Serguei, a quem o olhar do irmão incomodava, perguntou-lhe com frieza:

— Que andaste a fazer durante estes anos todos? Nunca mais ouvimos falar de ti.

— Não to vou dizer. Se to dissesse tinha de mentir e nunca diria o que devia. Fui coronel na frente alemã, depois inválido de guerra, e agora sou “cidadão sem profissão definida”.

Dimitri levou com um gesto abrupto aos lábios a mão de sua mãe. E esse beijo provocou na doente um estremecção. Os olhos cheios de um horror mudo não podiam afastar-se do rosto do filho.

A mesma chamazinha dançava sempre nas pupilas de Dimitri, que apertou com a mão o ombro de Serguei.

— Há quanto tempo te não via, meu Serioja... Desde a adolescência... Dá cá um abraço...

Mas Serguei, num crescendo de confusa ansiedade, afastou-se dele e aproximou-se do pai.

Dimitri cacarejou um riso breve, deu meia volta à esquerda, à maneira militar, e saiu.

Via-se-lhe a azulada nuca bem rapada a luzir.

Na ampla fronte do pai cavaram-se duas rugas profundas, do nariz às têmporas. Tremia-lhe a mão e repuxava a barba tentando meter na boca os pêlos; mas a barba escapava-se-lhe dos lábios, constantemente.

— Que tens tu, pai?

— Sê estoicamente firme, meu Serioja, e não cedas às tentações. Mas acontece que, mesmo o estóico, é por vezes escravo dos seus sentimentos. Tens de saber estudar os homens por detrás do teu escudo, meu Serioja, por detrás do teu escudo...

A mãe soergueu-se apoiada no cotovelo num estertor de moribunda, e voltou a cair, parecendo que desaparecia para dentro dos travesseiros. Nos seus olhos já só se via silêncio, submissão, terror.

Serguei, perturbado, saiu lentamente do quarto, desceu o patamar e dirigiu-se apressadamente para a porta do pomar.

Encontrou Dimitri na rua. O irmão, de mão no bolso das largas calças cossacas, olhava para ele com uns olhos penetrantes e franzidos.

— Adeus, Serioja! Havemos de voltar a ver-nos... não é verdade? E muito em breve, noutras circunstâncias, meu querido Serioja... E então falaremos à vontade... Adeus...

Cumprimentou-o afectadamente, os dentes a luzirem. Mas os seus olhos não riam: penetrantes, franzidos, eram olhos que trespassavam.

VIII. DIAS ARDENTES

1. O Sangue Operário

Eram dias que o sol ainda não aquecia, eram dias quentes só nos corações, os corações drapejavam ao vento como finos panos vermelhos. Gleb, de boné atirado para a nuca, corria do Conselho dos Sindicatos para o Comité do Partido (fazer imediatamente uma assembleia geral da organização da cidade!), para o Gabinete do Sindicato dos Ferroviários (camaradas, aceleraí o envio dos vagões-cisternas para a destilaria das naftas!), para a Direcção da Fábrica, para a casa das máquinas onde o esperavam Brinza e os Diesel, prontos para o trabalho.

Ia ter com Lukhava. Mas, como de costume, Lukhava não estava no Conselho dos Sindicatos: não aguentava ficar entre as quatro paredes do seu gabinete. Passava todo o dia, de manhã à noite, a correr de um sindicato para outro, de uma empresa para outra, metendo-se em todos os pormenores do trabalho e da vida dos operários, organizando reuniões extraordinárias, sanando conflitos, dando descomposturas aos mandriões, felicitando os heróis do trabalho. Não largava os gabinetes, as oficinas, as fábricas, as administrações, os serviços económicos, os serviços de abastecimento, remexendo papeladas, dando ordens, exigindo, investindo aos empurrões, semeando o entusiasmo e o medo. Nunca se esgotava, nunca estava cansado. Os seus olhos ardiam sempre na mesma febre.

E foi assim que entrou na alma dos operários.

Jidki acolhia sempre alegremente Gleb, com as aletas do nariz asiático a tremerem-lhe de emoção. E este, barrete atirado para a nuca, fulo de indignação, gritava:

— Quando é que vamos deitar as mãos a esses ratos do Conselho da Economia? São um bando de sabotadores! Para se conseguir seja o que for, por mais fútil que seja, é preciso gastar dias ou até semanas... Como presidente da Tcheka, devias prender um desses crápulas, só para meter medo aos outros. Chama Schramm e arranca-lhe, pelo menos, aquele couro amarelo.

Jidki abandonava a secretária e pegava amigavelmente no braço de Gleb.

— Para quê raios e coriscos? Com tanto fogo, ainda te queimas a ti próprio. Ou já te esqueceste de como se trabalhava na tropa? Há que saber dirigir as massas, ou seja, há que saber organizar e distribuir a gente. Toma o exemplo de Badine.

— Toma-o tu, se lhe tens inveja.

— Eu não.

— Todos esses Schramm e Badine deviam era sair dos seus gabinetes privativos a pontapé para meterem ombros ao trabalho a sério. Já viste a mecânica de tudo isto? A direcção da fábrica nada faz sem a autorização do Conselho da Economia, este também nada faz porque espera a decisão da direcção da fábrica, do Gabinete da Indústria, da Direcção Geral do Cimento e sei lá que mais. E não há maneira de meter isto nos eixos. E tu dizes que é preciso calma! Com que gosto não esmagaria esses malandros!

— Espera, amigo, a hora deles há-de soar...

— Mas enquanto não soa, queimamos em vão forças e tempo, duas coisas impossíveis de recuperar.

Jidki ria, abraçando Gleb pelos ombros:

— Caro amigo, também eu fervo por dentro. Talvez seja por isso que gosto tanto de um diabo como tu... Mas não é aqui que está o busílis da questão, caro senhor, não. É que não podemos perder tempo com futilidades. Somos comunistas, levámos a cabo a Revolução e começámos a construir o socialismo. É uma luta sem quartel. No nosso caminho há muitos obstáculos e inimigos, uns encobertos, outros à vista. Acrescenta a isto a ruína, a fome e um milhão de coisas obsoletas que herdámos do passado. Temos que reconstruir tudo. E não se trata de uma simples reconstrução ou de um conserto, não, mas da edificação de um regime de vida com que a humanidade sonha há séculos e séculos.

— É precisamente por isso que lanço raios e coriscos, camarada Jidki. Não consigo andar calmo...

Jidki ria:

— Estás pronto a abanar o mundo!

— Pois estou! Já o abanámos um bom bocado, e vamos dar-lhe ainda um safanão!

— C'os diabos! Que felicidade não é viver e lutar nesta nossa época! Encarnamos o futuro no presente. Trazemos já esse grandioso futuro dentro de nós. É que alegria não dá sermos contemporâneos e companheiros da causa de Lénine!

— É precisamente por isso, camarada Jidki, que respondemos por cada passo que damos e por cada minuto que vivemos.

Sempre que falava com Jidki, Gleb sentia-se emocionado, renovado, mais forte.

Montadores-electricistas começavam as reparações na fábrica. Pequenas lâmpadas eléctricas tinham reaparecido — foram-nas buscar aos *stocks* da fábrica — nos aloja-

mentos dos operários; viam-se a sorrir nas janelas e faziam também abrir em sorrisos as mulheres e as crianças. O pó cinzento da fome dissipava-se em felizes pressentimentos nos rostos dos operários.

Já não se faziam mais isqueiros na oficina de serralharia. Um outro trabalho aí estava em curso: as peças das máquinas era lá que ressuscitavam nos rangidos, assobios, murmúrios e tinidos do ferro. Operários de fato-macaco azul com reflexos acobreados cruzam-se nos pátios, passando de uma oficina para outra. Mas nem Lochak nem Gromada estavam lá. Tinham outras preocupações, no Comité de Fábrica. Aí se atarefavam eles, na sua cave, sob a direcção da fábrica, por entre os odores de tabaco ordinário — um tabaco de espantar o próprio diabo — e de cimento. Aí se atarefavam as pessoas de porta em porta e as paredes, os vidros eram sacudidos pela gritaria e risos bovinos.

...O C. de F. As rações duplas, a repartição de forças, os Bremsbergs. As impetuosas máquinas na oficina de serralharia. O combustível líquido.

Gleb estava em todo o lado, a suar, com gargalhadas fortes, pegando nos instrumentos, cortando, serrando, girando sem sossego como se tentasse ultrapassar-se a si próprio.

Entrava muitas vezes no domínio de Brinza, que o recebia aos berros na ampla casa das máquinas:

— Olá, meu comandante! Isto vai... Há muito que as máquinas estão prontas. O que é preciso é combustível, meu comandante, combustível! Só isso e nada mais... Uma vez que fizeste a viagem de regresso do inferno, isto vai dar que falar, eu já desconfiava... A tua cachimónia é uma máquina como os meus Diesel. Combustível, petróleo, benzi-na... Só isso. Se não mo arranjares nos próximos dois dias, mando-me ao ar com os meus Diesel...

Os seus ajudantes trabalhavam no meio das máquinas, no meio de barulhos metálicos. Piscava o olho ao apontá-los com um sorriso alegre.

— Estás a vê-los? Meteram ombros ao trabalho e de que maneira! Acabaram-se as mandriices, as conversatas... Aí está o que pode a força das máquinas. Enquanto elas estiverem vivas, ninguém lhes escapa. A nostalgia das máquinas é mais forte que a do amor...

E a sua voz, de súbito furiosa, troava na oficina:

— Combustível, combustível! Dez cisternas!... Para a primeira vez já chega... Dez cisternas...

Gleb e o engenheiro Kleist, acompanhados por técnicos e operários das pedreiras, percorriam a montanha e os lo-

cais das obras abandonados e invadidos pelas ervas. Grave, silencioso, de olhos cavados, o engenheiro Kleist examinava os antigos Bremsbergs. Dois dos seus velhos técnicos seguiam-no a dois passos de distância, precipitando-se com pressa servil ao seu mais ligeiro sinal de cabeça. O engenheiro não olhava para Gleb, fingindo ignorar que ele estava a seu lado. Mas Gleb sentia muito bem que o engenheiro estava impregnado da sua presença e quando o engenheiro falava aos técnicos, Gleb sentia que na realidade não estava a falar senão com ele.

Decidiram reparar a linha antiga do Bremsberg e prolongá-la a partir do ponto mais alto até à crista do monte, a 800 metros.

E aconteceu que o engenheiro Kleist disse no seu gabinete — cuja janela estava agora aberta de par em par — depois de ter estado a trabalhar nos planos:

— Se tivéssemos a garantia de que estes planos eram aprovados integralmente e de que nos era fornecida a mão-de-obra necessária, os trabalhos poderiam ficar prontos no decurso do mês.

Gleb inclinou-se para o engenheiro e assentou pesadamente a mão em cima dos planos.

— Camarada técnico, os trabalhos devem ficar prontos em dez dias. Tem à sua disposição cinco mil operários. Os materiais serão entregues ao primeiro pedido por parte da direcção da fábrica. Você não tem mês, camarada técnico, tem dez dias. Fixe bem o que lhe digo e aponte para esse objectivo.

O engenheiro Kleist fitou por momentos Gleb. Pela primeira vez, um pálido sorriso lhe iluminou o rosto.

A oficina de tanoaria não passava de um barracão inútil. O telhado vidrado estava todo esburacado: as crianças tinham-se divertido a alveja-lo à pedrada. Paus, bocados de aduelas, restos de toda a espécie juncavam os vidros que tinham ficado e as armações. As bancadas de trabalho, as transmissões, os discos das luzidias serras, tudo estava coberto de pó. Uma luz como que esburacada, envolta em bruma, reinava sobre as coisas. Então não transparecia ela através das bancadas, das serras, nos barris deixados a meio há três anos, e que pareciam azuláceos, de uma transparência de gelo?

Também para ali Gleb se dirigiu mas ficou-se à entrada. Outrora abundavam aqui as aparas douradas em espirais; os tanoeiros, também eles cobertos de aparas, eram alegres, ébrios do odor avinhado da madeira e do canto das serras.

Gleb não deu nem mais um passo: não gostava do vazio e da ausência de gente. Na altura adequada seria a vez desta oficina: de novo as aparas ali voariam em fagulhas, as serras de novo recomeçariam o seu canto jovem.

Quis partir, chamado pelo trabalho, o incessante trabalho... Mas parou, prestes a um acesso de riso. Savtchuk estava ali, sentado de costas para ele diante do seu banco de carpinteiro que tacteava com a mão, que esmurrava, fazendo-o ranger e tossicar como a um débil velhote.

— Ah!, tu resmungas, sua sacana? Ainda não te esqueceste de mim, han?...

Savtchuk foi, descalço, para junto das serras cujos discos gelados começou a acariciar com a larga mão peluda; parecia estar a ouvi-las tinir longinquamente, como em sonho.

— Ah! ah! minhas pombas!... São miseráveis que estais porque já ninguém vos faz a corte. Mas esperai que em breve tereis noivos e parireis barris. E não serão barris para as mulheres salgarem as couves, não, mas barris para enviar por mar ao outro lado do mundo... E não vão ser couves que levarão, mas cimento, cimento para a construção...

Devagarinho, Gleb saiu da oficina. Na rua, quando a mordedura do sol o atingiu, é que deu largas à sua vontade de rir...

...Nesse dia, à hora em que as pedras e os carris parecia que se derretiam ao sol, enquanto a fábrica vazia vibrava sob o efeito da luz quente, uma locomotiva esbaforida, lançando aos céus rolos de fumo, puxava para a fábrica um comprido cortejo de cisternas cheias de benzina e nafta. Os operários vieram ao seu encontro e era enorme a gritaria, os gestos largos.

2. Salto através da Morte

O Comité Executivo do Soviete acabava de ser informado por comunicação telefónica que o presidente do Executivo do Distrito Borchti, tendo chicoteado o chefe da milícia do bairro, Saltanov, fora atingido a tiro por este último. Saltanov, à cabeça de um destacamento de soldados vermelhos, dava caça aos cossacos e aos habitantes das povoações, esvaziava os celeiros, levava os animais dos estábulos até ao último. Depois, quando tudo estava a ser transportado para a sede do Executivo do Distrito, a orquestra tocou a Internacional, enquanto as camponesas faziam um coro de lamentações atrás dos carros, batiam com a cabeça con-

tra as rodas, misturavam os seus gritos aos mugidos das vacas e aos balidos dos carneiros. A rixa entre Borchti e Saltanov deu-se no Executivo do Distrito, ao som da orquestra.

Badine estava a ler a comunicação telefónica com o seu pétreo e calmo rosto de sempre; e o secretário Peplo, que de pé junto à mesa esperava as suas ordens, arvorava o habitual sorriso colorido.

— Mas que imbecis! Mande atrelar o carro, camarada Peplo. Eu próprio vou lá resolver este problema.

— Entendido.

— Telefone ao Comité do Partido, à camarada Tchumalova, para que ela venha aqui imediatamente. Ela tinha pedido um carro para ir lá, eu vou levá-la.

— Entendido... Devo informar a camarada Tchumalova que você faz o trajecto com ela?

O secretário Peplo olhava Badine com o seu florido sorriso, e pestanejando.

O presidente do Executivo levantou os olhos para Peplo: este recuou um passo.

Mas mal o secretário saiu, levantou-se, descontraiu os braços e pôs-se a andar pela sala. Tinha desaparecido todo o peso metálico do seu corpo, estava agora cheio de elasticidade, os ossos largos, músculos tensos, a cabeça tenazmente erguida.

Na secção feminina do Partido, Miekhova foi ter com Dacha ao corredor e, dando-lhe o braço, acompanhou-a até à saída.

— Ouve, Dacha: talvez fosse melhor mandar uma delegada no teu lugar. Todas as semanas vais em missão ao passo que elas ficam em casa. Cada vez há menos segurança nas estradas. Devemos tomar conta de ti: não seria fácil arranjar-te substituta. Fico a tremer cada vez que vais.

— Deixa-te desses tolices, camarada Miekhova. Que secção feminina seria a nossa se andássemos sempre cheias de medo?

Esta olhou-a inquieta e parou. Dacha deu-lhe umas pancadinhas amáveis na mão e saiu rapidamente. Trazia debaixo do braço uma pasta feita por ela própria onde tinha tudo: os papéis e o pão.

Uma carruagem brilhando de laca negra esperava-a à porta do Executivo. O cocheiro barbudo fumava só para passar o tempo e limpava a cara com a aba do sobretudo.

Dois miúdos rebojavam-se no pó e lixo da calçada, dois miúdos de batas rasgadas, rostos azulados, inchados. O pó rodopiava à volta deles como fumo e dissipava-se em volutas nos ramos castanhos das acácias.

Dacha parou diante da carruagem, olhou a avenida e depois para a janela aberta do gabinete do presidente do Executivo. E de novo o seu olhar se fixou na avenida.

Que crianças eram estas? Que faziam aqui, assim ao abandono? Que fazia a milícia? A Comissão de Protecção à Infância era cega e impotente, ou estaria ela própria abandonada, como estas miseráveis crianças? Dacha atravessou a rua e durante muito tempo esteve a ver as cabriolices dos dois miúdos.

— Eh, rapazes! Quem quer pão? Bem sei que tendes a barriga a dar horas. Vinde cá!

Os dois garotos apuraram o ouvido, assustados. A mulher sorria-lhes com doçura, familiar; nada nela dava azo a intimidá-los. Mas tinha em volta da cabeça um lenço vermelho e na mão um pedaço de pão. O lenço vermelho metia-lhes medo (sabiam desde há muito o que esse signo continha de força), mas o pão fresco era inebriante. Já adivinhavam à distância o seu doce cheiro.

— Sim, sim... essa já a sabemos de cor e salteado... Começas a chamar por nós com falinhas mansas... depois enfiás-nos no asilo...

Um dos garotos pôs-se alerta, pronto a fugir a sete pés. Dacha desatou a rir e partiu o pão em duas partes.

— Mas vinde cá, seus malandrecos! Eu não vos levo para o asilo... Tomai lá, um pedaço para cada um...

Era acariciante e tinha um sorriso bom, essa mulher que ali estava (ah!, se ao menos não tivesse o lenço vermelho!) e o pão dourado devia ser bom como mel.

Os dois garotos trocaram um olhar, aproximaram-se muito devagarinho, medrosos e, do mais longe que lhes foi possível, estenderam a mão. Dacha deu-lhes o pão. Ela ainda quis passar a mão pelos cabelos encaracolados deles mas fugiram estarecidos.

Seria Niurka mais feliz no Lar da Criança que estes pequenos seres em liberdade? Dacha tinha-a visto, um dia, numa azáfama entre um fervilhante bando de crianças na lixeira da cantina pública. Nesse momento tinha-lhe dado a impressão de que a sua filhinha estava morta, que ela já não era a sua mãe, que a rapariguinha conhecia o sofrimento e a fome por culpa dela, Dacha, e que os mimos ocasionais que lhe dava de modo nenhum eram as carícias de uma mãe, não passando de pobres aparências de ternura. E, de coração destroçado, tinha levado ao colo a filha até ao Lar da Criança.

Badine estava já de pé junto à carruagem.

— Senta-te, camarada Tchumalova, e partamos.

Sentou-se ele primeiro, sem esperar por ela. O seu peso fez estremecer todas as molas da equipagem. Dacha sentou-se ao lado dele e sentiu contra a anca a pressão tensa da anca do homem.

Badine já não estava a vê-la, fechado, frio, sombrio como de costume.

— De automóvel não passaríamos. Mesmo com estas equipagens, não se avança na montanha a não ser a passo de caracol. Não tens medo dos bandidos? Eu só trago o meu revólver. Não seria melhor levar uma escolta montada?

Dacha lançou-lhe uma olhada. Seria que ele próprio não estaria com medo? Mas o seu rosto de bronze continuava como sempre imóvel e duro.

— Como queiras, camarada Badine. Quanto a mim, estou habituada a viajar sem escolta.

— A caminho, camarada Iegorov!

Iegorov voltou-se duas vezes, uma logo a seguir à outra, para o presidente do Executivo, ao qual quis dizer algo, mas não foi capaz. Esticou-se, assoou-se, sacudiu as rédeas.

Enquanto o faetonte rolou no piso das ruas, Dacha sentiu-se feliz por estar tão bem instalada numa carruagem daquelas, de tão macio balançar.

Viu Serguei na rua, que lhe fez uma saudação com a cabeça. Juk também os viu e parou, surpreendido.

Os lábios grossos de Badine torceram-se num sorriso de desprezo.

— Não posso com aquele tipo.

— Juk? Essa arrogância não lhe convém, camarada. Juk é um bom torneiro e um comunista consciencioso.

— Esse camarada Juk é pura e simplesmente um mandrião e um zaragateiro. Pessoas dessa espécie são para correr do Partido.

— Não, camarada Badine, o camarada Juk é um bom tipo e diz a verdade. Mas todos vocês ficam muito irritados quando ele a diz. Será que isso é dar-lhe uma resposta? E não será verdade também que vocês, militantes responsáveis, só vêm a classe operária do alto das janelas dos vossos gabinetes de trabalho?

— Enganas-te. O gabinete de trabalho dos militantes responsáveis está mais perto da classe operária do que, por exemplo, trapaceiros como o teu excelente camarada Juk. É por esse gabinete de trabalho que tudo passa, a começar pelas mais complexas questões governamentais e a acabar nos pormenores da vida quotidiana. Aliás, foi num gabinete de trabalho que me relacionei com o teu marido.

A cidade estava já longe. Seguiam pelo vale, entre colinas de suave declive, cobertas de vinhedos à esquerda e, à direita, de uma floresta ainda nua, azul, brumosa, onde despontavam os rebentos, onde os troncos se sucediam e perdiam profundamente nas trevas. Pareciam vivos: os da frente recuavam e os de trás avançavam com Dacha, e isso dava a impressão de um redemoinho, de uma emocionante actividade, como se a floresta tivesse uma vida indesvendável para olhos humanos.

— Pois bem, e que pensas tu agora da vida familiar? Por um lado, as obrigações conjugais, cama comum e roupa suja. Por outro, o trabalho do Partido. E além disso acho que vocês têm descendência. Devias escolher entre a secção feminina e os cuidados da casa. O teu marido que deve cantar em casa. E ele tem mão firme.

Dacha coseu-se a um canto.

— O meu marido vive a vida dele, e eu a minha, camarada Badine. Antes de mais somos ambos comunistas...

Badine soltou mais uma gargalhada e pôs a mão em cima do joelho de Dacha.

— Falas como todas as comunistas. No entanto és mais sincera que outras: isso vem do fundo de ti. Já sei muito bem como é difícil a gente entender-se contigo.

Dacha afastou a mão que lhe pesava nos joelhos e recuou para o fundo do assento o mais que pôde.

— Os comunistas devem entender-se sempre, camarada Badine, na acção comum...

Badine voltou a fechar-se, pesado, de um peso de bronze e afastou-se de Dacha.

Iam em silêncio quando entraram no desfiladeiro onde reinava uma semiluminosidade matinal, joeirada pelos arbustos e as rochas, onde murmuravam regatos, onde pedras de variegadas colorações se amontoavam. Os seus olhares seguiam direcções divergentes. Mas Dacha sentiu estremecer Badine, cujo sangue fervia e por momentos se continha por meio de uma tosse sacudida. Sabia que ele lutava consigo mesmo para não se atirar a ela na presença do cocheiro. E ela não resistiria àqueles músculos de touro furioso: o balanço da carruagem na estrada cavada pelos rodados impossibilitava-lhe qualquer ponto de apoio, por frágil que fosse.

O desfiladeiro durou três quilómetros, depois uma estrada larga se abriu diante deles através do vale. A povoação cossaca ficava ao fundo, no sopé das colinas, perdida entre pomares.

As montanhas erguiam-se em penedos escarpados e em

falésias castanhas, tapando o céu. Rochas e declives ardiam ao sol, com rugas sinuosas e pedras cintilantes. As arestas das montanhas pareciam escorrer como metal em fusão. Lá em baixo, flutuavam brumas por cima dos arvoredos e da vegetação selvagem. O céu parecia um profundo rio azul, onde vogavam nuvens, brancos bocados de gelo.

Não se via a estrada que surgia pela frente: ziguezagueava por entre rochedos e penedias, à direita, à esquerda, para cima, para baixo. Em frente erguia-se o muro da floresta, o enredado das suas lianas, heras, moitas, pedregulhos. Mas chegava-se, e a floresta, os pedregulhos enverdecidos, as rochas húmidas das águas subterrâneas espriavam-se à direita e à esquerda, desabavam em ravinas, galgavam encostas pedregosas. Alturas terríveis! Dacha nunca lhes viu a crista, fechou os olhos e enrolou-se sobre si própria como uma rapariguinha.

O camarada Iegorov voltou-se, a barba a cair-lhe nos ombros. Tinha húmidos os olhos perdidos no matagal lãzudo das sobranceiras e barba.

— Fez mal, camarada presidente, em não trazer escolta... É aqui que os viajantes têm sido sempre degolados... Fez mal, camarada presidente.

Grande, fechado, Badine ia comodamente sentado nas almofadas do faetonte. O peso de granito que ele exalava era dolorosamente opressivo (Dacha continuava imóvel); e no entanto era doce sentir neste homem de aço um sólido apoio nas horas negras.

Badine sorriu e fitou o olhar na barba de Iegorov.

— O medo é mais terrível que os bandidos, camarada Iegorov. Faz o que tens a fazer, mantém firmes as rédeas e o chicote. A estrada não é má.

Iegorov curvou-se, como se lhe tivessem batido. Já não dava estalos com a língua para excitar os cavalos; puxava pelas rédeas, voltava para todos os lados a cabeça engolindo a custo uma abundante saliva.

Um quilómetro mais foi percorrido. E Dacha sentiu que todos os músculos de Badine tremiam. Era para ela claro que o homem lutava com todas as forças contra a emoção, contra os seus impulsos secretos. Suspirou profundamente e agarrou-a pelos ombros.

Dacha toda se retorceu para escapar àquelas mãos, mas Badine apertou-a e puxou-a contra ele: ela viu, por uma fracção de segundo, a sua enorme cabeça negra, o seu rosto horrível.

Um solavanco atirou-os para a frente e fê-los cair nas

almofadas da carruagem. A floresta ribombou, lançando fogachos em direcção ao céu.

Dacha viu que Iegorov ia cair de pantanas, viu-o titubear por momentos de um lado para o outro, e depois tombar de lado como um fardo para a roda da frente. Nesse mesmo instante Badine arrancava-se já dela e saltava para diante sacudindo as rédeas. Os cavalos, assustados, começaram aos coices.

— Alto!... Mãos ao ar!... Estais perdidos, cães nojentos!

De todo o lado, do meio das pedras, do mato escuro, surgiam homens de gorros felpudos e casacos tcherkesses, empunhando armas...

Dacha só viu esses gorros e os olhos que lhe pareciam de lobos. Viu também muito perto, mesmo muito perto dela, um cossaco louro, sem nada na cabeça, a babar-se, sacudido por uma gargalhada ululante, a atirar-se em direcção aos cavalos.

Dacha só teve tempo de gritar rápida, convulsivamente:

— A galope!

E caiu da carruagem em cima do cossaco, rolando com ele por entre as pedras do talude.

E logo um peso terrível a esmagou, como se em cima dela toda uma multidão tivesse desabado, enchendo-a de pontapés, triturando-a, empurrando-a para uma estreita brecha. Nem mais tarde se lembrava se lhe tinham batido, se tinha havido tiros, se tinham ido atrás do faetonte. Quando se recompôs estava de pé, encostada a uma rocha, face a um grupo compacto de homens cerrados uns contra os outros numa massa única de carne que sobre ela exalava uma sufocante pestilência de lã molhada. Colavam-se a ela, torciam-lhe os braços, agarravam-na pelos cabelos.

— Mulher!... Grande vaca!... Põe-lhe as tripas de fora...

O faetonte já lá não estava. Ouvia-se só ao longe no desfileiro o galope dos cavalos, barulho semelhante ao da queda de pedras, ao longo dos declives das pedreiras. E bastou a Dacha ouvir esse barulho longínquo para completamente voltar a si, o coração e o cérebro libertos: o camarada Badine estava longe, são e salvo...

Iegorov jazia atravessado na estrada, diante de Dacha, um pé por cima de uma pedra (um pé descalço envolto em farrapos), o seu capote de cocheiro deitado a trouxe-mouxe por cima dele. O chapéu espezinhado estava no meio da estrada. Os cabelos, uma orelha e uma parte da barba não passavam de uma pasta de sangue.

Um cavalo escoucinhava e resfolegava, sacudindo

o freio, por detrás da rocha. Os cossacos corriam para lá, depois voltavam uns após outros, aturdidos.

— Por aqui!... Que andam esses gajos praí a fazer, santo Deus!

Em frente da rocha surgiram bruscamente um pesado gorro de peles e uns compridos bigodes. O homem fazia a continência.

— Uma mulher, meu coronel!... Uma cadela que derrubou Limarenko... Permita meu coronel que a penduremos neste freixo, de imediato...

— Basta de conversas, trá-la, raios te partam!... É a vós que eu vou mandar enforçar uns aos outros em vez dela, com as vossas próprias mãos de cagarolas... Só servis para vos atirardes às mulheres, cambada...

O ululante grupo, embaraçado pelos fuzis, levou Dacha pelo meio dos pedregulhos, dos buracos, do mato e plantaram-na ali diante do cavalo que resfolegava ruidosamente e arregalava os olhos. Dacha sentiu o odor húmido e quente do suor do animal.

Mantinha-se direita, olhando bem de frente o coronel. Ele também a olhava, bamboleando-se suavemente em cima do cavalo, curvado sobre si mesmo como um touro. Vestia um casaco tcherkesse, cinto de prata ornado de penduricalhos, divisas de prata, um barrete chato do Kuban. Tinha uma cara suja que há muito não via a lâmina, longa bigodaça descaída para os lábios e o queixo.

— Larguem-na!... Dois passos à retaguarda!

E porque se sentiu aliviada, livre, porque o cheirete de lã se dissipara, Dacha compreendeu que estava sozinha entre este oficial a cavalo e o seu bando. O lenço vermelho tinha-lhe sido arrancado e pisado no meio da confusão. E lutando com todas as suas forças contra o tremor nervoso que se lhe queria instalar nos joelhos, plantou-se bem no chão com todo o seu peso.

— Cabelo curto... Comunista?

Dacha fitou-o sem responder.

— Quem vinha contigo?

— O camarada Badine, presidente do Executivo do Soviete.

— Presidente do Executivo? Que linguajar é esse?

— Eu falo russo.

— Mentos. Isso não é russo. É o vosso calão de judios e ladrões.

— Entre nós, na Rússia dos Sovietes, não há assim ladrões aos pontapés.

— Grande nova. E porquê?

— Porque a gente atira neles sem piedade.

Eclodiu por trás deles uma gargalhada cavalgar.

Dacha e o coronel não se desfitavam.

— Os comunistas são todos como o vosso governador? Entre vós é permitido abandonar os camaradas no meio do perigo?

— Nada disso. Fui eu sozinha...

O coronel repuxou os bigodes, mexeram-se-lhe numa saliência as maçãs-do-rostto. Sorria.

— Sozinha... Julgas-nos parvos ou quê?

— Interpretem-no como quiserem... Agi, é tudo.

O coronel, a brincar com a chibata, olhava-a sorrindo.

E Dacha sentia-se extraordinariamente liberta. A respiração era ritmada, muito calma; a cabeça era como se estivesse vazia, sem pensamentos, sem pena de si própria, sem medo. Alguma vez tinha ela sido tão livre e tão jovem como agora? Espantou-se por que é que aquele abeto lá em cima, na rocha, mesmo no cume da montanha (tão alto! tão alto!) a atraía tanto? Por que estava ela a ver, pela primeira vez, a tão condensada atmosfera por cima das encostas da montanha e por que tinha esta atmosfera tons violetas? Mas o importante não era nem o abeto nem a atmosfera, era algo de diferente, de próximo, de profundo, de alado, algo a que ela não poderia dar nome.

— Falas com franqueza e sem medo, mulher de cabelo curto. Aguentas-te bem. É a primeira vez que vejo isto. Os comunistas, quando me caem nas patas, torcem-se como enguias. Estás talvez a imaginar que eu te vou deixar ir em paz só porque és mulher. Estás enganada: vou-te mandar enforçar imediatamente.

— É-me indiferente... Aceitei correr esse risco...

Os pomos do coronel mexiam e inchavam, os olhos luziam-lhe de riso.

E sem deixar de a olhar, levantou a chibata.

— Bastardo!

Um cossaco barbudo destacou-se do grupo, gingando. Grande gorro peludo, barba no meio da qual se viam os lábios vermelhos, olhos verdes. Era pesadão, só mutismo, docilidade.

Agarrou Dacha pelo braço; a mão dele era ao mesmo tempo pesada e inconsistente. Não era essa mão que a conduzia, era ela que a levava, a essa mão monstruosa: não tardaria que tombasse sob aquele fardo.

Lá em cima o abeto no ar opaco e esbraseado (tão alto, tão alto!)... Este tão bom e inebriante aroma de Primavera, estas tenras folhas escorrendo nacarada luz no cimo das ár-

vores, o regatinho cantante e brincalhão por entre os seixos, de nácar também... E aquela pesada mão que, intolerável, a puxa para baixo, para baixo. Dacha sentia-se lúcida, mas sem pensamentos, em vez destes, percorriam-lhe o cérebro ondas de ar cor de malva. E porque a mão que a levava pesava em cima dela, porque lá em cima o abeto a atraía, Dacha quis lembrar-se de qualquer coisa, mas não foi capaz. E no entanto devia lembrar-se dessa coisa tão importante, de tão profundo significado, da urgência dessa coisa... Como o ar era doce, primaveril... Lá em cima, o abeto dava a impressão de ter asas a abrirem-se sobre o abismo (tão alto! tão alto!). Sim, sim, aí estava o que era essencial... O camarada Badine estava vivo. Quanto a ela, Dacha, pouco valia: tinha sido algo, já não o seria mais...

O homem hirsuto fungava e assoava-se, a seu lado. Dacha não o via, só via o ar, as intensas profundezas cor de malva...

E a corda escorregou por qualquer parte, não no seu pescoço, mas algures muito ao longe, sem lhe despertar a consciência. Nenhuma dor a atingiu.

Sim, Gleb... há tanto tempo... Querido, querido Gleb. Tão grande, tão próximo, tão desajeitado... Perpassou pelos seus olhos sem que qualquer mágoa lhe despertasse. Como tudo isso estava longe!... As profundezas cor de malva, o abeto, a chuva de fogo nas árvores de Primavera... A corda deslizou de novo através da sua consciência e de novo uma pesada mão lhe oprimiu o ombro.

Pois bem, aí estava. Ela despertava por debaixo desse céu. À frente dela uma rocha maciça, castanha, rasa, ressumante, e mais para além a brumosa floresta, e ainda mais para além, nas etéreas profundezas, até ao céu, a montanha verde. E outra vez o coronel a observou com atenção por baixo das sobranceiras franzidas e os bigodes tremeram-lhe num sorriso. Agora ela estava sozinha diante deste homem a cavalo.

— Aguentas-te bem, mulher de cabelo curto!... Saíste-te bem desta... E o mais interessante é que és mulher... Podes ir... Ninguém te há-de tocar.

Chicoteou com energia o cavalo. O animal estremeceu e em dois saltos desapareceu no meio do mato.

3. Todo Ancho, o Pintainho!...

Dacha não se lembrava de ter saído do desfiladeiro. Só de uma coisa se recordava, mas com muita força, com ale-

gria. Era dos passarinhos cinzentos, de poupa. Viravam para ela a cabecita, soltavam pios, voavam para mais longe.

Só quando saiu do desfiladeiro para o vale cortado por barrancos e rodeado de suaves declives, Dacha sentiu que estivera só nesses acidentados e longínquos maciços; percebeu que esses longes fumegantes percorridos pela estrada de cinzas escaldantes estavam assombrados por uma primordial angústia e se atiravam em direcção a ela, qual imensidão deserta, cega, onde ela mais não era que invisível pó.

As montanhas amontoavam-se por detrás dela em falésias, penedias a pino, verdes encostas; e por entre elas os desfiladeiros cavando as negras brechas onde dormiam as florestas.

Ao longe divisavam-se os pomares da povoação cossaca, para lá das ondas de colinas lá no alto; por cima deles elevava-se o campanário branco com o seu olho negro. E mais longe ainda, mais longe que a crista do monte, perdiam-se na bruma os cumes rochosos.

Dacha esfalfou-se a trepar a colina. Ao longe, a povoação envolta numa espécie de neblina. Era sombria, hostil, estranha: era cega, e no entanto via, via com aqueles olhos de lobo por baixo do gorro felpudo. Fora essa povoação que atirara contra ela aquele terrível homem da mão pesada.

Dacha tropeçou numa pedra e caiu de borco no pó do caminho. Sentiu uma dor no joelho e foi a coxear para a berma, sentando-se na erva, à beira de uma terra lavrada.

Céu azul. Em cima, lá muito em cima, as recortadas nuvens brancas. Um silêncio onde até parece ouvir-se a terra a respirar.

À sua volta a erva tenra, transparente, recoberta de pó dourado, onde ardem um pouco por todo o lado as florinhas amarelas dos dentes-de-leão, umas florinhas novas, pequeninas, que lembram pintainhos acabados de sair do ovo. E esses pintainhos movem-se, tão lindos, tão queridos...

E uma ternura a sacudiu de alto a baixo ao vê-las, a essas florinhas amarelas. Abafou, arquejou, uma convulsão no peito. Soltou-se-lhe um grito, jorraram-lhe as lágrimas dos olhos. E quase no mesmo instante a calma a invadiu. Calou-se, mas não pôde levantar-se, estava sem forças. Continuava a olhar as flores; escutava, sem pensar, o silêncio da floresta.

E eis que surgem a galope, por detrás da colina, no meio do barulho de ferraduras a pisarem o chão, cavaleiros de

fuzis ao ombro. À frente vinha um homem de rosto escuro e com um casaco de couro negro, à rédea solta.

Os cavaleiros chegavam em tromba junto dela, num tumulto de gritos e amplos gestos.

Dacha, também ela aos gritos, correu ao encontro de Badine.

O presidente do Executivo parou de supetão o cavalo, e mesmo antes de o animal parar estava já em terra.

— Dacha!

A rir e a chorar ao mesmo tempo, Dacha agarrava com ambas as mãos a mão de Badine.

À volta deles estavam os outros cavaleiros berrando em unísono palavras indistintas.

Um deles olhou-a atenta e demoradamente sem dizer palavra (tinha um rosto musculado, grande boca, olhos profundamente enterrados nas órbitas), depois desmontou em silêncio e pôs a mão no ombro de Dacha.

— Camarada, aqui tens uma montada. Deixa que eu te ajude...

Dacha ria. Apertou a mão do soldado como o tinha feito à de Badine.

— Obrigado, camarada... É muito bom da vossa parte... Ter vindo um regimento inteiro para me prestar socorro...

Os olhos espantados dos homens não largavam Dacha. Riam. O da boca grande pô-la em cima do cavalo, um sorriso largo deixou à mostra a luzente dentadura. Saltou lesto para a garupa de uma outra montada, atrás do companheiro.

Badine pôs-se ao lado de Dacha. Em todo o caminho ele se mostrou atento aos seus mais pequenos gestos, segurando-a nos cotovelos, apalpando o freio, a cilha e as rédeas. Dacha sorria docemente a estas solitudes.

— Pois bem — perguntou-lhe ele —, como é que a coisa se passou? Conta lá...

— Nada de especial, camarada Badine... Chatearam-me um bocado e depois largaram-me... As mulheres não os interessam mesmo nada...

Badine olhava-a com sagacidade, com olhos que tudo compreendiam e um sorriso aberto (um sorriso que ainda ninguém tinha visto antes na cara do presidente do Executivo). Foi ao lado dela até à povoação, apalpando de vez em quando a sela para lhe verificar a segurança.

Na praça da aldeia, diante da igreja e da casa do Executivo do Distrito, equipagens e cavalos desatrelados formavam uma espécie de acampamento; as vacas remexiam len-

tamente cornos e rabos. Os cossacos juntavam-se no meio de grande algazarra, ouviam-se os gritos estridentes das mulheres. Em cabelo ou com grandes barretes na cabeça, os miúdos corriam uns atrás dos outros no meio da multidão. Uma voz de bêbado, cansada, lamentosa, cantava algures, talvez no meio do ajuntamento ou então no pátio do Executivo do Distrito:

*Todo ancho, o pintainho
Mas nu e des-gra-ça-di-nho...*

A voz não conseguia subir muito. Soluçava, em sufocos, mas não desistia de cantar.

Borchti, de casaco tcherkesse, punhal à cinta, estava sentado a uma mesa, de pena na mão numa escrita laboriosa. Lançou um olhar a Dacha, sem que o seu rosto de cavaleiro do esquadrão infernal traísse a mínima emoção. Riu-se:

— Tiveste sorte. Desta vez a morte brincou apenas contigo...

Badine, de andar pesado e à vontade como se estivesse em sua casa, foi até à mesa. Voltava a ser frio e fechado.

— Camarada Borchti, manda chamar Saltanov.

Borchti ergueu-se com um movimento elástico, feminino e foi até à porta.

— Camarada Saltanov, o presidente do Executivo chama-te.

Depois, com os mesmos movimentos graciosos, voltou ao seu lugar.

Mal Saltanov entrou e se pôs de pé em frente à mesa e já Badine lhe dizia num tom frio, entredentes, olhando-o fixamente:

— Camarada Saltanov, estás suspenso das tuas funções e posto em estado de detenção. Amanhã diriges-te à cidade com Borchti. Transmitirei o caso ao Tribunal Revolucionário.

Saltanov fez a continência, endireitou-se o mais que pôde e, olhos risonhos a fitarem Badine, declarou:

— Cumpri pontual e rigorosamente as instruções recebidas no Executivo da província.

Badine virou-lhe as costas e pôs-se a olhar em silêncio para o chapéu de Borchti.

— Camarada Borchti, resolverás toda esta história de modo a tirarmos partido dela. A hostilidade da população deve ser vencida. Quando voltares da cidade daremos a volta a isto tudo. Vamos à praça.

E enquanto os três — Badine, Borchti e Dacha — se en-

caminhavam em direcção das carroças, os cossacos, de grandes gorros de pele, os camponeses e as mulheres seguiam-nos com os seus olhos mudos, cegos, cavados no fundo das órbitas. Há vinte e quatro horas que as carroças lá estavam, e há vinte e quatro horas que os camponeses se juntavam à volta delas, agachando-se durante a noite à volta das fogueiras, como os ciganos.

Badine deu um salto para cima duma carroça e lançou um olhar por sobre a multidão. Era um olhar cheio de fria claridade.

— Cidadãos, cossacos e camponeses!

As mulheres agitaram-se no meio das carroças, abafando-lhe a voz com os seus gritos.

Borchti saltou também para cima da carroça, levantou a mão e gritou com voz de comando altissonante e selvagem.

— Silêncio, criaturas do diabo!... Escutai o que vos vai dizer o presidente do Executivo superior... Mas não berreis, que ainda não há vodka... Quando houver, até os caranguejos dançarão!

O seu grito (enfim, Borchti era um cossaco da aldeia, "um dos nossos!"), perpassou pela multidão como uma vaga e fez calar a algazarra.

— Cidadãos cossacos, acabo de proceder à detenção do chefe da milícia do distrito que tinha incorrido em falta por actos arbitrários. Atrelai os cavalos e ide para casa com as vossas coisas. Sereis dispensados das requisições suplementares de trigo que o governo tinha decretado com a finalidade de levar ajuda aos vossos próprios filhos, combatentes do Exército Vermelho, que se batem contra os senhores e os generais. Digo-vos sem rodeios. Neste momento não pensamos na guerra... Não queremos que corra mais sangue pelos campos... Pensamos na retomada do trabalho... Não é culpa nossa, mas é nossa infelicidade se os senhores e os generais não nos dão uma hora de tréguas... Não pensamos em sangue, pensamos na terra. Não queremos combatentes, queremos trabalhadores para os campos. Temos necessidade de trabalho pacífico e de gado... As requisições, as requisições acabaram, nunca mais ouvireis falar disso!... Enchei os vossos celeiros de trigo, trabalhai todas as vossas terras... Mercadorias para as vilas e aldeias...

Badine falou do imposto em géneros, da cooperação, da desmobilização do Exército Vermelho, do ferro, dos artigos manufacturados, das mercearias. E também do camarada Lênine que tinha consagrado a vida à causa do camponês e do operário.

Badine fez uma interrupção, levantou a mão, quis ainda dizer qualquer coisa, mas da multidão levantou-se um clamor cortado de gritos no meio de uma confusa agitação dos camponeses e das mulheres como se de uma zangada se tratasse. Estendiam-se cachos de mãos, homens de rostos congestionados encarrapitavam-se nas carroças.

Regressada que foi a calma, quando todos aqueles rostos suados voltaram para trás, no meio do chiar dos eixos, disse Borchti por entre o brilho dos seus dentes brancos:

— Pois é, camarada Badine, peço-lhe para pôr em liberdade o camarada Saltanov. Esquentámo-nos um com o outro. É tudo. No futuro vamos portar-nos melhor.

Badine regressou ao seu alheamento, voltou a tornar-se frio e fechado.

— Os litígios e os erros dos militantes responsáveis, camarada Borchti, devem não só servir-lhes de lição, mas também servir de lição aos outros... Será como eu disse. Encarrega um camarada de confiança de te substituir. Amanhã irás comigo à cidade.

Um cossaco de grão na asa bamboleava as suas pernas recurvas mesmo ao pé deles. Brandia o gorro cantando com voz rouca, cansada:

*Todo ancho, o pintainho
Mas nu e desgraçadinho,
Quis um dia ir passear...
Mas depressa o apanharam
E logo o engaiolaram...*

Dacha passou o dia e o serão ao pé das mulheres. Badine acompanhou-a. Ambos falaram às mulheres. Eram muitas a aparecer neste dia de júbilo. E Dacha cumpriu a sua missão. Uf! Não há nada mais difícil que lidar com as mulheres da povoação cossaca.

Dacha nunca tinha visto Badine tal como ele estava nessa noite. Cada vez que os seus olhares se encontravam, ela voltava a lembrar-se das florinhas douradas da beira da estrada. Lia nos seus olhos uma muda admiração, o fogo de um amor inextinguível. Não a deixou até à hora de deitar. A sua acariciante atenção tinha algo de sagaz. E Dacha tinha vontade de rir: sentia que Badine fora domado, que a sua força o abandonara e se transferira para ela. Adivinhava que bastaria uma palavra sua para que Badine corresse a realizar qualquer capricho dela.

IX. O BREMSBERG

1. As Massas

...Gleb não sentia a acção distinta de cada um individualmente; mas tinha o sentimento profundo de um movimento de massas rolando em avalanche diante dele, por detrás dele. Inundado de suor, labutava com a picareta. Uma multidão, um formigueiro de operários levantavam em uníssono milhares de picaretas, cobrindo a montanha, da fábrica até às explorações na encosta e linhas de electricidade.

Branças nuvens de algodão rolam no azul do céu; as primeiras flores da Primavera brilham e esvoaçam em enxames por cima da verdura das montanhas. As moitas espalham-se em movediços vapores opalinos por entre as pedras. Aqui caem — à direita e à esquerda — as montanhas, formidáveis crateras circulares; lá em baixo estende-se o mar azuláceo como o céu, ilimitado, projectado mais alto que as montanhas para horizontes de miragens.

O engenheiro Kleist, seco e nodoso, dirige ele próprio, apoiado a uma grossa bengala, o trabalho das massas; os seus adjuntos e os contramestres revezam-se sem parar junto dele, esgotados, apelando às suas últimas forças, pedindo instruções. Grave e curvado, ele lança calma, friamente, para cima deles, as suas ordens num murmúrio.

O engenheiro Kleist é um técnico devotado à República dos Soviéticos... O operário Tchumalov sente-se agora capaz de cultivar amizade com o engenheiro Kleist. Não seria isto uma vitória?

O engenheiro parou, de expressão concentrada, a pouca distância de Gleb. O seu olhar atento percorreu por várias vezes o conjunto dos trabalhos da montanha. Gleb lê nos seus olhos um orgulho e uma emoção frementes.

— Então, camarada técnico? Dizia você (lembra-se?) que era preciso um mês para levar a cabo estes trabalhos... Mas veja, é o terceiro dia... Estes homens têm estofo.

O engenheiro fez um sorriso e disse, sem abandonar a sua habitual gravidade, mas com um certo relaxamento:

— Sim, sim. Com este empenho no trabalho podem fazer-se milagres. Mas este gasto de forças não é racional: o cálculo ponderado e a divisão organizada do trabalho é o que faz falta aqui. O entusiasmo é como um aguaceiro: não dura muito e é prejudicial.

— Na derrocada e na ruína, é assim que se deve começar. Quando tivermos reactivado tudo isto então por-nos-emos a estudar o processo racional da produção. Ain-

da por cima, está errado. O entusiasmo é fogo, não aguaceiro. É o fogo das nossas almas, um fogo que nunca se extinguirá.

O engenheiro Kleist foi-se embora, apoiado à bengala, em direcção da montanha, dos obeliscos flamejantes da transmissão eléctrica. Depois parou, ensimesmado.

— Talvez que isto seja um dia novo... início de uma vida nova e feliz...

Pairava no ar um intolerável cheiro a sol. Cheiro de pedra sobreaquecida e de mato calcinado. O pó queimava os olhos e a garganta.

Tocavam sinos na montanha.

Estava-se bem ali. Tudo era vasto, ilimitado. O sol era vivo como um ser humano. Aquele sol, tão próximo, enchia de sangue fogo todas as células do corpo humano; e esse sangue era vivo, cantante, ensolarado.

As nítidas linhas dos carris correm, assentes nas travessas, para o fundo das explorações; sobem também lá para cima, na direcção das mandíbulas metálicas das transmissões eléctricas. Só mais uma hora e os cabos de aço esticarão, fios incandescentes estendidos ao sol, e a corrida das vagonetas — para cima, para baixo, para cima, para baixo — será cantante como o som do órgão...

Polina Miekhova, os olhos enormes, a cabeça cingida de louros caracóis, subia penosamente a montanha, apoiada na pá. Tropeçava, acontecia-lhe até soltar um grito, partia-se em duas, ínfima, e ria.

Lukhava estava de pé no degrau de pedra, entre os obeliscos da transmissão eléctrica, de blusão negro, peito à mostra, a cabeça aureolada pela chama azul dos cabelos. Dava ordens gesticulando como um sinaleiro.

— Já não posso mais, Tchumalov!... Ampara-me, que sou uma mulher fraca.

Deitou-lhe a mão ao ombro, apoiou-se com o peito no peito dele. Gleb segurou-a pelas axilas e fê-la sentar num penedo.

Dacha passou por eles, caminhando a passos largos, vigorosa, picareta ao ombro, seguida por um numeroso grupo de mulheres de lenços vermelhos. Iam reparar os cabos da transmissão.

— Olha, aí vem a minha Dacha... Grande mandona! E dizer que houve um tempo em que ela não passava de uma simples mulherzinha...

Abraçou-a de passagem e apertou-a contra ele. Ela furtou-se ao abraço e sacudi-o, sempre a rir.

Os olhos de Dacha já não eram os mesmos, não havia

neles o brilho frio que ainda ontem havia. Um doce regatãozinho acariciador, de espanto e alegria, corria neles. Ela passou sem se voltar, picareta ao ombro, no meio daquele florido e risonho ramalhete de vozes femininas.

— Grande mulher, a minha Dacha... Vale bem o seu peso em ouro, há que dizê-lo.

— Ela ama-te e tem orgulho em ti, Tchumalov. Dacha é uma verdadeira bolchevique. Tenho uma grande afeição por ela.

Límpidos regatos brincavam nos olhos de Miekhova.

...Nessa noite ela tinha falado de modo diferente do que fizera há dez dias atrás. Tinha-lhe contado desajeitadamente, com poucos pormenores, a aventura do desfiladeiro. Ao mesmo tempo que falava, ia-o observando por debaixo do sobrolho, e o seu rosto, e os seus olhos exprimiam, na claridade da lâmpada eléctrica, uma grande interrogação indistinta e mesclada de exaltação. E quando Dacha contou como tinha saltado para fora do faetonte e como o cossaco barbudo a tinha levado para a morte (ela disse-o com simplicidade, num tom levemente irónico), foi o próprio Gleb quem tremeu, penetrado pela luz viva daqueles olhos de mulher e daquelas palavras banais, simples, um pouco desajeitadas. Não foi por medo dela, nem de cólera contra Badine, nem por ciúmes, foi por causa de uma confusa dor, de um sentimento de culpa em relação a ela, de espanto pela mulher sacrificada. Ficou desorientado. Sentiu profunda, definitivamente, uma coisa: nunca mais a partir desse momento ele teria para ela a mínima palavra de censura, nunca mais iria até ela com uma interrogação de marido ciumento, nem de punho levantado, nem com inoportunas ternuras. Nem que quisesse não poderia voltar a ser assim. Escutava-a silencioso, estremecia sem lhe tirar os olhos do rosto.

— Dacha!... Era a morte certa... Escapaste por uma unha negra... Tens razão, não nos conhecemos a nós próprios...

Deitados longe um do outro, ele na cama, ela no chão, Dacha remexeu a roupa e perguntou docemente:

— Gleb, estás a dormir?

— Dacha, admiro-te... Como posso dormir depois do que contaste?

Ela ria por debaixo da coberta.

— E se te dissesse que nessa noite dormi com Badine? E nenhum espanto atingiu Gleb: aquela brincadeira em

que ele discernia uma inquietação e um perturbante tom de verdade de modo nenhum o magoou. As palavras feriram-no, mas a dor não persistiu. Teria o seu ciúme ardido naqueles dias ardentes? Ou seria que Dacha se lhe tornou mais querida e mais chegada que uma companheira? Por ela só sentia ternura, ternura por essa nova amiga que nunca antes conhecera.

— Para que me dizes tudo isto? Seja como for, agora és-me tão querida...

Dacha ainda se estava a rir por debaixo dos cobertores.

— Pois bem! Dorme... Quanto a mim, não sei... Tenho a impressão que a minha vida está a retroceder até aos meus dias de menina, mas por outros caminhos.

Calou-se por um momento, mexeu-se, depois elevou de novo a voz:

— Gleb! Já dormes?...

Gleb não teve tempo de responder: já ela saltava da sua tarimba, os pés nus corriam pelo chão e o seu corpo enfiava-se com um movimento elástico ao pé dele.

...Savtchuk, à cabeça dos construtores, fixava com cavi-lhas os carris às travessas. O seu martelo, lançado frenético pela força de um homem louco de trabalho, fazia barulho.

Gleb atirou para o ombro a picareta e, afastando-se de Miekhova, dirigiu-se para as filas da frente.

— Dá-lhe, Savtchuk, tanoeiro do diabo!... Dá-lhe com força!

— Vamos a isto! Fogo para a fábrica é que não vai faltar!

Soldados vermelhos, apoiados nas espingardas, montavam guarda na garganta da montanha. Por cima, ao lado deles, as moitas desciam em vagas de verde espuma. Boinas e espingardas, vigorosas, sagazes, vigiavam também, do outro lado da vertente, as rochas e ravinas.

Estafado, congestionado, as mãos a tremerem, Serguei saiu da fila. Veio para junto de Miekhova e atirou-se para cima das pedras.

— Então, caro intelectual?... Não me diga que os frutos do trabalho comunista não têm por vezes uma certa falta de doçura!

Miekhova, sorridente e carinhosa, puxava-lhe pela manga.

A resposta dele foi um aberto sorriso infantil. Um suor ardente escorria-lhe do nariz e do queixo para as mãos. Pegou na mão dela e apertou-a com força, amistosamente.

2. Apostar no Sangue

O rumor do trabalho tinha a princípio abafado o tiro-teio. Os soldados movimentavam-se afanosamente na crista do monte: viam-se a avançar aos saltos uns atrás dos outros, deitar-se entre as pedras e disparar à pressa, desordenadamente, sem comando.

Lukhava, de braços no ar, gritava até perder a voz:

— Haja sangue-frio, camaradas! Vá cada qual para o seu lugar! Ninguém interrompa o trabalho! Nada de pânico!

Os trabalhos pararam de repente. Milhares de homens desceram a montanha em avalanche. Reinava o pânico. Algo se rompera, a multidão precipitou-se como torrente imparável rolando em direcção do vale, com quedas, cambalhotas e confusos magotes compactos. Havia poucos que, picaretas e pás em riste, tentassem fazê-la parar.

Gleb subiu para cima de uma rocha mais alta.

— Alto! Fiquem nos vossos lugares, criaturas! Segui-me, camaradas comunistas!

O grupo da frente dos sindicalizados precipitou-se para Gleb por cima das travessas e das pedras. Outros grupos e pessoas isoladas também o seguiram.

— Parai! Parai!

Mas por todo o lado rolava aquela vaga de gente, em quedas, em cambalhotas, através do mato e das rochas.

— Não aguentaram, medricas...

— Que homens são estes? Fogem como lebres.

— Há gente valente, e há outra, que tem medo quando as coisas aquecem.

Gleb, no alto do penedo, gritava ordens:

— Savtchuk, Gromada e tu, Dacha, mexei-vos, ide para a frente e parai esta debandada de rebanho à solta.

Savtchuk, Gromada, Dacha e outros, formando um cordão vivo, lançaram-se ao encontro da avalanche.

E Gleb continuava a gritar:

— Segui-me, camaradas comunistas! Peguem em armas, camaradas... Todos para a transmissão eléctrica... E depressa! Já lhes vamos dar o arroz!

Foi o primeiro a ir buscar uma espingarda. Os comunistas seguiram-no em grupo, depois outros operários.

Os metalúrgicos e os electricistas continuavam lá em cima, calma, silenciosamente, no seu trabalho, mas perpassavam pelos seus olhos clarões de inquietação.

As espingardas e os cartuchos passavam de mão em mão, ouvia-se o barulho dos gatilhos, as pessoas empurravam-se coléricas, gritavam, os dentes a luzir. Mitka, mineiro e tocador de harmónica, crânio azulado por o ter rapado, urrava furioso, fora de si:

— Ei, gente! Deixai passar este valente! Deixai-me deitar as unhas a uma arma.

Abria caminho aos empurrões, estendia as mãos a uma espingarda, praguejando quando o procuravam meter na ordem.

Os operários passavam a correr, na posição de atiradores, dedos nos gatilhos das espingardas, agachando-se precipitadamente, pondo-se depois de novo a correr.

Pairava por todo o lado um cheiro a sol e erva queimada. Polina Miekhova subia com dificuldade as rochas ao lado de Gleb, que sentia muito perto dele a doçura do seu ombro e o aroma da sua carne feminina.

— Anda lá, diz-me por que é que vieste?

— E por que não havia de vir? Por que é que tu podes ir e eu não?

— Eu estou habituado, mas tu... com essa saia por cima das pernas...

Polina fungou, melindrada.

Soldados e operários corriam por todo o lado à frente deles, corriam, paravam, ajoelhavam, disparavam. Ouvia-se ao longe, muito ao longe, talvez para lá das montanhas, o canto das sereias.

— Estou a ouvir as balas, Gleb... há tanto tempo que não ouvia este som.

Gleb avançava, de dedo no gatilho. Polina ia a seu lado, também de arma em punho. O seu rosto era só uns olhos enormes. E os caracóis incendiavam-se-lhe ao sol.

E Gleb deixara de ser um operário para se tornar no comandante vermelho dos campos de batalha. Deu ao destacamento as suas ordens, clara e brevemente: cercar os bandidos pela esquerda, apanhá-los por trás e escorraçá-los do bosquezinho, em que se abrigavam para a encosta desnuda, e regá-los com o fogo dos atiradores que estavam no cume. Ele próprio, uma vez que havia dois grupos de combate, iria lá para cima dirigir as operações.

— Estás a ouvir, Gleb? Eles estão ali ao lado: disparam de cima. Queriam semear o pânico e destruir o Bremsberg.

Gleb não respondeu. Escalava a encosta abrupta com decisão, virando-se de vez em quando para observar o Bremsberg. Miekhova não o largava. Tinha levantado a saia por cima dos joelhos.

O cume arredondado brilhava do fogo. Um marco geodésico, em forma de tripé, ardia lá em cima.

Chegaram ao cimo a rastejar, cimo de onde se divisava o desdobrar de amplos declives, ravinas frondosas, florestas, gargantas, subindo como fumo para outras cristas violetas, para as nuvens e geleiras pétreas do horizonte.

Estenderam-se junto ao tripé. Por debaixo deles, só pedras e lajes. O cheiro sulfuroso da erva queimada e do cimento sobreaquecido vogava no ar.

— Não vejo nada, Gleb. Onde estão eles?

Polina pôs-se de joelhos e inclinou-se para o tripé.

Uma bala passou-lhe rente, sibilando como uma corda de viola.

Gleb puxou com violência a saia da mulher. Um colchete rebentou e Polina sentou-se a rir ao lado de Gleb.

— Bruto, rebentaste-me um colchete...

À direita do cume erguiam-se, em blocos amarelos e azuis, as ruínas de uma parede. Restos de muros antigos e montes de entulho espalhados por ali. As moitas de roseira brava e tuia formavam ramos acastanhados por todo o lado.

Um cossaco muito moreno, de cabeça descoberta, dedo no gatilho da espingarda, trepava felino pelo meio das pedras, corpo cosido com as brechas das ruínas. Quando se encostava ou agachava nas pedras parecia tornar-se invisível.

— Vou abatê-lo, Gleb. Não aguento mais.

As mãos de Polina tremiam. O seu rosto era só uns olhos imensos.

— Não te mexas!

Gleb esbugalhou ameaçadoramente os olhos.

Trepou para as ruínas escondendo-se por entre as moitas. Depois Polina viu-o a correr curvado, nas brechas. Tornara-se silencioso e cinzento.

O cossaco parou, estremeceu e levantou a espingarda.

O que batia assim? Seria o coração de Polina? Eram os disparos língücos, na floresta, que sacudiam daquela maneira a montanha, rasgando-a nas suas profundezas?

Teria tido Gleb tempo de montar a emboscada?

Polina, de arma na mão, precipitou-se em grandes passadas para as rochas. A rocha voou em mil pedaços diante dela numa chama de pó. Estilhaços de pedra atingiram-lhe o rosto, queimando-lhe a testa e as faces.

Ao pé de uma rocha, o cossaco e Gleb agarravam-se, espezinhando o mato, num corpo-a-corpo de lobos furiosos. Polina pisou uma espingarda.

O cossaco, o olhar enlouquecido, o rosto banhado em baba e saliva, rodopiava como um urso e viam-se os músculos por baixo da roupa a inchar e desinchar. Arquejava, grunhia, blasfemava exasperado, arrastando Gleb para o declive, para o abismo de pedras, cortado por degraus e blocos de rocha.

No momento em que Polina apontava a coronha à cabeça do cossaco, Gleb conseguiu rodear-lhe o pescoço com o braço direito, enquanto com a outra mão, agarrando a mão do inimigo por cima do punho, lha partia. O cossaco, a ranger os dentes de dor e cólera, dava urros e debatia-se num esforço supremo. Gleb, a vibrar de tensão, apertou mais o seu abraço. E Polina, por instinto, compreendeu: mais um segundo e Gleb ia ceder e os dois homens rolariam para o abismo. Com todas as forças assestou uma coronhada na anca do cossaco. Este acusou o toque e arquejou como um animal batido.

— Não posso mais! Rendo-me... Ganhastes...

A mão de Gleb largou o pescoço do homem e agarrou-lhe o punho válido. O cossaco olhava para Gleb de olhos apagados e injectados de sangue, olhos de fera caída na cilada. Olhos que exprimiam um ódio mortal. Do nariz e da boca saía-lhe uma espuma espessa de sangue misturado com saliva. Gritou com voz rouca, em arquejos de fera acossada:

— Deixa-me... já não posso mais! Estou perdido!

Polina agarrou com força o ombro de Gleb e puxou-o para trás.

— Cava, Gleb! Não vês que assim és um autêntico alvo?

Gleb olhou-a por cima do ombro sem compreender e largou o pulso do cossaco. O peito inchado quase lhe rebentava a camisa pelas costuras. Levou a mão ao coldre. Gesto instintivo, ele não tinha revólver.

O cossaco esfalfado estremeceu, mostrou os dentes sanguinolentos e, de repente, em contorções de cobra, saltou para o precipício.

— Cães nojentos, merdosos, julgáveis que íeis assim apanhar um cossaco como quem apanha cogumelos? Agarra-me agora!

Soltou um ganido e, num salto, mergulhou para o abismo.

Gleb correu para a beira da rocha e viu, pelo espaço de um breve segundo, o corpo do inimigo rodopiar por cima das pedras, cair nos degraus formados pelas rochas, saltar, voltar a cair e rolar de ricochete em ricochete.

Polina puxou Gleb para trás.

...Saíam magotes de homens do pequeno bosque, estrebuchavam, caíam, saltavam... O estrépido dos tiros, o fumo, o fogo, um clamor retumbante vinham de trás do cume, onde se escondia a linha dos soldados vermelhos.

Polina, estendida no chão, também disparava. A coroa magoava-lhe o ombro. Desencadeava-se nela uma onda de entusiasmo enquanto ia levantando a culatra, apontando como a lebres àquelas figurinhas que iam, lá longe, aos saltos e puxando o gatilho.

3. A Primeira Vagoneta

As roldanas da transmissão eléctrica tinham sons de cordas vibrantes; os seus raios de ferro moviam-se como asas negras nos planos diferentes. Cabos de aço, como fios de teias de aranha, enrolavam-se e desenrolavam-se nas estrias das grandes bobinas. Montadores electricistas, operários, Lukhava e o engenheiro Kleist à cabeça, seguiam com admiração o voo eléctrico das roldanas. Encantava-os a ressuscitada música das máquinas.

Do alto da transmissão eléctrica até ao vale, onde se acumulavam as pirâmides de pedras partidas, descia a multidão em duas cataratas entre as quais estavam esticados, estrada de cinza e fogo, quatro cabos sonoros, quatro cabos ardentes, tensos, de infinitas vibrações.

E no meio destas vagas de homens, mesmo ao fundo, uma tartaruga de carapaça cúbica, raiada na parte de baixo, subia para as alturas, presa aos cabos por rodízios.

Um magote desordenado de operários de armas nas mãos descia entretanto os degraus de pedra do cume. Os soldados tinham retomado lá em cima o seu posto. Velavam como aves vigilantes.

Gleb e Miekhova iam adiante do destacamento que estava a descer. Atrás deles traziam, deitado numa padiola improvisada com as armas, o corpo de um companheiro.

O destacamento de combate desceu em direcção das máquinas e pousou as armas. Os operários tinham no rosto, sujo de suor e lama, uma espécie de embriaguez. Deitaram o corpo do camarada, cuja cabeça era só uma pasta sangrenta, na plataforma de betão, aos pés da multidão. Esta apinhou-se ao redor do destacamento.

Silenciosos e severos, de rostos contraídos pelo sofrimento, os operários apertavam-se à volta do cadáver. Era

impossível reconhecer, naquela cabeça esmagada, naquela pasta de carne sanguinolenta, o tocador de harmónica Mitka, que à força tinha pegado numa espingarda e se tinha esgueirado para o meio do destacamento comunista.

As raparigas da Juventude Comunista tratavam ali mesmo das feridas dos camaradas.

Uma voz esganiçava-se de emoção:

— Ai, Mitka! Como falhaste assim, como te deixaste matar? E que brincalhão não eras! E brincaste assim pela última vez...

Novos magotes de gente se aproximavam do cadáver com fungadelas de dor.

O engenheiro Kleist veio ter com Gleb e, mantendo a gravidade apesar de um tique nervoso na bochecha, apertou-lhe silencioso a mão.

E Dacha, ao passar perto de Gleb, pôs-lhe a mão no ombro e por um instante o fitou com olhos húmidos nos quais uma alegria nova, pasmada, persistia.

Mas não parou, foi arrastada pela multidão.

Aí estava o que era essencial, as massas humanas... O fragor do trabalho... O voo alado das roldanas. À noite a fábrica abria uns olhos de luas eléctricas e as lâmpadas geladas das casas dos proletários voltavam a iluminar-se nas suas confusas redes de luz. Lá em baixo, na bocarra das chaminés, iam rodopiar fumos negros; e as tartarugas aéreas voariam de lá de cima até aos molhes, devorando a ardósia das pedreiras.

Lukhava, gesticulando junto às máquinas, gritava algo aos que estavam em baixo.

Houve um grande barulho de ferragens; as roldanas estremeceram e imobilizaram-se.

Gleb desceu os degraus correndo por baixo das máquinas. Uma grande vagoneta, coberta de pó prateado e cheirando ainda ao bafio das profundezas, estava à altura da plataforma.

Gleb voltou a subir a correr e, acostumado ao comando, gritou à multidão:

— Levem o corpo do camarada para a vagoneta. Vamos descê-lo com todas as honras. Os que estão lá em baixo... que eles vejam tudo, até ao fim...

Muitas mãos pegaram no corpo. Desceram-no em silêncio, atentos, e depuseram-no na vagoneta.

— Camaradas! Meus filhos! A picareta dele! E a espingarda... Ponham-nos junto dele, camaradas! Uma de cada lado, camaradas!

Gleb fez um gesto amplo.

— Atenção! Descida... Embora!

E a vagoneta desceu ao som do barulho das roldanas, como uma ave em voo planado.

Gleb pôs as mãos em concha.

— Escutai, camaradas! Deu a vida pelo trabalho... integrado numa tarefa, num esforço comum... Nada de choros, de soluços... A fábrica é uma vitória das mãos operárias... É a nossa obra... Em breve o fragor das máquinas... A grande obra de edificação do socialismo... Nós mesmos... Com as nossas mãos e os nossos cérebros... O nosso sangue, os nossos sofrimentos e as nossas lutas... São essas as armas com que venceremos o universo... Avante, companheiros! O nome do grande Lénine decuplicará as nossas forças!

Começou sozinho a entoar o canto unânime, de mãos estendidas. Mais vozes se levantaram, em clamor... Depois, mais abaixo, nas profundezas da ravina... E esse clamor como que rasgava a montanha, rodopiava, espalhava-se pelos ares... As montanhas sacudidas eram massas frementes.

A aérea vagoneta descia docemente, em voo planado, como um passarinho através da tempestade, através dos deslumbrantes, ribombantes trovões...

X. O SER PROFUNDO

1. Nítidos Instantes

Dacha e Gleb, cansados, saíram da cantina da fábrica para a rua e enfiaram pelo caminho de cabras por entre as sebes invadidas de videiras selvagens e hera. Mas mal se meteram por entre os carvalhos e as cárpeas, ainda azulados, ainda cegos, transparentes, como sempre acontece pela Primavera, e já Polina Miekhova se juntava a eles.

— Vou acompanhar-vos, camaradas. Apetece-me descansar um bocado ao pé de vós, na calma.

Dacha deu o braço a Polina.

— Nunca estiveste em nossa casa, camarada Miekhova. Vem visitar-nos. Vivemos juntos no trabalho sem sabermos como vivemos com nós mesmos...

Polina sacudiu os caracóis, que ficaram presos num ramo. Soltou um gritinho, parou e desatou a rir. Pegou no ramo, olhou-o, cheirou-o com curiosa alegria.

— Como se está bem aqui! Há muito que não vinha ao

bosque. Cheira a terra húmida e a árvores. E este aroma agridoce é o dos botões e da seiva. É como se voltasse à infância... É como se, nestes bosques, em vez de nos sentirmos por dentro nos estivéssemos a ver de fora... Ali, na montanha não sentia tristeza nenhuma, mas aqui estes carvalhos e este cheiro a Primavera comovem-me... Deixa-me dar o braço ao teu marido, Dacha: ele tem força que chegue para as duas... Nós somos frágeis mulheres...

Balbuciava como uma rapariguinha, brincando com os raminhos, risonha, estremecendo nervosa, comovida, precipitada, querendo dizer algo de grande. Correu para Gleb, pendurou-se-lhe ao braço, olhou para Dacha.

— Não és ciumenta, Dacha?

Mas Dacha, sorridente, olhou-a com camaradagem.

— Sou forte demais para ter ciúmes.

E Gleb sentiu o braço de Polina apertar o seu contra o peito firme, doce e quente da jovem.

Era já o pôr-do-Sol: o disco luminoso ia-se extinguindo por detrás dos longínquos cumes e o céu ia-se tornado espesso, azul; e tornava-se um céu de brasa por cima do Sol, no meio de uma opalina obscuridade. Muito próximas, as montanhas pareciam descer, rastejantes, dos cumes, em torrentes condensadas de ferro e cobre, na direcção das brechas e plataformas das pedreiras. À direita, para lá dos declives, ao longo da abrupta costa, o Bremsberg traçava uma linha amarela como o sulco de um arado.

As sombras violetas do anoitecer, cobertas de cinzas, flutuavam no desfiladeiro ao longo das falésias, e o desfiladeiro mais parecia uma cratera. Ainda se alumiam aqui e ali, nas cristas e vertentes dos montes, chamas de urzes. Mas aqui, nestas teias de aranha azuladas das moitas, neste lugar deserto, neste caminho invadido pelas ervas, o silêncio crepuscular era impregnado do aroma inebriante da primavera terra, das folhas quase a rebentarem e dos botões tão inchados.

Dacha ia à frente deles, a partir os ramos escuros.

— Que ar tão bom, camaradas! É de uma suavidade de mel! Não tarda que seja só verdura e flores.

Por que se tinha Dacha afastado deles? Fê-lo de propósito? Ter-se-á dado conta daquele segredo nó? Ou queria estar sozinha a banhar-se na crepuscular suavidade, ébria de Primavera?

— Disseste bem, Dacha: nós só estamos perto uns dos outros no trabalho, no fundo de nós mesmos continuamos estranhos. E esta é uma das nossas mais duras contradições. E não há nada que nos meta mais medo que os nossos senti-

mentos. Basta olhar para os olhos de cada um: são frios, apagados, metálicos. Estamos sempre como numa gaiola: de dia fechamos o nosso íntimo, à noite fechamos os nossos quartos.

— Falas como uma menina sentimental, camarada Miekhova. É verdade que não temos tempo para nos ocuparmos das coisas da alma. As pessoas podem esperar, camarada Miekhova, mas as tarefas, se nos descuidamos, passam-nos à frente do nariz e nunca mais as conseguimos apanhar.

— É isso que se diz sempre... E a maioria de nós sofre de solidão mas tem medo de o confessar, tem medo das censuras, dos olhares de desprezo e de ser acusada de falta de firmeza nas convicções. Mas o que tem a ver com isto a firmeza de convicções? Sofre-se e é tudo...

Dacha continuava a afastar-se deles partindo ramitos que faziam um barulho como o dos gritos dos pássaros. Gleb passou a mão, numa carícia desajeitada, pelos cabelos louros de Polina.

— Os teus queixumes não levam a lado nenhum, camarada Miekhova. O que eu não disse já à minha Dacha! Ataquei-a de frente e de flanco, mas ela assentou-me sempre as espáduas no tapete.

Dacha ria, de longe via-se-lhe o brilho dos dentes.

— Gleb é parecido contigo, camarada Miekhova: é tão terno como tu e está sempre disposto a meter-se na vida alheia.

Subiam agora a carreiro que ia dar à ruela. O Sol era purpúreo como sangue nos cumes longínquos que, negros e incisivos, pareciam mordê-lo como a um bolo de chamuscas. A cidade desenhava-se com nitidez cá em baixo em ruas direitas, azuis, subindo do cais para as alturas, estirada pelas encostas, cerce cortada pelos penedos e o desfiladeiro. Entre os cais e os molhes, fumegava um mar nacarado, com velas negras e ruças a surgirem de súbito. Os edifícios e torres da fábrica erguiam-se num silêncio profundo, como inatacáveis glaciares.

— Neste momento estou preocupada com problemas muito dolorosos, camaradas! A nova política económica... Estamos a entrar numa fase de duras contradições, e toda a gente faz de conta que não se apercebe. Eu estou sempre inquieta, sempre à espera de qualquer coisa terrível.

— O quê, camarada Miekhova? Precisas de te recompor: há em ti qualquer coisa que não está bem. Anda tomar uma chávena de água fervida com sacarina, depois Gleb leva-te a casa.

Polina lançou a Dacha um olhar assustado, perdido e dirigiu-se a passos rápidos para a brecha da parede.

Dacha seguia-a com os olhos. Um irónico e carinhoso sorriso bailava-lhe nos lábios.

— Boa rapariga... e inteligente. Mas que mola se terá partido dentro dela?

— Dacha! Não me apetece ir para casa, vamos até à montanha sentar-nos um bocado e respirar fundo.

— Boa ideia! Vamos até à lagoa.

Gleb admirou-se: era a primeira vez que Dacha lhe pegava na mão, e o acompanhava como companheira gentil. Ia calada e sentia nela a perturbação. Ela queria dizer algo, a palavra certa, mas qual? Talvez uma daquelas palavras que eles só nos primeiros dias do seu amor tinham trocado? Se não, para que se tinha ela desfeito de Polina e aceitara ir com ele para aquele lugar deserto.

Subiam ao longo das cercas e das moradias, por cima das pedras e rochas. Gleb segurava a mulher pelos ombros, apertava-a contra o seu corpo e sentia que ela gostava desta simples carícia. A lagoa era muito lá no alto, por cima do Bairro do Sossego. Era dali que a água era levada por condutas para o complexo operário, de onde era distribuída pelas canalizações ao laboratório, às oficinas, aos edifícios.

Contornaram montes de pedra e uma galeria cavada na montanha, de porta fechada a cadeado. Chegaram a uma larga e comprida plataforma de betão, em que o barulho dos passos era de uma sonoridade de sino, como se no seu interior soassem as vibrações de tensas cordas.

A seus pés estavam assolapados os tectos vermelhos das camaratas, à volta das chaminés; viam-se depois os edifícios e os telhados da fábrica; e lá ao longe, ainda mais abaixo, a baía violeta, franjada de espirais de espuma ao longo da costa. Para lá dos molhes erguia-se o mar, globo imenso, a linha do horizonte a dominar as chaminés e os longínquos cumes; um horizonte a perder de vista que não se distinguia já do céu.

Em grupo ou sozinhos, operários seguiam pelo caminho entre a fábrica e o Bairro do Sossego. Ao longe via-se uma rapariguinha a correr agitando os bracitos.

— É Polina que vai ali... É engraçada, a camarada Miekhova: há dias em que ninguém a verga, nem a tenaz, e outros em que treme toda como varas. Estou com medo de que lhe aconteça alguma coisa. Não sentes como ela se agarra a ti?

Gleb ficou surpreendido, estendeu-se ao pé de Dacha e no seu rosto mais não viu que um sorriso contido. Que

é que ela tinha? Estava a pô-lo à prova? Teriam aquelas palavras um sentido oculto? Não soube que responder, não sabia se devia rir ou zangar-se.

— Então, Dacha... o que tu vais buscar! Queres pescar em águas profundas...

Dacha levantou a cabeça e sorriu. (Olha, afinal ela tem um sorriso feminino!)

— Será que falei por enigmas? Disse as coisas tais como elas são: o problema é teu. E não somos nós, eu e Miekhova, mulheres iguais uma à outra? Ela quer amparar-se a um homem forte.

— Eu próprio tenho vontade de me amparar, mas só em ti.

— Há quem não saiba amparar-se... não é assim tão simples... Se soubesses como eu quero amparar-me. Mas tudo mudou, e nós também mudámos. O que não sofri nestes três anos. Aprendi a andar nas próprias pernas e a pensar com a minha própria cabeça.

Estas palavras cravavam-se dolorosamente no coração do homem e de facto não havia resposta para elas. Dacha era tão nova, tão forte na sua verdade, que Gleb não podia nunca mais agarrá-la com as suas mãos e não tinha sequer palavras que pudessem ser resposta às palavras dela. Foi então, pela primeira vez (maldito desfiladeiro da montanha!), que sentiu que também ele se tinha transformado, já não era o mesmo homem que era ontem, era como se todo o seu sangue se tivesse queimado, como se uma reviravolta se tivesse produzido no seu cérebro. E foi com uma inexprimível dor que, ultrapassando o medo, a sua alma se precipitou para Dacha, levada por um amor sem limites, não pela mulher mas pelo ser humano mais chegado a si que no mundo existia. Que seria feito dele se ela tivesse perecido naquele dia em que, não pensando nela, ele só vivia, só queimava a sua vida na fábrica, nas máquinas, nas oficinas?

Por debaixo da plataforma de betão vivia uma água cantante como os grilos, que fazia vibrar cordas distantes, era, ali debaixo, o sopro vivo de algo grande no seio do vazio. Suspiros e vibrações de cordas que planavam por cima da floresta antes de escorrerem docemente para o crepúsculo violeta do vale.

Tudo era etéreo, profundo, imenso. As montanhas não ostentavam já as suas cristas pedregosas, eram só um espesso fumo negro, e o mar, estirando-se até ao infinito, era antes um abismo azulado; aqui no alto, por cima da fábrica, estavam um homem e uma mulher transportados num frag-

mento do planeta acima dos abismos, abaixo dos abismos, num voo através do infinito.

Gleb pousou a cabeça nos joelhos de Dacha e levantou os olhos para o seu rosto e para o céu cor de malva. Também o rosto dela, de um ruço aveludado, era cor de malva, nos olhos lia-se-lhe um espanto, um amor amadurecido, ainda não expresso.

— Aqui, sob este céu infinito sinto-me outro... Há tanto que não estávamos assim... Parece-me que nunca na vida me senti tão bem. Sei só que o teu amor é maior e mais puro que o meu. Não te mereço. Não sofri nem uma ínfima parte do que sofreste. Conta-me tudo o que tens passado. Talvez isso me ajude a conhecer-me a mim próprio.

Um clarão rasgou a atmosfera, acenderam-se as trevas violetas, acinzentadas, até ao céu.

Gleb apoiou-se nos cotovelos e por muito tempo olhou os edifícios, as montanhas, as ravinas peçadas de hortas: moviam-se luzes por todo o lado, que planavam e caíam depois em constelações de grandes e pequenas estrelas candentes. Invadiu-lhe o peito uma onda de entusiasmo. Oprimia-o uma emoção profunda. Mas que era aquilo? Que angústia era aquela que lhe subia à garganta? Lágrimas ou alegria?

— Olha, Dacha... É com as nossas mãos e os nossos cérebros... Lutar e edificar o nosso destino... Ah! Dacha, tudo isto é nosso... nosso... A força dos nossos músculos e do nosso trabalho... Deixa-me ficar com a cabeça nos teus joelhos e fala...

Dacha pôs a mão no peito. Estava emocionada. Gleb ouvia-lhe o coração a bater em grandes pancadas surdas.

— É bom saber lutar pelo destino, a despeito do sofrimento, da morte. É terrível, nem todos são capazes. Eu fui capaz porque te amava, porque o meu amor tem sido mais forte do que o medo.

2. Nascimento à Força

Eis o que sobre ela contou Dacha, nessa noite cor de malva.

...Depois de se ter recomposto das feridas no celeiro, entre aranhas e ratos, Gleb partiu para a montanha uma noite; aí estavam os guerrilheiros, na floresta e nos desfiladeiros.

Ela sabia que Gleb se separava dela, talvez para sempre, e despedia-se dele como de um defunto que ia a enterrar.

Não o levou além da soleira, só o acompanhou pelas trevas do quarto. Soluçou sem barulho, sem gritos, chorou o homem e quando ele desapareceu, na noite escura, ela não acendeu a luz, manteve-se oculta nas trevas, com a filhinha Niurka, até de manhã, no meio de um indescritível tormento. A partir daí, os dias e as noites fundiram-se num tormento sem fim.

E tão subitamente como tinha caído nesta existência a que não se podia chamar vida, também subitamente dela foi arrancada.

No meio de um tropel de passos, de soldadesca à solta, de coronhadas, de revólveres prontos a vomitar fogo, alguns oficiais precipitaram-se para dentro de sua casa e rodearam-na, gritando numa confusão de vozes:

— Onde está o teu marido?

Só então ela estremeceu, e isso porque as paredes tremiam, porque o chão parecia fugir-lhe debaixo dos pés. E o desfalecimento do seu coração fez Niurka chorar a contorcer-se-lhe nos braços.

— Diz lá onde está o teu marido! Sabemos que ele esteve aqui. E por favor, não ponhas esse olhar inocente. Não vale a pena armares-te em parva.

— Eu é que sei onde ele está, o meu marido? Vocês sabem-no melhor que eu. Vocês é que o levaram, e o que fizeram dele ainda não mo disseram. Que mais querem de mim?

Não chorava. Mas estava azul, de olhos transparentes que pareciam duas esferas de vidro.

Um oficial muito jovem, quase um garoto, anguloso, implicativo, sentava-se e levantava-se, fumava, deitava os cigarros fora sem deixar de olhar para ela, sem parar de repetir as mesmas palavras:

— Não mintas assim com essa lata... tu sabes... tu sabes, minha cadela, tu sabe-lo muito bem... e também sabes que não nos escapas.

Interrompeu-se a si próprio com um murro na mesa.

— Vais ser imediatamente presa e fuzilada no lugar do teu marido. Fala, e não tentes deitar-nos areia para os olhos.

Ela continuava imóvel, inabalável, e respondia:

— O que posso eu saber? Podem matar-me. Foram vocês que mo levaram, vocês é que têm de me dizer onde ele está. Não vêem que estou sozinha? Por que me atormentam?

O oficial fez uma pausa e olhou de novo fixamente para Dacha. Será que notou o sofrimento nos seus olhos arden-

tes? Será que os gritos da menina lhe soaram como uma indistinta acusação? Levantou-se de um salto.

— Revistem a casa toda. Anotem o mais pequeno pormenor.

Fê-la sentar entre dois soldados barbudos e a casa foi revistada até de manhã, não escapando nenhum canto, recanto, buraco, peça de roupa.

— Teve tempo de se escapar, o patife!

De madrugada, os soldados, estoirados, a suar, cansados por um trabalho em vão, levaram-na com Niurka para a fábrica. Aí ficou numa cave, no meio de pessoas enlouquecidas, febris pela angustiada espera da morte, sozinha consigo própria, até ao meio-dia. daquelas pessoas, quem lhe falou, e de quê? Mais tarde não se lembrou de nada, mas foram muitas. Ao meio-dia tiraram-na da cave, e o mesmo oficial anguloso e implicativo de novo a olhou fixamente:

— Então, minha filha, onde está o teu marido? Não sejas teimosa! Não te largamos enquanto não nos disseres. Se ele está em lugar seguro, então para que te preocupas? Não sejas teimosa, que diabo! Não vale a pena.

Ela ia repetindo sem lágrimas, a cair de esgotamento:

— Que posso eu saber, se vocês é que mo levaram? Digam-me mas é a mim como é que o torturaram e o mataram!

— Deixá-la, que vá para o diabo! Não vês que está maluca de medo? — perguntou alguém com voz asquerosa.

Mas os olhos do coronel chisparam. Disse maldosamente:

— Sabes, grande vaca, que por causa de seres assim teimosa devias ser fuzilada em vez do teu marido? Mas não julgues que vais poder continuar a desempenhar esse papel de parvinha.

— Pois bem, disparem... Agora tanto me faz.

E rompeu em pranto, pela primeira vez naqueles dias, sem reconhecer a própria voz.

— Vocês torturaram-no até à morte... Torturem-me também a mim. A mim e à minha filha... a mim e à minha filha...

Quando recuperou os sentidos — foi como se o sol a inundasse de vagas de leite — estava na rua incendiada de luz. Diante dela estava a fábrica e, mais para lá, na colina da cidade operária, descortinava o tecto vermelho da casa onde o seu quarto estava vazio desde a noite passada.

Viveu sozinha. Ligou-se com Motia Savtchuk, passando os dias em casa com ela. Já não eram os dias nem as noites turvos: os dias floriam de sol e as noites de estrelas. E quan-

do se sentava na soleira da porta a contemplar as estrelas, a escutar a música dos regatos por entre as pedras, pensava em Gleb: onde estaria ele? Estaria vivo? Alguma vez regressaria do desconhecido?

De dia, quando as montanhas fundiam ao sol deslumbrante, Dacha sentava-se como sempre na soleira da porta a consertar a roupa. Niurka brincava perto dela com um gatinho no cimento do pátio. Lá longe, por sobre o mar, viam-se as gaivotas no seu bater de asas brancas.

Um soldado, com grandes bigodes, que usava grevas, vinha a passar (passavam muitos diante da cerca). Aproximou-se da cancela, encostou-se a ela (havia também muitos que tinham aquela maneira de se aproximar e lançavam às mulheres olhares famintos) e chamou por ela furtivamente, com uma voz severa, fora do normal.

— Dacha, não saltes como uma gata. Fica calma. Tenho notícias de Gleb. Deixei cair um papel, olha bem. Volta à noite, não tenhas medo.

Foi-se embora. A única coisa que reparou foi que ele tinha bigodes e sobrancelhas como fios de estopa.

A sua primeira reacção foi de se precipitar do patamar para a cerca, mas o soldado tinha-se voltado; os sobrolhos de fios de estopa caíam-lhe para os olhos. Então ela percebeu que tinha de esperar que ele descesse a colina a grandes passadas, e aturdida, com névoas vermelhas a passarem-lhe pelos olhos, fez um supremo esforço de vontade para chamar docemente Niurka.

— Anda cá depressa à mamã, minha pequerrucha... Mais depressa, vá, despacha-te! Apanha esse papel e dá-o à mamã... Isso, assim... Traz cá o papel... Mais depressa!

E a garotinha — como um pintainho a bicar no chão — apanhou o papel e — como um pintainho a saltitar — correu a levá-lo à mãe.

— Toma, mamã!

Névoas vermelhas giravam nos olhos de Dacha. O coração parecia querer saltar-lhe do peito.

E eram espantosas as palavras que ela lia, traçadas pelo próprio punho de Gleb (quem mais senão ele podia ter aquela letra?).

“Dacha, estou são e salvo. Cuida-te e cuida bem da Niurka. Queima isto imediatamente. O Iefim Bigodaças conta-te tudo.”

Gleb, querido Gleb adorado! Uma vez que estavas vivo, são, salvo e forte, também ela, Dacha, seria forte e agarrar-se-ia à vida.

Iefim veio à noite, trazendo com ele o cheiro dos bos-

ques e das montanhas, e pareceu a Dacha que esse cheiro não era o da floresta, mas o de Gleb. Dacha sentava-se perto do mensageiro, na obscuridade do quarto, não longe da janela (as estrelas gotejavam do céu), a tremer de alegria e de amor por Gleb. E o Bigodaças falava com voz rouca, murmurante, cheirava a tabaco ordinário; as mãos brincavam com um revólver.

— Tenta perceber, Dacha. Quanto ao primeiro ponto: Gleb procura furar as linhas dos brancos até ao Exército Vermelho. Se tiver estofo, vai aguentar. Mas não se trata dele.

Dacha, a tremer, balbuciava:

— Quer dizer que ele, dizes tu... diz lá, camarada Iefim... Quer dizer que ele pode morrer nessa vida errante? Quer dizer então que ele está tão sozinho entre os homens como entre os lobos...

— Segundo ponto: não é dele que se trata. O segundo ponto consta de um recado para ti, um recado de Gleb. Aguenta, desenrasca-te. Os tempos são duros... Não me perderás de vista. Serás nossa companheira, uma guerrilheira. Nós somos guerrilheiros. Tenta compreender. Por uns tempos a nossa organização substituirá o teu marido. Lembra-te bem disto. Eu actuarei ao mesmo tempo um pouco por todo o lado. Quanto a ti, reúne as viúvas, já que não são poucas. Entra para a cooperativa da fábrica para ajudares no abastecimento. Trataremos disso, não vai haver problemas. É tudo.

— E a minha filha?

— Entrega-a a uma boa mulher. Não voará como um pardal para longe de ti. Diz depressa o que tens ainda para dizer.

Dacha ainda tremia e não era capaz de pronunciar com firmeza, de todo o seu coração, as palavras que eram devidas. Disse apenas:

— Talvez, camarada Iefim, que Gleb caminhe agora sozinho na noite... Talvez a morte o espreite... Seguirei o mesmo caminho do meu Gleb...

Iefim sorriu no escuro, e com a mão deu umas pancadinhas no joelho da mulher.

Foi-se sem qualquer ruído, tal como tinha vindo, como se por ali só uma sombra, um sonho, tivesse passado.

A filhinha Niurka tinha-a confiado a Motia, a quem dava uma parte das suas rações. Era uma boa mulher, Motia, boa companheira e que tratava bem da criança.

Ela própria tinha começado a trabalhar na cooperativa, distribuindo o pão à saída dos fornos. Havia ocasiões em

que chegavam desconhecidos com papéis e que levavam sacos de pão “para os operários das pedreiras”.

As mulheres, cujos maridos guerreavam na montanha, eram muitas. Metade vivia de pequenas especulações, inventivavam os maridos e em pouco tempo se arrumaram com outros homens, esquecendo-se dos desaparecidos. As outras, sem trabalho, lavavam para sobreviver a roupa dos oficiais. Dacha formou um pequeno grupo e deu-lhes trabalho: ir à cidade, ir à montanha levar aos guerrilheiros roupas, calçado e toda a espécie de papéis.

Eram três: Fimka (uma jovem cujo irmão Piotr estava com os guerrilheiros), com um rosto delicado de menina; Domakha, uma mulher grande, ossuda e ruiva que tinha três miúdos gritões; e Lisaveta, também grande, mas sem filhos, de peito alto e lábios vermelhos. Fimka, vítima da sorte, nunca se recusava a um homem e não recusava nunca partilhar o seu pão com outra mulher; Domakha era só má, sempre pronta a fazer recair a vingança do seu infortúnio sobre toda a gente. Lisaveta, fechada, inacessível quando tinha de lidar com as pessoas. Dacha juntou essas três. Passava com elas as horas livres.

Iefim Bigodaças chegava pelas surdas noites e dava-lhe pancadinhas no joelho com a coronha do revólver.

— Fixem bem isto, camaradas de saias, que é muito importante: bico calado e adiante. Nunca batam com a língua nos dentes... A parte mais maldita do corpo humano é a língua. Se te apanharem, por exemplo, morde a língua e cospe-a. Entendido? A língua é uma arma muito fraca, mas pode tomar fortalezas...

Foi o seu primeiro mestre, um mestre de confiança.

Isso durou um ano. Um ano rico para Dacha em experiência e manha. Estava na escola certa! As mulheres partilhavam da sua força, ela era a sua guia.

Estava uma manhã ao balcão, frente às pessoas que faziam bicha — era uma bela manhã tonificante e azul, de um outono quente e perfumado — quando chegaram oficiais armados de espingardas, empurraram as pessoas e levaram-na. Toda a gente, assustada, fugiu para casa. Sentaram-na num camião no meio de oficiais e levaram-na para a vivenda onde ela já tinha estado fechada com a filha. Meteram-na na mesma cave. Como da outra vez, também agora lá estavam homens acorados e deitados em monte; e, como então, desvairados pela espera da morte.

Mas Dacha já era diferente. Tinha corrido muitos perigos, agora estava sempre alerta. Tinha pensado muito em como defender-se de qualquer fraqueza. Sentia-se capaz de

passar por tudo — pelo sofrimento e até pela morte — mas um pensamento se lhe tornava impossível de aguentar: Niurka, a menina. Era essa a prova que ela não conseguiria ultrapassar.

O seu olhar percorreu as trevas bafientas da cave de paredes de cimento e encontrou os bigodes e as sobranceiras de estopa. O homem não a reconheceu, o seu olhar errante passou para outros. Compreendeu que era preciso não se reconhecerem. Viu também Fimka estendida no chão, desesperada, sacudida de soluços; e o irmão Piotr ao lado dela, bochechas infantis cinzentas de pó. Acariciava os cabelos de Fimka, passava-lhe a mão pelas costas murmurando-lhe docemente ao ouvido palavras de consolo. Tinha cara de envenenado.

E foi aqui que pela primeira vez Dacha conheceu o pavor do sofrimento humano.

O primeiro a ser levado foi o Bigodaças, depois levaram-na a ela. Mandaram-na entrar para uma sala. O Bigodaças não estava lá. O jovem coronel implicativo reconheceu-a logo.

— Então, por cá outra vez? Desta não te safas. Queres-nos contar como é que abastecias os bandidos? Estavas ou não a mentir quando dizias que não sabias onde estava o teu marido?

Dacha, fazendo-se de parva, arregalou os olhos e respondeu:

— Como posso saber onde está o meu marido? Vocês prenderam-no. E agora vêm-me com essa história dos bandidos!

— Já vamos ficar a saber do nível da tua sinceridade. Levem-na à cozinha e sirvam-lhe uma boa refeição.

Levaram-na para uma outra cave exígua, onde não se via o chão mas uma pasta viscosa que cheirava a cadáver. Um homem estava estirado ali, nu entre a porcaria, mexendo a cabeça, inundado em sangue. Dois latagões cossacos respirando roucamente faziam zunir por cima dele varetas de espingarda.

Alguém assestou-lhe nos ombros e nas costas a queimadura do chicote. Uma queimadura que o fez soltar um berro de fera.

— Toma, sacana! Podes olhar, não tarda que sejas tu a estar ali... Mostra lá a beleza deste homem a esta cadela... Conheces esta besta nojenta?

Já não sentia nada, estonteada de náuseas. Teve de chamar a si todas as forças para não cair.

— Por que me torturam assim? Porquê?

— Aquece o homenzinho mais um bocado...

Recomeçaram a vergastar Iefim, cuja cabeça abanava em silêncio. E Dacha sentiu a grandeza do sacrifício e do silêncio do Bigodaças. E sentiu também que naquele momento uma só coisa era importante: calar-se, esticar todos os músculos à volta do coração até o triturar.

— Vamos, fala, minha bonequinha! Que manigâncias tiveste com este canalha? Fala e não te tocamos, deixamos-te ir para casa.

— Não sei de que manigâncias falam... Fiquei sem marido, sozinha com a minha filha... Por que me torturam?

Mas de novo a queimadura insuportável a trespassou. O coração pareceu estoirar-lhe, soltou um grito agudo.

— Que lhes fiz eu? Por que me batem?

— Fala... Basta uma palavra e ficas livre.

E foi quando ouviu aquelas palavras que percebeu que não sabiam nada. Tinham-na prendido só porque isso também acontecera da outra vez. Não tinham prendido as outras mulheres. E Fimka? Fimka estava ali por causa do irmão, que deve ter sido apanhado no seu tugúrio. Dacha compreendeu isso e o sangue recomeçou a correr-lhe nas veias.

— Deixem-me, não me batam mais... Eu trabalho, não faço mal a ninguém.

— Vá lá, mais uma dose para o homenzinho... Com mais força! Fá-lo grunhir e comer a própria merda...

O corpo já sem acção de Iefim, estendido na pasta viscosa, era percorrido pelas últimas convulsões. E os cossacos esgotados, banhados em suor, continuavam a flagelar aquelas carnes sangrentas. As varetas faziam esparrinhar golfadas de sangue e bocados de carne.

O irmão de Fimka tropeçou e caiu ao pé de Dacha. Com um terror animal nos olhos, a porcaria colada nele, Piotr pôs-se de pé num salto, escorregou, caiu, saltou de novo e desatou a fugir patinhando naquele sórdido charco. Os cossacos correram atrás dele, brandindo as varetas. Piotr dava urros, que não lhe saíam da garganta mas do corpo todo, e bateu na parede, cego, perdido.

Dacha olhava, com olhos mortícios, o suplício dos seus camaradas. Sem voz, o espírito desequilibrado, não podia desviar os olhos. Só via sangue, sangue fervilhante, a correr.

Só se recompôs na sala clara onde o jovem coronel, de rosto franzido pela maldade, fumava sentado.

— Então, minha linda, gostas da nossa cozinha? Vá lá, agora diz-nos tudo o que sabes.

— Mas eu não sei nada, não sei nada...

— E este rapaz, não o conheces, nem esta rapariga?

— Conheço Fimka e Piotr... Conheço-os desde pequenos...

Dois oficiais tão jovens como ele falavam ao ouvido do comandante. Este franziu o sobrolho e estremeceram-lhe as faces.

— Passe-a para nós, coronel, que tratamos bem já dela.

Atirou-se para o fundo da sala, mãos estendidas num gesto de repulsa.

— Não! Não! Resistirei até à morte... Isso não...

O coronel levantou a mão a sorrir.

— Pois bem, seja como queres... Ninguém te fará nada, se disseres a verdade. Aproxima-te e fala.

— Mas que posso dizer se não sei nada? Como é possível não terem vergonha?

O coronel encostou-se ao espaldar da cadeira e piscou os olhos maliciosamente.

Os dois oficiais pegaram nela pelos sovacos e levaram-na para outra sala. Deitaram-na no chão e violaram-na...

Ficou meio morta estendida na cave tal como para lá a haviam atirado, seios e pernas nus, até à meia-noite. Fimka, a gemer, aproximava-se dela a rastejar, batia com a cabeça no seu peito e afastava-se sempre de joelhos pelo chão.

Por duas vezes Dacha julgou ver a filhinha Niurka: a menina batia com os pés, aproximava-se, dançava numa espécie de embriaguez. E Dacha estendia os braços para ela, gritando de terror:

— Já chega, Niurka! Basta!

Depois, até à última hora, Niurka não voltou a aparecer. Como se nunca ali tivesse estado, como se mais não tivesse sido que o espectro sombrio de um sonho extinto.

Depois da meia-noite — também disso se lembrava como se fosse um sonho — foi acordada pelo barulho de um camião. De repente viu-se sentada no fundo do camião entre pessoas agachadas e deitadas que ela não reconheceu logo: Fimka e Piotr, Iefim Bigodaças. Oficiais e soldados rodeavam-nos de pé, de espingarda em riste.

Só gravou com clareza na memória o cintilar multicolor das estrelas, estrelas tão próximas que teria bastado estender a mão para as tocar.

Nenhum terror. Caminhavam para a morte, ela sabia-o. O camião ia parar, eles seriam atirados para fora daquele ataúde comum, conduzi-los-iam para uma praia e então ela deixaria de existir. Sabia-o e o seu coração era de gelo. Nenhum terror, só aquele frio insuportável no coração. E tan-

ta simplicidade havia na sua alma, tanta imobilidade, que aquilo de modo nenhum podiam ser real, mas tão só um sonho mesquinho em que não se acredita, um sonho banal, com fantasmas que sabemos se irão em breve dissipar. Por momentos voltava a ver a filha: de mãos estendidas num grito breve: Ai!

Os camaradas, estendidos no fundo da viatura, ressaltavam como cadáveres: Iefim Bigodaças (que tinham atirado para ali como a um morto), Fimka e Piotr. Dacha não tinha piedade por ninguém; o seu coração era só um bloco de gelo que não derretia.

O camião parou. Puxaram-na da viatura, e tão imóvel ficou de pé como quando estava deitada. Fimka veio para junto dela, a tremer toda, sacudida por arrepios, agarrando-se-lhe ao vestido, apertando-se a ela como uma criança. O Bigodaças jazia a seus pés como um cadáver. Piotr, cuspiendo e resmungando, patinhava estupidamente sempre no mesmo sítio, deformado pelas torturas, de cabeça a abanar, o rosto negro de sangue coalhado.

E Dacha soprou ao ouvido de Fimka, rápida, severamente (mas pareceu-lhe que não era ela a falar, era outra pessoa que dentro dela falava):

— Cala-te, fica calada... Cala-te sempre... como se fosses cega, surda e muda...

Pareceu-lhe ver surgir muita gente. Afastaram-na.

Quatro cossacos bateram com as espingardas em Fimka e Piotr que, passinhos miúdos, submissos, silenciosos, sem se voltarem para trás, puseram-se a andar. Mas quando iam já a certa distância, Fimka, esbracejando de súbito como um pássaro caído na armadilha, tentou voltar para trás, gesticulando como louca, e gritou:

— Dacha, Dacha, minha querida! Que vão eles fazer de mim, Dacha?!

Empurraram-na, ela soltou um grito agudo, estrebuchou e caiu na areia. Pegaram-lhe pelos braços e puseram-na de pé. Deu ainda alguns passos em silêncio, depois parou para gritar outra vez, preocupada:

— Mas que é que fiz eu agora? Esqueci-me do xaile no camião.

De novo os palavrões rebentaram à sua volta.

E à frente dela, na estreita faixa de terra que indistintamente se fundia com o mar, um mar nada fragoroso como se fizesse um negro trabalho murmurando no meio das trevas, Dacha viu sombras confusas, dançantes, ébrias a agitarem-se.

A voz aguda de Fimka chegou-lhe de novo.

— Não quero, não quero! Não me vendeis os olhos. Quero ver a morte!

E continuou a gritar até soar a salva de tiros:

— Quero ver, quero ver!

Quando soaram os tiros, pareceu a Dacha que os gritos de Fimka continuavam a voar sobre as águas escuras.

Então uma sombra ágil se aproximou de Dacha, a ponto de roçar por ela.

— Pela última vez: diz-nos quem trabalha com os vermelhos. Dou-te a minha palavra de que serás libertada imediatamente. Então, não estás a ver? A seguir é a tua vez.

E Dacha respondeu como das outras vezes, fazendo-se de parva:

— Sou apenas uma mulher. Sei lá quem é vermelho ou não! Não sei nada de nada.

— Bem... Levem este pacote. Arrastem-no pelos pés e pelas mãos para junto dos outros.

Levaram Iefim Bigodaças e Dacha, em lugar da salva, ouviu só um único tiro.

A sombra ágil do oficial aproximou-se de novo.

— Dou-te trinta segundos...

— Que posso eu dizer-lhe? Pois bem, disparem... Vá lá, disparem!

Mais um minuto e ela cairia na areia em convulsões, como Fimka, o coração rebentado, finalmente a derreter, e os seus gritos fariam tremer o universo.

Depois sentiu-se de súbito levantada e atirada de cabeça contra qualquer coisa de ferro. O motor do camião roncava de novo; também as estrelas estavam outra vez a cintilar, gotículas de ouro que se podiam agarrar com a mão, e o céu esbraceava-se confusamente por cima das montanhas. Empurraram-na para a cave, depois fizeram-na entrar na sala já dela conhecida. E o jovem coronel implicative disse claramente, com ar despreocupado, sem olhar para ela:

— O engenheiro Kleist responsabilizou-se por ti. É nele que temos confiança e não em ti. Podes ir, mas fica sabendo: se nos voltas a cair nas mãos, já não sais daqui. E fica também sabendo que aqui não te aconteceu nada e que não viste nada. E se tiveres a língua comprida, a tua sorte é a dos cães. Vamos, despacha-te, ala!

Não disse nada a ninguém, aprendeu a medir as palavras, a falar só a propósito, com razões para isso. Só estava em casa à noite. O bafio invadiu o alojamento, floriram nos cantos as teias de aranha e o pó. As flores foram-se fanando e acabaram por secar no peitoril da janela, a palidez tomou-lhe conta da cara, os olhos tornaram-se-lhe transparentes

e frios. Passava muitas horas em casa de Motia, a boa camarada, dona de casa amável. Relacionou-se com Savtchuk, com Gromada, passou muito tempo com o corcunda Lochak no pátio da fábrica. Preparavam-se na sombra para receberem o Exército Vermelho. Lochak, Gromada, Savtchuk entraram na sua obra secreta. Dantes dormiam à noite e passavam os dias a olhar para a montanha. Agora o sono fugia deles durante a noite, mas de dia pareciam cegos.

Chegavam soldados, com mudas interrogações no olhar. Davam uma olhadela por aqui e por ali, vinham divertir-se um bocado, fazer a corte à jovem viúva. Vinham só uma, duas vezes, depois desapareciam; outros os vinham substituir. E os anteriores, qual teria sido o destino deles? Os olhos de cristal de Dacha nada diziam a ninguém a esse respeito.

Barcos ingleses estavam ancorados no porto. Uma multidão de pessoas importantes e ricas que fugiam do norte embarcavam aqui.

Alguns muito longe, por detrás das montanhas, trovões subterrâneos abalavam a terra, imensas explosões faziam, de noite, cair as estrelas.

...E por uma ardente manhã, entretecida de sol, em que não se podia distinguir o céu do mar nem as árvores em flor do ar, Dacha, de lenço vermelho na cabeça, passando por cima de escombros e de cadáveres de homens e cavalos, atravessando a pestilência que tinha ficado da morte pânica das hordas brancas, dirigiu-se para a cidade, à procura dos comunistas. Ia sozinha, numa altura em que os habitantes e operários ainda aterrorizados não ousavam sair dos seus buracos. Ia, e os seus olhos e o seu lenço ardiam ao sol.

Encontrou cavaleiros de braçadeiras vermelhas, deslumbrantes como papoilas. Ela olhava para eles a rir-se. Eles faziam gestos amplos, riam também, gritavam:

— Viva, lenço vermelho! Viva a mulher vermelha!

...Gleb, esmagado, ficou por muito tempo com a cabeça nos joelhos de Dacha, incapaz de dizer palavra. Aí estava ela, a sua Dacha... Sentada ao pé dele, a sua mulher amada, tinha a mesma voz, a mesma cara, as mesmas mãos, o mesmo coração a bater como dantes. Mas a Dacha que ele tinha conhecido três anos atrás já não existia, tinha para sempre partido.

Uma inefável ternura o perturbou dolorosamente. Estreitou-se a ela com os dedos a tremer e ofegou, reprimindo as lágrimas, gemendo de furor e ternura.

— Dacha, minha pombinha! Ah, se eu estivesse ali, naquela altura! Mas tiveste de aguentar tudo sozinha... Se eu

soubesse! E agora parece que o coração me quer rebentar... Por que mo disseste? Mas tu e aqueles oficiais... Entre nós estava a morte... Não posso impor-te nada... Viveste a tua própria vida, seguiste o teu próprio caminho, na luta... Dacha, minha querida!

— Gleb, tu és bom... És parvo mas és bom, Gleb...

E assim ficaram enlaçados pela noite dentro, o que já não lhes acontecia desde os primeiros tempos de casados.

XI. RIGORES

1. Mãos do Novo Dono

Gleb, dirigindo ele próprio o trabalho do destacamento, visitou os alojamentos até de madrugada. Viam-se nas ruas, de espingarda ao ombro, as silhuetas erguidas, vigilantes e silenciosas dos operários. À noite, o martelar pesado dos passos tornara-se espesso, inquietante, nas ruas perdidas em si mesmas e nas trevas. Uma alvorada azul coloria o céu; cintilavam as estrelas, mais pálidas, próximas e primaveris.

Juk estava de guarda. Já não era o mesmo Juk de braços bamboleantes, o expansivo basbaque, dado ao refilão, sempre descontente e curvado; ele era agora, diante de Gleb, um rude soldado ameaçador. E quando Gleb se aproximou, não desatou em manifestações ruidosas de saudação, como era seu hábito; empunhava com firmeza a espingarda. De uma pequena casa de grandes vidraças e portas, abertas de par em par, saíam gritos histéricos de mulher.

— Quem está aqui a fazer o trabalho, Juk?

— Estão lá o Savtchuk, a tua mulher, Serguei e dois tchekistas. Vai ver como eles destroem a burguesia. Lindo trabalho.

— E o teu trabalho no Conselho da Economia, como é que vai?

— Vai antes perguntar a Tchibiss, meu amigo. Quanto a mim encostava-os todos à parede já hoje. Nem podes imaginar os sacanas que eles são! E Schramm hei-de encostá-lo a uma parede, ou não me chame Juk.

Um soldado vermelho armado de espingarda estava de sentinela no corredor envidraçado. Pela porta aberta via-se uma mulher estendida num divã, envolta em sombras, uma mulher, de cabelos desgrenhados, a torcer-se de soluços.

Gleb entrou por ali adentro com decisão, observando

atentamente as paredes, os móveis e as pessoas. Não teriam cometido alguma grosseria em relação aos donos? Não lhe teria escapado algum pormenor importante nesta casa rica e suspeita? A mulher estendida no divã, rosto petrificado pelo terror, olhava para os homens de espingarda na mão e para os homens que esvaziavam cómodas, guarda-fatos, malas. Ao pé dela uma rapariguinha de pernas magras observava com curiosidade aquela chusma de desconhecidos que tão ruidosa e subitamente tinham surgido da noite.

— Que tal, camaradas? Não houve nenhum desmando? Devem proceder de uma maneira impecável, para que os donos não tenham razão de queixa.

Um homem em mangas de camisa, pantufas e suspensórios,—de luneta de ouro e longa barba sinuosa—estava de pé perto de uma grande secretária, só, desamparado, mas grave e alçando os ombros num riso convulso.

Dacha, escolhendo com mão experiente de dona de casa o que ia encontrando de mais útil entre a roupa branca, o vestuário e os artigos domésticos, arrumava tudo em trouxas feitas de lençóis ou em sacos.

— Isto é para o Lar da Criança... para os miúdos... para o Lar da Jovem Mãe... Olha, tecidos... o que aqui vai de tecidos. Vão dar para vestir um ror de crianças!

Pesado como um boi, Savtchuk esvaziava armários e cómodas, resmungando:

— Sacanas, as coisas que eles amontoaram nos seus buracos! Enquanto os nossos criadores de porcos faziam isqueiros e corriam à procura de uma côdea de pão, estes canalhas engordavam metidos no buraco. Olá, mas que música é esta? Parece mais uma bateira (estava a arredar um piano de cauda).

Serguei, de pé e de arma na mão, não sabia o que fazer. Estivera mais de uma vez nesta casa, quando era adolescente. Tchirski era um advogado muito conhecido. Dantes tinha sido amigo do seu pai. Socialista. Deputado em todas as legislaturas da *Duma**.

Serguei não olhava para ele, em luta com a atrapalhação: estava com medo que Tchirski de repente lhe estendesse a mão e lhe falasse com familiaridade. Fazia de conta que não o conhecia e, cerrando os dentes até lhe doerem, esforçava-se por ser tão firme como os camaradas. Mas o pressentimento de um desagradável incidente fazia-lhe tremer as pernas.

O tão temido e inevitável incidente aconteceu no entan-

to com toda a simplicidade, sem que ninguém fizesse muito caso disso. Tchirski observava atentamente Serguei, a boca torcida num sorriso de desprezo.

— Com que então Serguei Ivanovitch, também se ocupa de tarefas tão inconvenientes como esta agressão? Chamávamos a isto, na língua que dantes nos era comum, banditismo. Provavelmente, quando sair daqui vai a casa do pai, Ivan Arsenievitch, na qual procederá a análoga operação. Com certeza que o seu pai o vai tratar com um pouco mais de consideração. Porque aqui estão a levar tudo, até aos últimos calções. E talvez nesta casa, por motivos de uma antiga amizade, se vai mostrar indulgente?

A mulher em soluços estendia a mão para Serguei. Lágrimas brilhantes corriam-lhe pela cara abaixo, tremiam nos refegos do queixo gordo e mole.

— Serguei Ivanovitch... Meu amigo! Você, que nos foi tão chegado, que está a fazer? É mesmo você, Sêrguei Ivanovitch?

Serguei, esforçando-se por mostrar-se inabalável e duro, agarrou com tanta força a espingarda que as articulações dos dedos lhe estalaram. Dentro da sua cabeça como que tocavam sinos. Disse brutalmente sem olhar para Tchirski:

— Sim, o meu pai vai ter a mesma sorte que vocês. Também será posto fora da casa e não voltará lá mais.

Ditas estas palavras, Serguei sentiu-se aliviado; o homem que ali estava de pé, frente à secretária, pareceu-lhe de súbito ridículo na sua gravidade e jactância herdada do passado.

— Muito bem... Vejo que aprendeu a ser feroz, como deve ser... As minhas felicitações.

Dacha tinha encontrado uma boneca grande e bonita de olhos redondos, cabeleira amarela. Sorriu e, com o achado na mão, dirigiu-se para a rapariguinha.

— Aqui está uma bela boneca... Toma-a, pequerrucha: ela estava muito triste sem ti, pensava que se tinha perdido... As duas juntas fazeis um par muito bonito!

A miúda saltou do sofá e apertou a boneca ao peito.

A mulher, horrorizada, correu a agarrar a filha pela mão:

— Nina... Proíbo-te! Anda para aqui... Não vês que ela não tem vergonha de te roubar a última camisa? Atira-lhes com isso! Anda para aqui!

A garota atirou-se para cima do divã, apertando ao peito a boneca e cobrindo-a com o corpo.

— É a minha boneca, a minha boneca, mamã!

As sobrancelhas de Dacha uniram-se.

* Parlamento da Rússia de 1905 a 1917. (N. do T.)

— Como é possível não ter vergonha nessa cara, minha senhora!

Savtchuk fungava e grunhia. Limpava o suor da testa e lançava por sobre as pessoas e as coisas olhares de lobo.

— Sacanas, o monte de coisas que eles tinham! O trabalho que isto dá, pior que o da tanoaria... Raios partam isto, preferia ser servente no Bremsberg...

Dacha foi junto de Gleb e fez sucintamente o relatório:

— Está tudo inventariado, Gleb... Confiscámos tudo o que havia a confiscar... Deixámos vestuário e roupa branca para muda. Decidi confiscar os quadros e livros—são mais que telhas no telhado. Os livros ainda esta manhã vão ser selados com o selo da Instrução Pública.

— Muito bem. Tudo fica aqui por agora excepto a roupa. Dois homens de guarda. Terminai.

— Estava justamente a pensar a mesma coisa. Ficamos à espera dos carros.

Dacha afastou-se, com ar de severa dona de casa.

Gleb foi ter com Serguei e chamou-o de lado.

— Onde mora o teu velho? Vou fazer-lhe uma visita.

E Serguei não compreendeu se aquelas palavras de Gleb eram ditas em tom de amistosa brincadeira ou de ironia. Conteve a sua desordenada inquietação e disse, atirando a espingarda para o ombro:

— Posso-te acompanhar, camarada Tchumalov, não é longe.

— Não, fazias mal. Isso ia causar desgosto ao velho. Nós não queremos magoá-lo, queremos só resolver este assunto.

Serguei apertou com força a mão de Gleb e voltou-lhe as costas.

A madrugada ainda estrelada dava às casas um tom azulado. Neblinas rolavam em avalanche no sopé da montanha, uma névoa cor de malva flutuava por cima da baía. O pipilar matutino dos pássaros ecoava em notas finas. Misteriosas tochas erravam, ora se apagando ora se acendendo, por vezes muito próximas, outras muito longe, na opacidade metálica das montanhas.

A rua subia à frente de Gleb e a determinada altura um grupo de soldados barrava-a por completo; era uma massa compacta eriçada de baionetas, em marcha sonora e ritmada. Com certeza que faziam parte de tropas que se iam em inúmeras colunas: por toda a cidade se ouvia o rumor sem fim da sua marcha. O rolar das equipagens pelas lajes das ruas tinha sonoridades cristalinas.

O Exército Vermelho, as marchas, os trabalhos da guer-

ra... Para ele tudo isso pertencia ao passado. O boné de Gleb ainda conservava o calor do fogo e das marchas. Como esses homens lhe eram queridos! Lá iam eles, num tinido de baionetas, confundidos num só movimento. Por que ficava ele ali quando o seu lugar devia ser naquelas fileiras?

Em grandes passadas, Gleb, que a emoção fazia ofegar, quis aproximar-se das fileiras eriçadas de baionetas para fruir, por um instante que fosse, do contacto da sua força ágil e saudá-los como soldado vermelho. Mas as alas de soldados desapareceram de repente na esquina de uma rua, e Gleb viu só dois soldados que, um atrás do outro, sacudindo em silêncio as mochilas e balançando as espingardas, alcançavam os camaradas.

2. O Homem Enviado para as Pastagens

Gleb passou a cancela do pomar e viu o que tinha visto em muitas outras casas. Miekhova, de pé em frente de um monte de roupas e farrapos, sorria. Gromada e Lochak saíam um atrás do outro, com braçadas de livros e objectos. Através das portas abertas ouviam-se os alegres gritos e risadas de um velhote.

— Tudo, levem tudo... E isto também, e mais isto... Tomem. Toda esta quinquilharia adquira-a um homem para encaminhar a sua vida para um único ponto. A concentração da vida num único ponto prossegue habitualmente, meus amigos, até ao momento em que chega a morte, isto é, um estado que é a negação das três dimensões. É precisamente o estado definido por uma norma absoluta: o nada. Então não é verdade que tudo isto é muito curioso, muito divertido, muito alegre?

Miekhova olhava Gleb de longe, os olhos muito grandes, e ele viu nesses olhos, como num sorriso, um espanto misturado de embriaguez.

— Olha para este original, Gleb, é o pai do nosso Serguei. Um homem diferente. Se visses com que entusiasmo ele nos recebeu e com que alegria ajuda a devastar o próprio lar!

A frescura da manhã fazia-a tremelicar; o apelo dos seus olhos acariciava Gleb.

Um homem de um só braço, nariz em bico de águia, lábio superior espantosamente pequeno, passou junto a Gleb num porte militar. O seu olhar agudo por breves momentos esmiuçou o rosto de Gleb. Dirigiu-se com passo elástico para a cancela do pomar. Aquele ar espicaçou Gleb.

— Peço-lhe que volte para trás, cidadão.

O maneta virou-se, lesto, e com a mesma passada ágil, com o mesmo olhar agudo, veio em direcção de Gleb.

— Quem é você?

Nada na expressão nem no porte militar do homem se modificou.

— Dimitri Ivaguine, ex-coronel, agora cidadão da República dos Sovietes. Filho mais velho deste gaiteiro ancião e irmão único do membro do PCR Serguei Ivaguine. Quer os meus papéis?

— Não, guarde-os. O seu quarto será visitado. Peço-lhe para ficar.

— O meu cantinho é no alojamento de meu pai. Já lá não há nada. Mas nos bolsos ninguém me tocou. Dar-lhe-ia prazer visitar também as minhas algibeiras?

Um imperceptível ar de troça brincava na frieza dos seus olhos.

— Não tenho necessidade dos seus bolsos. Pode ir.

Ivaguine bateu o tacão e deu meia volta.

Na sala, um velhote cuja barba pontiaguda formava com o queixo um ângulo recto, cirandava lesto, azafamado, soltando entusiasmas exclamações:

— A verdadeira liberdade, meus amigos, reside na negação completa das imagens geométricas e das suas incarnações materiais. Os comunistas são sábios e fortes porque derrubaram toda a geometria de Euclides. Eu aprovo-os e amo-os por causa da sua jovem revolução levada a cabo contra a perenidade e contra todas as formas feiticizadas. Não deixeis nada, meus amigos, sérieis inconsequentes e isso magoar-me-ia. Estar preso nem que seja por um bocado de fio podre ao muro de um cubo, de um prisma, de um triângulo é mais pavoroso que estar soterrado debaixo de montanhas de quinquilharias...

Os olhos de Lochak mexiam-se como só sabem mexer-se os olhos dos corcundas. Trabalhava sem descanso, lançando olhares furtivos ao velho. A sua cara carrancuda reflectia o trabalho intenso do cérebro. Depois, aproximou-se do dono da casa e disse, bonacheirão:

— Vai-te em liberdade, avozinho. Vamos mandar-te para as pastagens, lá hás-de encontrar um buraco. Não te queixes por seres pobre, não te lastimes à tua sombra...

O velho ria, gesticulando entusiasmado.

— Aí está... O vosso rigor, meus amigos, é feitiço de inconsciente humanidade. Enviar o homem para as pastagens, que pode haver de mais perfeito? A terra, o céu, o infinito... Aí está, aí está. Mas por que é, meus amigos, que

o meu filho Serguei não está aqui convosco? Gostava de o ver no papel de lictor vitorioso.

Gromada, abanando a cabeça, apanhava nos armários, nas malas, em todos os cantos, roupas, livros, tapetes. A conversa do velho aborrecia-o.

— Não brinque dessa maneira, avozinho... Sugiro que utilize as suas forças na frente de trabalho, porque na verdade há coisas de mais em sua casa e eu estou sozinho a juntá-las com Lochak...

Gleb aproximou-se do velho e estendeu-lhe a mão:

— Então, caro avozinho, já lhe limparam a casa toda? O seu filho Serguei também está a trabalhar.

— Muito bem, muito bem. Ele fez mal em não ter vindo. Gostava muito de o ver.

— Fique nesta casa; este quarto é seu. Não esteja preocupado. Você é um dos artesãos da nossa cultura. Deixaremos ficar tudo o que quiser.

O velho olhou Gleb com espanto. Os dedos repuxavam-lhe a barba nervosamente.

— Não, não! Levem tudo, tudo! Assim é que está bem, assim é magnífico.

Gromada abanava a cabeça e, enfezado, olhava com uma compaixão desdenhosa o velho sábio entusiasta e azafamado.

— Esta maldita ideologia, camarada Tchumalov, fez-lhe perder a cabeça...

Gleb olhou para o velhote, com espanto e curiosidade enormes.

— Muito bem, avozinho, viva como mais lhe agradar. Mas não sabia que Serguei tinha um velho tão interessante. Rapazes, é deixar tudo no lugar, e ala daqui.

Apertou-lhe de novo a mão e afastou-se a passos rápidos.

3. Nas Pastagens

Do outro lado da baía, acima da fábrica, erguiam-se as montanhas castanhas, cortadas pelas negras fendas dos desfiladeiros. O céu era de um azul profundo no zénite e de fogo por cima das montanhas, cujos cumes dentados se recortavam numa linha ofuscante como metal em fusão. Mas, nas gargantas, espessas nuvens, peçadas de fogo interior, resvalavam em catadupas, passando pelos cimos como avalanchas de neve.

Lá em baixo, a dominar a baía, acaçapava-se a fábrica,

distante palácio feérico. As elegantes chaminés eram azuis, lançadas de rompante ao encontro das nuvens. O mar espalhava-se, agitando à superfície as suas rugas claro-escuras.

A multidão barulhenta amontoava-se a toda a largura da rua como num mercado. Gritos e choros histéricos, clamores e gemidos das mulheres dilaceravam o ar. Os homens estavam de pé, estúpidos, resignados, aos grupos matizados, os olhos a piscar, às vezes com um pálido sorriso de confusão. As mulheres, carregadas de trouxas e caixas, levando os filhos ao colo e pela mão, agachavam-se ao pé dos restos dos seus haveres, soltavam insólitos gritos, choravam ou imobilizavam-se, silenciosas, ora deitadas, ora de pé, os olhos enlameados. Os mais fracos estrebuchavam um pouco por todo o lado, presos de crises de nervos; a multidão apavorada juntava-se à volta deles.

Tchirski estava bem à vista, um pouco afastado da multidão, em mangas de camisa, suspensórios, cabeça descoberta. Os seus olhos distraídos examinavam as casas, como se as estivesse a ver pela primeira vez. A mulher estava sentada em cima de um baú, cabelos desgrelhados, vestida à trouxe-mouxe, olhos fixos, cara aos vermelhões irregulares. A miúda deles dançava entre o pai e a mãe, soltando gritos ritmados, a boneca apertada com força ao peito.

As equipagens carregadas de trouxas brancas, a monte, seguiam lentamente em caravana.

Na segunda carroça, um jovem, de peito à mostra, o cabelo em desalinho, dedilhava uma viola, tocando uma polka e remexendo as pernas. Algures lá à frente soprava e gemia um acordeão rouco, mais uma voz a juntar-se ao gemer da multidão.

O destacamento especial dos comunistas formava alas ao longo dos passeios, os homens estavam espaçados de dois em dois metros. Abatidos, sombrios, esgotados por uma noite em branco, olhavam para a multidão sem a verem. Nas ruelas laterais mais chusmas de gente se movimentavam: eram pessoas que vinham assistir àquele espectáculo fora do normal.

...As pequeno-burguesas não buscam a alegria dos outros: têm um coração muito sensível, são mais atraídas por funerais e lágrimas e até nos casamentos são mais seduzidas pelas lágrimas da noiva do que pelas danças. Mas é o modo de vida que as leva a compreenderem melhor e a desejarem mais as lágrimas alheias que os sorrisos...

Tinham farejado aqui lágrimas abundantes e acorreram

das suas casinhas — propriedades privadas — dos poisos onde se alojavam, das casas nacionalizadas, para poderem apreciar o tão apetecido sofrimento que, com certeza, pairaria por entre gemidos e clamores de notáveis e respeitáveis mulheres caídas em desgraça. Os seus tenebrosos olhos procuravam ávida, dolorosamente, as mulheres soluçantes, e lágrimas grossas como punhos lhes corriam pelas caras amolecidas.

...Uma voz cantante lançou uma ordem de longe. A escolta pôs as armas ao ombro. A multidão deu um estremecimento e agitou-se por entre os carregos num suspiro profundo.

Ouviram-se adiante o rolar ruidoso das carroças.

Em fila indiana iam Dacha, depois Serguei, a seguir Juk. Do outro lado da rua (Serguei apercebia-os através da floresta de pessoas), iam o pequeno Gromada, o corcunda Lochak e Miekhova.

Calava no peito de Serguei uma desordenada dor. O que ali se estava a fazer era monstruoso, revoltante. O partido não podia admitir isso. Porquê esta multidão? Porquê aquelas mulheres banhadas em lágrimas? Aquelas crianças ao colo das mães? O partido não devia admitir aquilo e para ele, Serguei, era demais, era intolerável.

Uma rapariguinha pendurada na mão da mãe arrastava uma boneca.

Tchirski, de cabeça levantada, caminhava calmamente com uma gravidade de sacrifício, de mãos nos bolsos. Uma velhinha, de capa e touca, toda curvada, apoiada numa bengala como numa procissão e amparada por uma rapariga vestida de branco, também ali ia, ela e a jovem sem chorarem, com caras de freiras.

Serguei viu o pai ali perto. O velho ia sozinho, virando-se de vez em quando para trás, um sorriso a arrepiar-lhe as sobrancelhas. Tinha um andar esquisito, ora rápido e miudinho, para apanhar os outros, ora lento, quando se absorvia profundamente nos seus pensamentos.

Viu Serguei e levantou alegremente a mão, dirigindo-se ao filho:

— Aí estás tu, Serguei, a escoltar este velho sábio que parte para o exílio. Curioso, não? Aliás nem devias falar comigo visto que sou um prisioneiro confiado à tua guarda. Só te quero dizer que as tuas armas, defendendo as fortalezas da vossa ditadura revolucionária, são absurdas e ridículas: a espingarda parece uma flauta pastoril nos teus ombros de bolchevique implacável. Mas a mim podes invejar-me: o mundo surge-me tão ilimitado como nunca o foi pa-

ra Espinoza, se bem que Marco Aurélio tivesse pressentido um mundo destes nas suas noites...

Desde a última vez que Serguei o vira, o pai estava ainda mais desleixado, a morte da mãe assestara-lhe o golpe de misericórdia. Os farrapos que vestia eram como os dos mendigos. Estava sujo, hirsuto, os pés feridos. Uma piedade mesclada de nojo queimou dolorosamente o coração de Serguei.

— Pai, não sabes para onde hás-de ir? Vem para minha casa, peço-te. Vamos viver juntos. Não deves ir, pai. Para onde hás-de ir? Não vais sobreviver, pai.

O velho arqueou as sobrelanceiras com espanto, depois desatou num riso pueril.

— Não, meu filho! Sei muito bem qual o preço da minha liberdade. Sou um homem e o homem não tem lugar na terra, porque não há tugúrio que possa conter um cérebro humano. O acontecimento é o nosso melhor mestre: vê como a liberdade atormenta os escravos e que maldição para as galinhas o facto de terem asas...

Verotchka foi silenciosamente para o pé de Serguei. Com certeza ia também pelo passeio misturada aos curiosos. Nos olhos tinha a habitual expressão de espanto. Tremia da cabeça aos pés, murmurava aos ouvidos de Serguei uma vaga de palavras incompreensíveis. A sua voz era só lágrimas e súplicas.

O pai riu-se, esboçou uns gestos divertidos com as mãos, nas pupilas luzia-lhe um relâmpago de alegria.

— Ah, Verotchka! Fonte do inesgotável amor... Que sentiste perante esta minha via-sacra? Anda cá, anda cá...

— Ivan Arsenievitch!... Como estou feliz!... Serguei Ivanovitch!, que prazer!...

Voou em direcção do velho, deu-lhe o braço e acompanhou-o, como filha, com uma auréola de lágrimas nas faces.

— Pai!

Serguei ainda quis falar com o pai (já se tinha esquecido do que queria dizer-lhe) e estendeu a mão para ele. Mas a mão só encontrou o vazio. O pai e Verotchka afastavam-se dele no meio da multidão.

No entanto o pai ainda se voltou mais uma vez e olhou para Serguei como se fosse um estranho, uma ruga profunda a sulcar-lhe a testa.

— Vês, Serioja, que velha é a história! Eu sou um velho Édipo cego e esta é a minha Antígona...

Ria, alheio, longínquo, partindo para um outro mundo que Serguei não podia compreender. Ajeitou a espingarda

ao ombro e cerrou dolorosamente os dentes. Acabava de se romper convulsivamente nele a última corda interior.

A multidão parou num local deserto por onde se disseminavam umas moitas cinzentas, não longe do cais. As pessoas acomodaram-se por cima dos sacos e nos tufo de ervas. As equipagens já lá não estavam. Tinham sido mandadas para os armazéns do Comité Executivo.

Uma outra multidão colorida se acotovelava ao longo do cais: as pequeno-burguesas acorriam ali vindas da cidade.

Já não se ouviam os gritos histéricos, os soluços, as lamentações. Que importava o dia de amanhã? Só as crianças gritavam, saltavam, se entregavam às suas brincadeiras. É tão bom correr na erva, quando o Sol sobe por detrás das montanhas de contornos nítidos e arde nas brumas matinais, quando o mar tão próximo se reveste de azul, fica dourado até à linha do horizonte, se cobre de uma bruma esbraseada. Mas têm fome... Comer!

O cais está perto, invadido pelo mato. Barcos não há. A angústia da multidão esgotada raia as fronteiras da esperança: parece que daqui a nada entrarão no porto os vapores, as chaminés libertarão fumo, retinirão os cabrestantes e as pessoas azafamadas agitar-se-ão no cais, embriagadas pelo cheiro da partida.

Gleb olhava ferozmente o mar e a direcção por onde devia chegar Lukhava e o seu destacamento juntamente com as carroças carregadas de mulheres de operários com os seus trastes.

...À noite as montanhas eram como girândolas de estalactites a pino, peçadas de tenebrosos pedregulhos no meio dos quais voavam fogos, como pássaros ardentes. Um regimento vermelho fendeu, em ordem de combate, as profundezas nocturnas. Homens de pétreos rostos iam, na sua pesada marcha—como que petrificada também—através das perturbantes trevas, caminhavam ao apelo dos pássaros de fogo.

Porquê esta multidão assolada pela noite, crispada de desespero, vergada, opressa, impotente e submissa? Porquê esta noite de insónia? Valia a pena gastar tantas energias para assustar este rebanho e escorraçá-lo para a lixeira? Porquê estes desnecessários gritos infantis e todo este insensato pânico de mortos-vivos? Esta multidão que fede a quartos fechados, apavorada como rebanhos de carneiros conduzidos para o matadouro, uivando de sofrimento e loucura, acaba por se tornar repugnante. Teria sido preciso fazer as coisas de outro modo para destruir os ninhos

desta cata? O seu terror e a angústia serão transportados pelas crianças através do futuro, porque uma coisa que as crianças não esquecem nunca é o terror e a angústia.

O regimento vermelho, desfilando em ordem de combate, varreu as inquietações de Gleb. Mas essa noite de caos, que viu saltar calções e vestidinhos de crianças; essa noite de lençóis pestilentos, fazia bulir nele um sentimento de ultraje e cólera.

Não, não se tratava disso. Tratava-se de uma coisa totalmente diferente. A fábrica ardendo no meio das suas chamas ruidosas... Os navios formigarão no porto. Milhares de operários no rumor das máquinas. A terra coberta do ouro dos trigais. Ali, nas montanhas e para lá das montanhas, troavam os canhões e os vermelhos, nas suas trincheiras, carregavam as espingardas; as ervas daninhas invadiam os campos, as hordas de bandidos pululavam enquanto as pessoas, famintas, nuas e asselvajadas, morriam naquelas boas terras agora estéreis...

Miekhova, de espingarda ao ombro, aproximou-se de Serguei. Embora tivesse passado a noite em branco, nos olhos dela tremelicava uma chama matinal.

— Há muito tempo, Serguei, que não vivia momentos como estes! Como se estivesse na guerra ou se os dias de Outubro tivessem voltado. É muito bom, como é bom! E tu? Por que estás tão sombrio?

Uma alegria excitada ecoava nas suas palavras. Mas a Serguei parecia que chegavam de muito longe, que não as ouvia e eram apenas impressão sua. Respondeu de modo imperceptível, como se estivesse a sonhar:

— Dói-me a cabeça...

— Mas que é isso? Como te pode doer a cabeça agora que o sangue ferve com esta força? Não se pode ter dor de cabeça neste momento. A partir de amanhã vamos mandar toda essa canalha para os trabalhos obrigatórios. Ouves, Serguei?

— Não sei.

— Como “não sei”? Que estás para aí a dizer?

Estava ali, de pé, a espingarda nas mãos, tranquilo, a olhar a multidão, fechado, alheio.

Miekhova meteu-se por entre as moitas, trepidante, apressada. Seria aquilo real? Aquela era Miekhova ou outra pessoa qualquer? Se calhar não era ninguém? Estaria ele com alucinações?

Ruidosas, as carroças rolavam pelo empedrado da rua. Carregadas com a tralha das famílias operárias e com as crianças. Os operários seguiam-nas. Lukhava ia a passadas

largas pelo meio do mato. Os cabelos encaracolados orlavam-lhe a testa de chamas negras.

Polina, rosto ardente, precipitou-se para Gleb.

Este arqueou o peito e levantou a mão.

— Camaradas! Alinhar!

O círculo dos comunistas desfez-se. Correram todos para Gleb.

— Peguem nas vossas tralhas, cidadãos... A caminho para os vossos novos poisos... Vivestes em palácios, vivei agora em tugúrios. Lá para onde ides estão-vos abertas as portas de par em par.

Esgotadas, prostradas na erva e em cima dos sacos, as pessoas continuavam amarfanhadas, cegas e surdas. Ivan Arsenievitch foi o primeiro a sair do meio da multidão e a partir com Verotchka. Iam os dois num doce, terno caminhar, muito juntos um do outro como se fossem dar um habitual passeio matinal. O velho, sorridente, falava à jovem com animação e entusiasmo. Depois levantaram-se mais algumas pessoas, carregadas de trouxas e cestos, e puseram-se a caminho. Depois outros, e outros... E toda a mole de gente se pôs em movimento, apressada, rastejante, activa; corriam nas mais díspares direcções, pela rua, no mato e a caminho da cidade.

Lukhava, de respiração entrecortada pelo cansaço, corria para Gleb e sacudia-lhe a manga da blusa.

— Encontro imediatamente, com o destacamento, no Comité do Partido... A partir desta noite dormimos nas casernas... Luta-se na montanha... Os brancos-verdes passaram à ofensiva... A cidade corre o risco de ser tomada... O Bremsberg foi sabotado... Acabam de deixar a floresta os últimos lenhadores... Houve perdas entre os homens que estavam de guarda ao Bremsberg...

— Que estás para aí a dizer, c'os diabos? O Bremsberg? O nosso? Que conversa é essa?

— Sim, sim, o vosso... Despacha-te! Reunião no Comité.

Gleb, cerrando os maxilares, conteve dentro do peito um grito selvagem de fera.

XII. SINAIS DE FOGO

1. Alerta

Durante o dia ouvia-se no quartel, no decorrer dos exercícios, o sopro longínquo dos canhões que troavam por de-

trás das montanhas: lutava-se para lá das cristas brumosas. O destacamento especial preparava-se para ir em reforço das tropas em acção. De noite montavam guarda à cidade.

Durante o dia a cidade estava deserta, mergulhava no silêncio e no vento; à noite morria nas trevas.

A electricidade já não se acendia na fábrica. Batentes e estores fechavam as janelas das casas burguesas.

Nos escritórios, onde as pessoas se acotovelavam por entre o fumo do tabaco, e nas ruas, habitantes metidos no mesmo barco encontravam-se e levantavam misteriosamente os sobrolhos. Percorriam a cidade, misturados com o turbilhão da poeira, os murmúrios e os cochichos malévolos; e o vento das montanhas espalhava-os por todo o lado até aos arrabaldes, até ao sopé do monte, até aos desfiladeiros onde o inimigo invisível estava escondido, debaixo de cada pedra, por entre cada moita.

Uma parte da organização feminina do partido, chefiada por Dacha, tinha partido para a frente de combate com um destacamento sanitário; outra parte, comandada por Polina, prestava serviço ao destacamento comunista nas casernas e preparava a toda a pressa a evacuação das famílias operárias.

Gleb encontrava-se com Polina várias vezes ao dia: ela corria, incansável, os sindicatos, as empresas, o Conselho Sindical, o Comité do Partido, o Comité Executivo, enviando para toda a parte as mulheres como agentes de ligação a fim de manter em todos os pontos a mesma intensa actividade e de ter tudo pronto para, se fosse dada essa ordem, se proceder, de uma só vez e em algumas horas, à evacuação de vários milhares de mulheres e crianças.

Os comboios com o vapor sob pressão estavam à espera perto da fábrica, nos cais, nos arrabaldes, prontos para o embarque das pessoas. O arquejo das locomotivas misturava-se ao sopro longínquo dos canhões.

Há quarenta e oito horas que Polina não pregava olho. Um pouco de febre se acendia nos seus olhos e tinha a pele avermelhada dos tísicos.

Arranjou nesse dia uns minutos livres e correu a ver Gleb ao quartel, falando e rindo ao mesmo tempo, os lábios secos.

— Esta é que é a autêntica acção, Gleb... A nossa vida era aprender de cor as teses sobre os sindicatos e sobre a nova política económica... O carrocel do ramerrão quotidiano fazia-nos girar. Estupidificávamo-nos a deliberar, até à surdez, até à cegueira. Estávamo-nos a burocratizar. As forças

vivas estavam a abandonar-nos, estávamo-nos a tornar burocratas sindicais. A nova política económica... Uma ocasião ouvi um trabalhador das águas — um mergulhador — dizer: “Essa nova política é um achado: restaurantes, vinhos e cervejas, ao copo e à garrafa. Eu estou de acordo, voto a favor e com as duas mãos...” Não, Gleb, não vai ser assim. Não!

Gleb riu, admirando a jovem mulher:

— Não te ponhas a dançar como uma galinha, camarada Miekhova. Espera até que ajustemos as contas a esses bandidos e demos início a essa famigerada nova política económica. E o teu mergulhador vamos colocá-lo na administração comunal: para que ele multiplique os restaurantes e faça dinheiro com isso.

Polina sacudiu-se horrorizada. A cólera fez-lhe tremer as pestanas.

— Nunca, nunca... O partido não pode pensar como todos vós. Não podemos trair a revolução, isso seria pior que a morte. É impossível. A intervenção foi rechaçada, o bloqueio não teria sentido. A nossa revolução abrasa o mundo. O proletariado de todos os países está connosco. A reacção caiu na impotência. Mas a nova política económica não é ela própria reacção, restauração do capitalismo? Não, Gleb, isso é uma embrulhada.

— Vejamos então! Como é que pode ser reacção, se é a união do camponês e do operário?

— Como? Então tínhamos de abrir os mercados, não? Restaurar a burguesia... Então queres que a fábrica seja entregue como concessão a capitalistas estrangeiros? Hoje falou-se nisso no Executivo. Parece que Schramm mandou um relatório para a Direcção Geral do Cimento. Isso agrada-te muito, não? Gostas muito dessa reacção, não é?

Manchas avermelhadas espalhavam-se sobre o seu pálido rosto, à volta dos pomos; gotinhas de suor cintilavam-lhe na testa e no lábio superior.

Uma palidez acinzentada invadiu a cara de Gleb. Inclinou-se, fora de si, para os olhos de Polina.

— Como, como, camarada Miekhova, uma concessão? Que concessão? Que estás tu para aí a dizer? Então os operários devolveriam a fábrica aos burgueses? Raios os... Eu dou-lhes as concessões, a esses canalhas!

— E pronto, vês como toquei onde dói? Pois bem, vamos implementar essa famosa política económica, como tu dizias... Experimenta só pô-la em marcha! Concessões, restaurantes, mercados... exploradores, elaboradores de projectos irrealizáveis, especuladores... Podes dizer-me algo de

consolador sobre as cooperativas, não é verdade? O imposto em géneros, a cooperação... sim, talvez seja necessário... Mas nada de bater em retirada, Gleb, isso não... Tudo, mas não isso! Conquistas de simples mortais para a revolução imortal, é isso que é preciso! Atear, espalhar o incêndio mundial, de modo nenhum abandonar as posições conquistadas mas tomar de assalto outras novas! É isso!

Foi-se embora, olhos como brasas, deixando Gleb imóvel, pensativo e perturbado.

...Gleb estava nessa noite no vale, fora da cidade, perto da estrada e do subúrbio, de guarda. Os seus homens estavam de sentinela espaçados a partir da estrada, seguindo uma linha curva, até ao sopé da montanha. Três camaradas andavam em patrulha pelos arrabaldes e alarmavam os cães medrosos, e pelo seu ladrar se podia seguir a marcha dos homens.

Gleb e Serguei estavam na orla da floresta, vigiando os movimentos das tochas na montanha.

Um pássaro de fogo bateu de repente as asas na escuridão e subiu, raiando as trevas, como um foguete. Puderam por momentos distinguir-se o braço esticado e os ombros do homem da tocha.

Muito longe, algures no desfiladeiro, uma outra tocha agitada por movimento semelhante subiu e raiou a noite como uma estrela candente. Depois uma terceira tremeu e rodopiou, mais acima. Depois outras, e outras... As tochas acendiam, apagavam-se, chamavam-se umas às outras, torciam-se como serpentes...

A floresta estendia-se por trás dos dois homens. Eles não a viam. Só as árvores mais próximas, à borda da estrada, lançavam as suas sombras espessas.

Nesta noite como na anterior, o habitante da cidade morria de medo com o aproximar da morte que descia das montanhas. Um silêncio angustiante enchia a cidade com a sua sonoridade. Temendo, à noite, os seus próprios murmúrios, a cidade refugiava-se numa existência subterrânea. Silêncio também na floresta. O silêncio aí sobe em arrepios das profundezas da madeira: tem o odor fermentado dos pântanos. As folhas nascentes fremem como borboletas. Por todo o lado o som misterioso, longínquo e sonoro das gotas a caírem.

Tudo era spectral, pérfido, ilimitado aos olhos de Serguei. O homem civilizado que ele era só conhecia a noite dominada pela electricidade: mas ali as montanhas e o céu estrelado pareciam inteligíveis e próximos, como as casas,

como as avenidas, como as praças. De dia a espingarda não lhe era tão pesada: agora colava-se ao chão.

Um pássaro de fogo caiu de súbito perto deles e bateu as asas no meio das moitas. As centelhas desdobraram-se em leque à volta dele e apagaram-se. As alaranjadas estrelas e outros pássaros de fogo continuavam a voar na montanha e nos desfiladeiros, ora perto, ora distantes.

Gleb sentou-se na erva e disse com voz indiferente:

— Temos de o apanhar, diabos nos levem! Está mesmo a pedir um tiro... Senta-te também.

— Sim, está muito perto. O que ele queima é a pólvora inglesa. Estás a vê-lo? Ele sabe, sem sombras de dúvida, que estamos aqui e não tem medo. Aliás já é tarde demais, camarada Tchumalov, ele já fez o servicinho dele. Olha, apagou-se tudo. Já não se vai expor mais...

Gleb acendeu tranquilamente o cachimbo e observou as errantes constelações da montanha.

— Se ele não pensasse que nós somos, tu e eu, uns imbecis e uns cagarolas, não se tinha posto a dançar à nossa frente. Ainda por aqui se vai passear por muito tempo. Verás.

Serguei deu uma olhadela à estrada. Subia, cinza e fumo perdidos nas trevas. Uma árvore enorme, negra, toda retalhada, agachava-se como as nuvens na montanha, no sítio onde já não se via a estrada. Parecia a Serguei que um fósforo raspava na sua ramagem e não se acendia.

— O inimigo está em toda a parte, Gleb, por isso será de espantar que ele esteja também aqui ao pé de nós?

Mais para além, depois da floresta, é a estação do caminho-de-ferro. Também lá a noite é silenciosa, um grande animal a ruminar sonhos.

Algures, não muito longe, ouvia-se rolar uma carreta.

Tudo isto são apenas episódios inevitáveis da luta. O futuro também está cheio de confrontes: os inimigos não se renderão e vão actuar disfarçados de mais diferentes formas, mas sempre como amigos da classe operária. Mas isto será depois... e agora dá pena que o trabalho começado com tantos esforços e entusiasmo tenha ido por água abaixo. O Bremsberg está devastado, as vagonetas de novo jazem entre as pedras e o mato, como no tempo em que Gleb errava, o desgosto na alma, por entre os escombros enferrujados. Regressam a ociosidade e as trevas. Evacuação de fugitivos, fome, privações, combates. De novo de armas nas mãos. Outra vez a espingarda e as trincheiras, as marchas, a fuligem e a gordura dos fumos de vapor e não do trabalho.

Seriam as suas forças suficientes para o combate pela organização do trabalho quando tudo, a começar pelas máquinas e a acabar nos pregos, era destruído, pilhado, comido pela ferrugem, quando não havia nem combustível, nem pão, nem transporte, quando os vagões obstruíam as vias como cemitérios, quando por muito tempo ainda se não veriam surgir os vapores nos ancoradouros? O presidente do Comité Executivo, Badine, acaso não teve razão quando viu nele um imbecil que não sabia a que tarefa estava a meter ombros? Leigo, cérebro esquentado, vigarista! Ainda nem sequer estamos à altura de aguentar o pouco que temos, um ror de inimigos ameaça ainda a própria existência do poder operário: como é possível então, fazer nestas condições o projecto de ressuscitar a fábrica? Poderia acaso pensar-se nisso num momento em que as pessoas estavam reduzidas a rações de fome e não podiam, no esgotamento em que andavam, aguentar as jornadas de trabalho? Para que serviria a produção se a vida económica da República ainda estaria paralisada por alguns anos e se o país morria de fome e de selvagem abandono?

O archote voltou a acender-se, mas já mais longe e mais acima. As moitas esbrasearam-se, movediças, vivas. Morcegos a arderem voaram na montanha, como se clarões eléctricos subissem ao céu brumoso para lá da cidade.

— Eu bem te dizia, Serguei. Olha.

— Está muito bem assim, nunca tinha visto uma iluminação como aquela. Quer dizer que estamos cercados.

— Como dentro de um saco, c'os diabos! Foge pelo ar se puderes!

— Nestas horas nocturnas, camarada Tchumalov, penso no futuro. Os nossos filhos ver-nos-ão como heróis e terão lendas à nossa volta. A nossa existência quotidiana, a nossa ociosidade forçada e faminta, os nossos turnos de guarda nocturnos a dois, tudo isso será ampliado, em proporções matemáticas, como se costuma dizer. Tudo isso se irá reflectir nas imaginações em forma de proezas heróicas e de vitórias titânicas. Nós que não somos, tu e eu, mais do que ínfimas partículas de pó no meio das massas humanas, vamos aparecer como gigantes. Engrandece-se e generaliza-se sempre o passado. Os nossos filhos não recordarão os nossos erros, as nossas crueldades, os nossos defeitos, as nossas fraquezas, os nossos santos sofrimentos humanos e as nossas malditas preocupações. Dirão: esses homens eram plenos de força e não conheciam obstáculos. Esses homens estavam destinados a conquistar o mundo. E virão aos nossos túmulos como se fossem a faróis eternos. Quan-

do penso nisso, sinto-me ao mesmo tempo alegre e um pouco envergonhado por termos perante a humanidade tamanhas responsabilidades, Tchumalov: a nossa imortalidade é um fardo demasiado pesado.

— A história faz o seu trabalho. A mim o que me preocupa é a maneira de pôr o trabalho em marcha. Vamos pôr a fábrica em funcionamento, dizia de mim para mim, e eis que esses bandidos entram na dança... Eles chateiam-nos, os sacanas, e é isso que me desgosta...

— O teu pensamento é demasiado simples, Tchumalov. O teu cérebro dá a impressão de estar construído em tijolos bem alinhados e bem aproveitados. E o meu pensamento debate-se como um pássaro na gaiola.

A noite rodeava-os dos seus abismos. O mau presságio dos fogos continuava a ferir as trevas. Esses fogos na noite, os seus inquietos voos como o voo das corujas, os clarões eléctricos nas nuvens longínquas, inspiravam uma misteriosa inquietude. Estava iminente uma hora grave. A fera agonizante estava ali, na montanha, assolapada em cavernas estreitas, entre o voo das tochas, essas incandescentes lâminas. A fera vinha, invisível, das aldeias cossacas. Camponeses barbudos investiam em horda contra a cidade, dentes luzidios de canibais, gritos guturais, sabres largos manchados de sangue. As aldeias cossacas iam encher-se como de uma nuvem de gafanhotos, o fumo e o sangue iam passar por sob os campos, os canaviais, as encostas da montanha e as estepes.

A montanha e as florestas estavam inçadas de homens-feras. Escondiam-se durante o dia nos bosques e cavernas ou passeavam pela cidade, mascarados de amigos da revolução. Estavam em todo o lado: nas fileiras dos combatentes, nos escritórios, nas habitações dos inofensivos e pacíficos pequeno-burgueses. Como apontá-los, como esmagá-los como às cobras? E quando saem, caída a noite, dos seus buracos, espalham-se pelas trevas, cada qual entregue à sua pérfida tarefa. Acendem os seus sinais de fogo que se põem a planar por cima dos campos, fogos de apelo e de sinistros risos, como as gargalhadas das corujas.

O rolar metálico de uma carroça descia da montanha pela estrada. Ouvia-se o martelar nítido dos cascos do cavalo.

Gleb e Serguei, de arma em punho, seguiram pela estrada cuja obscuridade como que fremia, se fundia debaixo dos pés. A terra e a floresta tinham caído na escuridão e, sem nenhum apoio para os olhos, as coisas pareciam irreais, imateriais, espectros, o céu e a terra ambos insondáveis

e próximos, vazios. A cada passo o coração angustiado desfalecia, como se uma pessoa ao dar o próximo passo, em vez de encontrar debaixo dos pés a firme terra batida, fosse precipitar-se num abismo tenebroso ou numa brecha...

Viram claramente o cavalo, de cabeça vagamente iluminada pelos clarões longínquos e pelos fogos da montanha. A carroça estava envolta em numerosas sombras.

— Alto! Quem vem lá?

Gleb, no meio da estrada, de arma apontada, postava-se diante do cavalo.

— Feridos...

— A senha?

— Vai-te lixar mais a tua senha... Olha-nos antes para os focinhos e vê como estão bonitos.

— Isso vai, lá em cima?

— Vai lá ver, entra também naquela dança e já ficas a saber... Eles escondem-se, como ratos, nos buracos e nós damos-lhes caça... Despejam-nos metralha em cima. Aquilo está quente lá no alto... Deitámos a unha a uns cinquenta graduados dos deles.

— E os reforços? Estão à espera deles?

— Para quê? Não vai demorar muito a ajustar as contas com eles... temos poucas baixas... e é só a primeira leva... Os outros estão nas trincheiras... Estamos a ocupar todos os cumes, eles estão no meio do cerco, bem metidos na armadilha... Não se podem mexer de lá... Estamos a massacrá-los...

— Muito bem, rapazes! A caminho!

2. O Prisioneiro Maneta

As montanhas floriam, jardins de chamuscas. Alarmantes clarões tremiam por sobre o mar no meio do nevoeiro.

Serguei e Gleb, de armas na mão, sombras silenciosas, trepavam a encosta coberta de moitas. De vez em quando alastrava o fogo mesmo diante deles, saltavam centelhas do meio do mato, depois apagavam-se e logo a seguir se reacendia aquele voo de pássaro a arder.

Passaram diante do matadouro. O muro que o cercava tinha sido destruído... As portas e as janelas não passavam de brechas. Talvez também ali estivessem inimigos, à espreita, as armas prontas a vomitar fogo?

— Com muito cuidado, Serioja; não restolhes no mato, segura bem a arma... Vamos pegá-lo à mão...

Gleb agachava-se, tenso, depois endireitava-se e avan-

çava devagarinho com uma perícia animal. Uma confusa alegria embebedava Serguei. Sorria sem o saber, de olhos presos na tocha ambulante. Tremiam-lhe os pés e as mãos, com a vaga sensação de ter sido lançado em pleno voo, de asas abertas, do alto de uma cumeeira. Colavam-se-lhe à cara as teias de aranha, rasgavam-se molemente nas suas orelhas. Raios nacarados cintilavam-lhe nas pestanas. Uma quente fermentação era exalada pelas moitas: era a respiração das pedras que arrefeciam e os vapores das folhagens primaveris das bétulas.

À noite as distâncias são mentirosas: tanto julgamos estar perto como longe. Mas o homem iluminado pela tocha era claramente visível. Subia o monte numa corrida sinuosa, girando às vezes sobre si próprio, a mão direita estendida acima da cabeça, a silhueta deformada. Então viam-se-lhe, brilhantes, bordados de fogo, o boné da farda e o dólman. A manga direita não era mais que um bocado de pano a balouçar.

Gleb e Serguei agacharam-se num só movimento, trocaram um olhar e compreenderam-se.

— É preciso apanhá-lo vivo, custe o que custar, Tchumalov... Estás a vê-lo?

Havia muitos manetas, sim, agora havia muitos. Sempre suscitavam nele uma certa inquietação, sentia na sua manga vazia uma ameaça dissimulada. O seu irmão também era maneta. Também andava assim, errante, misterioso, fantasmático.

O maneta parou, de ouvido atento, virando a cabeça para todos os lados. Estava de costas voltadas para eles, a cara só lhes aparecia de perfil, e por fracções de segundo. E Serguei julgou reconhecer naquele perfil, recortado na chama, um bico de rapace que ele bem conhecia.

A tocha saltou serpente de fogo, e mergulhou como um foguete nas moitas. Uns poucos passos soaram por cima das pedras, as moitas fizeram como que o ruído de uma rabanada de vento.

— Desta não escapas... Depressa, Serioja. Vamos caçá-lo mesmo assim.

Gleb atirou-se para as moitas e mergulhou nas trevas. Por debaixo dos pés rangiam, sonoros, os seixos e pedras. Serguei precipitou-se atrás de Gleb e de novo se sentiu de uma ligeireza etérea, alada, pássaro voando ao encontro dos tremeluzentes clarões e dos fogos da montanha.

— Alto ou disparo, malandro! Alto!

Serguei não ouvia nem barulho de passos, nem gritos,

nem tiros nessas trevas infernais. Voava, num voo ligeiro e imponderável; era como se não houvesse terra por debaixo dos seus pés, nem o soprar do vento nas suas orelhas, nem dor, ainda que os espinhos dos ramos que lhe chicoteavam a cara se lhe enterrassem na carne.

Um corcel louco lançou-se, num galope alado, pela montanha, fora das trevas. Resfolegou à frente de Serguei, empinou-se, bateu contra as pedras e sumiu-se nas trevas.

Serguei parou, de ouvido à escuta. Os cascos do animal martelavam as rochas, já longe. Os gritos de Gleb tinham cessado.

Inquietantes clarões eléctricos tremiam no nevoeiro fosforescente. Não se distinguia nem céu nem mar. Serguei deu uma olhada para trás dele: as tochas erravam na montanha. Do outro lado, as montanhas eram mais altas ainda, dentadas, quebradas, pontiagudas, e nelas se mexiam as mesmas constelações. Também aí as chamas se acendiam, se apagavam, iam aos saltos, serpenteavam, estilhaçavam-se em brasas e depois escorriam em torrentes para as gargantas e as encostas pedregosas.

Em baixo, na ravina, arquejavam os homens. Homens? Se calhar eram os cães a devorarem uma carcaça. As pedras eram sonoras como conchas.

Um dos dois devia sucumbir.

Havia tantos manetas. Por que é que aquele, perdido nas trevas, inquietava Serguei?

Serguei lançou-se na descida aos saltos.

...Gleb retorcia-se no meio das pedras, de costas esticadas, a rugir. Serguei viu-o a esmagar com o joelho o peito de um homem estendido no chão, a quem apertava a garganta com as duas mãos.

— Não, crápula de selvagem, não me escapas! Deita aí uma mão, Serioja! Revista este maltês.

Serguei, as mãos febris e trementes, revistou os bolsos das calças e da blusa do homem. Só encontrou uma caixa de tabaco, fósforos, uma côdea de pão. Mas quando a mão lhe passou pelo coto do prisioneiro, no ombro direito, Serguei sentiu-se gelado por dentro.

— Eu já sabia, Gleb... É o meu irmão... É o meu irmão, Gleb, e vou matá-lo... Vou-lhe meter uma bala.

— Isso não! Apanha a pistola dele. Vamos, despachate, meu velho... De pé, Serioja, e o dedo no gatilho. Mas como é teu irmão, talvez devesse soltá-lo? E depois? Que vais tu dizer a seu favor?

Serguei pressentiu uma certa hostilidade nessa piada.

— Acaba com as tuas brincadeiras, Tchumalov... Leva-

-o, senão mato-o já aqui... Não tens o direito de me falar nesse tom...

— Anda lá, não te zangues!

As pernas e as mãos de Serguei tremiam.

Dimitri pôs-se de pé e quis sacudir-se, mas a sua mão estava apertada na tenaz dos dedos de Gleb.

— Novo encontro inesperado, Serioja. De qualquer maneira, tu não chegas nem aos calcanhares desse tipo. Ah!, comandante Gleb Tchumalov! Tive a honra de o encontrar no domicílio do meu alegre pai, quando vocês o saqueavam. Tenho pena de na altura não ter encontrado o meu irmão Serguei: tinha-lhe alojado uma bala na cabeça. A minha única mão ainda pode fazer maravilhas.

Gleb debruçou-se para o rosto do maneta, sem lhe largar a mão.

— Olha, olha, mas que inesperado encontro, bravo coronel... No outro dia armei ao imbecil no pomar do velhote. Devia-o ter engaiolado. Naquele dia o peixe picou, e eu deixei-o fugir. Vamos, meus meninos! O camarada Tchibiss vai ficar contente com este hóspede...

Dimitri quis falar, mas tão abalado que estava, não conseguia articular uma só palavra.

— Sinto-me lisonjeado por vos acompanhar, meus amigos... Sobretudo a si, valoroso comandante... Mas largue-me a mão: não sou uma criança nem uma donzela para me prodigalizar tantas atenções. O inimigo vencido seguiu-lo-á com um passo tão firme e orgulhoso como o seu passo de vencedor... Só que, meu comandante, afaste para lá um bocado o meu irmão, o pequeno Serioja, porque tenho receio de que ele esteja agora a passar por uma crise de histeria feminina das mais duras... Acalma-te, Serioja, emocionas-te mesmo em demasia, caro amigo.

Serguei cerrava os dentes. Uma insuperável náusea lhe invadia o peito. Fazia um esforço sobre-humano para não gritar e para não se atirar ao irmão com um bestial furor.

Dimitri ria humilhando o irmão com cada palavra:

— Então não é verdade, Serioja, que nunca tínhamos feito, eu e tu, um tão agradável passeio? Estes momentos são preciosos... tanto mais que são os últimos da nossa vida... Vá lá, não me faças rir com esse ar terrível... Vê lá se tens um pouco mais de à-vontade... Vejo que és um escravo muito reles do teu partido para poderes dispor de ti próprio na hora idiota do vosso êxito.

Sairam da ravina e subiram pela estrada.

— Vocês podem-se esfolar, de qualquer modo estão lixados... Um dia destes os vossos miolos emporcalharão as

pedras da calçada. É pena eu não poder ver isso com os meus próprios olhos. A ti, meu Serioja, havia de te enforcar em público à porta da nossa casa...

Serguei desatou a rir e admirou-se de poder rir daquela maneira nesse momento.

— Alguma vez imaginaste, meu irmão, que eu te ia conduzir para a morte? E no entanto é como vês! Eu não vou assistir ao teu fuzilamento. Mas o simples facto de que o vais ser e de que eu contribuí para isso já me dá imensa satisfação... Estou a conduzir-te, armado com a tua própria pistola.

Dimitri ria amistosa, alegremente.

— Não posso mais, meu Serioja. Tu és de facto impagável no género cómico, a sério.

Gleb largou a mão de Dimitri e pôs a espingarda ao ombro.

— Então, coronel? Isto é um belo passeio para uma noite tão maldita! Se as pessoas nos vissem haviam de dizer: “Aí vão uns rapazes alegres, amigos inseparáveis”.

Dimitri continuava a rir, mas de dentro dele pressentia-se que emanava uma inquietude. E a Serguei pareceu que ele não ria, que a tristeza o transtornava e também o desejo de dizer aquilo que palavras humanas não conseguem exprimir.

— Sim, sim, é alegre! Tenho pena, Serioja, que tu não participes nessa divertida brincadeira que se chama uma execução. Eu ia gostar, íamo-nos lembrar da nossa meninice... Lembras-te dos nossos anos de infância? Gostava de ver o cano da tua espingarda apontado ao meu peito... Por que não fazes isso agora? As vossas prisões são piores que as noites nos cemitérios que me aterrorizavam na infância... Não quero que me destroem lá a alma. Acompanha-me até ao fim, Serioja: seria muito belo. Um tema heróico... Os dois irmãos, irreductíveis inimigos, misturando numa só as suas duas gotas de sangue... É fascinante, não? Romântico!

Ao encontro deles vinha da cidade uma patrulha, de armas em riste.

XIII. A PASSO DE CARACOL

1. Ponto de Viragem

Os dias calmos e sempre iguais da actividade económica estavam de volta, com eles, o invisível trabalho quotidiano nos gabinetes, nas organizações, na fábrica. De novo, dias

em tudo idênticos aos que se viveram antes da sublevação dos brancos-verdes e das aldeias cossacas. De novo se ouvia nos gabinetes o leve folhear de papel. As reuniões do Comité Executivo, do Conselho dos Sindicatos e do Conselho da Economia sucediam-se sem parar, de novo com as suas nuvens de fumo, o chão pejado de beatas, as suas discussões intermináveis, as suas resoluções e os seus planos. Já não se via, porém, à noite, o movimento dos archotes na montanha. Aos sábados, os produtos do campo — batatas, farinha, legumes, ovos e aves — atravancavam o mercado dos arrabaldes. Um acre odor a suor de cavalo e a podre pairava sobre o mercado. Os desfiladeiros de montanha, onde anteriormente não passavam peões nem cavaleiros, abriam-se, agora caminhos tranquilos, através das florestas, por onde passavam pessoas a pé, entre o chiar das carroças e os cantos melancólicos dos trabalhadores do campo.

Os habitantes da cidade, pequeno-burgueses e outra gente atarefada, com jaquetões militares, casacos de couro, carregados de pesadas pastas ou sem pastas, saíam de novo dos cubículos e dos subterrâneos; nenhuma recordação ficara da evacuação, do ribombar do canhão na montanha, das noites de pavor.

O mar estava dum azul celeste, ao longo das costas acidentadas. Na enseada, para além dos molhes, até se perderem no horizonte, apareceram as velas brancas dos barcos de pesca. Pela manhã, chegavam, vindos ninguém sabe donde, feluchos turcos que dançavam sobre as ondas, batiavam contra os cais, mastros levantados desenhando arabescos variegados. As pessoas em passeio já não levantavam as sobancelhas quando se encontravam, não murmuravam mais em voz sibilante, nos cruzamentos e nas calçadas, mas falavam em voz alta, com um tom de azáfama, da nova política económica, das mudanças, dos feluchos turcos e de contrabando. Na rua principal, junto às lojas que serviam de armazéns e de sedes a diversas organizações económicas, as carroças passavam com grande estrépido. Os cavalos relinchavam, os carregadores abafavam durante dias inteiros, resmungando e praguejando sob o seu fardo, caixas, sacos e pacotes.

A grande rua escaldava ao sol, perfumada de céu primavera, asseada, pejada do pressentimento de novas esperanças. Ela tinha conhecido outrora a beleza das montras, os suaves perfumes, o frufu de seda dos vestidos elegantes e, à noite, a excitação dos anúncios luminosos. Ela sonhava com um dia de amanhã semelhante aos dias passados, sem pão racionado, sem recolher obrigatório, sem registos de

toda a espécie seguidos de novos registos, sem medidas de rigor, sem cartões de racionamento, sem trabalho obrigatório...

Mulheres e raparigas, saias subidas acima dos joelhos, de pé nos peitoris das janelas e em cima de escadas, lavavam, esfregavam, enxugavam as vidraças donde a velha imundície escorria em águas turvas para os passeios. Um cheiro a mofo, um frio bafiento de cave escapava-se das lojas. Basbaques postavam-se diante das portas e das janelas abertas, mirando demoradamente, com uma curiosidade inquieta, o interior das lojas, as janelas molhadas, pernas nuas das mulheres. Anúncios, rectângulos ou faixas de pano, ofuscantes por causa do sol, apareciam nas portas e paredes das lojas com as montras ainda negras, por enquanto ainda só ligadas ao vazio, mas onde se ouvia o bater dos martelos e o gemido das plainas:

“DENTRO EM BREVE ABERTURA DUMA
COOPERATIVA”
“AQUI SERÁ ABERTO PROXIMAMENTE UM
CAFÉ”
“LOJAS DA GRANDE COOPERATIVA
DE CONSUMO”
“ARTIGOS MANUFACTURADOS, SOCIEDADE
COMERCIAL”

E via-se ainda sobre as paredes cinzentas da Casa da Cidade (Secção da Administração Comunal), em letras garrafais:

“QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME”
“CONSTRUIREMOS A CIDADE COMUNISTA
SOBRE
OS ESCOMBROS DO MUNDO CAPITALISTA”
“PERDEMOS APENAS OS GRILHÕES; E TEMOS
O MUNDO A CONQUISTAR”

Os professores primários, rostos crispados e macilentos, juntavam-se desde manhãzinha até ao fim da tarde diante das instalações da Instrução Pública. Em magote, de pé ou sentados ao longo dos passeios e dos muros, aguardavam, com morna resignação, mais parecendo cegos. Durante todo o Inverno e ainda durante todo o mês de Março, não houve dia em que não se juntassem frente às portas da Instrução Pública. As administrações tinham ocupado as escolas. As bibliotecas e as salas de aula tinham sido pilhadas, os bancos e as carteiras tinham servido de lenha para aquecimento, a Instrução Pública tinha falta de dinheiro. Que outra

coisa podiam eles fazer que não fosse ficar ali sentados e aguardar, resignados, o ordenado que desde o Outono não lhes era pago?

E mal Serguei saía, depois das reuniões do Colégio da Instrução Pública, esta multidão compacta, sufocante, exaltada, que se empurrava, caía em cima dele. Não conseguia ver nem a rua nem o passeio, nem os rostos macilentos, olhos húmidos com uma humilde e resignada súplica.

— Serguei Ivanovitch! Caro Serguei Ivanovitch! O senhor também é professor primário. O senhor sabe do que se trata... Como é que isto pode continuar assim, Serguei Ivanovitch!...

Serguei abria caminho por entre estes miseráveis, sem ver ninguém, olhos no chão. Sorria e o sentimento confuso da sua culpabilidade perante esta gente no limite das forças, perante estes semimortos, era para ele uma dor lancinante.

— Não posso fazer nada, camaradas. Reclamo, exijo, mas que posso eu? Sei de tudo, camaradas, mas não posso fazer nada. Não sei quando haverá possibilidades de...

Ele rompia, mas sem conseguir sair da turbamulta, sem escapar a estes humildes olhares submissos e a estes dentes de cadáveres.

...Houve ainda um domingo de trabalho comunista. Milhares de operários, formando uma grinalda semelhante a um formigueiro, trabalhavam de novo no Bremsberg, fazendo ressoar pesadamente os seus martelos, picaretas e pás. O engenheiro Kleist, apoiado na bengala, com gravidade, dirigia, mais uma vez, o esforço destas massas. E, findo o dia, o Bremsberg cantou de novo, com as suas vozes harmoniosas, e as rodas da transmissão eléctrica moveram as suas alavancas de ferro em planos e sentidos diferentes. À noite, as estrelas luminosas da fábrica acenderam-se.

...Os operários do Serviço Florestal ocupavam por completo a rua diante do Conselho da Economia. Andrajosos, as caras cobertas de velhas mazelas, machados à cintura, pareciam ter saído naquele momento do trabalho. Empurravam as grandes portas, arregalavam os olhos e gritavam na mesma exaltação dos comícios.

As portas do Conselho da Economia estavam fechadas. A multidão batia com os pés na calçada, nos passeios, apertando-se contra os muros.

— Trazei o Conselho! Trazei-nos os porcos do Serviço Florestal! Deixai-nos ver esses gatunos e trapaceiros! Trazei-nos essa canalha... Que está a fazer a Tcheka? É com os olhos da cara que deve ver e não com o olho do cu. Trazei

os comunistas. Que é que eles estão a fazer atrás dessas portas?

Alguns sentavam-se nos passeios, arrimavam-se ao muro, em fileiras cerradas; outros mastigavam o pão das suas escassas rações. Estavam sentados ao sol, esmagados pelo calor que fazia aumentar o cheiro a asfalto e a poeira sobreaquecida. Ali, sem se fixarem em nada, conversavam serenamente, sem mesmo trocarem um olhar, divertindo-se a escarrar para o passeio, indo a cada passo mijar em grupo, atrás da esquina da rua, às portas do Conselho da Economia.

Juk surgiu no patamar da escadaria, gesticulando.

— Um momento de atenção!

Abriu as mãos por cima da cabeça, retirou o barrete e, com ele levantado, lançou sobre a multidão um olhar bovino cheio de ameaças caladas.

— Camaradas, eu conheço bem esta cambada de mandriões. Olá, se conheço! Para já, vede como eu lhes torci o pescoço... (fez o gesto de quem torce e estarrincou os dentes). Pus-lhes a todos a careca à mostra, tosquei-os à máquina zero. Classe operária, nós sabemos agarrá-los pela gravata. E dentes de ouro... Mandaram fazer dentes de ouro, com todo o ouro que ainda tinham e até com o que já não tinham. O que eles querem é meter a classe operária no velho jugo.

De repente, desapareceu como se a terra o tragasse. A multidão viu surgir no seu lugar o presidente do Executivo, Badine. Tinha o rosto imóvel, os olhos baços. Fazia lembrar um ídolo em bronze.

Profere calmamente, vagarosamente, as primeiras palavras, como se falasse no seu gabinete, e a sua voz clara era no entanto retumbante.

— Camaradas, a nossa cidade tem 20 000 proletários organizados. Vós, que apenas sois, entre estes vinte mil, um pequeno grupo, viestes até aqui como quem vem do mercado em ruidoso bando e semeais vergonhosamente a perturbação nas fileiras firmes dos operários revolucionários. Deveríeis corar de vergonha, camaradas, é um crime. Qual é o problema? De que é que precisais? Não tendes um sindicato? Não existem órgãos proletários a que podereis colocar sem qualquer demora todas as questões que vos preocupam neste momento e atalhar-lhes de urgência?

A multidão estremeceu pesadamente. Um estrepitoso clamor elevou-se nos ares, misturado com a pateada desta mole humana.

— Traz os ladrões! Traz os ladrões do Serviço Flo-

restal! Não voltamos a pegar ao trabalho. As roupas... a comida... Não somos escravos para andarmos a trabalhar de graça!

Badine levantou a mão, sem que o seu rosto mudasse. Manteve-se com uma imobilidade e uma firmeza de bronze.

— Não vim aqui para entrar em disputa nem discutir convosco, camaradas. Todas as reivindicações que apresentardes através dos vossos delegados, dos vossos órgãos e do Conselho dos Sindicatos serão satisfeitas. Retomai o trabalho em boa ordem. Sabeis que cada hora perdida acarreta, nestes dias difíceis para a República, um prejuízo considerável para a frente económica e só vós sois responsáveis por isso. Nunca mais lavareis a mácula vergonhosa que infligis ao nosso proletariado. Ele alcançou demasiadas vitórias brilhantes na sua luta para ter de suportar ainda esta mácula! Não fostes vós que vos propusestes vir a estas manifestações indignas. Elas são obra de alguns boateiros. Esses intriguistas, conheço-os eu! Aí está um, Juk, que falava antes de mim. Conheço-o de longa data, vou ordenar a sua detenção.

Mal Badine acabou, Juk, hirsuto, pálido, saltitava junto dele gritando em voz esganiçada:

— Não é verdade! Não é verdade! Ele está a mentir, camaradas!

Um grito de furor cobriu a voz de Juk. A mole uivante oscilou, todas as mãos estendidas, e parecia que no momento seguinte a multidão enlouquecida se lançaria para linchar Badine.

— Dá-lhe! Passa as cordas! Porco! O nosso Juk! Juk, Juk!... Juk à frente!... Juk!... Juk!...

O presidente do Comité Executivo continuou imóvel no último degrau da escadaria, todo vestido de couro negro, o seu rosto de bronze fazendo frente à multidão ululante. Olhava sem pestanejar e esperava: mais um pouco e esta multidão ficaria cansada, e esta multidão cederia, e esta multidão tornar-se-ia cordeirinha, fraca e submissa.

Mas não chegou a ver a sua vitória. Roubou-lha Lukhava, que apareceu com a chama negra dos seus cabelos e com voz penetrante, inquieta, onde havia laivos de entusiasmo, cortou o clamor animalesco da multidão.

— Peço a palavra, camaradas. Sossegai, escutai!

A multidão estremeceu e recuou para o meio da calçada.

— Lukhava! Fala, Lukhava, camarada! E canta-lhas todas... Força, camarada!

E ele falou, com o entusiasmo e a simplicidade do costume.

— C'os diabos, camaradas, porque é que vos meteis em histórias destas? Machado à cintura, sacola ao ombro, e ala, a caminho: roupas e calçado nascem na floresta. Bem certo que estou a brincar, mas a questão é a seguinte: daqui a uma hora partimos. Encontramo-nos no Conselho dos Sindicatos. Neste momento, estão a ser carregados os géneros alimentares nas carroças. O Comité do Partido encarregou o camarada Juk do abastecimento. Dois fatos-macaco para cada um. O pessoal do Serviço Florestal terá a sua conta... Em fila e a caminho, com ordem!

A multidão agitou-se na escadaria, toda ela gritos e murmúrios e seguiu rua fora, contornando o cais. Badine e Lukhava olhavam-se mutuamente, à porta do Conselho da Economia. Não fossem os olhares carregados de ódio, dir-se-iam dois amigos a falarem nos seus vagares:

— Já informei em devido tempo as autoridades superiores da sua maneira absurda de apertar a tarraxa aos burgueses. É preciso acabar com estas garotices, caro camarada. Quem lhe deu o direito de demolir, sem decisão do Executivo, o Serviço Florestal? Informarei disso os órgãos da Região e arranjaré maneira de o meter na linha.

Lukhava sorria, olhos franzidos; sob as pestanas, dançavam brilhos tremeluzentes e zombeteiros.

— Bu-ro-cra-ta!

2. A Passos Firmes

Das janelas da direcção da fábrica via-se, lá no alto, o Clube da Internacional Comunista (onde não passava dia algum em que jovens pertencentes às Juventudes Comunistas, braços e pernas nuas, não fizessem desporto). E, mais além, nas lonjuras aéreas, na cratera longilínea da montanha, surgindo do fundo invisível da cavidade, até ao cume da crista, a 800 metros de altura, o Bremsberg, carris estendidos quais cordas esticadas. Em cima, em baixo, cruzando-se, aproximando-se e afastando-se, duas vagonetas arrastavam-se calmamente. Eram pequenas, vistas de longe, assemelhando-se a tartarugas, deslizando lentamente sobre os carris: cinco minutos para atingir o cimo, cinco minutos para descer e as vagonetas encontravam-se de quarto em quarto de hora, uma subindo vazia, a outra descendo testada, carregada de madeira cortada, disposta em cubo regular. Viam-se as rodas da transmissão eléctrica a moverem-se em planos e sentidos diferentes. Da crista até à transmissão

eléctrica, no declive do monte, camiões e carroças chegavam por uma estrada aberta de novo.

Gleb passava dias inteiros na direcção da fábrica. Ali havia técnicos enviados pelo Conselho da Economia e que não entendiam nada da fábrica. Usavam pomada no cabelo, eram de um tão meticuloso asseio que pareciam pálidos; traziam pequenas gravatas, todos barbeados à inglesa, loiros, impossíveis de distinguir uns dos outros. Era custoso perceber o que faziam por detrás das secretárias de carvalho. Porque falavam em voz baixa? Porque se alongavam em murmúrios confidenciais? Assumiam uma expressão impenetrável, ocupada. Olhavam Gleb com uma vaga interrogação (da mesma maneira que para ele olhavam no Conselho da Economia) e respondiam às suas perguntas, a princípio com um espanto mudo, depois com termos singulares, a meia voz, através de fumaças de cigarros e duma despreocupação estudada. Gleb não compreendia os termos de que eles se serviam, ou melhor, apenas compreendia um que ele detestava há muito tempo:

“O Gabinete da Indústria”.

A célula comunista decidiu, com base no relatório de Gleb, exigir que a direcção da fábrica desse conhecimento dos seus trabalhos à assembleia geral de operários. Foi decidido não a poupar e exigir a intervenção da Inspecção Operária e Camponesa. Gleb esfalfou-se a estudar a situação, entregando-se à dura tarefa de analisar números, relatórios, livros, escrita corrente, encomendas e planos. Aquilo pô-lo doido, o seu trabalho perdeu-se sem que tivesse compreendido nada naquele montão de números e de quadros. Os técnicos barbeados respondiam untuosamente às suas perguntas, dissimulando o melhor que podiam a ironia e o desprezo. Gleb era cortês com estes técnicos barbeados, tão preocupados com a sua apresentação pessoal; falava-lhes também em voz baixa, colocando questões idiotas que provocavam sorrisos, ele próprio assaltado por outras questões que, essas sim, inquietavam os técnicos, os faziam entrincheirar-se no último reduto, os faziam responder invariavelmente:

— O Gabinete da Indústria... O Conselho da Economia... Direcção Geral do Cimento... O Conselho do Trabalho e da Defesa...

Gleb seguia pela janela o trabalho do Bremsberg, estudava os assuntos da fábrica que só os técnicos tinham obrigação de conhecer e calculava quanta madeira podia ser enviada até ao fim do ano.

— Um estere em meia hora. Por dia, com duas equipas,

24 esteres. 600 por mês. 4 800 até ao fim do ano. É pouco. Isso não impedirá a crise. O Bremsberg vai ter de trabalhar no Inverno.

Do fundo da cavidade das montanhas, a madeira retirada partia para outro Bremsberg. As vagonetas arrastavam-se como tartarugas da fábrica à montanha e da montanha à fábrica, cruzando-se e afastando-se, subindo vazias para descender cheias. Eram desatreladas em baixo, junto à transmissão eléctrica, do cabo de aço, e empurradas por cima duma plataforma furada, suspensa no ar. Rangendo, um elevador levava-as dali até às profundezas da fábrica. No fundo do buraco negro, onde os carris seguiam nos túneis caminhos complicados, as vagonetas eram de novo presas a cabos e arrastadas nas trevas, enquanto que outras, vazias, emergiam das trevas, voavam até à alta luz azul.

Gleb também lá vinha e ficava inebriado na passagem com o estremecimento eléctrico das rodas, o apito e o ranger das vagonetas, com o trabalho intenso dos operários embrenhados no seu labor. Deitava ao chão as pastas e os quadros e juntava-se às equipas activas. Ele via agora os operários com outras caras, já sem o aspecto azulado do tifo, via-os, agora, queimados do sol, suados, nos olhos uma expressão decidida.

Quando a noite chegava, já não esperava, como antigamente, por Dacha. Não fechava as portas e deitava-se cedo. Não sabia a que horas Dacha chegaria. Mas quando a sua presença o despertava por momentos, via-a à mesa, a cabeça entre as mãos, mordendo com suavidade os lábios, diante dum livro. E, pela manhã, como ele partia para o trabalho, Dacha sorria-lhe, com um soerguer de sobrancelhas, e toda a sua alegria florescente, plena de seiva, estava naquele sorriso.

3. Ansiedade

Era preciso ficar a saber, por si mesmo, o que era o Gabinete da Indústria, essa muralha inexpugnável do Conselho da Economia e da direcção da fábrica. O pesado obstáculo barrava o caminho a Gleb. Ali, nenhuma das suas questões encontrava eco. Resolveu certificar-se no local. Iria, se isso fosse necessário, sem demora a Moscovo, iria ter com Lénine, iria ao Conselho Superior da Economia Nacional, ao Conselho do Trabalho e da Defesa, dizer tudo, tudo descobrir, partir cabeças, tirar as coisas a limpo,

meter toda a gente nos eixos, concretizar o seu objectivo: reactivar, a qualquer preço, a fábrica.

Na direcção só havia incúria, inactividade, sabotagem. No Conselho da Economia, sabotagem, burocracia oficial e não se sabia que imperceptível trabalho interno. As questões mais simples enlaçavam-se em nós cegos, não havendo maneira de os desfazer. Schramm discursava com muita eloquência e pouco sentido, pelo que era severamente criticado.

O palacete de três andares tremia todos os dias com o tropel de multidões azafamadas, passando de porta em porta; e não havia dia em que das 10 às 16 horas não se vissem juntar-se em longa fila ao longo dos passeios, frente ao edifício, pessoas extraordinariamente loquazes, antigamente acostumadas a acotovelar-se nos cafés e na Bolsa. Estes ajuntamentos eram apanágio do Conselho da Economia. Nada de parecido se passava na Saúde Pública, na Instrução Pública, na Previdência Social. Em contrapartida, havia montes de gente no Serviço da Agricultura, na Administração Comunal, no Comércio Externo.

Antes de partir, Gleb deslocou-se ao Comité Executivo, ao Conselho da Economia, ao Comité do Partido, reunindo documentos, projectos, planos e resoluções. Badine deu-lhe uma carta de recomendação para um seu camarada, membro do Bureau Regional do Comité Central do Partido; Jidki indicou-o a um membro da Comissão Regional de Controlo do Partido.

Gleb seguia rua fora em direcção do cais, onde o esperava a lancha posta à sua disposição. Seguia e parecia que era a primeira vez que via a rua. Não era mais a rua de um mês atrás. As lojas estavam, então, fechadas, com as suas grandes montras vazias, ou serviam de armazéns a diversas administrações. As janelas estavam cheias de pó ou de porcaria. Agora, os armazéns sucediam-se ainda, mas em todos havia escritos:

“BREVEMENTE, ABERTURA DUM
RESTAURANTE”

“CAFÉ. GRANDE ORQUESTRA”

“SOCIEDADE COMERCIAL”

“CAMARADAS, FORTALECEI A UNIÃO ENTRE
A CIDADE E O CAMPO”

“ABERTURA EM BREVE”

“QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME”

Mão irónica tinha tapado com uma camada de porcaria o primeiro “não” da frase e os transeuntes, não se podendo

habituar a esta nova associação de palavras, liam sorridentes:

“QUEM TRABALHA NÃO COME”

Gleb, repentinamente inquieto, parou, incapaz de precisar a grande interrogação que trazia confusamente no cérebro. Sim, sim, a nova política económica... Controlo e regularização. Mercados. Impostos a condizer. Cooperação.

Bom. Café, grande orquestra... E a ração de meia libra de pão? E a repartição dos artigos de primeira necessidade: um metro de pano, ligas e tudo o que era entregue pelo sindicato? Por que é que as montras começavam a tornar-se fluorescentes tão depressa? E por que é que ele sentia esta inquietação, esta ansiedade?

Os seus olhos descobriram Polina do outro lado da rua, diante das janelas dum café. Estava de costas voltadas para ele. Não despegava os olhos duma janela. Um homem vestido com um dólman novo em folha e levando consigo uma pesada sacola (raios, toda a gente agora anda com coisas destas!) passou rapidamente por ela, deu-lhe um encontrão com o ombro, afastando-a da janela. Ela pareceu não dar por nada e voltou à sua imobilidade.

Gleb passou para o outro lado. Colocou-se ao lado de Polina, mas ela não deu por ele, continuando imóvel, de olhar absorto, diluído nas trevas da janela. Lá dentro, viam-se, em fundo crepuscular, sentadas às mesas aos pares ou em grupos, as sombras ressuscitadas do passado.

A custo, ouvia-se, através da montra, vindo das trevas longínquas, o som dos violinos.

Umas vozes anasaladas dizem muito depressa atrás deles, num tom atarefado:

— Em divisas fortes, só em divisas fortes...

— ...Mercadorias estrangeiras fresquinhas... Sem taxas... Falucas... Percentagem de lucros líquidos.

— ...Teremos uma boa percentagem...

— ...Tenho uma partida de tabaco...

— ...O que dá mais lucro é a farinha. Como vê, a fome...

Gleb voltou-se e reconheceu o advogado Tchirski acompanhado por um grande viticultor da costa. Este último via-o muito Gleb no Conselho da Economia.

Diabos os levem! A fábrica está ainda em plena revolução de Outubro, a cabeça do combatente não está ainda liberta das fadigas da guerra civil. Mas quando se chega à cidade, parece que uma estranha evolução se deu, parece que o mundo voltou ao princípio...

Gleb puxou ao de leve a mala que Polina trazia debaixo do braço. A jovem mulher lançou-lhe um olhar assustado. Viu nos seus olhos um grito contido.

— Diz-me cá, Gleb, tu atinas com isto? Ando na rua e não paro de arregalar os olhos como uma tola. Que se passa comigo? Olho e fico doente da cabeça, ranjo os dentes, mas não percebo patavina. Não compreendo nada, Gleb...

— Vai para a Secção Feminina. Deixa os verdadeiros imbecis e os canalhas serem eles a arregalar os olhos com isto...

Agarra a jovem mulher pelo braço e leva-a consigo. Polina lançava à direita e à esquerda, para as montras e portas das lojas, olhares de espanto. As suas pupilas tremelicavam quais gotículas de água sacudidas pelo vento.

— Hoje não vou à Secção Feminina. Está lá a Dacha. A tua mulher é uma mulher como há poucas. Vai longe, verás. Mas que se pode dizer doutrem quando não se sabe nada de si mesmo? Estou hoje outra, diferente da de ontem.

— Ora, vamos lá a ver, camarada directora da Secção Feminina! Você deveria ter vergonha de semear desta maneira o pânico. O que é preciso é lutar e não lamuriar-se.

A linguagem de Gleb era brutal, mas a sua mão acariaciadora apertava a da jovem mulher.

— Que vai ser de mim, Gleb? Se calhar não sou capaz de me encontrar no meio de todas estas trapalhadas estúpidas? Parece que trago a peste comigo. Sinto a terra fugir debaixo dos pés. E, no entanto, estive na frente, vi coisas verdadeiramente terríveis... Por duas vezes conheci os horrores da morte inevitável. Combati nas ruas de Moscovo. Mas, pronto, nunca passei por nada comparável ao que estou a passar neste momento. É como se uma multidão hedionda se risse de mim, como se eu tivesse vergonha de estar sem defesas. Será isto necessário? Inevitável? Será o resultado necessário dos nossos sofrimentos e dos nossos sacrifícios?... É o que tu pensas, Gleb! Mas talvez também tu estejas desorientado? Diz-mo francamente. Será que só és tão valente na aparência e por hábito?...

Chegaram à Casa dos Sovietes. Polina parou, sem largar, porém, o braço de Gleb, temendo visivelmente ficar só e temendo também estar com pessoas. Gleb estava perturbado. Por causa das palavras de Polina ou porque ela o atraía, vindo até ele através de Dacha?

Concessão da fábrica. Gleb estremecia com esta palavra nova, de mau augúrio. Alguém a tinha lançado aos ventos, sem que Gleb conseguisse encontrar qualquer explicação.

Era um rumor vago, espalhado com má intenção e que rapidamente se dissiparia. Mas a rua gritava, com as suas montras e a sua enchente de especuladores e negociantes azafamados. Isto era um indício ameaçador: não há fumo sem fogo. Aquele rumor devia nascer de todos os modos, inevitavelmente. Não haja dúvida de que o Conselho da Economia já prepara terreno para fundar uma sociedade anónima ou devolver a fábrica aos antigos donos.

...Polina. Estava ali, tão próxima, com uma amizade tão profunda e com tanta necessidade da sua força. Percebeu nela uma grande ansiedade, mas não soube compreender a alma dela, não soube acalmá-la com doçura, com afecto. Teve vontade de lhe dizer palavras bonitas: protegê-la do frio com esse carinho.

— Não vou à Secção Feminina — disse ela. — Anda até minha casa, para conversarmos. Não me sentirei tão mal contigo ao lado. Podes ir embora cedo quando eu deixar de ter esta sensação de estar sempre sozinha. Dirás qualquer coisa que me tire deste torpor e que me faça ver as coisas com outros olhos...

E puxava-o com suavidade para as portas de vidro. E até ao seu quarto — ao longo da escada de mármore, pelo corredor estreito — nunca largou a sua mão, repetindo sem parança com pequenos intervalos:

— É preciso, não é?... É preciso?

O pequeno quarto era claro e vazio. Uma cama de ferro, com uma coberta cinzenta e uma almofada branca. Por cima, Lénine. Uma mesita diante da janela cheia de livros e papéis em desordem. Gleb só sentiu uma coisa: o cheiro de Polina estava no quarto. Mesmo que não soubesse que ela vivia aqui teria imediatamente descoberto a quem pertencia este odor.

Ela lançou a pasta para cima da mesa e encostou-se à parede, junto à mesa. Gleb também não se sentou, mas atravessou o quarto. Deteve-se perto da porta, à esquerda.

— Quem vive do lado de lá desta porta?

— É o quarto de Serguei.

Bateu levemente na porta. Respondeu-lhe o eco, no vazio. Aproximou-se da porta da direita junto a Polina.

— E aqui?

— Tenho medo desta porta. Vive aí o presidente do Comité Executivo. Não gosto dele: há qualquer coisa nele que me incomoda e estou sempre com o pressentimento de que esta porta se vai abrir e que... e que... não sei o que se vai passar.

— É um galaroz, o nosso presidente.

— Porquê? Onde tiraste essa conclusão?

Polina desatou a rir, mas o seu riso cedo desapareceu. Os olhos dele estavam fixos nela e ela escutou o seu tormento.

— É um perseguidor de saias. Tenho umas contas a ajustar com ele.

— Mas tu és ainda escravo, Gleb. Temos que levar até ao fim a revolução dentro de nós. Devemos travar, no nosso íntimo, uma guerra civil impiedosa. Nada é mais persistente, nada é mais vivaz que os nossos hábitos, os nossos sentimentos, os nossos preconceitos. O ciúme atormenta-te, bem sei. Ele é pior que o despotismo. É uma exploração do homem pelo homem, só comparável ao canibalismo. Escuta o que te vou dizer, Gleb: se tens ciúmes por causa de Dacha, perderás a partida.

— Já a perdi. Prò diabo!

— É bem feito para ti.

— Tens razão. Há qualquer coisa no amor, qualquer coisa que tenho que compreender. Não posso conformar-me... Como se tivesse uma chaga no coração. Qualquer coisa nas minhas relações com Dacha não vai como deve. Não posso esquecer, de uma vez para sempre, que ela e outros homens... Quando a vejo, sinto que nunca a poderei aceitar assim, como ela é agora. Ela tem um não sei quê dela própria, e isto desperta em mim uma fúria selvagem.

Polina lançava de novo em seu redor olhares inquietos e desorientados. Afundou as mãos nos caracóis, com uma careta como se lhe doesse a cabeça.

— Sim, Gleb... Qualquer coisa muito difícil de compreender... Mas que é preciso compreender... e, eu sinto-o, é qualquer coisa de amargo e de venenoso. É preciso. Pois bem, seja, tanto pior se... Somos envenenados pelo sangue, mas aprendemos a encontrar nele um antídoto. Mas onde está o antídoto do veneno da vida de todos os dias que nos vem do maldito passado? Isto é que é terrível. É sempre mais difícil lutar contra si mesmo porque a alma está, na vida de todos os dias, condenada à solidão.

Estava diante de Gleb, tão simples, tão franca, perdida na sua inquietação, tão confiante e tão próxima, que a ele lhe parecia tê-la conhecido há muito, como se ela tivesse sido sempre a mesma desassossegada, a mesma revoltada... Bastava tomá-la nos braços para que ela se apertasse contra ele como uma criança, para que ela fosse ainda mais próxima e se acalmasse com as suas carícias e reencontrasse o riso de outros tempos.

Apertou-a contra o peito com uma grande ternura silen-

ciosa e a sua face acariciou-lhe os anéis do cabelo. Inicialmente desnorteada, dobrou-se toda sobre si mesma entre os seus braços. Depois sobressaltou-se, passou um braço pelo pescoço e pousou nele os olhos, rasos de água.

— Gleb! Meu querido! Se tu soubesses como ansiava pela tua força! Ando deprimida, Gleb. Compreende-me, Gleb, e não me desprezes. Se soubesses como preciso da tua força.

Gleb estava calado, face apertada sempre contra os caracóis da jovem mulher. Mas, quando ela desfalecia nos seus braços, alguém bate à porta suavemente.

— Pode-se, camarada Miekhova? Estás aí?

A porta rangeu. Era Dacha. A sua fita vermelha subia como uma chama. Tinha o seu límpido rosto do costume, nos olhos a transparência dum ribeiro, dentes jovens, luzidios, o seu rosto ainda todo iluminado de sol.

— Olha, olha, Gleb? Logo te havia de encontrar aqui!

Desatou a rir, divertida. Gleb, por um instante, viu luzir nos seus olhos o espanto e qualquer coisa, como que um calafrio, desenhar-se por cima das sobrancelhas. Talvez fosse ilusão sua, espantado que estava ele também e ainda mal recomposto. Miekhova afastou-se dele e passou a mão pelos ombros de Dacha.

— Não tens ciúmes, Dacha? O teu Gleb não passa de uma criança grande. É um homem, isso é verdade, e como há poucos, mas continua a ser um palerma, nada mais que um palerma!

Gleb, de pé no meio delas, põe as mãos nos ombros delas.

— Que me importa! Acabarei por compreender. Nem que tenha que abrir a cabeça. Tudo está claro agora para Dacha, nada lhe é difícil.

Sorridente, Dacha aproximou-se da mesa.

— Camarada Miekhova, vim da Secção Feminina... A conferência feminina está à porta. Não te esqueceste? O Conselho dos Sindicatos reúne hoje às cinco horas e tu tens de ir falar.

— Eu sei, Dacha. Mas seria melhor seres tu a falar em vez de mim: tenho a cabeça às avessas. Encarrega-te tu disso, Dacha. Amanhã já estarei recomposta e em condições.

— Deixa lá, camarada Miekhova... Não armes ao sentimento, minha amiga... Devemos zelar por nós próprios: ter a cabeça no lugar e o coração entre mãos fortes. Aperta bem a alma entre as costelas, camarada Miekhova e cuida da tua saúde...

Deitou a Gleb um olhar irónico.

— Vou-me embora. Tu, podes ficar. Continua a confessar Polina.

Miekhova olhava para a janela só para não ver o casal e ria como uma demente.

— Assim, não. Confessem-se uma à outra, eu é que me vou embora — balbuciou Gleb, rubro como papoila, e saiu.

No corredor encontrou Tchibiss. Como era hábito, Tchibiss não lhe estendeu a mão e absteve-se de o cumprimentar. Tinha um caminhar elástico, mas pesado, e olhou para ele sem pestanejar, como um estranho.

— Pois bem, aqui está. O Serviço Florestal está instalado, como sabes, num pequeno buraco muito confortável. O pó tomou imediatamente conta daquilo e de lá espalhou-se para todos os gabinetes em turbilhão, de maneira que a instituição parece uma casa de loucos. Juk mostrou ser um imbecil como seriam precisos mais. Não dormi hoje. Nunca durmo à noite, só de manhã e depois do almoço. Agora vou dormir meia hora. Sabes que o vosso maneta era de facto uma bela amostra da espécie humana. Passei noites a falar com ele com muito prazer. A burguesia sabe facultar aos seus filhos uma grande cultura e nós temos muito, muito a aprender com eles. Para dominar a cultura é preciso saber-se como nos devemos servir dela, e não é assim tão simples, mete isso na cabeça.

— E eu sem saber por que Juk deixou de vaguear e tagarelar sem sentido...

— Isso é porque ele está em boas mãos... Em vinte, temos a certeza que vamos fuzilar metade. Com esses figurantes vamos montar um belo espectáculo: vou passar o caso para o tribunal revolucionário. Quanto às requisições, vamos levar uma boa rabecada: excesso de zelo. E logo no congresso do partido. Há sempre cizânias nesses casos. Que é que pensas: quem será comido?

— A minha opinião, camarada Tchibiss, é esta: não é tão fácil como isso apanhar Badine, já que sabe trabalhar, apesar de ser um grande mulherengo e burocrata.

— Certo. Ramerrão quotidiano quer dizer cizânia, e a cizânia é heroísmo transformado em costumes provincianos. O tempo melhor, para mim, é a noite, é o da luta. Vem visitar-me, passaremos bons bocados. À noite vê-se sempre melhor que de dia.

— Será que Lénine dorme de noite, camarada Tchibiss? Ouvi dizer que ele vive como tu, sem sono.

— Não sei.

— E já agora, camarada Tchibiss... Nas ruas são anun-

ciados cafés com grande orquestra. Será que isto vai recommear?

— É isso. E mete-te medo? Então regressa ao exército: treina-te mais um bocado e completa a tua formação política. Tudo isso de modo nenhum me inquieta. Devemos saber olhar da mesma maneira, sem pestanejar, o sol e o sangue. Sem ter medo que o sol nos queime os olhos ou que o sangue nos envenene a alma.

Levantou os sobrolhos e sorriu, trocista. Gleb voltou a encontrar nos seus olhos a puerilidade infantil e, no fundo das pupilas, aquela ponta de fogo que mexia sem parar, inquieta, sem conseguir fixar-se.

Tchibiss seguiu pelo corredor com o seu passo elástico e pesado, e Gleb sentiu pela primeira vez que esse homem estava dobrado ao peso de uma fadiga mortal e de um fardo esmagador.

XIV. O REGRESSO DOS ARREPENDIDOS

1. Para Canossa * pelo Calvário

Naquele dia de Sol, Polina voltou a viver momentos emocionantes, como na noite em que tinham apertado com os burgueses ou no combate com os bandidos.

Jidki, Gleb, Serguei e Polina acomodaram-se na lancha a motor. Tchibiss já tinha entrado.

Tchibiss levantou a mão e os seus dentes luziram num grande sorriso infantil.

— A caminho, companheiros! Segurem-se bem! Arranca, capitão!

Assentou uma forte palmada no ombro do marinheiro, um trigueiro de cara amarrotada, cinzelada como um balde amolgado, e de mãos enormes. Ao longe erguia-se um vapor, bloco maciço emergindo da água na miragem ardente e escorregadia da enseada. Era o primeiro transporte dos "arrepentidos".

Os cais quebravam no verde reflexo ondeado, os cais mergulhavam nos abismos azuis, fremiavam nas suas inúmeras cordas, imergiam em charcos de gordura e vagas de nafta. A ressaca ia quebrar mais adiante, sob um cabo, em sonoras quedas de cristal. À popa da lancha, uma vaga que

* Castelo na Itália, onde, em 1077, Henrique IV, imperador da Alemanha, esperou três dias e três noites que o Papa Gregório VII o recebesse e lhe concedesse perdão. (N. do T.)

não se desfazia espumava, nevosa. Ao longe, dois golfinhos rolavam nas ondas um atrás do outro, como rodas metálicas. Dos seus dorsos redondos saltavam centelhas que vinham encandear dolorosamente os olhos.

Os cais e os desembarcadoiros estavam apinhados de gente. O movimento dessa chusma coloria-se das cores resplandcentes do arco-íris. Desde há muito que se não viam vapores, tinham partido com os brancos. O desejo de voltar a vê-los no mar era imperativo como a fome. Agora estava a chegar um vapor, era a festa.

Da proa à popa, o barco enchia-se também de uma multidão compacta e engrinaldada. De longe dir-se-iam bandos de corvos-marinhos em repouso, secando as asas ao sol.

Serguei olhava as chaminés negras do vapor e roía as unhas. Gleb dava-lhe pancadas na mão sem conseguir arrancá-lo daquele ensimesmamento.

— Para Canossa passando pelo calvário. É esse o caminho da contra-revolução.

Jidki lançou a Serguei um olhar oblíquo. Dilatou as narinas até ficarem brancas.

— Deixa lá, Serioja. Isso é delírio de intelectual. Só os conjurados é que usam neste momento essa linguagem.

Mas Serguei falava para si próprio ou falava-lhes a todos:

— Há trezentas pessoas nesse barco, e quatorze delas, oficiais. Quando se recusaram a recebê-los em Tuapsé, eles disseram: "O barco não volta para trás. Que nos levem para aqui ou para ali. Desembarcaremos e se quiserem que nos fuzilem". É magnífico. Eles têm agora uma energia prodigiosa. É preciso aproveitá-la. Aproveitá-la e transformá-la.

Jidki arregalou os olhos.

— E quanta energia nos levaram eles? Quanto sangue, quanta força nos devoraram, já pensaste? Dá vertigens.

— E depois?

Polina olhou para Serguei e desatou a rir. Uma alegria primaveril floria de novo nela, o sol de novo cintilava nas suas pestanas e sobancelhas.

— Ah, Serioja, querido bem-falante. Como as nossas delegadas te tratariam da saúde se ouvissem falar a tua alta sabedoria.

Gleb olhava para os golfinhos. Pareciam duas rodas brilhantes a rolar, a dar cambalhotas uma atrás da outra, emergindo na luz e desaparecendo. Cortavam as ondas num amplo esforço dorsal. E quando desapareciam a onda desfazia-se, espessa, sem espuma. Os volantes dos Diesel, na fábrica, tinham esse mesmo impulso alado e poderoso,

no seu voo de aço que transtornava a alma humana com a sua carga eléctrica. Dantes havia muitos a girar, aéreos e ligeiros. Agora havia só dois, cuja vida se encarnava ali na cratera da montanha onde se viam rastejar como tartarugas, uma subindo e a outra descendo, duas vagonetas que se aproximavam, se ultrapassavam, se afastavam, seguidas de uma longa bicha, em baixo nos carris, de outras vagonetas, incontáveis. Mas essas rodas sobre as ondas, carregadas de sangue animal, gastavam nas profundezas marinhas a preciosa energia solar...

Os cais estavam já longe. As fendas das montanhas tinham reflexos de cobre entre as trevas cor de malva em doce balanço, flutuantes. A lancha dançava nas vagas, o barco erguia-se para as nuvens cobrindo metade do céu, formidável como um arranha-céus, depois voltava a baixar. Tchibiss, Jidki, Polina, todos pareciam pequenos, de contornos nítidos como num espelho convexo. E Gleb também se sentia pequeno mas com um grande coração, maior que ele próprio.

Serguei não tirava os olhos húmidos do vapor e roía uma unha.

Nos flancos do navio caíam e rangiam correntes. Um grande barulho enchia o ar.

Do alto do bordo, rostos de um cinzento baço olhavam para baixo, olhos fixos, ébrios. Estendiam milhares de mãos frementes num bramido frenético. E mais no alto ainda, para lá dos cordames e guindastes, o fumo azul das chaminés subia em volutas. Por baixo do vapor, nas ondas oleosas e salpicantes, balanceava a lancha, com a sua metralhadora e o pano vermelho na popa, ínfima centelha de ameaça da RSFSR.

Um inglês com galões—sem dúvida o capitão,—imóvel no passadiço de comando, apoiado ao parapeito, examinava impassível a lancha a vogar nas águas.

O cais longínquo agitava-se e floria como um campo de papoilas. Ouviam-se barulhos de ferragens e roncões surdos no ventre do barco.

2. Lobos Desdentados

Uma multidão cinzenta, suada e malcheirosa amontoava-se na ponte. Mortos saídos da tumba, típicos cobertos de bolor. Faces opacas e azuláceas, olhos de loucura. Não se podiam distinguir os oficiais do rebanho cinzento dos soldados.

Jidki falava com o capitão inglês, parecendo ele próprio um britânico.

Tchibiss, vestido de couro fulvo como metal, dizia com voz impassível e clara:

— Avancem os oficiais. Os outros recuem.

A multidão recuou num atropelo confuso, abrindo uma ampla clareira. Foi como se o local de uma execução se tivesse ali formado.

Homens esfarrapados, de ar marcial e com caras inchadas de fome, abriam à cotovelada caminho por entre a multidão.

Polina sorria, trocista. E enquanto Tchibiss falava, disse ela a Gleb: “Olha, Gleb: são enforcados. Dantes beijavam a mão das senhoras. Estão podres como caranguejos mortos...”

A voz de Tchibiss era monótona e melancólica:

— Sois nossos inimigos. Detestais-nos, exterminastes-nos aos milhares, aos operários e camponeses. E no entanto embarcastes acreditando vir encontrar aqui a vida e não a morte. Por que voltais à Rússia dos Sovietes?

Um velho de queixo coberto de barba grisalha saiu da fila.

— Não temos medo de ter de vos responder. Nós somos só homens terrivelmente cansados. Um inimigo vencido já não é inimigo. Será que sofremos menos que vós? Já não temos mais nada a não ser a pátria e não somos nada sem ela. Somos malditos, mas a nossa redenção está na maldição. Que a pátria nos inflija o sofrimento ou a morte... Estamos prontos para isso, estamos resignados. Não podeis recusar-nos essa pequena alegria.

Tinha falado sem olhar para Tchibiss, de cabeça orgulhosamente erguida para o sol.

Tchibiss observou-o com fixidez através das pestanas.

Houve um silêncio. Um silêncio carregado de esperança. Pronto a romper-se em gritos.

Um oficial subalterno muito jovem pôs-se a gritar convulsivamente:

— Fui enganado! Estava cego! Sou um assassino, sim! Deixem-me justificar a minha vida. Que eu morra, mas que me justifique.

Tchibiss cortou com negligência os gritos do pequeno oficial.

— Muito bem. Mas como nos podeis provar a vossa sinceridade?

— Fuzilem-me de imediato... Fuzilem-me!

— Ficai no barco. Podeis voltar a partir sem desembarcar.

O oficial levantou as duas mãos. As mangas da camisa escorregavam-lhe nos ombros.

— Não podeis matar-me! Não podeis. Eu quero viver... viver!

Pegaram-lhe pelos braços e levaram-no. Continuava a gritar com voz cansada:

— Viver! Viver!

Polina franziu os sobrolhos, trocista, os olhos muito grandes, arregalados de alegria.

— Como eles têm os nervos à flor da pele, esses caranguejos! Por que diabo eles se rendem, Gleb? Diz-lhes tu, Seroja... eles não me compreenderão.

Serguei apertou com força o ombro de Tchibiss e disse-lhe, a voz agitada por um estremecimento interior:

— Tenha a coragem, camarada Tchibiss, de lhes falar de outro modo, com palavras que sejam dignas de nós. Não há nada mais fácil do que insultar os inimigos vencidos. Assuma um papel mais difícil. Fale aos inimigos como se estivesse a falar com homens.

Tchibiss olhou-o distraidamente, como um cego, e disse entredentes:

— Vais já recambiado para terra, camarada Ivaguine. Que se passa?

A chusma atropelava-se e curvava-se em arrepios, silenciosamente. Sórdidos fantoches trepavam aos ventiladores, aos ombros uns dos outros, abraçavam-se aos mastros, olhares fixados naqueles homens que não podiam compreender.

Gleb olhava aquela malcheirosa massa humana, aquelas caras húmidas de suor e não sentia qualquer piedade, estava só curioso e com vontade de rir.

...Os lobos. Aí estavam eles, os lobos. Os lobos que infestaram todas as planícies da República, de olhos sangui-nolentos. Três anos de chamas e de imensos sofrimentos. Gleb tinha aprendido, no combate, a odiá-los, por ter vivido sem parar confrontado com a morte nos furacões e intempéries, nas noites de guerra que os incêndios tingiam de vermelho, nos dias envenenados pelo sangue e pelo fumo. E agora eles aí estavam, os lobos... de olhos apagados, as mandíbulas desdentadas.

Ouvia Tchibiss, trocista: bem falado... mas não com o vigor bastante... teria sido preciso zurzi-los com mais força.

Saiu do meio do grupo dos oficiais um homem de po-

mos salientes, todo envolto em farrapos. A cabeça tremia-lhe, cara desfigurada por tiques.

— Está aqui a falar em tom de gozo e crueldade... Pensa talvez que nos espanta... (sacudiu a cabeça) e nos ultrapassa nesse particular? Vocês não passam de uns meninos... e os meninos não têm pesadelos... O vosso veneno, pois sim! Mas há muito tempo que nós estamos envenenados... (sacudiu a cabeça)... E até de mais, a ponto de termos a garganta calejada... Os vossos golpes não nos fazem mal... Tenho dito.

Virou as costas com indolência.

A ousadia e o tom provocante do oficial fizeram Tchibiss sorrir.

— Tem razão. Mas faz mal em afectar essa valentia. Você sabe o mal que poderemos fazer-vos, não é verdade? Não podem acusar-nos de ligeireza de espírito nem de injustiça.

O homem desengonçado foi-se sem se voltar.

Os oficiais calavam-se, as caras cobriam-se-lhes de tons grisalhos.

Tchibiss olhou para o sol, centelhas luminosas a brilharem-lhe nos olhos. Levantou a mão e disse:

— Em nome dos trabalhadores... Abrimo-vos as portas... Dai as vossas forças à República dos Sovietes...

Não se ouviu mais nada. Aranzel, atropelos. Algazarra de insensatos. Olhos fora das órbitas, bocas escancaradas precipitavam-se para Tchibiss. Tchibiss gritava, Miekhova gritava, Serguei gritava. Gleb também gritava, mas não se lembrou, mais tarde, das palavras que gritou. Um soldado andrajoso, de ombros nus, soluçava deitado de barriga para baixo. Uma voz rouca estrangulada pela alegria soltava palavras.

Serguei tinha as pernas e os braços a tremerem. Afastou-se para se poder acalmar.

Os mastros oscilavam ao sol como ramos. Uma antena estendida de um mastro a outro vibrava como uma harpa. Os cabrestantes rodopiavam como um primaveril carrossel. O ar e o mar, esbraseados, freMIAM. Serguei acreditava na imortalidade, como acreditava que um bando de aves ia de repente florir no ar com as suas asas desdobradas.

Jidki falava com o capitão. O cachimbo tremia, inquieto, ao canto da boca do inglês, cujos olhos grandes se esverdeavam alarmados como os do mocho. Mas mantinha uma dignidade grave, à força de vontade. Saudou militarmente com um gesto rápido de autómato e foi para a ponte de comando num caminhar de camelo que lhe fazia dar ao rabo.

Jidki, risonho, seguiu-o com o olhar. E ao ver Serguei piscou-lhe o olho. As suas narinas de asiático eram mais largas que nunca.

3. A Bandeira Vermelha

A multidão sugou Gleb. Só havia multidão, Gleb desapareceu. Em frente de Gleb estava um cossaco, descalço, barba desgrenhada. Tinha nas mãos um farrapo de pano vermelho. Os soldados e os cossacos confundiam-se, todos vestidos com os farrapos mais pitorescos: casacos militares e nacionais, botas sujas, camisas de pano grosseiro. Havia uns que traziam fez turcos.

— Esta bandeira vermelha... Talvez para ti não passe de um farrapo, camarada, tu que estás habituado ao céu vermelho... Mas não olhes para isto com os teus olhos de todos os dias, olha com o teu coração... Falo-te com tudo o que possuo, esta bandeira, que é todo o nosso destino, todo o nosso sangue... Sou um verdadeiro cossaco, eu... E todos estes também são verdadeiros cossacos, guerreiros do Kuban e do Don... Todos seguimos o mesmo caminho de sofrimento... Não é verdade, rapazes? Não estou a falar verdade, meus amigos?

Um suspiro unânime agitou-os a todos.

— Cossacos... sim, é verdade... bem falado!

O cossaco amarrotou o farrapo vermelho e desdobrou-o outra vez diante de Gleb. Roto e esfiapado, o sol tornava-lhe nítidas as crostas e coágulos.

Gleb pegou no farrapo e amarfanhou-o na mão.

— Isto é uma camisa, não? A de um morto, se calhar? Por que está manchada de sangue?

— Claro... Sangue de cossacos... Voltamos com o sangue nosso.

Uma embriaguez sombria passou pelos olhos do cossaco.

— Em Gallipoli dissemos: “Que diabo, rapazes, vamos voltar!” E revoltámo-nos como um rebanho. A cabeça estava ele, Gubati, um bom cossaco. Apanharam-no, assim como a nós. Meteram-nos no matadouro e vergastaram-nos com varetas de espingarda, a nós e a ele. A nós até nos porrem o corpo em carne viva, a ele até aos ossos. Ele começou a apodrecer mas nós safámo-nos. E disse-nos: “Despi-me a camisa!”, e nós despimos. “Cortai-a...”, e nós cortámos... “Bem, que esta seja a vossa bandeira, até ao sangue, rapazes! É o meu sangue e o vosso. Eu estou a morrer. Pegai na

bandeira do meu sangue, será a vossa bandeira, será o vosso caminho da liberdade, o caminho para os nossos irmãos bolcheviques”, assim falou o cossaco Gubati, nosso atamã. E esta camisa é a nossa bandeira, até à morte. Guardei-a no meu peito, escondi-a na minha alma para que ninguém a visse...

Gleb tirou o boné e sem boné ficou igual aos outros.

— Bandeira pouco vulgar, na verdade... Bela bandeira. Será que ainda não esqueceste esses dias infernais? Ficarão para sempre nas nossas almas. Fomos nós quem desancou Denikine e Wrangel... Nós mesmos, com estas mãos... O nosso sangue queimou os nossos inimigos... Qual é a nossa bandeira? Ei-la, olhai para a fábrica... Está ainda fria... Fizemo-la sair do ponto morto, mas ainda está cega... Quem a trará à luz com o seu próprio sangue? Nós somos invencíveis, com mil demónios!

— Pois sim... Nós estamos prontos para o trabalho...

4. Uma Rapariga na Ponte

Estava na ponte uma rapariga a olhar para a cidade. De costas podia pensar-se que era uma adolescente. Tinha os cabelos negros lustrosos.

Serguei lembrou-se de a ter já visto no meio da multidão, ou antes, de lhe ter vislumbrado apenas os olhos. E agora, só pelos olhos, percebeu que era ela.

E, quando a encontrou na balaustrada da proa, aproximou-se dela, silencioso, e pôs-se a olhar com ela para a cidade. Há por vezes no silêncio minutos de uma inolvidável comunhão.

O campo de papoilas estava a fanar-se no cais. As papoilas não suportam o vento. O vento acaricia, brinca com as suas pétalas que têm medo dele e se desprendem sem dor e, moribundas, riem com ele. O cais começa a descolorir-se e a esvaziar-se. A cidade no sopé da montanha projecta para o mar o calor das suas pedras. E as suas ruas, de um azul cinza, sobem por entre ondas de verdura transparente para as montanhas, por entre as chaminés das fábricas, lançadas para o céu num jacto único, aéreo.

As verdes ondas do mar estão repletas de vida animal. Os incandescentes palácios e as montanhas recortadas parecem cair ao longe no abismo, em espessas torrentes de lava. As montanhas, a cidade e o mar estão frementes e escorrem como numa miragem para a desgraça e o fumo, por entre as escórias escaldantes do dia.

Estaria esta rapariga ali na ponte a senti-lo?

Serguei sentia-o e o seu olhar interrogava-a. Onde a tinha ele visto antes? Em parte nenhuma. Ou talvez em sonho.

Ela olhou-o furtiva mas acutilante. E como se estivesse a falar para si mesma, sem olhar para ele, disse:

— Cá está o que eu esperava. Como todos nós... Voltava e estava à espera disto. Pronto. Vivi todos estes momentos. Como vocês sabem torturar! Torturar e também transformar de alegria. Precisamente: as duas coisas ao mesmo tempo. Num só movimento, de um só golpe... Sois terríveis, vós os comunistas.

Serguei deu um passo para ela. Estendeu a mão por cima da precinta.

— Porquê? A verdade é mais simples e mais profunda. Nós somos os homens da acção implacável, e os nossos pensamentos, os nossos sentimentos são o que se chama a necessidade, a incontestável verdade histórica... Não somos mais do que homens simples e muito sinceros. E é por isso que vós nos odiais.

— Oh, não... Eu vejo uma fera terrível e vejo a grandeza da obra criadora, unidas... Porquê? Há entre vós tantos heróis e tantos malfetores, e também tantos canibais...

— Seja. Mas nós caminhamos em direcção dos séculos. Os malfetores que há em nós serão esquecidos, mas os criadores e os heróis serão sempre recordados. A imortalidade está no sofrimento e no sangue.

Calaram-se. A jovem olhava para as ondas. Depois disse docemente:

— Sofri demais. Aprendi a perdoar ao ponto de justificar.

— Nós também perdoamos. Você própria o sabe por experiência... Perdoamos da mesma maneira que combatemos, implacavelmente.

A confusão, o medo, a admiração vibravam-lhe no fundo dos olhos. Estendeu a mão para Serguei. Era uma mão pequena e trémula.

— Permita-me que o compreenda e que o ame. Não me vai recusar que continue em contacto consigo? Não me vai recusar isso?

Serguei afastou-se dela, outra vez frio e distante.

— Não posso ajudá-la em nada: só um trabalho persistente a pode ajudar. É preciso absorver para dentro de si novas correntes de energia, criar novas relações com o universo. Vai desembarcar e depois talvez nasça para uma vida nova...

Colou-se contra o parapeito, acabrunhada por aquelas palavras.

— Renascer é tão terrível como morrer.

Ele nada respondeu, virou-se e caminhou na direcção da multidão.

5. Tomada do Barco de Sua Majestade Britânica

À frente da multidão ia a radiosa Polina. Os marinheiros seguiam-na aos grupos, por sua vez seguidos pelos soldados e cossacos. Iam envoltos num grande rumor de passos, o calor era de estufa, o suor dava tonturas. Sufocava-se. A ponte estava como que incendiada, cheirava a queimado.

Não irá o Sol explodir em chamas e fumo? Algazarra de motim. Jidki e Gleb, projectados para cima da multidão por mãos entusiasmadas, caem na floresta de braços.

O capitão gritava qualquer coisa à frente de Tchibiss. Dançava-lhe na mão o cachimbo. Tchibiss, vestido de couro fulvo como metal, olhava impassível para o mar.

Os bolcheviques eram donos e senhores a bordo do navio de Sua Majestade Britânica. Esse rebanho de vagabundos piochosos e esfaimados era uma temível força capaz de fazer ir pelos ares em poucos segundos o barco e de absorver com a sua vontade a ordem inabalável. O barco não passava de um prisioneiro.

Polina saltou para cima de uma caixa. O lenço vermelho arrancado da cabeça fez explodir os seus caracóis dourados. Agitou os braços como um pássaro a levantar voo.

— Viva a revolução proletária mundial!

O jovem oficial gritava a plenos pulmões, batendo as palmas. O capitão tremelicava, puxando em vão do cachimbo apagado.

Tchibiss agitou o boné e dirigiu-se para o portaló.

— Camaradas! Segui-me!

A multidão calou-se de repente, virou-se para dentro de si própria, acaçapada, ansiosa. Mas o farrapo vermelho com manchas de sangue continuou a flutuar por cima das cabeças. A rapariga olhava para Serguei por entre um sorriso molhado de lágrimas. De frente para a multidão e os marinheiros, Gleb agitava o boné e Polina o lenço vermelho.

Barulhos estrondantes de ferro subiam do interior do navio. A ponte parecia incendiada.

XV. ESPUMA

1. A Vida Quotidiana

O Verão estava seco, o céu por cima da baía arruçado, o mar evaporava-se para além dos molhes em miragens cintilantes. Os veleiros, as faluas e os bancos de areia longínquos derretiam, ardiam em turbilhões. Ao longo da costa o mar era verde e transparente em ondulações azuladas, ondeantes reflexos de petróleo nacarado, flores de medusas, algas inchadas de sangue. Doces brisas cheirando a enxofre ou a vida marinha andavam no ar da cidade e nas encostas. Já não havia horizonte, céu e mar fundiam-se num único etéreo oceano. O calor subia em emanções de fumo acima das montanhas e planava nos desfiladeiros bem no seio dos maciços verdes das florestas inclinadas. Declives e encostas tinham reflexos de ferro e enxofre nas trevas cor de malva e já não se refractavam nas ondas. Durante todo o dia, em toda a baía ao longo da costa, multidões densas lançavam-se às ondas e estendiam-se por cima das rochas, por cima dos seixos e conchas.

As pedras e ferros da cidade, as calçadas e a terra das praças não se aguentavam de quentes que estavam. Abafava-se com este sol, com estas pedras aquecidas, os revêrberos dos passeios, dos muros e do ar encandeavam. À sombra, nas avenidas, uma brisa seca queimava a pele da cara, secava a garganta; as folhas das acácias exalavam o seu cheiro apodrecido. As ruas desertas fulgiam em longínquos resplendores. Parecia que os homens tinham fugido deste cadinho infernal, a vida como que se suspendeu. Só de onde aonde se viam passar sombras seminuas transportando pesadas pastas a abarrotar de papéis.

As elegantes montras dos armazéns eram um divertimento para o olhar, das portas dos cafés saía o murmúrio das vozes, misturadas ao ruído das peças a caírem nas mesas de jogo, à doce canção de violinos misteriosos e aos suspiros dos pianos.

A cantina popular, na Casa dos Sovietes, foi nestes dias que pela primeira vez se encheu do cheiro da sopa de carne com tomates e legumes frescos. Mas o cheiro rançoso das papas — a metralha, como se dizia — pairava ainda, insípido e enjoativo, pelas mesas, ao longo das paredes, na louça, envenenando o aroma da carne e das batatas fritas com cebola.

Todos os militantes responsáveis, todos os dirigentes da cidade se encontravam à hora do almoço na cantina da Ca-

sa dos Sovietes. As vozes misturavam-se aos vapores da refeição e ao tilintar de talheres e pratos. O sol flamejava nas janelas abertas, o ar embriagante azulava-se de pó e fumo de tabaco.

Badine sentava-se sempre com Schramm e o director da Saúde Pública, o gordo doutor Sukssine, sempre silencioso, sempre tímido e assustado, sempre a suar, distraído, um pouco surdo. Obeso, a barba sempre por fazer, o crânio coberto por uma escova de cabelos como crinas, o doutor fixava um olhar perdido nos olhos de Badine, sem nunca compreender o que dizia o presidente do Comité Executivo, o que diziam os interlocutores, mas estando sempre de acordo com toda a gente com uns “sim, sim” arrastados, puxados não da garganta mas do fundo do peito.

Era-lhe penoso falar porque tinha a língua desmesuradamente grande: não lhe cabia na boca e saía-lhe para fora como um molusco, quando falava. Sukssine não conseguia dominar as suas palavras. Empastelavam-se-lhe na boca, moviam-se no meio da saliva e da língua sofrendo da impotência de não poderem sair.

O comissário para o Abastecimento, Khapko, igualzinho a um pequeno camponês rico, rechonchudo, ágil como um pardal, olhar atento e agudo, sentava-se frequentemente ao pé deles. Demorava a comer, muito mais do que qualquer outro, por falta de tempo — vigiando tudo, severo e desconfiado, reparando na maneira de comer de cada um, saindo às vezes da mesa para se precipitar para a cozinha onde ia ter com as mulheres que lavavam a loiça, ou saltava para a mesa de quem estava a sair e deixava os lugares sujos, ou para onde estavam as raparigas a atirarem bolinhas de pão aos namorados.

Tinha uma voz aflautada, que rangia como uma lâmina de faca na mó de afiar.

Irrompia pela cozinha:

— Então! Onde está o chefe? Por que é que as doses são tão pequenas? Estão a roubar, crápulas! Eu dou-vos o arroz, eu... Amanhã chamo a Inspecção Operária...

Ou então na sala, junto às mesas:

— Mas que é isto, camaradas! Vocês pensam que é preciso um Comité de Abastecimento para andarem a estragar o pão, a deitá-lo por cima e por baixo das mesas? Isto não é um café-concerto, minhas meninas, nem há salas reservadas...

Bastava ele chegar para toda a sala rebentar em discussões.

Os três homens nunca vinham para a ceia, reuniam-se nos apartamentos de Schramm sem que nunca se soubesse muito bem o que eles lá faziam. Mas as mulheres da limpeza da Casa dos Sovietes descobriam por debaixo da mesa garrafas vazias, peles de chouriço e latas de conservas vazias. O quarto tresandava a pontas de cigarros e a azedo.

Foi então que um georgiano, grande nariz recurvo e o branco dos olhos vermelho, se pôs durante várias noites a montar guarda à porta de Schramm. Chamava-se Tsekhladze.

Tinha sido um guerrilheiro vermelho, resistente valeroso durante dois anos; era agora um pequeno empregado perdido no meio do pessoal do Comité de Abastecimento. Descalço, vestido com uma velha blusa do tempo da guerrilha, postava-se, paciente e silencioso, horas inteiras diante desta porta a olhar teimosamente, olhar feroz, pela fenda da porta, horas e horas a escutar as vozes que vinham lá de dentro. Quando ouvia passos, Tsekhladze dava meia volta aos ombros arredondados e afastava-se.

E quando um dos três homens, olhos derretidos, saía para ir à casa de banho, Tsekhladze lançava pela porta entreaberta uma olhadela lá para dentro, e as suas pupilas esfaimadas decifravam os segredos do confortável alojamento de Schramm. Ele não se fazia notar, as pessoas passavam perto dele sem desconfiarem das razões por que esse georgiano, de fortes omoplatas, todas as noites se postava ali. E que haveria então Tsekhladze de se distinguir de todos os outros que por ali se atropelavam?

Foi Khapko quem o surpreendeu junto à porta.

Tsekhladze não tinha tido tempo de se escapar (Khapko era lesto como um pardal). Deu de caras com o comissário para o Abastecimento, que bradou, em tom inquisitivo:

— Alto aí! Que vieste cheirar aqui? Canalha!

Tsekhladze ficou todo vermelho e estacou, de olhos arregalados, maldosos, desorbitados.

— *Que alto? Qué que queres? Qué que tu fazes ali? Que linda política...* diz lá, han, *faxavor!*

Khapko fincou-se-lhe à blusa, lesto e decidido. Tsekhladze, atrapalhado pelas suas calças largas, deu meia volta brusca e foi bater de peito e cabeça contra a parede.

— Aqui tens! Isto já não é o czarismo, meu sacana! Isso

já acabou! Por essas manigâncias, amanhã vais ver como corro contigo do partido, filho de uma cadela!

Tsekhladze, colado à parede, de braços estendidos, aturdido, furioso e desamparado, olhava para Khapko, a arfar roucamente.

Badine saiu do quarto e, pesado, de mãos nos bolsos, aproximou-se:

— Que se passa?

— Um filho de uma cadela de um bufo! É que agora há um Poder dos Sovietes, porco sujo, para não andares para aqui a espiar os nossos militantes responsáveis, que não dormem de noite... Tira-lhe o cartão do partido, presidente, e dá-lhe um murro no focinho.

Badine fitava Tsekhladze, cheias de noite as suas negras órbitas.

— Conheço-te muito bem, Tsekhladze. Khapko está a mentir. Bebeu. Já não sabe o que diz.

Khapko soltou um grito de pássaro no meio da sua estupefacção, engasgou-se e deu uma palmada na cabeça.

— Que dizes para aí, presidente? Estás maluco ou quê?

— Fala, Tsekhladze. Já sei o que tens a dizer-me. Di-lo com franqueza, honesta, firmemente.

Os lábios de Tsekhladze puseram-se a tremer, uma dolorosa tensão interior molhava-lhe a cara de suor. Articulou no seu original modo de falar com sotaque georgiano:

— Sim, andava em cima de vós e a escutar-vos, sim! Prá ver que política operária é essa que fazeis... Tu que que fazes? Tu porque qu'andas sempre com os canalhas? Sabes o que se passa com o operário? Que sabes tu disso? Sabes o que é o sangue? A miséria? Por que não tens vergonha nessa cara? Ah, meu camarada!

Badine continuava imóvel como um ídolo diante de Tsekhladze, atento e severo. Khapko ria um riso de pássaro, ébrio e sibilante. Badine pôs a mão no ombro de Tsekhladze e disse:

— Vai para casa, camarada Tsekhladze, amanhã recibes uma guia para ires para uma Casa de Saúde. Precisas de te recompor. Bem vês o que se passa: os meus actos nada têm de secreto e tu não tens necessidade nenhuma de andares a vigiar os camaradas. Neste ponto os nossos serviços estão perfeitamente organizados e a tua improvisada iniciativa é supérflua de todo. Anda, vai!

Deu meia volta e entrou no quarto de Schramm. Khapko observou mais uma vez dos pés à cabeça, severamente,

como um senhor, o georgiano. Depois, imitando Badine, enterrou as mãos nos bolsos do casaco, o que o fez parecer ainda mais pequeno e mais redondo.

— Não faz mal, meu amiguinho, eu já te apanho não tarda nada.

Derreado, acabrunhado, Tsekhladze foi-se pelo corredor, hesitante no caminhar como um doente, embarrando contra as paredes.

Parou à porta de Jidki. Não viu se ele próprio é que abriu a porta ou se ela já estava aberta antes de ele se sentir a ser puxado por um braço para dentro do quarto. Parou à entrada e viu a lâmpada que estava em cima da mesa apagar-se numa grande sombra confusa. A sombra desapareceu e a lâmpada acendeu-se de novo, iluminando a vida sórdida de um quarto de hotel de paredes manchadas de bolor e humidade.

— Anda cá, senta-te aqui um bocado. Conta lá o que te aconteceu. Que se trama por aquelas bandas?

Jidki voltou a pegar no braço do georgiano, puxou-o para a mesa, sentou-o num banco ficando de pé à frente dele, ligeiramente espantado, narinas brancas, os sobrolhos repuxados por um sorriso trocista. Tsekhladze lançou-lhe um olhar cheio de súplica e maldade. Deu um violento murro nos joelhos, levantou-se e olhou com fixidez, por entre as lágrimas, para Jidki; depois voltou a sentar-se, acabrunhado por um furioso desespero.

— Camarada Jidki... (o sotaque georgiano, sempre) era preciso fuzilar... fuzilar... camarada Jidki... A mim... a ti... És capaz de me dizer para onde caminhamos? Diz-me o que devemos fazer em prol do operário! Dei o meu sangue, tenho dez ferimentos... e o meu sangue, onde está? Onde está a fome? Onde está a ruína, onde está o partido, camarada Jidki? Não posso viver no meio de tanta sordidez e de tanta sacanice... Não aguento mais isso.

Jidki de súbito perturbado, o rosto afilado, olhos um pouco cansados pela força das coisas que lhe passavam pela cabeça, postou-se em silêncio diante de Tsekhladze. Por duas ou três vezes coçou a nuca. Acabou por se aproximar de Tsekhladze e pôs-lhe a mão no ombro: quis acalmá-lo sem palavra, afectuosamente, mas não soube como fazer. E esse sentimento nele invulgar — uma ternura — trouxe-lhe aos lábios um riso atrapalhado.

— És engraçado, Tsekhladze! Por que é que estás a chorar por parvoíces? Pró diabo que os carregue! Faz o teu trabalho e fica sabendo que tu tens mais valor para a República que eles todos juntos. Escarra-lhes em cima, e se não pu-

deres sozinho haver-te com eles, dirige-te ao...
ça com isso...

De novo Tsekhladze lhe lançou um olhar suplicante e desesperado, fez um gesto vago com a mão e deixou pendurar a cabeça.

Agora Jidki andava pelo quarto sem olhar para o georgiano. Reflectia e roía as unhas, ora de uma mão, ora da outra.

— Trata-se de outra coisa, Tsekhladze, e não do que tu pensas. Aquilo em que estás a pensar é demasiado mesquinho... É que estamos no meio de um terrível turbilhão! Estamos a caminhar para sofrimentos ainda mais pavorosos que a guerra civil, a ruína, a fome, o bloqueio. Estamos em presença de um inimigo disfarçado que não se vai pôr aos tiros a nós, mas fazer à nossa frente todo um estendal de seduções, todo o fascínio dos negociozinhos capitalistas. Todo o sistema económico está nas nossas mãos. É muito. Mas o pequeno-burguês está a sair, rastejando, do seu buraco. Começa a engordar, a reincarnar-se de várias maneiras. Está já a infiltrar-se nas nossas fileiras, barricando-se com frases revolucionárias, com atributos do heroísmo bolchevique. Bazares, cafés, vitrinas, bons petiscos, conforto, álcool... Depois da guerra, as pessoas perdem as estribeiras. Pânicos, lassitudes, revoltas... E não se trata de cansaço, não: é um são protesto revolucionário que emana de um instinto de classe muito desenvolvido, de um romantismo de combate. Mas é precisamente aí que bate o ponto: os velhos métodos de combate não são os melhores. O inimigo é vil, manhoso, imperceptível. Devemos forjar armas novas para uma estratégia também nova. A indignação e a revolta já não bastam: só já são histeria e reacção. É preciso refazer-nos a fundo, retempermo-nos, voltarmos a forjar dentro de nós o bolchevique com vista a um longo estado de sítio. O romantismo do furacão das frentes morreu. Já não é necessário mais romantismo: o que precisamos agora é de homens de negócios tranquilos, frios e hábeis, trabalhadores obstinados de dentes fortes, força de boi e nervos sólidos. É preciso ser-se bolchevique até ao fim, Tsekhladze. Acalma-te, camarada, e pensemos juntos nas coisas que exigem a participação do nosso cérebro...

Tsekhladze, testa estreita, olhava-o com os seus grandes olhos, escutava-o, em extrema tensão, molhado e amachucado. Quis compreender e absorver as palavras de Jidki, moê-las, assimilá-las no sangue.

Agarrou-se desesperado aos cabelos e abanou a cabeça.

— Não compreendo nada, nada... Que estás para aí

a uizêr? A minha alma é singela, e as minhas palavras também... Diz-me lá: por que me enches a cabeça de palavras? Que me respondes a isto? Sofri, não é verdade? Fui um guerrilheiro vermelho, não é verdade? Derrotei os brancos, não é verdade também? E tenho sangue e palavras de operário, é ou não é? Mas onde está o meu sangue, han? Os cães comeram-no... ou será que não é verdade o que digo? O homem transformou-se num bandalho... Compreendes? Já não há mais nada... Está tudo lixado.

Levantou-se e saiu, rápido.

Jidki ficou durante muito tempo a ouvir os passos de Tsekhladze que se afastavam e pôs-se a andar pelo quarto roendo as unhas, ora de uma mão, ora da outra.

...Não conseguia encontrar uma explicação. E no entanto o que se passara parecia-se com o que se passava dantes. Dantes também acontecia que chegassem ali camaradas do Gabinete Regional do Comité Central, de surpresa, e se lançassem numa severa crítica da actividade do Comité do Partido. Era natural e necessário. Invariavelmente, como dantes, os militantes responsáveis rodeavam de um silêncio concentrado e de uma vigilância respeitosa o frio e oficial camarada do Centro Regional, e como dantes o ritual da sessão começava por estas palavras desprovidas de alma:

— Caros camaradas!

Mas o que recentemente se passara, sob a forma banal de conveniência de trabalho, tinha sido imprevisível e doloroso.

Tratava-se da famigerada questão das requisições... Já nem se falava mais disso. Em cada reunião na presença de um intelectual louro vindo do Centro Regional, rebentavam discussões entre Jidki, Lukhava e Badine. O camarada louro lançara-se numa crítica implacável à actividade do Comité do Partido. Falava da Comissão de Controlo... Fizeram alusão à despromoção de certos militantes.

Seria aquilo uma disputa de homens para homens ou uma luta de forças diferentes? O camarada do Comité Regional tinha, como todos, falado de conflitos. Era tão simples. E estava-se pelos cantos à espera do desfecho desta luta. Eram espalhados boatos. As pessoas dividiam-se em campos inimigos.

Sair-se derrotado desta luta e sentir-se que se tinha razão, seria penoso demais; não era admissível, porque seria o fim. Quem cedesse seria esmagado. Era necessário lutar sem quartel, incansável, tenazmente, tendo em vista uma única finalidade, e lutar com todas as armas, numa luta em que se aproveitasse de todos os erros e fraquezas do adversário.

Badine defendia-se bem: ajudado pelo aparelho burocrático, a experiência administrativa e o seu próprio faro. Era por outro lado que ele tinha de ser apanhado. Não se pode ser sempre forte apoiando-se nas massas. As massas humanas são uma faca de dois gumes: pode-se ser o chefe delas, assim como se pode ser sua vítima, o seu escravo, o demagogo. Ele, Jidki, estava perto das massas, e Badine estava acima delas, separado delas. E no entanto o camarada do Gabinete Regional do CC dava Badine como exemplo a Jidki. Nunca mais poderia esquecer estas palavras:

— Você é um membro do partido ainda relativamente jovem. Ainda não tem a necessária contenção, a nítida compreensão do momento, uma maneira ponderada de abordar as coisas, e é por isso que cai em exageros abusivos. O camarada Badine tem uma experiência muito grande do trabalho do partido e dos soviets, e você podia aprender muito com ele: por que é que não foi capaz de concertar as suas acções, de analisar com justeza a situação objectiva? Por que forçou os acontecimentos que deveriam ter assumido outras formas e desenvolver-se noutro sentido? Digo-lhe tudo isto porque, apesar de tudo, o Bureau do CC o acha um militante capaz e sabe da sua dedicação ao partido...

“Apesar de tudo”. Esse intelectual loiraço estava de facto a comprometer-se demais ao assumir em nome do partido esse papel de mentor. Na verdade, todos aqueles passares que chegavam de visita eram muito menos importantes e terríveis do que se pensava na província.

Mas uma coisa era clara: acabara o romantismo... Estava morto, era coisa do passado. A triunfal acção revolucionária pertencia doravante à história, tinham emudecido os hinos antigos que abalavam o mundo. A acção já não se concretizava em proezas. A partir de agora era preciso saber absorver outras energias, a fim de ser possível fazer dos mais insignificantes factos armas seguras e dóceis da luta quotidiana.

Jidki sabia o que se passava no quarto de Schramm, por que é que esse quarto estava cheio de tapetes e sofás de couro; sabia que Schramm não tinha visto as patifarias do Serviço Florestal, sabia o que se passava mas calava-se para não desorganizar o trabalho do partido. Ficou à espera do momento oportuno para assestar um golpe rápido e seguro. Nada de romantismo: o romantismo pertencia ao dia de ontem. O dia de hoje exige o cálculo impassível.

Por que não pôr hoje mesmo às escâncaras toda a lama das mesquinhas existências que para lá das portas de Schramm se escondiam? Por que não desenterrar todas as

senhas de chouriço, de presunto, de conservas e as senhas de álcool apresentadas ao Serviço de Saúde? Por que não deitar as mãos à garganta de Schramm e derrubar, com o mesmo golpe, o próprio... Saiu para o corredor sempre a roer as unhas e dirigiu-se, embrenhado na profundidade nocturna, para o pálido reflexo projectado na parede pela porta aberta do quarto de Tchibiss.

2. Transição Difícil

Gleb conseguiu que fosse posta na ordem do dia de uma reunião da Conferência Económica um relatório sobre a necessidade de pôr em laboração, pelo menos parcial, a fábrica. Os seus armazéns estavam vazios. Mas havia aduelas para 100 000 barricas. Podia começar-se imediatamente a remoer a massa e a cozer o cimento num dos fornos. Milhares de metros cúbicos de pedra estavam prontos a ser tirados das pedreiras. Só faltava pôr em funcionamento outra linha do funicular, continuando a que funcionava agora a servir para o transporte da madeira.

O próprio Gleb apresentou o relatório, assistido pelo engenheiro Kleist na qualidade de perito. Schramm fez em tom frio confusas objecções. Falou de novo num plano de produção, de um aparelho sólido, do Gabinete da Indústria, da Direcção Geral do Cimento. Badine estava sentado na sua pose habitual, apoiado na mesa, silencioso, olhando Gleb por baixo, e também Schramm e o engenheiro Kleist, sem que se pudesse adivinhar qual a sua posição no assunto. Jidki e Lukhava pronunciaram-se em termos frios e decididos a favor do relatório e propuseram uma resolução concebida nestes termos: "Abordar imediatamente, sem discussão, os trabalhos preparatórios com vista à retomada da produção".

Badine refastelou-se na poltrona e pela primeira vez dirigiu a Gleb um olhar amistoso.

— Não há outra proposta. A resolução do camarada Lukhava não precisa de ser votada: alguma objecção?

Schramm, na sua sobre-humana tensão de figura de cera, roncou com voz de ventríloquo:

— Oponho-me categórica e inflexivelmente.

— A resolução está aprovada e o camarada Schramm não se opõe quanto à questão de fundo.

Badine nem olhou para Schramm, falando em tom frio e preocupado:

— Com a nova política económica, as forças produti-

vas renascem e crescem. A retomada de actividade da fábrica tornou-se numa questão actual. Estamos a lançar-nos numa obra económica que requer todas as nossas forças. A produção da fábrica dará, mesmo tendo em conta o baixo rendimento do trabalho, a possibilidade de satisfazer as necessidades das grandes cidades e das regiões industriais. Está decidida a questão, que apenas exige um minucioso estudo. Mas o camarada Tchibiss tem algo a dizer.

Tchibiss, de olhos semicerrados, olhava para Schramm do seu canto sombrio, por trás da mesa, e parecia acabrunhado de aborrecimento e sonolência.

— É isso. Eu digo também que Schramm não faz objecções. Aliás não pode fazê-las e se vos parecer que ele as faz não acrediteis nos vossos ouvidos. Schramm já não existe: Schramm é um anacronismo.

E Tchibiss regressou ao seu aborrecimento e fadiga cega.

Gleb viu que o rosto de mulher de Schramm, de olhos de súbito cheios de bruma e terror, estremecia e envelhecia molemente.

Lukhava abriu nervosamente caminho até à mesa e propôs com voz ardente:

— Delegai no camarada Tchumalov a tarefa de ir ao Gabinete da Indústria obter a pronta aplicação das decisões da Conferência Económica e o abastecimento reforçado da fábrica.

Gleb aproximou-se do engenheiro Kleist, pegou-lhe no braço e pôs-se a rir.

— Este é o tiro de partida, tão certo como dois e dois serem quatro... O que eles vão ouvir no Gabinete da Indústria! Vamos, camarada técnico. E sabem vocês, camaradas, que o nosso técnico vale quanto pesa? É um dos mais notáveis especialistas da República Socialista dos Sovietes. Temos de apreciar o que temos!

No dia seguinte Gleb partiu prometendo estar de volta dentro de uma semana.

Na fábrica trabalhava-se na reparação das instalações, das vias férreas, das máquinas e dos mecanismos dos diversos serviços. De manhã até às quatro horas, o ar quentíssimo entre a montanha e a fábrica, o ar onde vibravam miragens, carregado de poeira e verdura, ressoava com o barulho dos metais, o roncar das torres e das vagonetas, e a vibração das cordas baixas dentro das janelas da oficina electromecânica.

O Bremsberg afectado para o transporte da madeira não interrompia a sua actividade, dia após dia envolto no

fragor das vagonetas e no doce silvo dos cabos nas roldanas. Fragorosos vagões rolavam nos cais, as locomotivas apitavam, ouvia-se o barulho das achas a caírem nos grandes cestos. Barcos sombrios e solitários esperavam, por razões desconhecidas, no azul cintilante da baía.

Dacha desaparecia para a Secção Feminina, para reuniões, missões fora da zona. Lisaveta reunia todas as semanas as mulheres na sala de espectáculos do Clube, onde um barulhento galreio que saía das janelas abertas perturbava até à meia-noite o silêncio dos desfiladeiros das montanhas e das pensativas alvoradas.

E no caminho de regresso a casa, no escuro da noite, elas continuavam a erguer a voz, com gritos que muito se assemelhavam aos seus antigos gritos das discussões por causa das galinhas, dos ovos, por questões domésticas.

— Lisaveta está errada... Digo-te que ela não tem razão.

— Que estás para aí a dizer? Lisaveta tem razão. Nós, as mulheres, somos todas umas parvas.

— Se todas são parvas, eu não o quero ser... Olha, vou cortar o cabelo... As tranças das mulheres, camaradinhas, são como um jugo: servem para o homem se agarrar, são uma desgraça para nós.

— Nada disso... Espera que ganhemos força. Organizadas, logo diremos aos homens como é. Toma o exemplo de Dacha.

— Claro! Olhem só no que se tornam os rapazes e as raparigas: *komsomois* *. Dantes tínhamos medo das pessoas e do pecado, agora há o *komsomol*...

Elas tinham formado, graças à célula comunista e ao Clube, dois grupos de “liquidação do analfabetismo” e, quando os trabalhos começaram, só havia mulheres nas carteiras. O discurso de Dacha foi-lhes direito ao coração:

— Ficai sabendo, mulheres, que mostrastes aos homens o que valeis, destes provas, com a vossa energia, da vossa consciência de proletárias...

As mulheres aplaudiam, batiam palmas, e a sua alegria jovem dava a impressão de pássaros em festa.

Todos os dias, à noite e de manhã, Dacha ia ao Lar da Criança “Krupskaia”, dar um beijo a Niurka. De dia para dia ela assistia ao definhamento da menina que se ia apagando como uma vela gasta. A criança era só pele e osso, tinha

a carita amarelada, amarrotada como a duma velha. Niurka olhava para a mãe com os seus olhitos negros, insondáveis, afogados em tristeza, e Dacha sentia que esses olhos se tinham encolhido, afastado do céu e do sol, como se tivessem visto algo de imenso e inexprimível. Agora Niurka cada vez era mais calada, de rosto e olhar pensativos, indiferente mesmo quando Dacha a deixava.

E pela primeira vez nesse ano Dacha, sofrendo de modo indizível, calava profundamente o sofrimento dentro dela. Ninguém se dava conta disso, a não ser a camarada Miekhova que levantando um dia os olhos para ela, a observou com uma inquieta atenção.

— Que tens tu, Dacha? Há qualquer coisa que não está bem.

— Vês mais do que há para ver, camarada Miekhova.

Polina calou-se, examinando fixamente Dacha com os seus fatigados olhos de longas pestanas. E algo, nos olhos da amiga, lembrava a Dacha o olhar afogado em tristeza de Niurka.

— Não sabia, Dacha, que eras capaz de fingir e mentir.

— Pois sim, camarada Miekhova, tens razão, tenho qualquer coisa. Mas por que queres saber o que é? Isso não diz respeito a ninguém.

— Justamente, Dacha, nós estamos fortemente organizados, muito ligados entre nós, mas continuamos terrivelmente alheios uns aos outros no que respeita às nossas vidas, indiferentes à maneira como vive e respira cada um de nós. E é precisamente isso o que há de mais terrível. Mas tu não gostas de falar nisso...

Niurka ia derretendo como uma vela a arder, Niurka, a sua única amada filha. E ninguém podia dizer por que é que ela assim ia fenecendo. Para que serviam os médicos se não eram capazes de dizer uma palavra clara, se não podiam arrancar da criança o mal que a roía? Não, era verdade que os médicos nada podiam, Dacha sabia melhor que eles por que se ia apagando a menina, como uma estrela que pela madrugada empalidece. É que a criança não vive só do leite materno. A criança murcha, mirra-se, se lhe é recusado o calor da mãe, se a mãe não a aquece com o seu sangue, não lhe perfuma a caminha com o seu odor e a sua alma.

E a única culpada era Dacha, e dessa culpabilidade nunca ela se remiria. Não provinha da sua vontade, mas de fora, da vida, da força ao poder da qual ela própria se achava subjugada e que não podia designar com a palavra adequada. Esta força negava a morte, e foi ela que des-

* Abreviatura corrente de “jovens comunistas”. (N. do T.)

pertou Dacha para a vida, luta e sofrimento.

Mas Niurka fenecia, desvanecia-se como uma fagulha. Niurka tinha sido, já não seria mais. Os seus pezinhos tinham dado pontapés nos braços da mãe, no seu seio; depois a garotinha tinha-se arrastado pelo chão, aprendendo a andar, no alegre galreio das primeiras palavras. Já andava, já brincava. Cresceu. E quando a morte rangeu os dentes aos ouvidos de Dacha ela não esqueceu a criança. Quando o sofrimento se tornou insuportável, o único fio que a unia à vida era Niurka. Não podia sacrificar a filha e estava prestes a trair a causa. A mãe, nela, era mais forte que a revolucionária, e só a morte de Fimka lhe esmoreceu a alma e apagou a imagem da filha.

Dacha via agora Niurka viva, com uma cara enrugada de velha e olhos insondáveis, entristecidos pela morte, e sentia que, como dantes, não conseguiria passar por cima da filha. Niurka era o sacrifício da sua vida e era um intolérável sacrifício.

Foi esta a conversa que tiveram as duas numa manhãzinha.

— Niurka, minha menininha, tu sofres, não é?

Niurka abanou a cabeça: não.

— Que queres tu? Diz-me.

— Não preciso de nada.

— Se calhar queres ver o papá?

— Quero uvas, mãezinha.

— Ainda é muito cedo, minha pomba, as uvas ainda não estão maduras.

— Quero ficar contigo, para nunca mais te ires embora e para ficar ao pé de ti... e uvas... ao pé de ti e uvas...

A criança estava nos joelhos de Dacha, aconchegada e quietinha, fundida no calor materno.

E quando Dacha a voltou a pôr na caminha, Niurka fitou nela por muito tempo os olhos profundos, concentrados em si mesmos e disse só, como resposta a um olhar silencioso e molhado de Dacha:

— Mãezinha! Mãezinha!

— O quê, minha querida?

— Nada... mãezinha... Não te vás, mãezinha...

Dacha saiu do Lar da Criança e não desceu como de costume a calçada para ir à Secção Feminina mas lançou-se por entre as moitas e, num canto afastado, silencioso, perfumado de terra e verdura, em que o sol se infiltrava numa chuva de pequeninas manchas de luz, estendeu-se na terra e chorou por muito tempo. Os seus dedos escarvavam o chão.

Uma noite, na ausência de Gleb, Badine foi a casa utra de automóvel. O roncar do motor por detrás da janela fê-la sair do quarto. Chocaram no patamar. Badine quis abraçá-la, mas ela afastou-o com severidade.

— Isso nunca mais acontecerá, camarada Badine.

Badine encolheu-se, de mãos caídas, de repente pesado e débil.

— Estava à espera de ser mais bem recebido.

— Vai-te já embora, camarada Badine, senão ponho a questão da tua conduta na comissão do partido.

Voltou para o quarto e trancou a porta.

3. Pesadelo

Polina, ao ir de manhã para a Secção Feminina, ou voltando para casa depois das quatro horas, passava pelas ruas apressada.

As pessoas vinham de encontro a ela, seguiam a seu lado, iam atrás dela, apanhavam-na, eram reflectidas nos seus olhos, em sombras deslavadas, mas ela não via as caras, só via pés calçados de botas, sapatos ou descalços; via calças, saias, meias das mulheres, mil pés a moverem-se, incansáveis e poeirentos. Não olhava à sua volta, de olhos pregados no chão. Não era capaz de levantar a cabeça e olhar com calma e firmeza as montras, as portas abertas, as pessoas que tinham um ar tão diferente do de antes. As mulheres não eram também as mesmas da Primavera que tinha passado: as suas roupas tinham florido, usavam chapéus às flores, cambraias transparentes, saltos altos à moda. Os homens também eram diferentes: peitinhos e gravatas, sapatos de cabedal fino. Divisavam-se, através das portas abertas dos cafés, chusmas de pessoas como fantasmas banhados no fumo azul do tabaco; murmúrio de vozes, retinir de louça, o barulho seco das peças nas mesas de jogo, tudo isso emanava lá de dentro; e os acordes quase inaudíveis dos violinos chegavam das profundezas das salas em que vogava um fumo de tabaco.

Donde vinham essas coisas? Por que tinham elas chegado tão depressa, com tão cevada arrogância? Por que tinham passado por ela infligindo-lhe esta mordente tristeza e esta turvação nas ideias?

Era como se perdida num país estrangeiro, lá tivesse deixado algo de precioso, algo de insubstituível, à falta do qual a vida não mais seria possível. Vivia um sentimento de vergonha, de desonra, e um medo inconsciente. Temia que

um operário, ou alguém de entre aqueles que a fome carcomia e ela a cada passo encontrava, se chegasse ao pé dela e lhe berrasse na cara:

— Então! Aí está o ponto a que chegastes! Era isto o que querieis? Abaixo os patifes e mentirosos!

E vivia na alucinação desse constante pavor.

Um dia, em princípios de Agosto, ela viu aparecer no cais, por cima do pó de carvão do desembarcadouro, uma multidão numerosa e esfarrapada. Homens, mulheres, crianças. Recém-nascidos gritavam, sufocavam no meio do choro, voltavam a berrar esganiçadamente. Alguém gemia surdamente. As mulheres catavam os piolhos umas às outras. Os homens despiolhavam as camisas e as dobras das calças. Todas as caras estavam opadas.

Transeuntes, embora atarefados, paravam, curiosos, com um espanto severo, farejando o ar:

— Que é isto? Refugiados?

Vozes ralhadas subiam daquele monte de seres fedorentos, poeirentos, sórdidos:

— Ai que desgraça! Por que mal dos nossos pecados Deus nos trouxe para aqui para sofrer? Somos do Volga... Das terras da fome...

Até ao Comité do Partido Polina ouviu esta voz rouca e tremente, terrivelmente dolorosa, perdida num estertor, essa voz de carnes fedorentas misturada aos lamentosos gritos de um recém-nascido.

— Ai que desgraça!

A partir de então todos os dias eram vistos a deambular pelas ruas da cidade, isoladas ou em famílias inteiras, essas pessoas famintas de caras inchadas, calçadas com solipas, que arrastavam crianças pela mão, levavam crianças nos braços, e debitavam aos soluços, com voz fraca:

— Irmãozinhos, tende piedade dos famintos...

As noites de Polina eram assombradas por pesadelos. De noite continuava a ouvir o que ouvia clara, tenaz, dolorosamente de dia: violinos a vibrarem, sedutores e longínquos, peças de jogo a rolar por cima das mesas e também as queixas lamentosas e sombrias, na rua, por baixo das janelas do café:

— Tende piedade... irmãozinhos... Ai que desgraça!

Polina saltava da cama, precipitava-se, descalça, para a janela e aí se encostava, o coração a bater, a dor a martelar-lhe a testa, olhando a noite. Silêncio, trevas vazias, deserto. Escutava por momentos antes de voltar para a cama abafada. Adormecia. E outra vez era acordada por estra-

nhas, perturbantes pancadas. Voltava a ouvir os violinos distantes, as peças a rolar por cima das mesas de jogo, os risos e a queixa cansada dos mendigos sobrepondo-se ao grito agudo das crianças de peito.

E foi numa dessas quentes noites de insónia que o que ela esperava havia muito, o inevitável, aconteceu.

Algures no corredor uma porta se abriu, largando uma lufada de vozes e risos. Vozes que rolaram pelo corredor e se perderam ao longe, em réplicas confusas.

De súbito a porta abriu-se e vozes e passos embrenharam-se no silêncio nocturno. Cantantes gotículas tombavam algures na noite, fantasmáticos violinos tocavam docemente nas trevas. Polina compreendeu que, na realidade, se tratava da morna vibração dos fios telefónicos por trás da janela.

— Irmãos... tende piedade... Ai que desgraça!

Não havia meio de dormir.

...O canto das massas operárias, as multidões em torrente, em turbilhão, rostos ardentes, bandeiras vermelhas, a guarda vermelha, eriçada de ardentes baionetas... Lénine na Praça Vermelha.. Brilham-lhe os dentes, o queixo estica-se-lhe, a mão de dedos abertos é lançada ao ar num gesto de apelo, as faces e pomos enrugam-se por debaixo do gorro de peles. Parece rir. Nada mais ficou na memória senão esta mão que apela, o brilho dos dentes brancos, as faces franzidas do tribuno. Há quanto tempo isso foi! Não teria sido um sonho? Pareciam imagens da infância. O vento noroeste levanta a poeira das ruas, cinza e pó... Por que não havia pó dantes, quanto agora se abafa sob a cinza nestes dias e noites escaldantes?

O mesmo silêncio reinava no quarto de Serguei, só quebrado pelo folhear dos papéis. Por vezes soavam, docemente, pensativos passos. O bom do Serguei também nunca dormia. Media as insónias pelo número de páginas lidas.

Bateram discretamente à porta, sem que Polina soubesse a qual.

— Quem é?

Foi a voz de Badine, uma voz que revelava que ele sorria.

— Polina, estás a dormir? Veste-te e vem cá por um momento, temos que fazer.

— Não posso, Badine. Até amanhã.

— Tem de ser, Polina, levanta-te e vem.

O trinco mexeu, a porta abriu-se. Uma turva claridade caiu no vazio do corredor. Como era possível? Como se ti-

nha ela esquecido, nessa noite, de fechar a porta? Badine surgiu-lhe, numa fracção de segundo, metade branco, metade negro.

— Vá, é melhor assim! Não és mesmo nada complacente.

Fechou a porta e deu a volta à chave. As paredes de novo se sumiram nas insondáveis trevas. E o homem, que fatalmente chegaria, chegou de facto com as trevas, ele próprio feito de trevas, maciço, pesado, intolerável.

Ela sufocava, as mãos estendidas de medo, murmurando sem compreender porquê.

— Que queres, Badine?

Mas nem tempo teve de baixar as mãos: o peso do homem abatia-se sobre ela e esmagava-a contra as travesseiras.

— Cala-te, Polina... cala-te, cala-te...

Não resistiu, esmagada pelas trevas, não pôde resistir. E por que resistiria ela? Não estaria ela perante o inevitável, o inelutável?

As insondáveis trevas giravam em turbilhão à volta dela, gementes, repassadas de centelhas. Algures ao longe uma multidão clamava, por sob enormes estrondos de trovada. Sim, era o vento de noroeste. Não era nem chuva nem trovões, era só o vento noroeste. O céu estava agora seco e transparente, semeado de estrelas cintilantes e nítidas, resplandecentes punhados de arco-íris.

Foi verdade que Badine veio aqui? Ou não teria vindo? Talvez não passasse tudo do habitual pesadelo? Os pesadelos são sempre tão pungentes como a realidade. Não é por isso que são tão pavorosos, tão perturbadores? Teria ele vindo aqui? Ou não teria vindo?

Jazia na cama, nua, esmagada. A camisa molhada e puxada acima dos seios cheirava a suor e a um outro odor nauseabundo que a jovem ainda não conhecia. Durante muito tempo ficou sem ter a sensação do seu corpo: era só cabeça, cabeça sem corpo, rodeada de vazio até ao infinito. Abismo negro. Ela não existia, só existia a sua cabeça, a sua flutuante cabeça neste abismo sem fundo. Depois, para lá das trevas, a formidável trovada e o clamor do furacão. E era tão bom, tão calmo, e nada havia no tempo abolido...

Os passos de Serguei deslizaram até à sua porta e pararam. Por que se aproximou Serguei da porta? Polina ouviu-o a andar, o coração estremeceu-lhe. De súbito o corpo se lhe encheu de sangue e convulso esforço. Sentiu nas pernas, abaixo do ventre, uma dor surda. Badine... Tinha vindo e tinha ido embora. No fundo da alma, algures junto ao co-

ração, uma quente tristeza fremia, tremente, encolhendo-se e estendendo-se como um regato sussurrante, uma quente tristeza que subia à garganta.

— Ai! Ai!

Retorceu-se na cama, caiu para cima do soalho e ficou assim petrificada, aterrorizada. De novo as trevas voltavam a cair em cima dela, espessas, enormes.

Polina, desorientada, precipitou-se em camisa, descalça, para o corredor, agarrou-se ao trinco da porta de Serguei e colou-se contra essa porta, cega de terror.

— Serguei, Serguei! Mais depressa... Por favor! Serguei!

Arranhava a porta, colava-se a ela, sentindo como num sonho que essa porta respirava mas não podia abrir-se.

E quando se abriu de par em par, Polina, atirando-se ao pescoço de Serguei, desatou aos soluços, e não era mais que uma rapariguinha desamparada, de costelas pueris a arquejarem.

A Serguei tremia-lhe o corpo, o coração como que lhe saltava do peito. Levou a mulher para a sua cama, deitou-lhe um cobertor por cima, deu-lhe um copo de água. Ela bebeu e o tremor fazia-lhe bater os dentes no copo, um fio de água muito fino escorria-lhe pelo queixo.

— É terrível, Serguei... Abominável... Não sei o que se passou mas é algo de irreparável, Serguei...

Ele sentou-se perto dela, numa cadeira e, tímido, de gestos suaves, ajeitou-lhe o travesseiro, acariciando-lhe as mãos, os cabelos, as faces...

— Anda, Polina... Acalma-te... Eu sei... Bastava teres soltado um grito e eu teria rebentado a porta e estrangulava-o...

— Tu não sabes, Serguei... Tu não sabes... Não se pode lutar com ele, não se lhe pode escapar...

— Não fales, Polina. Bebe mais um gole e dorme. Eu fico à tua beira mas dorme, precisas de dormir. É o vento noroeste... Há muito tempo que não soprava. Amanhã vai estar fresco.

— Serguei, como tu estás tão perto de mim, como és bom... Eu sabia que isto ia acontecer... e não podia... Não sei o que se irá passar agora, Serguei.

Ele estava junto dela, agitado por um incontável tremor interior. Tinha-se apoderado dele a partir do momento em que ouviu a voz de Badine. Nesse momento o chão desabou por baixo dos seus pés, as coisas puseram-se a andar à roda dele com o primeiro clamor do vento noroeste.

— Eu sabia que tínhamos de pagar por isso... Viste

aquelas caras? Ouviste aquelas vozes? “Tende piedade, irmãos... Ai que desgraça!...” E os jogos e os violinos nos cafés... E as montras. A revolução tornou-se uma feira... E agora isto... Tudo está ligado, Serguei...

— Sim, Polina, tudo se liga... É preciso ultrapassar este mau momento... Sobreviver... Temos de sobreviver custe o que custar...

Adormeceu de mão dada com ele, que ficou junto dela, imóvel, a olhá-la fixamente, com tristeza, com amor, até de madrugada.

4. Obstáculos

A fábrica, após a partida de Gleb, foi tomada de uma febre de reparações. Ainda os vidros partidos das janelas e tectos não tinham sido substituídos, as paredes de cimento estavam ainda esburacadas, arames enferrujados pendiam das brechas, e já os martelos e tornos começavam a bater, a raspar, a fazer soar o metal à luz eléctrica das oficinas.

Toda a mão-de-obra presente estava a trabalhar: cerca de duzentos homens. A reparação do forno giratório exigia particular atenção. Era preciso substituir o revestimento exterior de aço e o revestimento interior à prova de fogo. Era preciso fundir especialmente pequenas peças metálicas para os mecanismos da britadeira, do moinho, da transmissão e outros. Os reservatórios de massas estavam muito estragados, era necessário fazer novos batedores giratórios, mudar todo o sistema de tubagens, substituir estranhas grelhas cilíndricas e uma quantidade de aparelhos de madeira e metal de aparência delicada que se misturavam e entrecruzavam.

A estação electromecânica e a secção de máquinas tinham menos trabalho. Brinza vivia ali, por conseguinte as máquinas também viviam.

Os homens afadigavam-se, azulados pelo pó, rastejando à volta dos fornos, trepando para os andaimes, correndo pelas escadas, parapeitos, balaustradas, mais parecendo aranhas; e, como ratos, nos buracos e fossas, os homens pareciam roer a gordura endurecida; perfuravam, cortavam, serravam o ferro e o cobre, ensarilhavam-se nos arames, praguejavam, rangiam os dentes, abafavam no meio do pó e do calor, presas da súbita potência do trabalho. Na segunda via o trabalho prosseguia com mais calma e silêncio. Aí mudavam-se os carris, reparavam-se os viadutos.

A fábrica estava ainda ao abandono, mas por todo o lado se lhe sentia já a respiração e o frémito das máquinas. Os Diesel já roncavam sem parar, dia e noite, nas casas das máquinas.

O engenheiro Kleist, grave e severo, todo vestido de branco, inspeccionava regularmente os trabalhos. Pela primeira vez se lhe via a emoção de um sorriso a repuxar-lhe a cara. Os velhos técnicos e os contramestres acompanhavam-no como dantes e, também como dantes, ele dava-lhes as suas ordens, sublinhando cada palavra com um aceno de cabeça. Ficava em frente dos trabalhadores seco e silencioso como antes, passando por eles sem os ver, alheio, indiferente.

Gleb, que partira por uma semana, só voltou ao cabo de um mês. A partir da segunda semana da sua ausência, começou a haver interrupções no trabalho. Por altura da quarta semana os trabalhos pararam completamente. A direcção da fábrica deixou de se conformar com os planos aprovados e deixou de fornecer os materiais. Nada foi conseguido da parte do Conselho da Economia. Aí só se falava do Gabinete da Indústria, da Direcção Geral do Cimento, da Comissão do Plano de Estado. Na administração da fábrica, especialistas muito arranjadinhos usaram para com o engenheiro Kleist uma linguagem franca:

— Herman Hermanovitch, largue todas essas fantasias. Sabe muito bem que a fábrica não pode ser reactivada! Aliás, que necessidade têm eles disso? É ridículo, Herman Hermanovitch. Admitamos que uma fábrica esteja em actividade e que a sua produção encha os depósitos. E depois? E o mercado? Não há mercado. Dantes o nosso cimento era sobretudo destinado ao mercado estrangeiro. E agora? A edificação? Mas não se constrói, não se pode construir, visto que não há nem capital nem forças produtivas. Eles sabem destruir, há que fazer-lhes justiça. Mas o que se passa é que para construir eles não têm nem a força, nem a experiência, nem os meios. E não podem tê-los sem o capital privado, sem iniciativa privada. Não irão longe com as nacionalizações. Quer queiram ou não, vão ser obrigados a chamar os capitalistas.

Grave e frio, o engenheiro Kleist escutou os especialistas fumando o seu cigarro e, abstendo-se de discutir, limitou-se a dizer com brevidade algumas palavras firmes:

— Não vim aqui para resolver questões de economia política ou problemas concernentes ao sistema económico da Rússia. A minha tarefa é mais modesta: exijo da direc-

ção da fábrica a execução do plano de produção que de momento está paralisado. Os trabalhos de reconstrução foram interrompidos por culpa da direcção.

Os especialistas olhavam para as mãos com sorrisos dissimulados e respondiam com muita educação.

— A direcção nada tem a ver com isso, Herman Hermanovitch. Recebe instruções do Conselho da Economia. Dirija-se directamente a essa administração.

Recém-chegados, enviados pelo Conselho da Economia, eles transportavam comodamente o passado ao abrigo da sua lealdade. Kleist transportava, ele também, o passado, mas um passado morto e longínquo, devorado pelo fogo do presente, e do qual só restavam cinzas. Entre ele e essa gente não havia já uma linguagem comum. Via os olhos a apagarem-se-lhe por debaixo daquelas inesperadas palavras, e os seus sorrisos escondiam ironia, desconfiança, medo. “Este velho original é muito esperto, ou então o medo dos bolcheviques pô-lo cheché de todo...”

O engenheiro Kleist ia ao Conselho da Economia. Ali era recebido com o mesmo respeito e simpatia, dando-lhe a entender que ele estava entre os seus, mas com os mesmos sorrisos enigmáticos, significativos. Os dentes de ouro brilhavam, os olhares eram tenazes alusões.

Grave e frio, o engenheiro Kleist expunha, com brevidade, em termos claros, o objectivo da sua visita e escutava, como na direcção, as respostas oficiais e amáveis, matizadas de secreta ironia.

— Sim, o financiamento dos seus planos está atrasado. Provavelmente será preciso rever o orçamento. É que, como pode compreender, nós não podemos ir contra as directivas do Gabinete da Indústria e da Direcção Geral do Cimento... Ainda não existem as condições necessárias... O presidente do Conselho da Economia, que é um homem competente e circunspecto (um tenaz ar de riso brincava nos olhos do interlocutor), é da nossa opinião... Fomos longe demais... Temos razões para pensar que toda esta fantasista iniciativa não será bem vista no Gabinete da Indústria e sobretudo na Direcção Geral do Cimento... Ficamos à espera que as pessoas competentes se pronunciem...

O engenheiro Kleist deambulou, sozinho a partir de então, uma vez que os técnicos e contramestres o não acompanhavam, pelas dependências da fábrica, ao longo das vias, examinando demoradamente as plataformas desertas e as construções, os mecanismos desmontados, os montes de escombros. Batia com a bengala, pensativo e sombrio, nos restos e nos materiais ao abandono. Nos seus silencio-

sos passeios só encontrava um homem: o guarda Kliopka, cujas sobranceiras e barba pareciam torrões de cimento.

Gleb chegou, boné atirado para a nuca, sujo e amarrado, mas de olhos transparentes, como que lavados. Foi direito à fábrica, não passando sequer por casa. Na fábrica só esteve uns breves momentos e, pálido de emoção, cego de cólera, dirigiu-se em grandes passadas e sempre a praguejar para o Bremsberg. Por todo o lado só viu deserto, abandono, restos, como no seu regresso do exército.

Correu, congestionado de furor, para a direcção da fábrica.

Especialistas muito correctos, vestidos com esmero, que esta voz troante ensurdecia, ficaram paralisados nos lugares onde estavam, estupefactos e desorientados. Um que ia a andar, parou, outro que estava sentado, levantou-se, um terceiro que estava a escrever, nem sequer ergueu a cabeça, com a caneta de súbito imobilizada por baixo do nariz.

Da entrada da porta Gleb gritava, clamava com voz estentórea, largando todo o ar do peito:

— Querem dizer-me quem foi o crápula que fez esta sacanice? Por causa desta traição vou partir o focinho a todos... Onde está o director? Mando-os todos para a Tcheka, por sabotagem e contra-revolução. Então vocês pensavam que podiam recomeçar com as velhas tácticas só porque eu não estava cá? Pensavam que sem mim a vossa suja manigância ia dar resultado? Já ides ver, cambada de velhacos!

Ia por todas as salas, de rosto congestionado, à procura de alguém mas não vendo ninguém, derrubando as cadeiras, varrendo a papelada que estava em cima das mesas, batendo em tudo o que encontrava pela frente. As doces estenógrafas, de carinhas delicadas, encolhiam-se nas cadeiras e inclinavam os penteados sobre os teclados das máquinas de escrever.

As pessoas de pé ou sentadas ficavam petrificadas, mudas de terror e, quando ele as deixava, a correr, trocavam, levando as mãos ou papéis à boca, olhares espantados.

Quando o seu furor se expandiu em gritos, Gleb, tendo deixado o seu capote de soldado e o bernal numa sala, precipitou-se para o gabinete do director. O director Müller, grisalho no cabelo e no bigode cuidadosamente aparado, de luneta de ouro, recebeu-o com uma estupefacção inquieta mas com severa calma. Levantou-se, descobriu os dentes dourados num sorriso e estendeu-lhe a mão por cima da mesa.

— Camarada Tchumalov, para quê tanto barulho? Vocifera a ponto de partir os vidros.

Gleb não se sentou nem viu a mão estendida. Mas pondo-se de perfil diante de Müller, voltou para ele o rosto queimado e cavado.

— Quem deu a ordem de parar os trabalhos na fábrica?

Müller mostrou de novo os dentes e afastou as mãos num gesto de impotente submissão.

— Vá lá, não arme em imbecil e diga-me quem foi o bruto que me interrompeu todos os trabalhos.

Müller, a cara de súbito amolecida e ferrugenta, levantou a cabeça soltando-se um brilho das lentes da luneta.

— Peça-lhe em primeiro lugar, camarada Tchumalov, o favor de ser mais circunspecto na escolha das suas expressões. A direcção não tem nada a ver com este assunto. Cesámos os trabalhos porque o Conselho da Economia achou não ser possível continuá-los por falta de recursos e sem a sanção dos órgãos económicos superiores.

— Mostre-me a ordem do Conselho da Economia. Quer dizer, seus sacanas, que vocês se entenderam com o bando do Conselho da Economia? E pensavam que me enganavam? Pensavam que no Gabinete da Indústria me iam dar com os pés e que a sorte pendia para o vosso lado? Andai lá, meus queridos, que eu vou dar-vos uma ensinadela.

— Mas que razões tem você, camarada Tchumalov, para estar a lançar contra nós acusações tão graves? Protesto, e do modo mais categórico: você formula, sem nelas reflectir, as mais ofensivas suposições. Não somos nenhuma criança: não podemos sair dos limites traçados pelas directivas e instruções dos órgãos superiores. Fomos até afastados de qualquer participação nestes assuntos: todos os armazéns foram selados pelo Conselho da Economia, todos os documentos foram confiscados pelo delegado do Conselho... Tenha a bondade de ir fazer escândalo ao Conselho da Economia.

Gleb deu meivolta e um murro na mesa.

— E eu peça-lhe para não me contar patranhas. Conheço perfeitamente todas as vossas manigâncias. Não vou largar este caso só pelos seus lindos olhos. Vocês já se esqueceram, meus amigos, da história do Serviço Florestal. Ides aprender à vossa custa como é que se encostam os canalhas à parede. Tomaram-me por imbecil, mas eu parto-vos a cabeça e as costelas. Fiquem sabendo que os operários vão retomar o trabalho a partir de amanhã de manhã. As reparações devem estar prontas dentro de dois meses. A fábrica deve estar a trabalhar a cem por cento a partir do Outono. Compreendido?

Müller encolheu os ombros, esboçou um sorriso confuso, quis dizer algo mas tinha a língua seca e morta.

Defronte do Comité de Fábrica agrupavam-se os operários, em pequenos ajuntamentos, curvados, ociosos, aborrecidos; outros estavam sentados à sombra, ao longo do muro. Outros ainda entravam e saíam. Fumava-se. Subia no ar a disparidade de vozes, entrecortadas de risos. Gromada, de pé no cimo do patamar diante da porta aberta do escritório, agitava os punhos pesados e esganiçava-se, na sua habitual sobreexcitação de tísico.

— Sendo assim, nós devemos, camaradas, nós, classe operária, de uma vez por todas, dar provas de consciência, e assim por diante. A célula e a assembleia aprovaram em fileiras cerradas uma resolução e, como o Conselho dos Sindicatos e o Sindicato da Construção são as nossas organizações operárias, nós saberemos defender os nossos interesses, saberemos enviar ao Tribunal Revolucionário os vigaristas de todo o tipo e os canalhas...

A multidão desatou aos gritos, risos, aplausos.

Só Savtchuk, de camisa esfarrapada, empurrando as pessoas com o seu físico bovino, berrava, de braços estendidos:

— Temos de lhes arriar com força, a essa cambada de... Atirá-los à água, a esses porcos! Para quê estar com estes panos quentes? Não posso com isso.

Gleb desceu a correr a larga escadaria de cimento e mergulhou na multidão poeirenta que era só caras suadas, gritos, empurrões, mãos húmidas.

— Aí está ele! Gleb, raios te partam! Agora é que ele lhes vai dar o arroz! Vai encostá-los a todos a uma parede... Porque diabo nos deixaste aqui nesta hora maligna...

Estas alegres exclamações misturavam-se a outras vozes, sombrias essas:

— Que se passa, camarada Tchumalov? Mas será que isto se parece com alguma coisa? Mais valia andar aos pontapés ao diabo do que trabalhar nestas condições...

— Andamos a brincar, ou quê? Sabemos quem é que arma estas manigâncias todas.

— Todos esses oportunistas só sonham com o velho regime...

— Estão à espera dos velhos patrões, malditos sacanas! Não se pode esperar nada de bom deles...

Cheiravam a suor e a tabaco ordinário. Os corpos cerrados uns contra os outros e a mistura de hálitos davam uma sensação de sufocamento e embriaguez. Gleb abriu caminho à cotovelada e subiu para junto de Gromada.

— Camaradas, os trabalhos vão recomeçar a fundo. Amanhã, ao toque da sirene, cada um pega ao trabalho. E vou desembrulhar rapidamente toda esta manigância, e há alguns que eu vou pôr no devido lugar. Vou ao Conselho da Economia. Exigiremos, camaradas, o implacável castigo da contra-revolução. Consegui todos os materiais no Gabinete da Indústria, trago combustível. Mandaremos homens buscar as aduelas para barricadas. Em primeiro lugar vamos pôr em funcionamento a britadeira e o moinho.

Gleb, furando pelo meio da multidão, lançou-se em frente, mas não pôde sair. À volta dele só havia gritos. As pessoas seguiam-no gesticulando e pisando com força o chão da praça.

— Viva Tchumalov!

Savtchuk, de punhos esticados, empurrava-o aos urros, de olhos molhados.

— Gleb, meu grande sacana! Deixa o tanoeiro entrar em acção... Já não posso mais... Vou-lhes partir os cornos, a esses canalhas!

Gleb agitou o boné por cima da cabeça.

— Gromada, onde está Gromada? Tragam-no aqui, companheiros... Muito bem... A caminho, Gromada!

Mas Gleb não foi ao Conselho da Economia. Desceu do carro à porta do Executivo.

Na escada, subindo ao segundo andar, pegou em Gromada por baixo dos braços. Gromada esbaforido soprava, sufocava, grunhia.

— Mas que pata choca tu me saíste! Estás mesmo bom para esta guerra! Vá, vê lá se ganhas forças...

— Sabes muito bem, camarada Tchumalov, que eu estou sempre a abafar mas também sou muito capaz de fazer ver a muitos, por mais especialistas que sejam...

— Vamos remover montanhas, com mil demónios! Não é verdade?!

Quando o velho contínuo de gadelha desgrenhada viu Gleb de longe, abriu logo a porta e afastou-se com a cadeira.

Badine não estava só: Schramm, Tchibiss e Dacha estavam no seu gabinete.

Dacha acolheu Gleb com um estremecimento de espanto no fundo dos olhos, por onde passaram vagas de inquietude e alegria. Mas não foi a alegria que Gleb viu nos seus olhos, foi algo de diferente, de desconhecido, profundo como um suspiro.

Badine olhou-o distraidamente, por baixo, e mergulhou

outra vez nos papéis manipulados pelos seus dedos peludos. Escutava Schramm.

Tchibiss tinha a sua costumeira expressão, parecendo repousar, aborrecer-se ou deixar-se ir na onda dos seus pensamentos: pensamentos que a ninguém podiam ser ditos de viva voz.

Que fazia aqui Dacha? Dacha no gabinete de Badine? Havia pois um fundo de verdade nas suas perguntas enigmáticas e nas piadas sobre o leito comum na povoação cosaca? Seria verdade? Porquê essas trevas nos seus olhos? Ela tinha os olhos secos, redondos, queimados, dir-se-ia que febris. A sua alma era de novo um poço profundo, inacessível e distante como o é a água desse poço. Gleb ouviu no seu coração o eco das palavras de Motia: vocês não terão alma comum, não terão lar, não terão cama aquecida...

Ele não se aproximou dela e ela pôs-se de lado, sem olhar para ele, como uma estranha.

Schramm estava sentado diante de Badine, falava com a sua voz surda de gramofone.

— ...E não é culpa minha se houve abusos no Serviço Florestal. Eu sempre fui conforme, e atempadamente, com as instruções dos órgãos dirigentes. Por que é que a Inspeção Operária e Camponesa, que agora acumula nas suas actas montes de irregularidades, nada notou então de anormal? Os serviços do nosso Conselho da Economia são exemplares e funcionam às mil maravilhas. E agora chega-se de repente à conclusão de que o seu funcionamento não resulta de bom trabalho, mas é algo como um crime de direito comum, do princípio ao fim. Não compreendo isso e exijo uma revisão minuciosa.

Badine olhou-o com frieza, com todo o peso dos olhos.

— Tu não compreendes... É claro que não compreendes. E porquê? Os serviços do Conselho da Economia são exemplares, o esquema é executado às mil maravilhas. E justamente porque esses serviços são exemplares, deram aos crimes uma protecção admirável. Tu transmitiste todo o trabalho para mãos que nos são estranhas e hostis. Os teus gabinetes exemplares não te permitiram ver a pilhagem do Serviço Florestal. Não vias que os operários continuavam sem pão, sem roupas, sem ferramentas, e que os agentes do Serviço se dedicavam abertamente à especulação em prejuízo do Estado. Não compreendes por que é que as manobras de vigaristas, que roubam os bens da nação, continuam mesmo à frente do teu nariz, como aconteceu há pouco tempo, por exemplo, com a fábrica de curtumes dada em concessão ao seu antigo proprietário. Não compreendes

que um dos teus gabinetes tenha elaborado todo um plano de concessões com a única finalidade de tirar a cimenteira ao Estado e entregá-la aos antigos accionistas. Tu não o compreendes, e eu vejo aí a mais criminosa contra-revolução económica.

Schramm continuava na sua extraordinária tensão, só os olhos se lhe turvavam e o cansaço arranhava-lhe por momentos a voz.

— Sobre este último ponto não posso deixar de partilhar a opinião das pessoas competentes que, com o apoio dos números, demonstraram a impossibilidade de explorar a fábrica nos próximos dez anos. Todo o dossier sobre esta questão foi enviado ao Centro. Não tinha o direito de levar a questão à Conferência Económica. Quanto à fábrica de curtumes, o Comité Executivo do Soviete pronunciou-se favoravelmente pela concessão.

Um largo sorriso aflorou aos lábios de Badine, que trocou um olhar com Tchibiss.

— Eu sei que essa concessão foi autorizada pelo Comité Executivo. O teu relatório não nos tinha informado que tudo se baseava em números falsos e em testas de ferro. Vamos voltar a falar nisso noutra sítio.

Pegou numa folha de papel que estava em cima da mesa e leu-a rapidamente.

— Toma, camarada Tchumalova, vai imediatamente à administração comunal: que ordene hoje mesmo a evacuação destas três casas e as converta em creches.

Dacha aproximou-se da mesa sem olhar nem para Badine, nem para Gleb, mas Gleb viu um brilho ébrio a acender-se nos olhos de Badine. Gleb cerrou os dentes até lhe doerem.

— Camarada Badine?

— Ah, até que enfim! Por onde tens andado este tempo todo? Vamos, faz o relatório, por favor... Mas tu vens num estado! Devem ter-te tratado bem da saúde.

Badine sorria amistosamente.

Gleb plantou-se diante dele, ao lado de Gromada, e com voz morna, severamente distante, falou em rajada:

— Camarada Badine, nós vimos, eu e Gromada, membro do Comité de Fábrica, para sabermos com urgência quem deu a ordem de parar os trabalhos da fábrica e por que razão. A fábrica encontra-se em plena desorganização, em plena derrocada. Não se pode tolerar semelhantes enormidades. Gostava de saber que escória de pessoas deu assim livre curso à sabotagem e à contra-revolução. Os operários estão perturbados. Esta incúria consciente é pior que

uma agressão de bandidos. O camarada Schramm está aqui presente: que nos diga como é que o Conselho da Economia pôde tolerar semelhante crime!

Os dentes de Badine de novo sorriram num amistososo sorriso estranhamente alegre.

— Estou informado. O Conselho da Economia recebeu da Direcção Geral do Cimento a ordem de parar com os trabalhos enquanto a questão da oportunidade da reactivação da fábrica não for resolvida.

— Camarada Badine, eu sei quem fez este trabalho. Mas o Conselho da Economia recebeu do Gabinete da Indústria um telegrama dirigido ao presidente do Conselho prescrevendo todas as medidas úteis com vista à organização dos trabalhos. A questão foi debatida, estou na posse de documentos.

Schramm disse com voz estranha e rouca:

— Há o Gabinete da Indústria e há a Direcção Geral do Cimento.

Gleb, fora de si, deu alguns passos rápidos diante da mesa. Um tique nervoso repuxava-lhe a face.

— Camarada presidente do Executivo, estou a pôr claramente a questão. O camarada Schramm talvez tenha calo nestas questões, pouco me importa! Por estas histórias ele tem de ser chamado à pedra. Isto não dá vontade de rir, camaradas. Ainda havemos de voltar a falar neste banditismo. O camarada Schramm não alinha nos interesses dos operários. É claro como dois e dois serem quatro... O Comité do Partido será informado disso. Camaradas, toda a nossa política económica está ameaçada. O camarada Badine disse-o muito bem: a contra-revolução económica... é isso! Há que pôr-lhe termo. O caso do Serviço Florestal não passa de um pequeno caso. Este é mais grave. Temos de arregaçar as mangas, camaradas, e dar início a um saneamento implacável. Limpar o pó a todos os gabinetes, de cima a baixo. Chega já de boas maneiras para com este bando de brancos. É tempo de lhes arreganharmos os dentes. Devo dizer-lhe, camarada Badine, que todos os pedidos da Conferência Económica foram satisfeitos: todos os nossos materiais serão fornecidos. Os operários retomam o trabalho amanhã de manhã, o Comité de Fábrica retira os selos e elabora os inventários. E declaro-lhe mais uma coisa, camarada Badine: exigimos imediatamente a mudança da direcção da fábrica. Iremos pôr, se for necessário, a questão a Moscovo.

Sacou um maço de papéis e atirou-o para cima da mesa.

— Aqui estão os documentos. Opunham-se-nos com

base no Gabinete da Indústria, pois bem, aqui está o Gabinete da Indústria do nosso lado.

Mortalmente pálido, Schramm tinha os olhos mortíços e sujos de um cadáver.

Tchibiss levantou-se rapidamente e saiu também, as pernas completamente aliviadas.

Badine lançou a Schramm um olhar baixo e sorriu de novo, brincando nos seus olhos uma estranha alegria.

— Gostou desta? Estou em crer que todo o Conselho da Economia há-de ir parar ao banco dos réus com o Serviço Florestal. Não lhe parece?

Dacha esperava por Gleb no corredor. Nos olhos tremelicava-lhe uma dor, um grito mal contido. Postou-se diante dele, tranquila como de costume, e proferiu em voz baixa e abatida:

— Chegaste tarde, Gleb. Niurka morreu. Enterrámo-la. Já não está connosco... Gleb, querido...

Foi como se lhe tivessem desferido um golpe violentíssimo, depois envolveu-o o silêncio. Arrefeceu por dentro, as pernas não lhe obedeciam. Fitava a mulher sem conseguir pronunciar uma palavra.

Encostada à parede, Dacha chorava baixinho, soluçava engolindo as lágrimas, que, abundantes, lhe corriam pelas faces e queixo trememente e caíam no peito. Não as enxugava, e parecia sorrir, desamparada e submissa.

XVI. O JOIO

1. "Que o Nosso Coração Seja de Pedra!"

A depuração da célula da fábrica estava marcada para o dia 16 de Outubro, dali a uma semana. Serguei aguardava com um sorriso pensativo, sem emoção, sem inquietações, sem ser assaltado por questões que habitualmente o atormentavam de noite. A única coisa que sentia era um espanto perante si mesmo. Por que razão, em nenhum momento, esquecia ele aquela data de 16 de Outubro (mesmo em sonhos se recordava dela), ciente de que ela marcaria na sua vida um terrível limite, e por que razão continuava ele de alma surda perante este acontecimento que ia passar por ele para o ultrapassar? Seria expulso do partido? Ou não seria? Esta questão atravessava-lhe a consciência qual vaga estranhamente leve absorvida pelo inconsciente. A vaga lavava os neurónios do cérebro que continuavam, placida e calmamente, o seu trabalho rotineiro, perturbando a noite com

imagens do dia e estranhos feixes de reminiscências. Instantes luminosos e confusos aqueles: verdura ensolarada, montanha e mar ensolarados, gritos cantantes de crianças, a morte da mãe e o pai balbuciando palavras incompreensíveis sobre o estoicismo...

O sol caía como de costume sobre a calvície e os caracóis de Serguei enquanto se dirigia para o Comité do Partido ou para um comício. Ia, como de costume, carregado com uma pasta abarrotada de papéis. Tinha o caminhar um tanto desajeitado de homem ensimesmado, sempre atarefado, cumprindo sempre pontualmente a tarefa quotidiana e sem esquecer, um instante que fosse, a data de 16 de Outubro.

Uma vez, depois do relatório do Bureau do Comité do Partido sobre o trabalho do centro provincial de educação política, Jidki olhou para ele com uma troça acariciadora nos olhos e poisou-lhe a mão sobre os dedos:

— Estás com medo, Serguei? Tens razão: vão dar-te o arroz.

— Mas porquê? Porquê? Posso sentir tudo menos medo. É como se isto se passasse fora de mim e não me dissesse respeito...

— Não tenhas medo, que nós defendemos-te. E o diabo não é tão feio como o pintam.

Lukhava, acorocado no peitoril da janela, como era seu hábito, queixo nos joelhos, diz, olhos e cabelos cintilantes:

— Tretas, Jidki! A depuração também te mete medo, aliás como a mim. Não tenho medo de nada, mas isto mete-me medo. Serguei vai ser expulso. Tens força para o impedir?

Jidki deu um murro na mesa. As suas narinas dilataram-se.

— Não vai ser expulso. Por que é que ele havia de ser e não tu ou eu? A que título o vão julgar? Como intelectual? Patéticos. Não são motivos. E se fosse assim, teríamos a possibilidade de protestar. Os trabalhos da comissão não passam dum escândalo: são decididas exclusões por motivos mais que duvidosos, se não mesmo inventados. Só nesta semana foram expulsos cerca de 40% dos militantes responsáveis e quase outros tantos das bases. Olha, Juk, apesar de operário... Motivo: conflituoso e sem consciência de classe...

— Juk? Expulso?

Serguei esticou-se em direcção a Jidki, estupefacto, mas fê-lo maquinalmente. Na realidade as palavras de Jidki apenas lhe chegavam como sons longínquos de pouca importância.

Lukhava interrompeu-o num tom extraordinariamente calmo e firme, tingido de negligência oficial:

— A Comissão não está obrigada a levar os factos ao teu conhecimento e tu não tens o direito de intervir nos seus trabalhos, nem o de criticar os seus métodos. Os expulsos só têm uma coisa a fazer: interpor recurso.

— Mas eu, eu vou agir e nada me deterá. Vou fazer barulho até ao CC. Os que estão a fazer a depuração não compreendem nada. Isto só pode levar à destruição da organização. Temos todas as razões para protestar. Eu não desistirei...

Lukhava virou bruscamente a cabeça, com um sorriso trocista.

— Burro chapado! O que vais conseguir é ser expulso ou ser despromovido.

— Pouco me importa, não tenho medo nenhum... O comité do distrito não pode ser tão passivo: se não tomarmos medidas, merecemos bem ser corridos daqui...

Na Secção Feminina, Polina, macilenta, olhos atormentados, não era capaz de dominar a tremura convulsiva das suas mãos e do seu rosto. Dacha estava sentada um tanto de lado, escrevendo, com a sua escrita desajeitada, um relatório. Não viu Serguei, não viu Miekhova. Que lhe importavam as suas conversas e os seus cuidados?

Polina chamou Serguei com um gesto e indicou-lhe uma cadeira junto dela.

— Serguei, serás capaz de me ajudar a compreender tudo o que se está a passar? Estou completamente perdida. Dacha também não compreende nada de mim: tornou-se agreste, já não me fala como antes. Serguei, tenho a impressão que vou ser expulsa do partido.

Dacha continuava calada. Dacha não ouviu.

Serguei ficou também em silêncio, sem saber o que responder. Quisera aflorar-lhe levemente a alma, mas as palavras que eram necessárias, as palavras de afecto não lhe afluíam aos lábios. Quisera dizer qualquer coisa sobre si mesmo, qualquer coisa de muito simples e de muito grave, mas as palavras necessárias também não surgiam.

— Vou-lhes dizer o que vejo e o que sinto, compreendes?... E vou ser expulsa... o que se passa, o que está a ser feito... o que me crucifica, o que crucifica a revolução... Não posso mentir...

Dacha largou a pena e levantou a cabeça.

— Mas então que há, camarada Miekhova? Talvez eu seja demasiado estúpida para me aperceber de qualquer

coisa... A actividade da Secção Feminina está a melhorar, nós, mulheres, bem unidas, fazemos frente aos problemas tão bem como os homens. Que se passa, então, de desagradável, camarada Miekhova?

A voz de Dacha fez sobressaltar Polina que, de um salto, ficou de pé.

— Como tens a coragem de perguntar? Acaso não sabes o que se passou? Acaso não sabes que o sangue dos operários e dos soldados vermelhos... os rios de sangue... que este sangue correu para que o pavimento ainda vermelho das praças fosse entregue aos mercados e aos cafés com cantorias? Para que tudo se misturasse num mesmo monte de esterco? E tu não o sabes, hein?

Serguei nunca tinha visto Polina tão exaltada. Tinha o rosto crispado, lívido, a testa e o lábio superior cobertos de um orvalho pegajoso, as meninas dos olhos secas e penetrantes.

Dacha debruçou-se de novo sobre a sua escrita, mas com um sorriso de indulgente compreensão.

— E eu que pensava outra coisa! Então, camarada Miekhova, tu achas que só existes tu e que todos os outros são imbecis e fala-baratos?

— Sim, sim!... Imbecis... traidores... cobardes!

E Polina, repentinamente calma, teve para Serguei um sorriso que mais foi um pobre esgar, levou ambas as mãos aos olhos e desfez-se em lágrimas.

— Por que é que não morri então?... Não morri nas ruas de Moscovo?... Ou no exército?... Por que é que me havia de calhar conhecer estes dias de tortura e de desonra?

Um sorriso que ele não pôde conter aflorou aos lábios de Serguei, que apenas conseguiu expelir o ar que tinha dentro dos pulmões. Os seus lábios dançavam. Polina, a janela, as paredes deformavam-se e desfaziam-se diante dos seus olhos. Estava cansado, e não conseguia ver as lágrimas dos outros. Seguramente, Polina tinha-lhe arrebatado as suas últimas forças, quando se lançou no seu quarto, à noite, aterrorizada, despedaçada pela força bestial do presidente do Executivo.

Dacha, de pé junto de Miekhova, olhos enevoados, apertava-lhe o ombro com força.

— Devias ter vergonha, camarada Miekhova. Essas lágrimas, essas crises, será que mostram a tua força? Já não és uma menina, tu és uma comunista. Que o nosso coração seja de pedra, camarada Miekhova... Que se fenda como um calhau, mas que não tenha nada de lágrimas... Não precisamos dum coração lacrimoso. Estás no limite, camarada

Miekhova, vai para casa e acalma-te... Podes contar comigo, que ainda tenho forças para bastante tempo.

Voltou ao seu lugar e pôs-se novamente a arranhar o papel com a caneta.

Polina, desamparada, olhou-a demoradamente, olhou Serguei e voltou a sentar-se. Depois, respondeu entredentes, num tom espantosamente calmo e frio:

— Não irei para parte nenhuma. Vim para trabalhar e vou trabalhar até ao fim.

— Pois, pois... Eu conheço-te, camarada Miekhova. Não é de ontem nem de hoje que trabalhamos juntas.

Dacha escrevia, sem levantar a cabeça, sorridente.

2. A Depuração

Miekhova devia, tal como Serguei, ser atingida pela depuração na célula da fábrica: Serguei, na qualidade de adstrito a ela e Polina porque não se tinha apresentado na sua célula por razões de doença.

A sessão teve início na sala de espectáculos na presença duma numerosa assistência. Os apartidários tinham vindo em força. Os comunistas acotovelavam-se nas duas primeiras filas, os outros comprimiam-se atrás deles. Os espelhos das paredes reflectiam estes magotes de gente e os próprios reflexos desses magotes em perspectivas indefinidamente distantes, davam a impressão da presença de milhares de pessoas quando na sala cabiam umas cento e cinquenta.

Gleb, terceiro membro da Comissão de Depuração, estava sentado de frente para a sala. Os ornamentos de cristal dum lustre com cinquenta lâmpadas resplandeciam.

Os membros da Comissão eram estranhos à cidade. Ambos de capote e boné de soldado, mas diferentes. Um, de maçãs-do-rostro fortes, tez baça a fugir para o escuro, tinha o nariz, a fronte e o queixo azulados. Não se conseguia perceber se troçava ou se sorria. O outro, ossudo, rosto cinzento, barba comprida puxada sem cessar entre dois dedos. E quando interrogava um comunista chamado a depor, fazia-o sem olhar para ele, como se estivesse a falar com outra pessoa qualquer.

Parecia não ver os cartões do partido que amassava com os seus dedos afilados e esticados.

Serguei ouviu murmurar atrás de si:

— Anda, triturador... O tipo vai-nos rilhar...

E quando o carga-de-ossos chamou Gromada, Serguei

não percebeu bem qual dos seus dois vizinhos tinha lançado o apelo.

— Camarada Gromada... A sua autobiografia?

— A minha autobiografia, camarada? Ela aí vai... Operário proletário desde a mais tenra idade e, como os capitalistas nos exploravam admiravelmente, não há nada a discutir daí em diante.

Murmurava-se atrás deles:

— Ai, santinho... que ele é dos duros!... Ele rilha-vos.

— Quando entrou para o partido?

— Com o novo regime soviético, há um ano, portanto.

— Porque é que não entrou antes?

— E qual é o moncoso que se diz mestre antes do tempo? Diga-me lá, camarada, não foi aprendiz na fábrica? O aprendiz passa três graus e por aí adiante, forma-se, e quando...

— Pergunto por que aderiu tão tarde ao partido?

— E eu não faço outra coisa senão dizer-lhe isso. O nosso maior inimigo é a falta da consciência, mas eu não discuti em vão, e por aí adiante, logo entrei para o partido. E não foi sem tempo...

— Aderiu aos guerrilheiros vermelhos?

— Não estive no meio deles, mas ia todos os dias à montanha, o mais que podia... Nunca fui para além da montanha, mas na montanha fazia o que podia pelos companheiros e pelos desertores... Andávamos todos metidos no mesmo barco, com Dacha...

— Portanto, não estive com os guerrilheiros vermelhos. Preferiu ficar em casa à espera que a coisa amainasse. É isso?

Gromada farejou perigo nas perguntas do carga-de-ossos. Cada palavra dele era como uma picada de víbora, invisível mas dolorosa, no interrogado. O rosto de Gromada como que se alongou, um clarão de ódio acendeu-se-lhe nos olhos. Talvez o carga-de-ossos se tivesse apercebido disso; talvez estivesse já farto de Gromada. O lápis arranhou o papel.

— Pode ir — disse ele. — Alguém tem qualquer coisa a dizer sobre o camarada Gromada?

— Gromada? Gromada é um campeão! Mete no bolso qualquer um...

— O seguinte... Camarada Savtchuk!

A sala agitou-se, cheia de murmúrios entrecortados de risos. Savtchuk avançava metido numa comprida camisa de pano cru, sem cinto, hirsuto, calças rasgadas, os pés descalços a baterem no chão, empurrando com as mãos e os om-

broas as pessoas que o seguiam com os olhos ou o puxavam pelas fraldas.

— Eh, tanoeiro dum raio! Aguenta firme!

Savtchuk endireitou-se, sombrio, diante da mesa da Comissão, de braços caídos e a cabeça a abanar.

— Não vale a pena, camarada depurador, interrogar-me sobre a biografia da minha vida...

— E porquê? É necessário. Toda a depuração é na realidade baseada nesses dados.

— Não te metas na porca da minha vida. Eu próprio já a mandei pró diabo, por isso a ti não deve interessar... Basta! Sou tanoeiro, faço barris... Mas agora não os faço porque a tanoaria da fábrica ainda está numa confusão dos diabos... Mas quando as serras se puserem a cantar, então já vai haver barris novos...

— Escreveu aqui que partiu o focinho a certas pessoas e que conta ainda parti-lo a mais algumas. A que focinhos se refere?

Na sala toda a gente apurava o ouvido. Estava-se à espera que Savtchuk explodisse sem medir as forças, que criasse um incidente, toda a gente passaria um bom bocado. E ele sabia o que esperavam dele. O riso arranhou-lhe a garganta mas não lhe passou para a cara hirsuta. O afluxo de sangue sacudia-lhe ritmadamente a cabeça.

— Sim, dei porrada a esses sacanas desses crápulas e ainda dou outra vez se for preciso... Trata-se dos novos senhores e burgueses, que só arranjam problemas e são uns madraços... Nesses bancos há também serralheiros: também lhes fui aos cornos... É para saberem quem eu sou, esses fabricantes de isqueiros... Nem que haja só um demónio desses, é preciso dar-lhe na cabeça... No antigo regime chateavam o pessoal metidos dentro dos carros, hoje continuam a chatear, os carros são os mesmos e somos outra vez nós que nos lixamos.

— Lixados por quem? Pelos camaradas do partido e dos Soviéticos? Exprima-se em termos mais concretos.

Uma voz solitária, engasgada de tosse, berrou lá das primeiras filas:

— Ponham-no no olho da rua, a esse animal! Dá-nos cabo da cabeça!

Um suspiro percorreu a sala.

— Fale com mais precisão, camarada Savtchuk. Há caras e caras. Há aquelas que é preciso partir e há aquelas que é preciso proteger mais que às nossas próprias.

Savtchuk continuava, cabeçudo:

— Fui-lhes aos cornos e vou-lhes outra vez! Não me

queirais ensinar o padre-nosso! Estamos fartos de senhores e mestres; mandões desses até podíamos calcetar as ruas com eles, tantos há por aí...

O carga-de-ossos estava surdo e cego. Nem uma vez olhou para Savtchuk.

Gleb levantou-se, de mandíbulas cerradas.

— Basta, Savtchuk, não te armes em parvo. Não estás aqui a discutir com a tua mulher.

Savtchuk fixou Gleb com olhos injectados de sangue.

— Cala o bico. Eu não sou nenhum maltrapilho, filho de uma cadela... Por estas bandas todos me conhecem.

Uma mulher que cirandava na passagem entre os bancos, berrou a plenos pulmões:

— Por que é que ele não diz como se encharcava em aguardente e como enchia de porrada a mulher... É tão mauzinho prá mulher que eu esganava-o com as minhas próprias mãos!

— Os homens são todos assim, são uma força maligna; as mulheres andam de um lado pró outro, na cozinha, nas compras, na cama, na ponta do punho em cima de nós, têm de lhes dar de comer, calar-se, cuidar das crianças enquanto eles se armam em senhores... E são todos os mesmos...

Motia apareceu a correr pela passagem entre os bancos e atirou-se à assembleia:

— Não é verdade, não é verdade... Se Savtchuk me batia era porque eu lhe batia também... (risos). Vós todos juntos não chegais às solas dos sapatos de Savtchuk...

Agora as pessoas estavam caladas, confusas e desorientadas...

— Mas diz lá, Motia, onde estão as solas dos sapatos de Savtchuk? Ele anda sempre descalço.

Motia andava numa fona, enraivecida, a gritar:

— Experimentai só tocar no Savtchuk... Sim, é o melhor... Não te deixes levar, Savtchuk... Savtchuk é o melhor e o mais forte.

Os membros da comissão sorriam. Até o carga-de-ossos mostrou os dentes num sorriso alegre e colorido.

Polina, a tremer de febre, refugiava-se nela própria. Sentada ao pé de Serguei, não tirava os olhos da mesa. Olhava com admiração para o carga-de-ossos membro da Comissão; sorria, mas só com os lábios, a cara era de mármore e tinha manchas carregadas como a dos doentes.

Uma confusa alegria perturbava Serguei. Era dentro dele que essa alegria se formava, ou vinha-lhe, penetrante, do meio daquela multidão inundada de luz? A alegria cantava dentro dele, esbagoando-se em risos infantis, cantava em

cada célula do seu ser e tudo — as pessoas banhadas em suor, os murmúrios risonhos por trás dele, o lustre de cachos de uvas esbraseadas — tudo lhe era extraordinariamente novo, cheio de profundo significado. Só captava os sons e gestos dispersos, por vezes a vaga de um sopro unânime, e tudo era tão claro, tão simples! Instantes rasgados, plenos de jogo animal. Mas por que é que esse jogo constituía, no encadeamento dos instantes, um processo imenso e complicado? E por que é que esse processo era o destino humano, sendo o destino em si uma tragédia? O seu pai falava de modo diferente. Talvez haja instantes que contêm todo um ciclo da história? Talvez o mais importante não seja o tempo, mas o instante, o homem e não a humanidade?

Por que é que as orelhas de Polina pareciam estar a mais? Floriam como pétalas abertas. Fremiam e empalideciam quando a jovem respirava. Esses afluxos de sangue, em gotículas vermelhas encaminhadas pelas veias, são dor e sofrimento. E essas gotículas de sangue encerram todo o enigma, todo o sentido da vida humana, toda a sua alegria, toda a sua simplicidade.

— Camarada Serguei Ivaguine.

Levantou-se. Deu um passo, dois, três, quatro... Parou. Tudo isso era tão simples, tão absurdo...

Falou sem o menor esforço. Ouvia a sua própria voz, via o seu nariz, duro como um bico. Não a carne, mas argila coberta de gotículas.

— Esse coronel fuzilado há pouco tempo era seu irmão? Encontrava-se frequentemente com ele?

— Encontrei-o duas vezes: uma vez na cabeceira da nossa mãe moribunda e a outra quando, com o camarada Tchumalov, o capturámos quando estava a fazer sinais de luzes.

— Por que não tentou levar a cabo a sua detenção aquando do vosso primeiro encontro?

— Sem dúvida porque nada me incitava a isso.

— Por que não deixou a cidade com o Exército Vermelho em 1918? Por que preferiu ficar no meio dos brancos? Tinha a certeza de que não seria fuzilado?

— Não. Como podia tê-la? Não via razões para fugir. Também se podia fazer trabalho na cidade.

— Muito bem. Você ainda não era comunista nessa altura, não é verdade? Compreendo-o.

— Que é que você compreende? O que significa esse “compreendo-o”?

— Camarada, não sou obrigado a responder às suas perguntas. Aqui não discutimos. Está livre.

Serguei não se sentou no mesmo lugar mas atravessou as filas de operários dirigindo-se para o fundo da sala. Parecia que vários homens iguais a ele, também Sergueis Ivaguines, iam a seu lado, vinham de encontro a ele, olhavam-no fixamente com os seus olhos fora das órbitas de pesadas pálpebras vermelhas e inchadas. Não se julgava a andar por cima do soalho mas a descer para qualquer parte cada vez mais abaixo, em cima de uma tábua a tremer... E não podia conter os seus passos, como se os pés não se estivessem a movimentar, como se apenas estivessem a seguir o movimento dessa tábua deslizante e frágil que se arrastava debaixo dele. Inúmeros rostos, cabeças hirsutas flutuavam à sua volta numa bruma de fumo esburacada de chamas, e amontoavam-se por todo o lado, em atropelo, opressivas, sufocantes.

Depois tudo desapareceu de repente como uma visão a desvanecer-se. Tudo se extinguiu. Tudo se dissipou no vão da porta escancarada. O corredor estava vazio, cheio de um cantante silêncio... Algures, ao longe, para lá das portas fechadas, vozes jovens erguiam-se em sonoridades de guizos.

...A Comissão de Depuração. O carga-de-ossos, de rosto cego, de movimentos cegos, de impenetráveis pensamentos, sem sorriso nem sofrimento (até parecia que aquela cara nem rugas tinha). Gromada e Savtchuk estavam em seu poder, e Polina, e Gleb, e Dacha em breve o estariam também.

Para lá de uma porta ressoavam vozes jovens, como guizos. Os neurónios do cérebro também ressoavam como guizos.

E mal Serguei abriu a porta, as manchas vermelhas das bandeiras e pinturas encandearam-no: as paredes resplandeciam, cobertas de inscrições aladas como pássaros brancos. Por todo o lado, nas janelas, nos recantos, se soltavam as chispas das flores das montanhas.

Estavam ali muitos jovens, tantos como campos de flores, de calções, braços e pernas nus, rapazes e raparigas. Estas só se distinguiam pelos peitos um pouco mais salientes e pelos lenços vermelhos. Alinhamentos, rostos, movimentos rítmicos...

— Um, dois, três, quatro...

Essas formas humanas encavalitavam-se em complicados anéis...

— Um, dois, três, quatro...

Serguei observava aquela eurtmia de movimentos e sentia o sangue a afluir-lhe ao coração:

— Um, dois, três, quatro...

As figuras confundiram-se, chocaram, explodiram em risos e gritos.

...Serguei parou junto à porta e encostou-se à ombreira, incapaz de avançar: a pequena mesa para além das inúmeras cabeças e ombros, a pequena mesa encimada por três cabeças parecia-lhe longínqua. Esta multidão reflectida pelos espelhos e pelos lustres tinha um intolerável brilho que dava vertigens.

Polina estava de pé diante da mesa, encolhida. Parecia uma rapariguinha, sem o lenço que costumava usar, apenas com os caracóis dourados. A sua voz oprimida rasgava-se, fremitava, gritava de dor.

— ...Não posso admiti-lo porque não posso compreender-lo, porque não vejo nisso qualquer justificação... Nós destruímos, sofremos... O sangue correu em torrentes, houve fome. E agora o passado ressuscita no meio de gritos de alegria... Já não sei onde reside o pesadelo: nos anos de luta, de sofrimento, de sangue vertido, de sacrifício, ou nesta festa de montras fartas e de cafés ébrios... Para que acumulámos montões de cadáveres? De qualquer modo não foi para que os tugúrios dos operários, a miséria, a morte dos pobres, fossem ainda piores! Não, não posso admiti-lo, não posso viver com esse pensamento... Lutámos, sofremos, entregámo-nos à morte para agora nos crucificarmos vergonhosamente a nós próprios? Porquê?

— Não lhes parece, camaradas, que o seu lirismo tem a ver com esse infantilismo de esquerda de que recentemente falava Lénine?

A voz do homem era calma, severa, desprovida de entoação; o contraste levava a que as exclamações de Miekhova parecessem soluços. A multidão de costas curvadas e nuças poeirentas inclinava-se para a frente, mexia, inquietava-se.

— Você dirige a Secção Feminina e defende aqui, perante os operários e as mulheres da sua organização, uma linguagem irreflectida. Isso é mau, camarada.

De longe viam-se os lábios de Miekhova a tremer e os seus olhos, onde rasavam as lágrimas, mergulharem para dentro das sobrelhas.

E quando passou entre as filas, como bêbada, sem destino, sem achar que a sua marcha fosse necessária, olharam-na sombriamente, longos olhares a acompanharam até ao seu lugar.

— Alguém tem alguma coisa a dizer sobre a camarada Miekhova?

Um suspiro unânime emanou da multidão. As mãos agitavam-se para a mesa e umas para as outras.

— ...Justamente, camarada... o essencial... não presta aqui para nada... O operário... Sim, para o operário é meia bola e força...

— Camaradas da Comissão, aos camaradas dessa espécie é preciso pô-los no olho da rua... Se é preciso é porque é preciso... Por causa da nova política... Vamos também correr com todas as galdérias!

E quando a vaga de gritos amainou, e se abaixaram as costas e as nuças, Serguei viu Gleb, sentado na mesa da Comissão, a olhar com olhos espantados de fera acossada para o carga-de-ossos. Inclinava-se para ele, queria dizer qualquer coisa, mexia os lábios e o queixo, mas o membro da Comissão, petrificado numa imobilidade cadavérica, não levantava a cabeça.

Dacha estava em pé à frente da mesa, os seus olhos cheios de dor e espanto seguiam atentamente Miekhova.

— Camaradas! Peço a palavra! Assim não pode ser!

Serguei saiu atrás de Polina para o corredor. A mulher dirigiu-se a passos rápidos e irregulares para a saída. A cabeça atirada para trás como se tivesse sido aparafusada, dançava-lhe, cega. Serguei chamou-a docemente. A sua voz ecoou surda no vazio nocturno do corredor. Ela não se voltou e desapareceu, caída com todo o seu peso na ombreira da porta.

Voltou para entrada da sala e ouviu, pela primeira vez, a voz forte e jovem do carga-de-ossos.

— Isso sim, compreendo-o muito bem! Finalmente aqui está um membro do partido! Uma verdadeira militante, uma verdadeira combatente. O nosso partido só pode sentir orgulho por ter militantes desta ténpera. Vá, camarada Tchumalova, boa sorte.

E Serguei viu o ossudo homem levantar-se e apertar a mão de Dacha.

3. Ínfimo Elemento do Grande Todo

Serguei, no seu quatinho da Casa dos Sovietes, leu até de madrugada o *Materialismo e Empiriocriticismo*, de Lénine. Com o toco de lápis sublinhava alíneas inteiras e escrevia nas margens notas indecifráveis. Levantava-se de vez em quando para percorrer o quarto em diagonal, sempre pelo mesmo sítio, do ângulo da mesa até ao lavabo. Pensava, sem poder dar precisão ao seu pensamento. Uma confu-

sa tristeza, tão dolorosa que fazia nascer o desejo de soluçar, voltejava nele. Palavras claras e retumbantes enchiam o seu silêncio:

— O princípio da energética de modo nenhum contradiz o materialismo dialéctico, não sendo a matéria e a energia mais do que formas diferentes de um único e mesmo devir cósmico... Tudo está no método e não nas palavras. Dialéctica é, afinal, energética... As relações dos elementos da substância universal são infinitas nas suas formas e regidas por leis. Só a conjunção já suscita discussões à volta da fórmula da energia e matéria. Esta conjunção estática exige uma explicação dialéctica... É portanto necessário pensar nisto... tentar encontrar uma orientação.

Voltava a sentar-se, a pegar no livro, a sublinhar alíneas e a traçar quase indecifráveis notas à margem.

O quarto de Polina, apenas separado do seu por uma porta, estava silencioso. Mas ela estava no quarto. A luz eléctrica reflectia-se no vidro da porta que dava para o corredor. Serguei tinha visto ao passar surgir no vidro a sombra difusa de uma cabeça encaracolada. Tentado a entrar, tinha deitado a mão ao trinco: mas a sombra cambaleante desapareceu. Serguei já tinha decidido não entrar. Se ela tivesse necessidade dele bater-lhe-ia à porta que separava os quartos ou viria até lá como de costume.

De livro na mão, aproximou-se pé ante pé da porta interior, apurando o ouvido. Reinava o silêncio no quarto de Polina. Nem passos nem barulho. Sem dúvida que ela estava estendida na cama com os mesmos olhos que ele lhe tinha visto à saída da célula da fábrica; talvez estivesse a dormir, cansada das emoções dos últimos dias. Se estivesse a dormir, era bom: no dia seguinte acordaria mais firme. Ela estava só cansada (como tanta gente no momento que se vivia): só precisava de um pouco de repouso. Na guerra era feliz, foi lá que aprendeu a rir ruidosamente. Mas nesta nova fase da acção, neste recuo, ela de repente se punha a vacilar. Tinha necessidade de um pouco de repouso e de achar maneira de se orientar no meio disto tudo. Quanto a ele, não devia dormir: ela podia chamá-lo ou aparecer no quarto como de costume.

A depuração... O rosto ósseo e a voz de gramofone do membro da Comissão já se tinham esvaído no tempo. Era tudo tão insignificante: uma coisa tão ínfima podia ter algo de significativo para o futuro?

Borboletas douradas e prateadas entravam pela janela, rodopiavam à volta da lâmpada, depois afastavam-se para o fundo do quarto, aí espalhando um frágil murmúrio de

cordas vibrantes que fazia o quarto parecer imenso, apelava à ideia de solidão e à espera de inúmeras mudanças futuras. Serguei aproximava-se da janela e olhava a escuridão. Era Outubro mas fazia calor. Os doces e estranhos aromas da decomposição outonal pairavam no ar desta quente e negra noite. E as tenebrosas pedras da cidade (ainda não havia candeeiros nas ruas) eram também profundamente silenciosas; ouvia-se só ao longe, na estação do caminho de ferro, o apito sombrio e o choque sonoro dos vagões. Do outro lado da baía, cintilavam as girândolas entrelaçadas das luzes eléctricas. A fábrica ressuscitava. No porto, gotas raras de fogo tremiam nos cais e barcos; regueirinhos de fogo corriam na baía por sob estas estrelas cintilantes.

Serguei dormitou por momentos. Apareceu-lhe o pai, descalço, com uma cadeira nas mãos e dizendo, apressado e alegre, coisas incompreensíveis. E porque era ininteligível essa conversa do pai, Serguei assustou-se. Sentou-se, privado de movimentos, quis-se levantar e não pôde. O pai ameaçava-o com o dedo, repuxava a barba e ria alegremente.

Um sonho. O coração do homem batia em pancadas profundas, anunciadoras do despertar. A voz de baixo do presidente do Executivo murmurava, contida, por trás da porta, no quarto de Polina. A cama de ferro gemia. Polina tinha uma voz quebrada, uma voz de passarinho que chorava ou ria.

O coração de Serguei batia com força. Era de fogo o sangue que lá latejava. Curvado, as veias do crânio e das fontes inchadas, aproximou-se da porta. Escutou. Levantou o punho para bater. Um estremeção lhe passou pela cara, o punho levantado caiu lentamente e abriu-se, débil. O homem, tremelicante, aturdido e acochado, caminhou cansadamente para a cama. Ainda escutou de pé por um instante e depois deitou-se. Levantou-se e escutou de novo. Depois despiu-se com lentidão, cuidadosamente, apagou a luz, cobriu-se e ficou calado.

4. Destroços Humanos

De manhã Serguei acordou à hora habitual, e pôs-se de pé num salto. Lavou-se rapidamente. Com a toalha nas mãos foi até à janela (que tinha ficado aberta toda a noite). O quarto estava fresco, um tonificante estremeçamento lhe corria pela pele.

O azul do céu era intenso como no Verão, nas lonjuras

o ar era transparente e doirado. Em baixo as casas flamejavam ao sol, o orvalho brilhava nos telhados que a refração do azul do céu tingia do mesmo tom. Nos picos das montanhas, por cima da fábrica, blocos de rocha brilhavam, encandeantes. No fundo da ravina um comboio de mercadorias subia a encosta através das arredondadas rochas e da floresta que vinha descendo das alturas. Distinguiam-se com nitidez os pequenos rectângulos dos vagões, os quadrados das portas e as rodas. A chaminé soprava o vapor em lufadas chamejantes, e depois, ficavam por muito tempo a pairar no ar os flocos róseos. O cheiro, dir-se-ia frio e metálico, do Outono, morno odor adocicado de decomposição, entrava pela janela. O ar era tónico, leve, transparente e ensolarado.

...A depuração. Os espelhos reflectindo multidões e lustres. As suas respostas confusas e ingénuas. Como tudo estava longe! E como era insignificante! O corpo do homem cheio de sangue e de saúde bem queria expandir os músculos em qualquer pesado trabalho físico. Fez alguns movimentos de braços perto da janela: um, dois, três, quatro...

Polina... Uma confusa dor lhe atravessou o coração como uma sombra. Ela não tinha ido ao seu quarto, não queria a sua amizade. O que se tinha passado naquela noite ela quis, desta vez, ocultar-lhe, guardá-lo só para si. A dor de Polina tornava-a mais chegada a ele, mais familiar. Ele não lhe diria como tinha sofrido, ela nunca saberia de nada. Ela era forte, sabia rir, recebê-lo-ia hoje com um bom sorriso, como amiga. Querida, querida Polina!

Pegou na pasta e saiu para o corredor. O quarto de Polina estava bem fechado, reinava nele o silêncio. Sem dúvida que ela ainda dormia. Que durma: tem necessidade de calma e descanso para que o sorriso se lhe amplie num claro riso.

No Comité do Partido, Serguei dirigiu-se à Comissão de Depuração.

Apesar da hora matutina, a obscura saleta de janela com grades, cheirando a tabaco ordinário e bafio, estava já cheia de fumo. Vários homens encontravam-se lá, de pé diante da mesa, com caras destroçadas como as de convalescentes que apenas agora se tivessem livrado de grave doença. Dois homens, empregados da Instrução Pública, empurraram Serguei sem o verem e, como cegos, ultrapassaram-no em silêncio. Tinham o sorriso dos vencidos, encontraram-se atrapalhados à entrada, ambos curvados. Serguei só ouviu os berros esganiçados de Juk.

— É preciso saltar-lhes pra cima, caros camaradas, aos

iros... Eles é que têm de ser corridos do PCR... essa câmbada de manda-chuvas! Que é que vós percebeis do operário? Só cuidais de vós, estais-vos marimbando para a classe operária. Como é que tu me queres depurar, cara de catano, se o meu focinho a ti não te diz nada? Será que comemos da mesma gamela? Por que é que me vens deitar areia prós olhos se és um bandalho?

O carga-de-ossos estava sentado à mesa, fechado, mudo, folheando impassível um volumoso dossier. Levantou os olhos para Juk quando ele acabou de vociferar e olhou-o com fixidez.

— Se se considera comunista, camarada, por que não é mais comedido? Já lhe disse que...

Juk, de rosto crispado, foi para ele e assentou um murro na mesa.

— Se me andas a fazer sacanices, grande pulha, ainda queres que te diga obrigado? E não queres mais nada? Eu bem vos conheço, oportunistas e especuladores... e hei-de vos desmascarar, vou-vos dizer como é, eu.

O homem continuava impassível, ósseo, como se os gritos de Juk lhe fossem totalmente indiferentes. Mas disse com voz surda a outro camarada, que estava junto à parede:

— Camarada Natchkassov, pega no dossier de Juk e põe-no de lado, para fins de revisão, para a sessão da Comissão de hoje.

Os seus mortíços olhos voltaram a encarar Juk e uma voz estranha o chicoteou.

— Você acaba de destruir para sempre as últimas hipóteses que tinha de ser readmitido no partido, camarada Juk. Demonstrou à sociedade que é um elemento prejudicial, um elemento de degradação. Ponho a questão da sua expulsão definitiva. E se continuar aos berros chamo o camarada que está de guarda para o pôr na rua à força. Saia.

O homem voltou, impassível, aos seus papéis.

Cego, o rosto azulado, Juk rangeu os dentes. Viu Serguei e, transtornado, foi ter com ele, como se buscasse protecção.

— O que se está a passar é assim tal como o vês, meu querido camarada! Esperemos, observemos, aprendamos...

Com a mão fez um gesto desencorajado e afastou-se.

Tsekhladze estava de pé junto à parede, diante da mesa. Os seus olhos gordos e brancos, injectados de sangue, olhavam sem um bater de pálpebras algo no meio dos papéis. Serguei já se habituara a vê-lo silencioso. No trabalho nem se dava por ele. Mas já tinha passado dois anos na monta-

nha com os guerrilheiros; e, comandando um grupo, tinha sido o primeiro a entrar, combatendo, na cidade.

Deu a impressão que algo de pontiagudo tinha chocado nos olhos brancos de Tsekhladze, que estremeceu e avançou um passo para o carga-de-ossos.

— Ca-ma-rada... Que brincadeira é essa? Deixa-me ver com os meus próprios olhos... Deixa-te de paleio, põe-te a trabalhar.

O carga-de-ossos deixou que uma chispa de surpresa se lhe acendesse nos olhos.

— Já lhe disse, camarada: você está excluído do partido por ser conflituoso. Não tenho tempo para brincadeiras. Interponha recurso.

Tsekhladze ficou petrificado onde estava, o movimento das mandíbulas recomeçou.

— Olha, aí está como eles fazem, Serioja, querido camarada! Olha e vê se compreendes...

Serguei aproximou-se da mesa e informou-se sobre a decisão da Comissão. Desde a véspera se sentia, no seu íntimo, já excluído. Não sabia porquê, não teria sabido responder se lhe perguntassem porquê, no entanto estava firmemente convencido disso.

— Sim, você foi excluído.

— Por que motivo?

— Neste momento não posso fazer-lhe a leitura do processo. Na devida altura receberá um extracto que o esclarecerá. Se não está contente interponha recurso.

O homem nem sequer tinha olhado para Serguei.

Mal Serguei ouviu essas palavras algo nele rebentou a ponto de lhe provocar uma náusea que descia da garganta ao peito e à barriga.

— Mas isso é para mim a morte política. Dá-se conta disso, camarada?

— Sim, vejo bem o que isso é. É a morte política.

— Mas porquê?

— Temos motivos sérios.

Serguei quis partir mas sentia-se colado ao chão. Os seus pés de súbito pesados já não lhe obedeciam. A janela não estava cheia de sol mas antes de um vermelho clarão de incêndio. Serguei teve o súbito pensamento de que era assim que o sol queimava nos dias de canícula. Viu o céu azul e, em baixo, a massa azulada dos depósitos da estação. Não soube como se afastou da mesa, nem em que ponto da sala estava.

Juk apertava-lhe a mão e ria um riso sacudido.

— Aí está, Serioja, um excelente trabalho... Regozija-

-te, burocracia! Na vossa célula Savtchuk é expulso, Miekhova excluída, tu és posto no olho da rua... Está tudo em família agora: isso vai dar que falar. Mas eu não tardo nada a mostrar-lhes como é, eu sei como os vou abanar como quem abana uma pereira...

Tsekhladze parecia que tinha sido outra vez picado. Teve um estremecimento e os dedos abriram-se-lhe em leque.

— Ca-ma-rada... Por que não páras com a brincadeira? *Faxavor* diz-me porquê que falas no ar... Deixa-me ver c'os meus próprios olhos o quê que escreveste aí.

De novo a chispa de espanto perpassou pelos olhos do carga-de-ossos. Dobrou-se, míope, sobre os papéis, e disse entre dentes, com voz cansada:

— Camarada Natchkassov, mostra a Tsekhladze a decisão a ele respeitante.

Tsekhladze, arrastando as botas, encaminhou-se pesadamente para a outra mesa em que o membro da Comissão com cara de bucha lhe estendeu uma folha de papel.

— Aí está. Lê. Sabes ler russo?

O homem apontava com o dedo o meio da folha. Tsekhladze urrou:

— Desaparece-me da vista, patife, filho de uma cadela!

De olhos enlouquecidos, desmesuradamente grandes e fitos no camarada Natchkassov, tremia sem parar.

Nem sequer olhou para o papel. Deu um murro furioso na orelha e gritou com voz estridente, de dor e medo:

— Tu depuraste-me... Vocês depuraram-me... Eu também vos vou depurar a vós, olhai só!

Soou um tiro na saleta que se encheu de fumo.

Tsekhladze jazia no soalho. Sangrentas viscosidades escorriam do seu crânio fendido.

O carga-de-ossos estava sentado à mesa, a cara coberta de pó. Os seus olhos arregalados, por baixo de uma espécie de albugem, eram os olhos de um cego.

Serguei não se lembra como saiu da saleta. Quando se recompôs, Jidki metia-lhe um copo de água entre os dentes. Jidki gritava, sorvendo o ar de narinas escancaradas.

— Bebe, c'os diabos! Não chores como uma mulher... tenta compreender. Não é aqui que as coisas se decidem. Há homens mais acima. O Comité do Partido não vai tolerar isto... Que me expulsem a mim também, mas estas abominações não as perdoo...

Serguei soluçava perdidamente.

XVII. UM SALTO PARA O FUTURO

1. "Continuaremos..."

O recomeço da laboração da fábrica fora fixado para a data do aniversário da Revolução de Outubro. No Clube da Internacional Comunista deveria efectuar-se uma reunião solene a fim de relacionar essa data histórica com a primeira grande vitória alcançada na frente do trabalho.

A depuração no Partido acabara, mas os corredores do Palácio do Trabalho estavam apinhados de gente suada, mortificada, saturada de fumo azulado, de desordem, de espera, uma espera estranhamente ansiosa e submissa. As pessoas juntavam-se em grupos; tinham mechas de cabelos húmidos coladas à testa, falavam em voz baixa e pareciam, mesmo que juntas, isoladas, como se estivessem doentes.

No Conselho da Economia e na direcção da fábrica, a Inspecção Operária e Camponesa, invisível e tranquila, procedia desde há alguns dias à verificação de documentos.

Schramm continuava, como antes, no seu gabinete, atrás de portas bem fechadas. Recebia das 11 às 14 horas. A calma e a severidade reinavam para além daquelas portas. Os serviços trabalhavam com tanta gente como no passado, com engrenagens tão complicadas como dantes, poderosa e calmamente. Só os técnicos elegantes se apresentavam um pouco mais pálidos, descorados, com olhos denunciando inquietude. Não se observava na multidão atarefada de empregados curvados sobre livros e papéis nem emoção, nem medo, como se não houvesse Inspecção Operária e Camponesa, como se ninguém conhecesse a IOC nem o que era uma fiscalização.

Gleb dividia-se entre a fábrica e a direcção. Corria de pavilhão para pavilhão, de oficina para oficina, perdido no meio da poeira, entre montes de material, o barulho do trabalho, contendo a custo o desejo de pegar na ferramenta e deitar mãos ao trabalho como os outros. Na serralheria discutiu com o serralheiro Saveliev. Era este um velho operário, uma espécie de boi manso, solitário e silencioso. Sacudido por violenta tosse que lhe revirava as tripas e o fazia escarrar uma espessa baba negra, fazia frequentes interrupções de trabalho.

Gleb, surpreendendo-o num tremendo ataque de tosse, arrancou-lhe das mãos a ferramenta e, com um empurrão nas costas, afastou-o da bancada.

— Que fazes aqui, filho de um cão, como um verme no

esterco! — gritou Gleb para o serralheiro. — Para quem trabalhas? Agora é para ti próprio que trabalhas!

Saveliev, fora de si, sacudido pela tosse, lançava a Gleb olhares tingidos de sangue.

— Não debes escarrar, não debes pestanejar, não debes assoar-te. Para nós, um minuto vale mais do que a vida...

Agitado pela febre, Saveliev cresceu para Gleb, sacudindo ameaçadoramente a barba.

— Que sabes tu disto, cão tihoso? Já eu estava há um ror de anos à banca como torneiro, serralheiro, compadre do diabo, e tu nem em projecto existias. Ainda andavas de fraldas e já eu tinha o peito cheio de limalha, e agora armas-te em chefe, impostor!

— Estou-me nas tintas para as tuas barbas! Há muitos como tu que passam a vida a contar balelas sobre o seu passado de operário. Só compreendes o que te diz respeito, não compreendes nada da causa operária, nem da produção...

Os operários, sem interromperem o trabalho, riam e escarneciam.

— Deita-lhe as mãos ao pescoço, Tchumalov, vamos a isso!

— Arreia-lhe, Tchumalov, mete o velho na ordem.

Gleb acalmou-se, atirou as ferramentas para cima da bancada e desatou às gargalhadas, que se ouviram no fundo da oficina.

— Sou estúpido e fala-barato, raios me partam! Não te zangues comigo, meu velho... Tenho comichão nas mãos, estou furioso, porque te tenho inveja.

Correu para outra oficina.

A reparação do forno e da britadeira estava quase feita. O Bremsberg trabalhava já. As roldanas da transmissão eléctrica punham-se várias vezes ao dia a girar alegremente, as roldanas das vagonetes ressoavam nas montanhas, assim como os longínquos martelões dos ferreiros. Aquela via aérea, estendida sobre cabos, continuava silenciosa com as suas vagonetas suspensas em pleno voo e a sua corda protectora corroída pela ferrugem esbraseada e mate. O relógio da torre, de grande quadrante branco, imobilizado há três anos, revivia agora, movendo de novo os grandes ponteiros que, iluminados de noite, anunciavam as horas a um quilómetro de distância.

A tanoaria preparava-se igualmente para o trabalho. Reparavam-se as bancas, limpavam-se os detritos e a gordura de fuligem; vagonetas chegavam transportando aduelas. Savtchuk, coberto de suor e pó, resmungando e praguejando a plenos pulmões (como se sabe, os tanoeiros são

mestres neste particular), movimentava-se com toda a brigada por entre montes de escombros, aparas podres, aduelas e arcos.

Gleb passava todos os dias pela secção das máquinas. Aí tornava-se imediatamente outro. A luz celeste, intensa e calma, a limpeza ofuscante dos vidros, dos metais e da negrura dos Diesel encastoados de prata e dourados, o suave tilintar cantante das alavancas e dos martelinhos. Esta música nova e severa do metal, esta luminosidade igual e calmante, o cheiro quente do óleo e do petróleo voltavam a dar à alma o bálsamo de uma serenidade doce e profunda. Estas meigas canções pareciam soar no próprio coração do homem. E tudo o que ficava para lá daqueles muros parecia insignificante, ínfimo, como os escombros que urgia evacuar. O essencial, o que de mais significativo havia, estava aqui, nestes tinidos faiscantes que a luz envolvia, neste suspirar dos fornos negros, solidamente assentes em rectângulos compactos. Por trás do resguardo de latão, Gleb observava longamente os enormes volantes tão ligeiros no seu voo, as largas rodas dentadas que corriam e tremiam por trás dos volantes, como se estivessem vivas. Gleb sentia-se ali, junto do estranho, inacessível voo dos volantes, emocionado pelo silêncio, como se ondas quentes lhe rebentassem na cara, nas mãos e no peito e o sacudissem com a sua respiração profunda. Absorto naquela contemplação, perdia a consciência, desfalecia naquele voo de bronzes alados, nesses flocos de calor aéreo. Ali ficava, fora do tempo e do pensamento, fora do entendimento, sem apoio.

Era Brinza quem o chamava sempre à vida. Brinza pegava-lhe num braço e conduzia-o em silêncio para a porta vidrada de onde se viam azular, como no fundo de um abismo, as cristas longínquas das montanhas cobertas de bruma e o espaço aéreo.

Não era já o Brinza que encontrara na Primavera. Tinha o mesmo gorro ensebado enterrado até ao nariz, o mesmo nariz parecendo o prolongamento do gorro, os mesmos maxilares negros e pontiagudos, o mesmo queixo, o mesmo bigode de tufo molhados. Mas os olhos eram agora frios, seguros, encastoados de prata e de dourados como os Diesel. O operário deixara de ter medo, de se torturar a si próprio; escutava, atento, o murmúrio e o tilintar das máquinas.

O diálogo iniciava-se invariavelmente assim:

- Então, chefe?
- Então, caro amigo?
- E depois?

— Continuaremos, Brinza.

— E não vamos partir o pescoço nesta aventura?

— O quê? Estás maluco! Meu grande safado, devias era entrar para o Partido, para veres mais alguma coisa adiante do bandulho.

— Ora, vai para o diabo mais o teu Partido. Que queres tu que faça do Partido se para mim nada mais há que as máquinas? Não sei o que é o Partido, mas sei muito bem como vivem as máquinas. Se há máquinas, têm que funcionar. Não gosto de fala-baratos. Segue o teu caminho, chefe.

Brinza cortava aqui a conversa e partia num passo leve, regular, sem se voltar, um pouco curvado; sumia-se entre os Diesel e não aparecia mais.

Gleb, ao percorrer as instalações cheias de pó de cimento, de barulho, de gritos de operários azafamados que se ocupavam das reparações, encontrou o engenheiro Kleist. O olhar extraordinariamente fixo deste último espantara-o mais de uma vez. No fundo daqueles olhos ardiam uma emoção e uma ansiedade interrogativa. O engenheiro Kleist tomou o braço de Gleb e ambos saíram para o ar livre. Caminharam, lado a lado, pela passarela que corria por cima das estruturas iluminadas, pelo mesmo sítio onde se haviam encontrado uma noite memorável.

Os Diesel roncavam em baixo, à direita; dínamos escondidos em qualquer parte cantavam tão docemente como cordas vibrantes. Silhuetas curvadas de operários, figurinhas minúsculas, passavam sob os telhados. As chapas de ferro tinham ressonâncias semelhantes a gritos de aves, os martelos tinham o bater surdo dos tambores. As janelas de alvenaria não tinham já aqueles grandes buracos negros, entre os vidros partidos: reflectiam abertamente o azul do céu mesclado de clarões mate e dos aquosos brilhos dos espelhos.

O ar era de uma transparência e de uma sonoridade outonais, saturado, como no Verão, de sol e de verdura; gaivotas, brancuras deslumbrantes, volteavam na baía. Ouvia-se em toda a parte, no ar e debaixo dos pés, assim como na própria pedra, tremer, fluxo longínquo, um indistinto rumor subterrâneo. Ali mesmo, muito perto, não se sabia onde, ouvia-se o ranger agudo de uma roldana enferrujada.

— Então, camarada técnico? Constatamos que o imbecil que diz: “Eu sou a força” é só meio imbecil. Nós, comunistas, somos talvez um pouco sonhadores como os imbecis, mas por isso não vem grande mal ao mundo, camarada engenheiro... Vamos, nós e você, pôr toda esta máquina em

movimento, entre chamas e fumo, para o aniversário de Outubro. Queria também felicitá-lo pela nomeação para director da fábrica. Parabéns. Hoje à noite chegou um telegrama dizendo que a sua candidatura foi aprovada.

O engenheiro Kleist conteve com um sorriso tenso a crispação do rosto. No entanto, sem se desviar da sua postura, apertou com força a mão de Gleb.

— Peço-lhe, Tchumalov, que esqueça o crime de que me confesso culpado perante si e outros operários. A consciência de que outrora mandei homens para a tortura e para a morte não me deixa em descanso...

O engenheiro Kleist encarava Gleb com esperança e terror; não conseguia dominar a tremura das mãos. Não conseguia também aclarar as ideias.

Gleb lançou-lhe um olhar brusco, cortante. O seu rosto, repentinamente obstinado e terrível, quedou-se numa imobilidade cadavérica. Mas isso durou apenas um segundo.

— Camarada técnico, o que passou, passou. Nesse tempo, os homens matavam-se uns aos outros. Lembre-se antes de outra coisa: se não tivesse salvo a minha mulher, há muito que até os ossos lhe teriam desaparecido. É agora um trabalhador dos nossos, uma cabeça inteligente e mãos de ouro. Nada teríamos conseguido sem si... Veja que belo trabalho fizemos sob a sua orientação!

— Tchumalov, meu caro Tchumalov, mas eu darei todos os meus conhecimentos, toda a minha experiência, toda a minha vida pelo nosso país. Não posso já ter outra vida que não esta, aqui convosco, não posso conhecer outro trabalho criador a não ser a nossa luta por uma nova cultura.

E Gleb viu, pela primeira vez, os olhos do engenheiro Kleist humedecerem-se, enquanto que vagas novas, desconhecidas, se levantavam do fundo das pupilas.

Gleb apertou a rir a mão do engenheiro.

— Pois bem, Herman Hermanovitch, sejamos amigos...

— Sim, sejamos amigos, Tchumalov...

E o engenheiro partiu num passo firme, apoiado na bengala.

2. Cinzas

Nos dias que se seguiram à depuração, Dacha deixou de dormir em casa, tendo-se instalado na habitação de Miekhova. Ela tinha, com efeito, recebido de Miekhova este bilhete.

“Sinto-me muito doente, Dacha, ainda que ande, coma e fale, e que nada me tenha aparentemente acontecido. Mas

não vejo nada, não sinto nada. De dia, sou como um animal acossado; de noite, torturam-me os pesadelos. Mais vinte e quatro horas, e creio que não aguentarei mais. De certeza que estou doente. Só tu me poderás dar apoio e fazer com que me restabeleça. Peço-te como amiga, vem viver algum tempo para junto de mim, ajuda-me a apanhar os farrapos rasgados de mim própria e a pôr-me em pé. Neste momento (é meia-noite) estou em casa de Serguei, como todas as noites. Ele está muito cansado, mas corajoso como de costume, afável, carinhoso; trata de mim como se eu fosse uma criança. Está pronto a passar a noite velando junto de mim. Quando parto, acompanha-me a casa não pelo corredor, mas pela porta de comunicação. Tenho medo que abuse dele próprio e acabe por sucumbir. Em mim amadurece uma mudança, não sei qual, mas sei que bastaria que passasses alguns dias comigo para que tudo corresse bem de novo e voltasse aos seus lugares.”

Naquela noite, Dacha, um embrulho debaixo do braço, partiu para a cidade, com o seu passo apressado, como quando fazia as compras para a Secção Feminina. Passou por casa apenas para pegar em alguma roupa de cama.

— Eh, Gleb, trata das tuas coisas e descansa sozinho, eu pego na minha tralha e mudo de casa.

Gleb, sentado num banco, abriu os olhos de espanto e levantou-se.

— Outra vez com as tuas manias... Espera. Não me disseste nada: para onde mudas?

— Quando tiveres um momento livre, passa por casa da camarada Miekhova. Vamos viver juntas. Ela está completamente arrasada: é preciso levantá-la, recompô-la.

— E quantos dias vais consagrar a essa obra?

— Não sei. Estamos de novo metidos no mesmo barco. Faz de maneira que ela não abandone o Partido.

— Tens razão. Cometeram-se grandes erros com essa depuração.

— Bem, vou-me embora. Não tenho grandes esperanças. Não sei o que vai acontecer.

Deram-se as mãos e calaram-se, confusos. Palavras incabadas tremiam-lhes em sorrisos. Evitavam mirar-se olhos nos olhos, turvados que os tinham por uma questão não dissimulada. Estiveram silenciosos um momento, sorridentes, mãos entre as mãos, sonhando com as palavras que não conseguiam jorrar-lhes do coração.

— Bem, vou-me embora...

— Bem... Então vai, já que tem de ser...

Acompanhou-a até à cancela da cerca e, transposta esta,

apertou-lhe de novo a mão. Ambos continuavam a sorrir em silêncio. E Gleb sentia que Dacha não partia simplesmente, como partia de costume para o trabalho ou para qualquer serviço: daquela vez, Dacha levava com ela para sempre o tempo passado. Talvez não voltasse mais; talvez estivesse ali, diante daquela cancela, no último olhar da jovem, uma saudade do passado, uma alegria no prenúncio da nova estrada que diante deles se abria. Ele já não podia falar-lhe com autoridade, dizer-lhe:

— Dacha, não permito que vás: preciso mais de ti do que a camarada Miekhova. Sem ti, deixarei de ter uma casa acolhedora e agradável; sem ti, a minha cama será suja e fria. És minha mulher ou uma galdéria que anda de casa em casa? A tua liberdade tem que ter limites, já que tens obrigações perante o teu marido. Não te chega a morte de Niurka? Quem mais queres sacrificar? O teu passado está entre nós, separa-nos... Quanto a esse Badine e outros que tais, não posso com eles. Muda de ocupação, podes trabalhar comigo na fábrica.

Já não tinha autoridade para pronunciar tais palavras, Dacha pegara na autoridade dele e reduzira-a a cinzas. E não era uma mulher que ele tinha à sua frente naquele momento, mas um ser humano de força igual à sua, que havia transportado aos ombros todo o peso dos anos decorridos. Dacha não era apenas uma companheira; era uma mulher de mãos vigorosas, que deixara de ter afeição à casa e ao marido. Ela ir-se-ia embora naquele momento, porventura para não mais voltar, para se tornar tão estranha para ele como as outras mulheres. Pois bem, tinham vivido até ali no mesmo quarto, dormido, primeiramente, separados, depois, juntos, sem que Gleb tivesse alguma vez esquecido o essencial: ela não mais seria a mulher de outrora. Estava ali outra, uma nova mulher, que podia partir no dia seguinte para nunca mais regressar.

O último laço da vida comum rompera-se com a morte de Niurka. Quando a filha expirou, a dor unira fortemente as suas almas com um selo comum, e esses dias assemelharam-se aos do seu antigo amor. A seguir, veio a depuração, todo um período de inquietações, para ele na fábrica, para ela na Secção Feminina. Noite caída, encontrando-se no quarto exíguo, viam bem que a morte de Niurka havia dado o último abanão à sua vida a dois. Era preciso, dali em diante, construir o destino de outra maneira: já não havia tempo para consagrar ao sonho de uma felicidade pessoal. Esse sonho era mesquinho, incómodo, contrário aos interesses da causa. Quando Miekhova caiu doente após a de-

puração, Dacha foi encarregada temporariamente de dirigir a Secção Feminina. Dizia-se no Comité do Partido:

— Eis Dacha no seu verdadeiro lugar... É como se nunca tivesse feito outra coisa...

Ela tinha consciência, como toda a gente, que em breve passaria de interina a efectiva.

E Gleb, no momento da despedida, quis dizer-lhe qualquer coisa de grande, vinda do fundo da alma. Mas o quê? No entanto, teria que ser dita naquele momento. O que não fosse dito naquele instante nunca mais o seria. Tinha medo de falar: Dacha sabia escutar com uma atenção intuitiva e sagaz, mas respondia-lhe sempre na sua própria linguagem, e essa linguagem não era a que ele teria desejado, essa linguagem desferia golpes demasiado dolorosos.

— Bem, vai lá, querida Dacha... Eu não compreendo nada da nossa vida comum... O diabo sabe o que se passa... Estou cheio desta vida.

Dacha não levantou os olhos, fixando um seixo do chão, tentando prendê-lo sob o pé. Mas a pedrinha fugia à pressão do sapato.

— Não sei qual de nós está mais cheio. Nunca mais serei como era. Não serei mais uma mulher para a cama. Continuar assim, para quê, torturando-nos um ao outro? Por enquanto, descansaremos um bocado, teremos tempo para pensar.

— Seria melhor dizeres-me que já não gostas de mim e que tudo está acabado...

A testa de Dacha continuava a enrugar-se, uma inquietude ensombrava-lhe os olhos.

— E se te dissesse que isso é verdade, Gleb, que já não te amo?

Gleb sorriu, desamparado, compreendendo só agora que tinha ofendido Dacha. A língua seca queimava-lhe os lábios.

— Digo-te: ponto final, é tudo. Porque nestas coisas nem a força nem a ternura poderão fazer seja o que for.

— Não sei, Gleb... Todos os laços se romperam e misturaram... A partir de agora temos que compreender o amor de uma maneira completamente diferente, de uma maneira nova, mas como?... Temos que pensar bem. Por agora só sei uma coisa: temos que nos respeitar mutuamente e não atar as mãos um ao outro. Continuamos com as antigas grilhetas. Bem, vou-me embora...

Gleb sentia a boca secar e a tristeza oprimir-lhe o peito. Atrás dele tinha apenas um quarto vazio, cheio de teias de

aranha; diante dele, tinha apenas a estrada por onde ia caminhar Dacha.

Logo que Dacha se afastou alguns passos, Motia saiu do seu buraco. Aproximou-se, com um andar indolente de pata, barriga enorme, seios erectos e cheios, olhos com olheiras, submissos, virados para dentro dela, cheios de uma melancólica lassidão. Fez de longe um gesto com a mão. Um sorriso descobriu-lhe os dentes.

— Ora! ora!... Lá vai ela para o passeio, solteirinha... Não, eu tratarei de ti, eu!... Uma mulher é para fazer filhos, mas ela anda no passeio, como um diabo que é... Lá vai ela com a trouxa, abandonando o marido... Hei-de atar todas as tuas mulheres à perna da cama e ordenar-lhes: fazei filhos, debochadas!... Não precisas de fazer mais nada: mete-te debaixo do teu marido e faz filhos... Sê uma boa mãe... Olha para a minha barriga: hei-de trazê-la cheia todos os anos, ides ver... Eu serei uma mulher, e vós frutos secos...

Dacha aproximou-se dela, enlaçou-a com o braço livre e pôs-se a rir.

— Uf!, és mesmo uma pega tagarela, Motia! Faz inveja olhar para ti: não és uma mulher, és toda entranhas...

Dacha deu-lhe um toque carinhoso no ventre.

— Sabes, hei-de ir à tua sagrada Secção Feminina, pôr-me em pêlo e começar a gritar: adorai-me, mulherzinhas, beijai-me o umbigo: sou a mãe de Deus!

Riam ambas, Gleb ria também.

Dacha, com o pequeno embrulho sob o braço, seguia pelo carreiro ladeado de arbustos em direcção à fenda do muro. Gleb esperava que ela se virasse para lhe dizer adeus com a mão. Não se voltou. O seu lenço vermelho mostrou-se uma ou duas vezes na fenda, depois extinguiu-se por trás do betão.

Dacha partia assim todos os dias, para só voltar a casa noite alta. Enviavam-na frequentemente fora da cidade. Passavam dias e noites em missão. As aldeias cossacas estavam ainda irrequietas: bandidos erravam pelas montanhas, escondiam-se nos canaviais, nas margens dos cursos de água. Todas essas viagens de Dacha criavam uma inquietação constante. E eis que tudo se desnudava, que tudo se tornava triste e aborrecido: aquele quarto, aquela ruela ladeada de tapumes, aquele muro que acabava de o separar de Dacha. Tudo à volta dele se convertia num muro de prisão. Para que serviria agora o quarto vazio e bafiento, para que serviriam o tabique e pátio minúsculo? Dacha fora-se embora, trouxazita debaixo do braço, sem se voltar para trás, depois de lhe ter falado numa estranha linguagem. Da-

cha tinha partido talvez para não mais voltar. Já não havia Dacha, estava sozinho. Niurka morrera. Sem Dacha, sem Niurka, ficaria só. Que vida! A vida é como uma britadeira: tritura tudo, destinos, hábitos, amor.

Motia olhava-o de lado, como uma galinha, e os olhos dela, renovados pela maternidade, transbordantes de profunda alegria, enchiam-se de lágrimas, tremeluzentes como centelhas.

— Oh! Gleb!... Como tenho pena de vós, dos dois!... Sois muito infelizes!... Dacha está perdida para o lar! E mais, Gleb... A vossa filhinha morreu, Niurka morreu... E tu ficas aqui como um gato escorraçado... sem família, sem um canto quente onde descansar a cabeça... Mas não te lamentos, Gleb... Os que brincam com o fogo acabam por queimar-se... Niurka ardeu entre vós como uma palhinha... Oh! Como me meteis pena, Gleb!

Ele voltou-se e começou a carregar o cachimbo.

— Não há-de ser nada, Motia... O fogo é coisa boa... Quando se sabe para onde caminhar, quando se tem confiança nos olhos e nos pés, é caso para temer queimarmos-nos, seja muito ou pouco? Combatemos e construímos a vida nova. Tudo corre bem, Motia, não chores. Construiremos tudo, com mil diabos! Um dia até nos surpreenderemos com nós próprios por termos conseguido fazer tanta coisa boa!

— Oh! Gleb, Gleb... Destruíste a tua própria casa...

— Ora! Levantaremos uma nova, Motia... Então? Se a antiga se foi abaixo, é porque não valia grande coisa... Mas como tens tu passado? Para quando o parto?

A mulher ria com os olhos; a felicidade fazia-lhe tremer o rosto:

— Daqui a um mês, Gleb... Fica a saber que vais ser o padrinho.

— Isso sim, é uma notícia!... Estou pelos ajustes: Mas com uma condição: se vejo o pope, meto-o numa vagoneta e faço-o descer pelo Bremsberg até ao depósito da madeira. Vai ser um baptizado em grande!

Motia ria, feliz. Gleb não entrou em casa, desceu a ruela e dirigiu-se para as instalações da fábrica.

3. Os Ventos de Noroeste

O fim de Outubro foi rico em acontecimentos inesperados. Schramm foi preso na noite de 28 e transferido de seguida para o centro regional. Na mesma noite foram presos

elementos técnicos do Conselho da Economia e da direcção da fábrica. No dia 30, os militantes do Partido ficaram impressionados com importantes notícias. Jidki foi colocado à disposição do Bureau Regional do Comité Central. Badi-ne era nomeado presidente do Conselho Regional de Economia. O chefe da Tcheka, Tchibiss, era enviado para um local longínquo, em qualquer parte da Sibéria.

Estes acontecimentos eram esperados desde há muito: falava-se deles em voz baixa, comentavam-se os rumores que corriam, as pessoas inquietavam-se. Sabia-se que aquilo havia de acontecer: os dias passavam-se repletos de uma espera confusa. No entanto, as pessoas ficaram impressionadas, não com a instantaneidade dos acontecimentos, mas com a realidade dos mesmos.

Todas as manhãs, à hora habitual, Serguei dirigia-se ao Comité do Partido, munido da sua velha pasta amarrotada, cabeça descoberta, curvado, passo indolente, uma interrogação a brilhar-lhe continuamente nos olhos. Cumpria diariamente e com pontualidade as tarefas que lhe distribuía o Partido, no Serviço de Agitação e Propaganda e na Instrução Pública, não faltando a uma reunião, mesmo àquelas em que a sua presença era dispensável, não falando a quem quer que fosse do seu próprio destino, da depuração, da sua expulsão, das diligências a fazer a fim de obter a reintegração no Partido, como se tudo isso fosse totalmente desprovido de importância, encarando como única coisa urgente a tarefa diária incluída no plano. Não pusera mais os pés na Comissão de Depuração, não solicitara o apoio de nenhum militante responsável, não se perturbara, não se queixara. Mas a cabeça dele, de careca vermelha e longos caracóis, parecia maior e mais pesada.

Recebeu um extracto do processo da Comissão de Depuração e leu-o com a atenção que dedicava à leitura de qualquer documento:

Assunto

*Serguei Ivanovitch Ivaguine,
membro do PCR(b) desde
1920, cartão do Partido nº
XXX, intelectual.*

Decisão

*Intelectual típico, exerce
uma acção desmoralizante sobre
a organização do Partido.
Expulso.*

Fora Dacha quem lhe entregara o papel. Serguei, à sua mesa da Secção de Agitação e Propaganda, trabalhava na redacção das teses destinadas aos conferencistas sobre a cooperação operária. Dacha observou fixamente, esperando vê-lo tremer dos pés à cabeça. Espantou-se pela primeira vez ao vê-lo tão despreocupado como calmo. Porque se calava, porque pensava ele noutra coisa?

— Camarada Ivaguine, tem que apelar imediatamente. O deixar correr não tem aqui cabimento. É preciso agir sem perda de tempo e com toda a força.

Ele sorriu, os olhos húmidos, e tirou da pasta um retângulozinho de papel coberto com uma caligrafia muito pequenina.

— Já interpus apelo, camarada Tchumalova. Veja aqui a cópia da minha carta. Transmitem a Jidki. Por seu lado, o Comité do Partido também intervém.

— Se precisares de uma explicação fundamentada, eu escrevo-a num minuto, camarada Ivaguine. É um abuso gritante: não vos podem demitir, nem a ti, nem à camarada Miekhova.

— Se pensas, camarada Tchumalova, que é necessária uma explicação fundamentada, redige-a e entrega-a a Jidki.

Levantou-se e, com um sorriso forçado, estendeu a mão a Dacha.

— Mas não te esqueças nem um instante que sou um comunista, um membro do Partido que tem que cumprir a sua função custe o que custar.

— É certo, camarada Ivaguine, mas deves mexer-te, sacudir as pessoas e não te deixar ficar muito bem sentadinho na tua cadeira.

— Não vejo ainda a utilidade disso. Se for preciso, levanto-me e vou onde for preciso.

Dacha observou outra vez fixamente, as sobranceiras tremendo de espanto. Depois sorriu e saiu rapidamente.

Polina havia sido enviada há pouco para férias. Serguei deixara de a visitar desde que Dacha se instalara no quarto dela. Polina não o chamava nem abria a porta de comunicação entre as duas divisões. Ela tinha-o esquecido, as noites sem sono extinguíram-se na memória da jovem. Ele ouvia frequentemente o seu sorriso de outrora e a sua voz sonora, agora misturada com a de Dacha. Solitário, andava no quarto de um lado para o outro, arrastando as pesadas botas, triste por ter por companhia apenas o seu coração, feliz embora por ouvir de novo tilintar no quarto de Polina a música de risadas.

Necessitava apenas de uma coisa: do Partido e do trabalho do Partido. Vida pessoal não existia para ele. Que significava o seu amor escondido nas profundezas insondáveis? Que significavam esses pensamentos que lhe davam cabo da cabeça? Sobrevivências de um passado maldito. Tudo isso vinha do pai, da adolescência, do romantismo dos intelectuais. Havia que cortar pela raiz esse passado. Era preciso aniquilar todas as células doentes do cérebro. Só o Partido contava, e tudo, tudo até à última força lhe deveria ser consagrado. Fosse ou não reintegrado, nada mudaria: Serguei Ivaguine não existia como indivíduo. Só o Partido existia, um grande organismo de que ele era apenas uma ínfima parcela.

Reviveu nesse dia, uma vez mais, os seus antigos sofrimentos.

O quarto de Jidki era extraordinariamente sufocante e silencioso, embora Badine, Gleb, Dacha, Lukhava e Tchibiss aí estivessem reunidos. Ouvia-se apenas a voz contida de Jidki.

— Não há objecções ao projecto? Aprovado. Portanto, o projecto das festividades foi definitivamente aprovado sob esta forma: os manifestantes reúnem-se de manhã por bairros...

Lukhava levantou a mão e interrompeu brutalmente Jidki:

— Basta. Sabemos tudo isso de cor. Adiante.

Gleb levantou-se e estendeu a mão para Jidki.

— Deixa isso, Tchumalov, a questão está esgotada. Não vale a pena falar mais nisso. Ponto final.

— Ponto final, como? Protesto contra a festa dos heróis do trabalho. Deve ser suprimida. Que heróis do trabalho temos nós? Que fizeram eles assim de tão grandioso para serem heróis? Realmente é um absurdo, caros camaradas... Não falo apenas de mim... Peço que as minhas objecções fiquem registadas na acta.

— Não há objecções que valham neste caso, Tchumalov... Dizes tolices... Maças-nos.

Tchibiss estava sentado como de costume, parecendo dormir ou repousar, ou sonhar, ou pensar em qualquer coisa que nunca diria a ninguém.

Badine apoiava o peito no rebordo da mesa, silencioso, surdo e pesado. Dir-se-ia insensível e maciço ao ponto de não se mover sob uma forte pressão, de não sentir minimamente qualquer golpe. Dacha sorria, as maçãs-do-rostro róseas.

Badine meneou a cabeça de pedra e olhou para Gleb,

como se o apalpassse com os olhos. Encostou-se às costas da cadeira e pôs uma mão no peito de Gleb.

— E isto, que é isto?

Os dedos de Badine davam pancadinhas na insígnia da Bandeira Vermelha.

— É...

— Ora, não te faças de Espartano. Se fosses, por exemplo, Serguei Ivaguine, intelectual púdico, a tua modéstia seria compreensível e verosímil. Mas a ti a modéstia não fica mesmo nada bem.

O sangue subiu à cabeça de Gleb, os olhos humedeceram-se-lhe. Deu um passo atrás.

— Peço-lhe, camarada presidente do Executivo, que não me dê conselhos. Combato e combaterei a proposta do camarada Badine e do camarada Lukhava. Se o camarada Badine tem assim uma necessidade tão grande, que lhe inscrevam Herói do Trabalho no cartão do Partido, e que vá mandar para longe daqui com esse novo galardão.

Jidki batia na mesa com o lápis, dilatava as narinas como se tivesse que conter uma grande gargalhada prestes a explodir-lhe no peito.

— A discussão está encerrada. A discussão está encerrada! Ordem.

O olhar agudo e abrasador de Lukhava ia de Gleb para Badine.

Gleb viu pela primeira vez naquele momento, nos olhos turvos de Badine, um ódio inabalável. Essa mesma vaga pesada subira-lhe aos olhos na Primavera, mas então era apenas vigilância apurada, hostilidade para com a força do recém-chegado. Então, era apenas curiosidade, ou qualquer outra coisa difícil de compreender, qualquer coisa de pesado e desumano que estava no sangue. E agora, como quando do primeiro encontro com Badine, na Primavera, ficou de repente aturdido.

— Gleb, domina-te! Vejamos! Não vais perder as estribeiras!

Dacha olhava para ele com severidade, as pálpebras a tremerem-lhe, um grito nas pupilas. E ao ver aqueles olhos e aquele rosto pálido, sentiu no coração a queimadura da antiga dor e da ira. Dacha... Badine... Dacha, a sua mulher... Ela estava então com o outro na povoação cossaca... Os bandidos no desfiladeiro... A noite passada num único quarto, numa única cama... O que Dacha lhe havia dito não era brincadeira... Dacha e Badine. E ele, ele, impotente, apesar de toda a sua força...

Jidki descobriu os dentes e bateu de novo com o lápis na mesa.

— Ordem, caramba... Acalma-te, Tchumalov... A questão está esgotada.

Tchibiss franzia os olhos, olhando pelas pálpebras meio fechadas, com um sorriso descolorido.

— Senta-te, Tchumalov. És um militante sério, não armes sarilhos.

Badine, imóvel, os olhos turvos, continuava a considerar Gleb.

— De que se trata então, camarada Tchumalov?

Gleb, arquejante, enterrou as mãos nos bolsos. Não conseguia dominar o coração. Este enchia-lhe o peito, aí explodia, aí desfalecia, queimado de sangue. Gleb não conseguiu dominar-se mais, estendeu um punho e gritou a plenos pulmões, aliviado:

— Mulherengo! Porco sujo, filho de um cão!

— Gleb, estás doente, estás louco, Gleb! Que vergonha, Gleb!

De repente todos se sentiram pequenos, desamparados, surdos. Apenas Tchibiss ficou imóvel, os olhos estreitados, dissimulando um sorriso por sob as pestanas, aborrecido e ensonado.

Badine, preguiçosamente pesado, deixou-se de novo cair sobre o bordo da mesa e disse com muita calma, friamente, como se estivesse a falar no seu gabinete:

— Ora vejam isto! E é tudo? Fazes mal em não vigiar-me, como o fazia o falecido Tsekhladze: ficarias a saber muitas coisas mais. O próprio Serguei Ivaguine sabe mais do que tu. Ele está aqui, poderia contar coisas interessantes... Mas, sempre embaraçado, não se decide a fazer um escândalo. Estás a ver, o ciúme é sempre míope.

Serguei levantou-se e o seu olhar apagado, cego, passou em silêncio por todo aquele grupo. Não tirava os olhos de Badine, foi ao encontro deste, transtornado, quebrado, querendo dizer qualquer coisa, mas sem conseguir articular palavra. E em vez de gritar a Jidki o que lhe dilacerava a alma, curvou-se, fez um gesto evasivo e saiu.

Das montanhas soprava um vento noroeste. O ar era de grande transparência entre a montanha e o mar impregnado de azul e de sol. Por cima da baía, goelas invisíveis, garrafas enormes, cuspiam nuvens, que se desfaziam em farra-
pos por sobre a cidade e vogavam, esparsas, em direcção dos longínquos cumes escuros. Ao longe, para além da cidade, as neblinas outonais condensavam-se, tremulantes, nas alturas; as cristas das montanhas cobriam-se de nuvens

negras que envolviam os desfiladeiros e os penedos. Manchas de fogo incendiavam as fendas da montanha, voando por cima dos declives e das encostas, extinguindo-se nas ravinas, reacendendo-se nos penhascos gredosos. O mar fumegava: dir-se-ia uma tempestade de neve sobre esse rio sem margens, sem ondas, de espuma que murmura sem cessar. Entre o molhe e o cais, junto dos desembarcadouros da cidade, o ar tinha as colorações do arco-íris. As ondas desfaziam-se contra os maciços de betão do cais, e fustigavam de pingos as casas, a cidade e as encostas confundidas com a bruma arruivada do Outono.

De cabeça descoberta, Serguei seguia, como sempre, ao longo do passeio do cais. Os caracóis soltos batiam-lhe nas faces e no crânio. O vento, que uivava e assobiava (clamor de multidões inumeráveis), empurrava-o para a cidade, e ele caminhava alegremente, sem esforço, pés ligeiros. Transeuntes isolados vinham em sentido contrário, curvados pela força do vento. Ele não lhes via as caras, distinguia apenas os gorros e as cabeças das mulheres protegidas por lenços fortemente atados.

Falucas turcas dançavam na água junto dos desembarcadouros; grandes barcos pesqueiros levantavam a sua mastreação semelhante a fusos de fiar.

Para que tinha ele ido ao Comité do Partido? Só para lançar à cara de Badine a verdade? E nem isso conseguiu. E que podia dizer ele depois de Tchumalov? Para que, então, tinha ido a esta parte da cidade? Sim, lembrava-se... O pai já não estava na biblioteca. Não sabia onde morava o pai. Ultimamente, Verotchka tinha encontrado Serguei e falara-lhe a tremer, com os grandes olhos radiosos e húmidos pregados nos dele.

— Serguei Ivanovitch, ele sente-se bem... Ivan Arsenievitch... É um homem espantoso... Mas proibiu-me... Ele está doente, Serguei Ivanovitch, e disse-me que o senhor não deve...

Que importava a sorte do pai? A vida efectua uma selecção infalível e fatal. Onde era, nesses vastos amanhos da história, o lugar de Serguei? Seria esmagado? Tornar-se-ia a sua alma de ferro, como a do presidente do Executivo, Badine? Os golpes daqueles anos tinham sido tão fortes, tão cruéis e impiedosos, que os antigos ferimentos sangravam ainda e cada hora que passava juntava mais nódoas negras. Que importava o destino de Serguei, se a todo o momento tinha que se entregar todo inteiro? Era preciso trabalhar, trabalhar. Que a vida quotidiana seja sombria, é coisa que pouco importa. Não será o esforço quotidiano um sonho

transformado em trabalho obrigatório e tenaz?

Seria ou não reintegrado no Partido? Isso não tinha importância, isso não alteraria a sua vida. Tinha de trabalhar, trabalhar. Se fosse eliminado como um dejecto, seria sem dúvida porque assim era preciso para o futuro, sem dúvida porque a história o condenara, como uma força, um elemento do grande processo. Não estava ele unido por laços indissolúveis a todo o Universo, à Humanidade?

A jovem encostada à amurada do navio atravessara-lhe a alma como uma vaga e ficara-lhe para sempre no coração. Onde estaria ela? Mas não é isso indiferente? Havia Polina Miekhova, entrada nele através do riso, a vigorosa coragem do sangue, as noites sem sono passadas à cabeceira da jovem, que nele entrara para sempre através do amor, como uma dor, como uma alegria secreta, como uma chama inextinguível. Deixá-lo! Não sentiria mais a seu lado Jidki, Tchibiss, Badine... Nem Lukhava, nem Dacha. Gleb ir-se-ia embora com o seu passo de homem de pedra transportar através da República o fardo do trabalho. Nada alteraria a sua predestinação, a sua predestinação de firmeza, de vítima, de elo necessário da cadeia das grandes realizações.

As vagas agitavam-se e desfaziam-se em baixo contra a alta muralha inclinada de rochedos; as ondas saltavam e partiam-se em barulhentas fontes verdes. Havia no paredão uma plataforma para os vapores acostarem. A ondulação deslavava e carcomia o betão. Junto do muro, por baixo da plataforma, amontoavam-se algas, detritos, conchas e medusas. Passada a estacada, o vento agitava turbilhões de poeira. Serguei olhou para baixo e parou.

O cadaverzinho de um recém-nascido jazia ali, junto do muro, entre algas e detritos, um lenço branco atado na cabeça, meiazinhas nos pés, mãozitas invisíveis, o corpo cuidadosamente embrulhado num pano branco. O cadáver estava fresco, a cara de uma brancura de leite, tranquilo, como se tivesse adormecido. Estava tranquilo ali, entre os desembarcadouros, as vagas desfazendo-se lentamente, afastadas das tempestades. Por que teriam depositado tão cuidadosamente aquele cadáver de uma criança em cima das algas? Onde viera aquela criança de suave rosto de cera? A tepidez de uma mão maternal estava ainda sobre ele, naquele lenço atado, naqueles braços cobertos, naquelas meias minúsculas tão puxadas para os tornozelos rechonchudos... Serguei observava a criança morta e tinha a sensação que o cadaverzinho ai abrir os olhos, responder-lhe com um olhar fixo, e sorrir. Onde viera aquela criança, tão

desumanamente sacrificada, que lhe provocava tão intensa piedade? De um barco naufragado? Dos braços de uma mãe enlouquecida? Serguei não conseguia tirar os olhos dali. Transeuntes curiosos consideravam durante um momento o cadaverzinho e logo se afastavam. Murmuravam, perguntavam qualquer coisa a Serguei, mas este não os ouvia nem via. Olhava sem pensar, dolorosamente, os olhos cheios de espanto e de piedade e sentia voltear-lhe em torno do corpo uma tristeza opressiva e inexplicável. Murmurava alto, inconscientemente, sem ouvir a própria voz:

É a tragédia da luta. Para renascer, é preciso morrer.

4. Fluxos

Jidki, Badine, os membros do Comité de Fábrica e o director da fábrica Kleist encontravam-se com Gleb na torre iluminada. Mas Gleb estava na realidade só, porque aqueles multidões imensas freíam, clamavam, floriavam até onde a vista alcançava. Estavam aqui e ali, em todo o lado.

Aqui, na própria base da torre, bandeiras vermelhas drapejavam como piras longamente alinhadas à esquerda e à direita. A torre sobressaía de panos vermelhos fixados ao ferro: a bandeira da comuna comunista flutuava na barreira, perto de Gleb, deixando cair as suas pontas por cima das outras bandeiras da multidão; do outro lado, onde se encontravam Badine e Jidki, estava desfraldada uma outra bandeira, a do Sindicato da Construção Civil. Uma larga faixa púrpura ostentava ao correr do parapeito luminosas letras brancas semelhante flores primaveris:

VENCEMOS NA FRENTE DA GUERRA CIVIL VENCEREMOS NA FRENTE ECONÓMICA

Um formigueiro de cabeças e ombros, fluxos humanos onde se acendem bandeiras vermelhas, onde se levantam rostos baços e rostos em tons de leite, formigueiro de bonés, de asas—bandeirolas—por toda a parte. Não se vê a multidão por trás dele, mas a multidão reaparece por cima dele, móvel, trémula. No rochedo que domina a ravina, também multidões, bandeiras, bandeirolas. Esses fluxos humanos parecem redemoinhar por lugares, depois escalam, cada vez mais alto, os socacos e as encostas da montanha, fazendo florir cada vez mais alto bandeiras e bandeirolas, como campo de papoilas. E via-se ainda chegar pelos desfíladeiros, lá em baixo, multidões enormes. Uma orquestra toca uma marcha.

O dia estava claro, ambarino, de uma frescura outonal, as lonjuras do horizonte como que estavam mais próximas, arroxeadas, intensas, como só acontece no Outono. Gleb olhava as montanhas e o céu: o motor de um avião invisível roncava, fios de seda de teias de aranha flutuavam no azul, cobertos de uma poeira diamantina.

Gleb, apertando com toda a força, até lhe doerem os músculos, o parapeito de ferro, não conseguia fazer com que as pernas lhe deixassem de tremer. De onde vinham aquelas multidões? Estavam já ali 20 000 homens, e continuavam a chegar colunas sem interrupção. Havia ainda um bom quilómetro de gente pela encosta escura que, através dos rochedos e arbustos, desaguaria naquela massa humana.

Um regimento vermelho estava em descanso, um pouco à direita, por trás da crista. Ainda há pouco Gleb era como aqueles homens. Há muito pouco! Agora estava ali, de novo operário da fábrica. A fábrica! Quantas forças despendidas, quantas lutas! Mas a fábrica é magnífica e poderosa. E ainda há pouco era um cadáver, uma nitreira, ruínas, um buraco de ratos. Agora roncavam nela os Diesels, vibram as transmissões, carregadas de electricidade, cantam as roldanas do Bremsberg, tilintam as vagonetas de passagem... Amanhã vai bramar e sacudir-se, movendo-se nos seus gonzo, a primeira cisterna gigante do forno giratório; e a potente chaminé vomitará flocos cinzentos — vapor e pó.

Mereceria esta obra que aquelas multidões estivessem ali a festejar a vitória comum? Ele... Que era ele, Gleb, naquele mar de gente? Um mar? Não, uma montanha viva, de pedras ressuscitadas... carne... Ah, que força prodigiosa! Com os seus picos, picaretas e martelões aqueles homens partiram a montanha, para que passasse o Bremsberg. Foi num dia de Primavera, transparente e soalheiro como aquele. Foi então que correu sangue pela primeira vez. Agora, a cidade tinha madeira, tudo estava a postos para pôr a fábrica a funcionar. Quanto sangue naquele grande exército do trabalho! Esse sangue bastaria para muito tempo. Os transportes funcionavam já. Os estaleiros navais e as aciarias iam retomar o trabalho. As moagens a vapor também. Faltariam correntes para instalar as turbinas.

Os dias e as noites mortíferas da frente estavam para trás. Nesse tempo, chegara a temer pela própria vida. Pensava em Dacha. Como isso estava longe, longe e insignificante! Dacha... Já não existia. Havia-se perdido na multidão, não seria nunca encontrada. Pouco importava. Tinha existido, já não existia. Tais recordações eram longínquas

e supérfluas. E Gleb não existia também: nele havia apenas um entusiasmo intolerável avolumando um coração humano transbordante de sangue, prestes a explodir. A classe operária, a República, a grandeza da vida que se está a construir! Ah! Diabo, sabemos sofrer, mas experimentamos também a alegria e a felicidade de sermos fortes!

Um barulho de máquinas e um clamor longínquo de vento nas montanhas elevava-se das profundezas daquela multidão. Era apenas o caminhar da multidão e os seus cantos, que se misturavam e espalhavam sem refrão, sem palavras.

— Tchumalov!

O engenheiro Kleist estava ao lado de Gleb, pálido, severo, com a cabeça calva de velho e os olhos secos.

— Somos invencíveis, Herman Hermanovitch! Veja... Inesquecível...

O engenheiro Kleist voltou-se e dirigiu-se para a outra ponta da plataforma, ombros sacudidos pela emoção.

A multidão movimentava-se com leveza, corria em fluxos sinuosos, juntava-se em massas compactas. Bandeiras e bandeirolas davam estalidos ao vento. Grandes explosões de riso rebentavam na multidão, semelhantes a rugidos. O chão tremia sob os pés de Gleb. O gritar esganiçado das quadras populares e palmas ritmavam as danças. Viam-se deslizar calhaus ao longo da falésia rochosa.

Lochak e Gromada estavam sentados lá em cima. Lochak de antracite, de corcunda sombria, de rosto sombrio, coberto com um boné ensebado pelos anos, com a mesma cara que no Comité de Fábrica, achatada, obtusa, assimétrica, os olhos inchados e injectados de sangue. Encarquilhado, Gromada parecia tremer, as omoplatas rolando-lhe por baixo do casaco como bocados de madeira, o rosto amarelo, febril, de músculos salientes. As costas e os ombros subiam-lhe até às orelhas, uma tosse extenuante sacudia-o.

Lochak voltou para Gleb os seus olhos bovinos protegidos pela pala do boné.

— Vamos lá... Está certo! Fizemos um belo trabalho! Eis o que há a dizer.

Gromada pôs-se a gesticular, agitando todos os ossos.

— Sim, camaradas... Não vale a pena discutir... Alcançámos um resultado magnífico, e não me aguento nas pernas quando estas massas operárias atestam a sua consciência proletária e tal e coisa... Camarada Tchumalov... Ah, se ao menos... Mas bah!... Camaradas... Aqui em todo o lado... E tal e cois?

Gleb não conseguia estar no mesmo lugar. Tinha ímpetos de mergulhar lá do alto naquele fluxo humano, ou gritar a plenos pulmões, sem dizer uma palavra, até perder a respiração... Tanto fazia: como viver momentos daqueles? Quantos meses não vivera para aqueles instantes, para aquela realidade presente, congregada numa força única...

Rosto transtornado pelo entusiasmo, deu um passo para Badine e Jidki, e perguntou num tom quase indolente:

— Vamos a isto ou quê?

Badine lançou-lhe um olhar frio, por onde passou uma sombra, coleante, como uma vaga.

— É tempo de começar, camarada Tchumalov. Faço o ponto da situação num quarto de hora, depois tu falas-lhes ao coração. E darás imediatamente o sinal.

Jidki pegou em Gleb pelos ombros e abanou-o como a um bêbado.

— Eh, meu velho Tchumalov! Seja como for, tenho pena de separar-me de ti.

Badine, frio e fechado, desviou-se dele e dirigiu-se para o parapeito. Gleb sentiu de novo naquela rigidez de pedra, no brilho metálico da sua pele um melancólico afastamento, e no brilho vítreo dos olhos uma sombria hostilidade.

Em baixo, na rua, chegavam ainda colunas compactas de manifestantes, bandeiras desfraldadas; as orquestras, os cantos, os passos soavam atrás deles por entre blocos cinzentos de cimento.

...Era o homem ao pé do qual não tinha lugar na terra. Badine surgiu só, as mãos no parapeito, os ombros mais altos do que nunca. Observava em baixo a multidão, a montanha viva sobre essas massas humanas; e os ágeis movimentos dos músculos insuflados de saúde, o movimento vigilante da cabeça, o que havia até de negligente no seu andar espelhava a consciência da sua força e importância, o orgulho do chefe.

— Arrivista!

Gleb cerrou os dentes até lhe doerem; os músculos estalaram-lhe.

...Estava ainda transtornado pela cena da Casa dos Soviéticos.

Tinha passado por lá pouco depois da partida de Dacha, a fim de a ver instalada com Polina. O corredor estava deserto, mergulhado numa penumbra ensonada e cantante (o relógio da escada, colocado por cima de uma porta, batia as onze da noite). Vozes abafadas, íntimas, viviam dentro das portas. Ouvia-se o tilintar ao longe de chávenas de chá e o resfolegar de um fogareiro. Ao fundo do corredor, um

rectângulo iluminado de luz mortiça. Era o quarto de Tchibiss com a porta aberta.

Por trás da porta de Polina reinava o silêncio. Gleb não teve tempo de bater: passos lestos, temerosos correram para a porta (Polina tinha sem dúvida os pés descalços).

— Quem está aí?

E a porta, abrindo-se bruscamente, bateu num ombro de Gleb.

— O diabo te leve! Assim se pode aleijar uma pessoa. Como estás, grande amiga?

Miekhova, pálida, cega pela surpresa, boca aberta num grito mudo, barrava-lhe a entrada do seu quarto.

— Gleb!

— Então, garota? Terei o aspecto de um malfeitor? Como tens passado? Há muito que não te via... Onde está Dacha?

Deu um passo para ela e levantou a mão para a afastar suavemente do vão da porta. Ela baixou-se de repente e encostou-se à ombreira com um pobre sorriso.

— Ah! Gleb, como me assustei... Dacha não tarda aí... Depois de tudo o que vivi, Gleb, pensei que estava perdida... Melhor seria que não tivesses vindo... Por que não me deste uma mão antes! Estou doente, Gleb... Não venhas ver-se mais, faz-me mal... É como se me encontrasse, depois de um acidente, sob os escombros...

Gleb, confundido, não sabia que dizer, não sentia já por ela a antiga simpatia, a antiga ternura: porque ela era demasiado digna de lástima, demasiado fraca. A sua alegria de viver de mulher nova de caracóis dourados desaparecera.

— Vou partir, Gleb... Restabelecer-me e recuperar as forças... Nos homens há algo de terrível, Gleb. Parece-me agora que Badine está em cada um de vós... Não me olhes dessa maneira: é como se tivesse diante de mim os olhos de Badine... Vai-te embora daqui, Gleb, peço-te... Não agora, mais tarde... Noutras circunstâncias... Porque não me deste, então, o que eu queria?... Talvez isto não tivesse acontecido...

Ela reventou num riso que soou divertidamente, onde Gleb notou lágrimas contidas misturadas com uma suave alegria de demente.

— Ali está a Dacha! Ali está ela!... Leva-o daqui, Dacha, peço-te... E diz-lhe que não volte mais.

Dacha agarrou Gleb pelos ombros e afastou-o da porta, que ela fechou prudentemente atrás de Polina.

— Olá, guerreiro! Vamos dar uma voltinha e cavaquear um bocado.

Ela ria, mas a sua mão estranha não oferecia qualquer ponta de ternura. Gleb sentiu-se ferido no fundo da alma; nada mais ali tinha a não ser vazio e pó, como no seu casebre de operário.

— Está bem, querida Dacha... Mesmo assim, quando voltas para casa? Senão deito fogo ao meu covil e mudo para cá.

Ela teve um estremecimento interior, que o seu rosto e olhos traíram; a testa enrugou-se-lhe dolorosamente. Não respondeu logo e Gleb viu, nessa curta pausa, duas forças inimigas debaterem-se furiosamente nela.

— Ainda é cedo para falarmos nisto...

O sangue ferveu no coração do homem, o furor cortou-lhe a respiração e impediu-o de ouvir o resto.

— Pronto, está tudo resolvido, não é? Eu já desconfiava. Para que havemos de andar para aqui às fosquinhas como imbecis? E esse Badine é um canalha e um bandido. Hei-de ajustar contas com ele quando chegar a hora. Devorou-te, e devorou Miekhova... Não podemos viver ambos ao mesmo tempo... É evidente.

— Não podemos continuar assim. E eu quero viver de outra maneira. Vai para casa e recupera a serenidade... Tenta pensar com o cérebro e não com as vísceras. O camarada Badine é tão responsável como tu. E vós, tu e ele, nada tendes a ver com isto...

— Faz por compreender: eu sou agora um cão vadio. Pus toda a minha alma na fábrica. Tu e a oficina levaram-me todo o sangue... Todos estamos vivos, mas somos apenas metade de nós próprios... Vou para o Exército.

Dacha pôs-lhe com meiguice uma mão no ombro.

— De qualquer maneira, a culpa não é nossa, Gleb... O passado está mais do que morto... Construimos uma vida nova. O amor não deixará de ser amor, Gleb, mas agora ele exige outros laços... Tudo arderá, tudo passará e nós aprenderemos, porventura, a estabelecer outros laços...

Gleb rodou nos calcanhares e partiu pelo corredor, círculos vermelhos nos olhos, uma dor lancinante no peito. Mas estacou imediatamente. Estava mesmo em frente de Badine. Este, de pé, à entrada da porta do seu quarto, muito direito no couro negro e reluzente do seu casaco, as mãos profundamente enterradas nos bolsos, encarava-o com um sorriso.

— Entra. Nunca estiveste ainda em minha casa.

Paralisado, Gleb não conseguia despregar os olhos daquele rosto inimigo. Os seus dedos procuravam convulsiva-

mente, sem se fixar, qualquer coisa no cinto, na anca, no estojo do revólver.

— És um desajeitado — disse Badine. — O revólver está no devido lugar, não te preocupes. O estojo está bem fechado.

E Gleb apercebeu no olhar do outro, além das névoas em que estavam afogadas as suas pupilas, a chama breve de um ódio inextinguível. Badine voltou-se lentamente, com desenvoltura, e entrou com passo pesado no quarto. A cada um dos seus movimentos, músculos mexiam-se-lhe sob a nuca. Dacha pegou suavemente num braço de Gleb e levou-o.

— Bem, vai lá embora, vai... Eu hei-de ir ver-te...

...Via agora a nuca rapada de Badine sob o gorro de Kuban, aquela nuca azul e musculada cheia de mossas e cicatrizes. Aquela nuca estava mesmo a exigir uma bala, com mil diabos! ...Jidki, dominando a vontade de rir, dilatando as narinas apareceu diante de Gleb.

— Que é isto, estás surdo?

Arrastou-o para o parapeito. A multidão levou tempo a juntar-se, a calar pouco a pouco os seus clamores e rumores, os seus cantos e a vibração dos cobs. Badine falou, falou durante muito tempo, mas com a frieza e a calma de um funcionário no exercício das suas funções. Dizia as palavras necessárias naquele dia de festa. Tocou em tudo o que era preciso: o Poder dos Sovietes, a nova política económica, a restauração da produção, Lénine, o Partido Comunista e a classe operária... E quando se referiu ao essencial, as palavras dele ficaram assim gravadas na mente de Gleb:

— ...Uma dessas vitórias alcançadas na frente económica, uma grande vitória, uma vitória sobre-humana, é a reposição da nossa fábrica em actividade, uma das fábricas gigantes da República. Sabeis, camaradas, como começou a nossa luta. Na Primavera, as nossas forças organizadas davam os primeiros golpes de ponteiro e de martelão nas rochas da montanha. O nosso primeiro golpe deu-nos o Bremsberg e combustível. Os trabalhadores da construção não puseram de lado as suas ferramentas, forjando a vida golpe a golpe, pondo em ordem o mecanismo complicado de uma aparelhagem formidável. A fábrica está em laboração. A fábrica está pronta a fornecer a plenitude do seu esforço. Festejamos hoje, no quarto aniversário de Outubro, uma nova e grande vitória na frente da revolução proletária. Nessa luta, o proletário forma organizadores e heróis. As nossas massas operárias poderão alguma vez esquecer o nome do combatente, do soldado vermelho, do

homem que consagrou a vida pela grande causa da Revolução, poderão esquecer o nome do camarada Tchumalov?... Nós vemos aqui nele, na frente do trabalho, o herói que foi também nos campos de batalha.

Gleb não ouviu mais nada, como se a montanha tivesse desabado por cima dele e das instalações da fábrica com um barulho medonho. Eram clamores, urros, estrondos, sismo... A alta plataforma tremia e trepidava como barras de ferro. Os metais das orquestras troavam ao longe, em baixo. Gleb, pálido e aturdido, murmurava palavras estranhas que ele próprio não compreendia, abafava, gesticulava, ria, mas não do fundo da alma, apenas com o rosto.

— Fala, é a tua vez... Vamos!

Falar para quê quando tudo se compreendia sem palavras? Não tinha necessidade de nada. Que era pois a sua vida, grão de pó invisível naquele mar de vidas humanas? Falar para quê, se a sua voz e língua eram coisas supérfluas, insignificantes e vãs? Não há palavras, não há vida distinta da das massas sacudidas por clamores...

Mais tarde não se lembraria do que disse. Pareceu-lhe não ter falado, mas murmurado frases mesquinhas e sem sequência. A voz dele, no entanto, chega longe, às encostas.

— Não há mérito nenhum em trabalharmos conscientemente para o crescimento da nossa produção proletária... Todos nós... sem excepção! E se eu sou um herói, todos somos heróis... E se não sabemos aplicar as nossas forças até ao heroísmo, não prestamos para nada e que o diabo nos leve! Mas quero dizer-vos uma coisa, camaradas: faremos tudo, criaremos tudo e pediremos meças, com um raio!, seja a quem for... Se tivéssemos mais técnicos como o nosso engenheiro Kleist e algumas outras coisas, depressa apanhá-riamos a Europa... E havemos de o conseguir, camaradas! Temos que conseguir! O nosso sangue está em jogo, o nosso sangue incendiou o universo... Temperados a fogo, fazemos agora do trabalho a nossa aposta... As nossas cabeças e os nossos músculos fremem... Mas as novas tarefas não admitem lassidão... Estamos a construir o socialismo, camaradas, e a nossa cultura operária... Caminhamos para a vitória, camaradas!

Gleb lembrou-se, como num sonho, de ter pegado numa bandeira vermelha e de a ter passado três vezes por cima da multidão. As montanhas tremeram, o ar atravessado por um silvo metálico rodopiou subitamente. As sirenes uivaram — uma, duas, três... — ao mesmo tempo, com vozes dissonantes que rebentavam os tímpanos. E os gritos delas pareciam vir das montanhas, dos rochedos, das instalações, das chaminés.

“Cimento”, uma das melhores obras da literatura soviética, pertence também, e com direito, ao fundo de ouro da literatura mundial. Lançado em 1924, o romance logo foi, passado pouco tempo, traduzido para muitas línguas e editado na maioria dos países europeus e asiáticos, como a China, Japão e Índia. Mas ainda hoje o romance continua a seduzir pela verdade da vida do homem que, transformando o mundo, transforma-se a si próprio.

Fiodor Gladkov (1883-1958), um dos fundadores da literatura soviética e continuador das tradições de Gorki, era filho de camponeses. Em 1905 ingressou no Instituto de Professores, mas devido à sua actividade revolucionária foi preso e desterrado para a Sibéria. Cumprida a pena, fixou-se em Novorossisk, nas margens do Mar Negro, onde trabalhou num colégio. Após a Revolução, alistou-se como voluntário no Exército Vermelho para lutar por uma vida nova. Durante a guerra civil, foi dirigente da guerrilha no Sul da Rússia. Ganha a guerra civil, começa a luta não menos heróica pela recuperação económica do país, luta em que Gladkov participa de alma e coração.

Impressionado com a envergadura da restauração da famosa Fábrica de Cimento de Novorossisk, na qual trabalhou, publica uns contos (a propósito, o seu primeiro conto saiu ainda em 1900). Nessa mesma altura começa a escrever “Cimento”, uma obra mais “autobiográfica”, segundo o próprio autor, do que a trilogia autobiográfica: “Novela da Infância”, “Liberdade” e “Em Má Hora”, escritas nos anos quarenta e cinquenta.

Autor de seis romances, dezenas de novelas, inumeráveis contos e artigos, nunca deixou de aperfeiçoar “Cimento”, a que chamou “o meu primeiro e último amor” e “marca ardente da juventude”. Mas aqui o mestre está enganado: no romance reflecte-se não só a sua juventude, mas também toda a vida do grande escritor, cidadão, revolucionário, homem que sempre se sentiu responsável perante a época, o futuro e a História.